

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF

LATIN AMERICAN STUDIES

VOL. 21, N. 44, SÃO PAULO, BRAZIL
JULY - DECEMBER 2022





CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 21, N. 44
(JUL-DEC), 2022.

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

44

DECEMBER - 2022



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

*Editorial Board
Cuerpo Editorial*

Editoras

Editors

Maria Cristina Cacciamali

Universidade de São Paulo

Vivian Urquidí

Universidade de São Paulo

Editora Convidada - N. 44

Editora Convidada - N. 44

Guest Editor - N. 44

Rafaela Nunes Pannain

Universidade de São Paulo

Coordenação Editorial

Coordinación Editorial

Editorial Coordination

Bruno Massola Moda

Maria Medeiros Palazzo Rolim

Universidade de São Paulo

Editoras/es Associadas/os

Associate Editors

Editoras/es Asociadas/os

Bernardo Mançano Fernandes

Universidade Estadual de São Paulo

Camilo Negri

Universidade de Brasília

Edwin Ricardo Pitre-Vásquez

Universidade Federal de Paraná

Eduardo Guedes Pereira

University of West Indies

Félix Pablo Friggeri

Universidade Federal da Integração Latino-americana

Franco de Matos

Universidade de Brasília

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo

Lincoln Secco

Universidade de São Paulo

Lucilene Cury

Universidade de São Paulo

Marilene Proença Rebello de Souza

Universidade de São Paulo

Rafael Antonio Duarte Villa

Universidade de São Paulo

Sylvia Adriana Dobry

Universidade de São Paulo

Wagner Tadeu Iglecias

Universidade de São Paulo

Editoras/es Honorárias/os

Honorary Editors

Editora/es Honorarias/os

Sedi Hirano

Universidade de São Paulo

Emir Simão Sader

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Prado

Universidade de São Paulo

Afrânio Mendes Catani

Universidade de São Paulo

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Universidade de São Paulo

Arte

Graphic Design

Gabriel Galdino

Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

International Advisory Board

Cuerpo Editorial Internacional

Ana Esther Ceceña

Universidad Nacional Autónoma de México

Andrés Donoso Romo

Universidad Playa Grande

Angel Guillermo Quinteros

Universidad de Puerto Rico

Ariel Gómez Ponce

Universidad Playa Grande

Elissa Loraine Lister Brugal

Universidade Nacional de Colombia

Enrique E. Shaw

Universidad de Córdoba

Guillermo Beatón

Universidad de la Habana

Inés María Fernández Mouján

Universidad Nacional de Mar del Plata

Jhon Williams Montoya

Universidad Nacional de Colombia

Luis Carlos Jiménez Reyes

Universidad Nacional de Colombia

Nohora Inés Carvajal Sanchez

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Nohra Leon Rodriguez

Universidad Nacional de Colombia

Octavio Quesada García

Universidad Autónoma de México

Pablo Rocca

Universidad de la República

Raúl Bernal-Meza

Universidades Nacional del Centro

Tício Escobar

Centro de Artes Visuales

Vincent Gouëset

Université Rennes 2

Wladimir Mejía Ayala

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editora/es Assistentes

Assistant Editors

Asistentes Editoriales

Vanessa Rita Barazzetti

Giovanna Fidelis Chrispiano

Rogério do Nascimento

Carvalho

Andréa Rosendo da Silva

Gabriela Beraldo Rodriguez

Mayã Martins Correia

Marcelly Machado Cruz

Graziela Tavares de Souza Reis

Fernanda Durazzo de Oliveira

Suzana Maria Loureiro Silveira

Ygor Pierry Piemonte Ditão

Gabriel Dibb Daub De Vuonno

Gabriele Tres Maniezo

Maira Alejandra Amarís Buelvas

Leonardo Simões Agapito

Leandro Fontes Corrêa

Deise dos Santos Oliveira

Letícia Mourad Lobo Leite

Lucas Cotosck Lara

Helena S. Rodrigues Cunha

Fabiana Oliveira

Karen Marcello

Isabela Furegatti Corrêa

Ana Paula Dias

Universidade de São Paulo

Estagiárias

Intern

Marsol Oliveira Rocha

Maria Eduarda de Oliveira Alves

Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de ***BJLAS*** priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras ***Editors***

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi 
Universidade de São Paulo

Editores convidados ***Guest Editors***

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

ARTIGOS / Papers / Artículos

As pontes que integram a América Latina e o Caribe: Carta às leitoras e aos leitores

Los puentes que integran a América Latina y el Caribe: Carta a las lectoras y a los lectores

The bridges that integrate Latin America and the Caribbean: Letter to readers

Vivian Urquidí

Maria Cristina Cacciamali

Bruno Massola Moda

01

A Iniciativa da Nova Rota da Seda e seu Impacto na Conectividade da América Latina: Um Estudo de Caso do Chile e do Peru

La Iniciativa de la Franja y la Ruta y su impacto en la conectividad latinoamericana: un estudio de caso de Chile y Perú

The Belt and Road Initiative and its Impact on Latin American Connectivity: A Case Study from Chile and Peru

Maria Eugênia Kroetz

Marco André Germanò

20

Política externa brasileira e transferência internacional de políticas públicas: a Minustah como janela de oportunidade para a cooperação brasileira no Haiti (2004-2017)

Política exterior brasileña y transferencia internacional de políticas públicas: MINUSTAH como “ventana de oportunidad” para la cooperación brasileña en Haití (2004-2017)

Brazilian foreign policy and international transfer of public policies: MINUSTAH as a “window of opportunity” for Brazilian cooperation in Haiti (2004-2017)

Rodrigo Fernando Gallo

48

O enfrentamento ao tráfico humano no Mercosul

El enfrentamiento a la trata de personas en el Mercosur

Fighting human trafficking in Mercosur

Brenda de Paula Mendes Dominguez

78

Economia Criativa nos países do Mercosul: breve análise conjuntural

Economía creativa en los países del Mercosur: breve análisis coyuntural

Creative Economy in Mercosur countries: brief conjunctural analysis

Isaias Albertin de Moraes

Mônica Heinzelmann Portella de Aguiar

99

The Mercosur fiction: politics and literature in Gabriela Aguerre's O quarto branco

Ficções do Mercosul: política e literatura em O quarto branco, de Gabriela Aguerre

Ficciones del Mercosul: política y literatura en O cuarto blanco, de Gabriela Aguerre

Sarah C. Lucena

131

Gonzaguinha e “Libertad mariposa”: uma conexão com a Nova Trova Cubana

Gonzaguinha y “Libertad mariposa”: una conexión con la Nueva Trova Cubana

Gonzaguinha and “Libertad mariposa”: a connection with the Nueva Trova Cubana

Rodrigo Lauriano Soares

152

Teatro latino-americano em tempos de pandemia: festivais internacionais e cruzamentos estéticos

El teatro latinoamericano en tiempos de pandemia: festivales internacionales y cruces estéticos

Latin american theater in times of pandemic: international festivals and aesthetic crossings

Luiz Paixão Lima Borges

183

ARTIGOS / Papers / Artículos

Participação política de mulheres indígenas no Equador: da Revolução cidadã à pandemia de Covid-19

207

La participación política de mujeres indígenas en Ecuador: de la Revolución ciudadana a la pandemia de Covid-19

Political participation of indigenous women in Ecuador: from the Citizen's Revolution to Covid-19 pandemic

Ana Luísa Melo Ferreira

A trajetória do movimento feminista e das conquistas jurídicas até a paridade de gênero na Convención Constitucional chilena

268

La trayectoria del movimiento social feminista y de las conquistas jurídicas hasta la paridad de género en la Convención Constitucional chilena

The Trajectory of the Feminist Movement and legal achievements towards gender parity in the constituent process of Chilean Constitutional Convention

Paloma Gerzeli Pitre

Ana Paula Galvão

Book Review / Reseña

Reseña del libro: Problemas teóricos del estado integral en América Latina. Fuerzas en tensión y crisis

318

Resenha do livro: Problemas teóricos do estado integral na América Latina. Forças em tensão e crise.
Book review: Theoretical problems of the integral state in Latin America. Forces in tension and crisis.

Nicolás Laguna



Vivian Urquidi¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 
Universidade de São Paulo, Brasil

As pontes que integram a América Latina e o Caribe:

Carta às leitoras e aos leitores

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies***, **BJLAS**, revista científica do Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, com muita satisfação apresenta a última edição de 2022, de número 44.

Interessada em divulgar pesquisas, análises teóricas e interpretações críticas sobre a realidade latino-americana e caribenha, o **BJLAS** vem recebendo cada vez mais propostas de artigos cujas temáticas originais exigem diálogos interdisciplinares entre as diversas ciências sociais e as artes. Aqui, a epidemia da COVID-19 é o bastidor de estudos sobre a crise do novo constitucionalismo, das lutas indígenas e do teatro nas redes virtuais. A de políticas sociais dialoga neste número com a política externa, com o feminismo latino-americano e com as constituições. A ausência de democracia e o autoritarismo do Estado, aqui, são retratados no trabalho sobre as atuações femininas contra a violência de Estado ou pela trilha da música brasileira inspirada na Revolução cubana.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programa de Pós-graduação Integração da América Latina. *E-mail:* cciamali@uol.com.br

³ Mestre em Ciência Política/Relações Internacionais pela Université Paris 1 Sorbonne (2008) e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2014). Membro do grupo de trabalho Clacso "Pueblos indígenas y procesos autonómicos", do Núcleo de Pesquisa, Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latinoamericanas (Nupdelas) e do Grupo Mobilizações Sociais, da Universidade de São Paulo. *E-mail:* rafaelapannain@usp.br

⁴ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

Quanto ao Mercosul, outrora hegemônico pelos estudos econômicos e das relações internacionais, hoje é tematizado em estudos sobre o tráfico de pessoas em diálogo com os direitos humanos, em análises sobre as redes e a criatividade nas relações entre países, passando pelas páginas literárias de uma escritora.

É assim, que de modo fecundo, transversal e, às vezes, até indisciplinado, nossas autoras e nossos autores nos surpreendem nas páginas deste número da **BJLAS** com estudos de caso em países específicos, ou por análises comparadas entre nações, inclusive localizando nossa região no cenário complexo da economia-mundo contemporânea.

O primeiro estudo desse número trata dos investimentos chineses na América Latina -especialmente no Peru e no Chile- e do impacto desta iniciativa sobre o comércio e a regulamentação de leis, e defende que a ampliação da conectividade é condição para consolidar os acordos regionais com a China. ***A Iniciativa da Nova Rota da Seda e seu Impacto na Conectividade da América Latina: Um Estudo de Caso do Chile e do Peru*** é fruto do estudo realizado pelos pesquisadores e especialistas em Direito Internacional Maria Eugênia Kroetz (*Fundação Getúlio Vargas, Brasil*) e Marco André Germanò (*Universidade de São Paulo, Brasil*).

Já o segundo estudo trata da cooperação internacional do Brasil com o Haiti como parte das operações incentivadas pela ONU no que ficou conhecido como a MINUSTAH. O estudo está centrado num aspecto pouco tratado desta cooperação: ***Política externa brasileira e transferência internacional de políticas públicas: a Minustah como janela de oportunidade para a cooperação brasileira no Haiti (2004-2017)***. Apesar das críticas que o envio das tropas militares brasileiras ao país caribenho possam ter despertado em esferas da política e da academia, o estudo valoriza o legado da experiência dos governos do Partido dos Trabalhadores em políticas sociais para definir sua política externa. A interpretação resulta do trabalho de pesquisa de Rodrigo Fernando Gallo,

na *Universidade Federal do ABC* (Brasil) e na *Universidade de São Paulo* (Brasil).

Os próximos estudos analisam o Mercado Comum do Sul, o Mercosul, a partir de três eixos distintos, o direito internacional, a economia e a literatura, o que fornece ângulos de observação e de crítica consistente aos insucessos do Bloco. Os três artigos incluem também alternativas nos caminhos abertos pelos direitos humanos, o desenvolvimento alternativo e a produção cultural.

Vejamos o primeiro artigo.

A agenda prioritária que representa o tráfico de pessoas para o direito internacional e para os direitos humanos é o assunto que organiza as análises da especialista em Gestão Pública e Cooperação Internacional, Brenda de Paula Mendes Dominguez, da *Universidade Federal da Paraíba* (Brasil). O artigo se intitula **O enfrentamento ao Tráfico Humano no Mercosul** e resulta de uma pesquisa minuciosa em documentos e na legislação produzidos durante trinta anos pelo Mercado Comum do Sul. Nesta obra, a pesquisadora identifica os principais gargalos na cooperação antitráfico entre os países do Bloco, o que inviabilizaria uma política regional sólida para o enfrentamento deste crime.

O segundo estudo sobre o Mercosul está baseado no segmento da Indústria Criativa no Bloco econômico, como alternativa para o desenvolvimento sustentado da Região. Intitulado **Economia Criativa nos países do Mercosul: breve análise conjuntural**, o artigo indica de que modo este setor, formado pelos serviços da internet, televisão, livros, games, cinema, rádio e, entre outros, a música, vem colocando em circulação informações, produtos culturais e conhecimentos capazes de gerar recursos e benefícios econômicos alternativos de desenvolvimento. O trabalho escrito por Isaías Albertin de Moraes (*Universidade Estadual Paulista, Brasil*) e Mônica Heinzelmann Portella de Aguiar (*Universidade*

Federal Fluminense, Brasil) é um aporte relevante sobre o desempenho do Bloco em perspectiva comparada com outras regiões.

O último estudo sobre o Bloco do Cone Sul, ***Ficções do Mercosul: Política e Literatura em 'O Quarto Branco', de Gabriela Aguerre***, é uma aposta na arte e, em especial, na literatura -mediante o romance- para a construção das identidades comuns nesta região. Ao analisar a obra da escritora uruguaia Gabriela Aguerre, o artigo parte do pressuposto do fracasso do Bloco em construir uma identidade regional. E ao se perguntar se é possível que os países do Cone Sul superem as fronteiras nacionais da identidade, Sarah C. Lucena, da *Universidade de Georgia (Estados Unidos)*, oferece as alternativas da ficção e da imaginação compartilhadas como caminhos ainda não experimentados. No âmago desta obra repousam as teses de Benedict Anderson sobre as Comunidades Imaginadas e os dilemas antigos de uma América Latina desmembrada, descaracterizada e alienada de si mesma.

A arte como recurso de diálogo possível entre países, sujeitos e povos é também a aposta intelectual do próximo artigo que une o Brasil a Cuba, a partir de um compositor e artista brasileiro, Gonzaguinha. O artigo apresenta recortes de diversas tentativas e experiências de solidariedade e diálogo, não apenas brasileiras, promovidas por compositores engajados contra as ditaduras que desde os anos de 1960 se espalharam pela América Latina. ***Gonzaguinha e "Libertad Mariposa": Uma conexão com a Nova Trova Cubana*** traz à memória as letras de músicas produzidas desde 1960 contra os regimes de exceção, e resgata também obras silenciadas pela censura. Finalmente, nas metáforas da Liberdade, o historiador Rodrigo Laureano Soares (*Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil*) presta justa homenagem à Trova Cubana e, em especial, ao *Querido Pablo* (Pablo Milanez, falecido em 2022), um dos melhores acordes e uma das vozes mais doces que representam a música latino-americana e caribenha.

O próximo artigo deste número da **BJLAS** também trata da arte e das pontes que integram os países da América Latina. ***Teatro***

Latino-americano em tempos de Pandemia: Festivais internacionais e cruzamentos estéticos é um estudo que se desenvolve no cenário epidêmico da Covid-19 e do confinamento que tirou artistas dos seus palcos e do seu público. Longe de ficar no silêncio e na obscuridade, um grupo de produtores de teatro e artistas, articulados internacionalmente, se reinventaram em festivais e espetáculos videográficos teatrais na modalidade virtual. É desta experiência, das novas linguagens, novas técnicas e propostas de democratização do teatro que trata este artigo, proposto por Luiz Paixão Lima Borges (*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*). O estudo analisa debates, palestras, oficinas, além de comunicados e convites de organizadores dos festivais e de grupos de teatro da Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Peru, Uruguai e Venezuela, e conclui que em tempos de confinamento, o teatro reinventado foi também uma vacina decisiva contra a dor do isolamento.

A crise pandêmica é também a tela de fundo em que se desenvolvem os atores do artigo **Participação política de mulheres indígenas no Equador: da Revolução cidadã à pandemia de Covid-19**. Da jornalista e cientista política Ana Luísa Melo Ferreira (*Universidade de Flórida, Estados Unidos*), o artigo analisa o ativismo das mulheres indígenas equatorianas contra as diversas formas de exclusão que há contra sujeitos de identidades minoritárias - como elas - em países dominados pela colonialidade, o racismo, o patriarcado e o neoliberalismo. Em clave feminista e decolonial, o artigo analisa os principais acontecimentos desde a constituição do Estado Plurinacional do Equador, mediante um recorte que permite a releitura da história recente ao ver o protagonismo político das mulheres indígenas. Ao finalizar a análise com as consequências da COVID-19 no país andino, agora dominado pelas políticas de Estado mínimo, a intelectual demonstra não apenas a importância da atuação das mulheres na contenção da necropolítica estatal, como também o protagonismo que as indígenas sempre tiveram -embora silenciadas- nas lutas políticas equatorianas.

Também na trilha aberta por um feminismo latino-americano, a interpretação do próximo artigo é sobre ***A Trajetória do Movimento Feminista das conquistas jurídicas até a paridade de gênero na Convenção Constitucional Chilena***. A obra resgata os principais acontecimentos das lutas sociais da última década no Chile, e demonstra o modo como, a partir das escolas secundaristas, progressivamente se forma um movimento de mulheres jovens estudantes com pautas sobre políticas sociais, educativas e sobre agendas de direitos das mulheres. A consciência crítica deste movimento, inspirada nos estudos da antropóloga da violência Rita Segado, se organiza principalmente em resposta à violência estatal -simbolizada pela violência sexual promovida pelos *carabineros*- e com o tempo se transforma em agendas lúcidas contra as relações de gênero. Este processo será consagrado na nova constituinte chilena, com participação de mulheres em relação de paridade, e com propostas que vinculam os direitos da mulher aos direitos dos povos indígenas, aos direitos sociais e aos ambientais, em resposta contra o neoliberalismo. O trabalho é das pesquisadoras Paloma Gerzzeli Pitre e Ana Paula Galvão, da *Universidade de São Paulo (Brasil)*.

Como em todo número, a **BJLAS** fecha seu número com a resenha de uma obra contemporânea e de um grande autor latino-americanista: ***Problemas teóricos del Estado Integral en América Latina***, obra organizada pelo intelectual Lucio Oliver Costilla. A obra reúne interpretações de diversos intelectuais da região, com perspectivas locais, a partir das pautas legadas por Antonio Gramsci. É uma aposta correta na originalidade do pensador italiano para entender a crise de hegemonia dos Estados na América Latina. A resenha é do sociólogo e pesquisador da *Universidade Autônoma de México (México)*, Nicolás Laguna.

Boa leitura!

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.206418](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.206418)

Recebido em: 30/12/20222
Aprovado em: 30/12/20222
Publicado em: 31/12/20222



Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Los puentes que integran a América Latina y el Caribe:

Carta a las lectoras y a los lectores

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies, BJLAS***, revista científica del Programa de Posgrado en Integración de América Latina, tiene el agrado de presentar la última edición de 2022, número 44.

Interesado en difundir investigaciones, análisis teóricos e interpretaciones críticas de la realidad latinoamericana y caribeña, la **BJLAS** viene recibiendo cada vez más propuestas de artículos cuyos temas originales requieren diálogos interdisciplinarios entre las diversas ciencias sociales y las artes. Aquí, la epidemia de la COVID-19 es el telón de fondo de estudios sobre el nuevo constitucionalismo, las luchas indígenas y el teatro en redes virtuales. La falta de políticas sociales dialoga en este número con política externa, con el feminismo latinoamericano y con las constituciones. La ausencia de democracia y el autoritarismo del Estado, aquí, se retratan en

¹ Doctora en Sociología por la Universidade de São Paulo y Postdoctora en el Centro de Estudos Sociais de la Universidade de Coimbra. Es profesora adjunta de la Universidade de São Paulo en el Curso de Gestão de Políticas Públicas y en los Programas de Postgrado Integración de América Latina, y de Estudios Culturales. E-mail: vurquidi@usp.br

² Doctora en Economía por la Universidade de São Paulo y Postdoctora en el Instituto de Tecnología de Massachusetts y en la Universidad de Nueva México. Es profesora titular de la Universidade de São Paulo en la Facultad de Economía y Administración, y en el Programa de Postgrado Integración de América Latina E-mail: cciamali@uol.com.br

³ Máster en Ciencias Políticas/Relaciones Internacionales por la Université Paris 1 Sorbonne (2008) y Doctora en Sociología por la Universidad de São Paulo (2014). Integrante del grupo de trabajo de Clacso "Pueblos indígenas y procesos autonómicos", del Centro de Investigaciones, Diálogos Interseccionales y Epistemologías Latinoamericanas (Nupdelas) y del Grupo de Movilizaciones Sociales, de la Universidad de São Paulo. Correo electrónico: rafaelapannain@usp.br

⁴ Investigador de Doctorado en el Programas de Postgrado Integración de América Latina de la Universidade de São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

las obras sobre las acciones femeninas contra la violencia estatal o en la banda sonora de la música brasileña inspirada en la Revolución Cubana.

En cuanto al Mercosur, antes hegemonizado por los estudios económicos y las relaciones internacionales, hoy es tematizado en estudios sobre trata de personas en diálogo con los derechos humanos, en análisis sobre redes y creatividad en las relaciones entre países, e a través de las páginas literarias de una escritora.

Es así como, de manera fructífera, transversal y en ocasiones incluso indisciplinada, nuestros autores nos sorprenden en las páginas de este número de **BJLAS** con estudios de casos en países específicos, o mediante análisis comparativos entre naciones, incluso ubicando a nuestra región en el complejo escenario de la economía-mundo contemporánea.

El primer estudio de esta edición trata sobre las inversiones chinas en América Latina -especialmente en Perú y Chile- y el impacto de esta iniciativa en el comercio y la regulación de leyes, y argumenta que ampliar la conectividad es una condición para consolidar acuerdos regionales con China. ***La Iniciativa de la Franja y la Ruta y su impacto en la conectividad latinoamericana: un estudio de caso de Chile y Perú*** es el resultado de un estudio realizado por los investigadores y especialistas en Derecho Internacional, María Eugênia Kroetz (*Fundación Getúlio Vargas, Brasil*) y Marco André Germanò (*Universidad de São Paulo, Brasil*).

El segundo estudio aborda la cooperación internacional de Brasil con Haití como parte de las operaciones impulsadas por la ONU en lo que será conocido como MINUSTAH. El estudio se centra en un aspecto de esa cooperación poco discutido: ***Política exterior brasileña y transferencia internacional de políticas públicas: MINUSTAH como “ventana de oportunidad” para la cooperación brasileña en Haití (2004-2017)***. A pesar de las críticas que el envío de tropas militares brasileñas al país caribeño pueda haber suscitado en esferas de la política y la academia, el estudio valora el legado de la experiencia de los gobiernos del Partido de

los Trabajadores en las políticas sociales para definir su política exterior. La interpretación resulta del trabajo de investigación de Rodrigo Fernando Gallo, en la *Universidad Federal del ABC (Brasil)* y en la *Universidad de São Paulo (Brasil)*.

Los siguientes estudios analizan el Mercado Común del Sur, Mercosur, desde tres ejes diferentes, el derecho internacional, la economía y la literatura, lo que brinda ángulos de observación y crítica consistente de las fallas del Bloque. Los tres artículos también incluyen alternativas en los caminos abiertos por los derechos humanos, el desarrollo alternativo y la producción cultural.

Veamos el primer artículo.

La agenda prioritaria que representa la trata de personas para el derecho internacional y para los derechos humanos es el tema que organiza los análisis de la especialista en Gestión Pública y Cooperación Internacional, Brenda de Paula Mendes Domínguez, de la *Universidad Federal de Paraíba (Brasil)*. El artículo se titula ***El enfrentamiento a la trata de personas en el Mercosur*** y es el resultado de una profunda investigación de documentos y legislación producidos durante treinta años por el Mercado Común del Sur. En este trabajo, la investigadora identifica los principales obstáculos en la cooperación contra la trata de personas entre los países del Bloque, lo que haría inviable una política regional sólida para enfrentar este delito.

El segundo estudio sobre el Mercosur se basa en el segmento de Industrias Creativas en el Bloque económico, como alternativa para el desarrollo sostenido de la Región. Titulado ***Economía creativa en los países del Mercosur: breve análisis coyuntural***, el artículo indica cómo este sector, formado por servicios de internet, televisión, libros, juegos, cine, radio y, entre otros, música, ha ido poniendo en circulación información, productos culturales y conocimientos capaces de generar recursos y beneficios económicos alternativos para el desarrollo. El trabajo escrito por Isaías

Albertin de Moraes (*Universidad del Estado de São Paulo, Brasil*) y Mônica Heinzemann Portella de Aguiar (*Universidad Federal Fluminense, Brasil*) es una contribución relevante sobre el desempeño del Bloque en comparación con otras regiones.

El último estudio sobre el Bloque del Cono Sur, ***Ficciones del Mercosur: Política y Literatura en O Quarto Branco, de Gabriela Aguerre***, es una apuesta al arte y, en particular, a la literatura -a través de la novela- para la construcción de identidades comunes en esta región. A partir del análisis de la obra de la escritora uruguaya Gabriela Aguerre, el artículo asume el fracaso del Bloque en la construcción de una identidad regional. Y al preguntar si es posible que los países del Cono Sur superen las fronteras nacionales de la identidad, Sarah C. Lucena, de la *Universidad de Georgia (Estados Unidos)*, ofrece las alternativas de la ficción y el imaginario compartidos como un camino aún no probado. En el corazón de este trabajo se encuentran las tesis de Benedict Anderson sobre Comunidades Imaginadas y los viejos dilemas de una América Latina desmembrada, descaracterizada y alienada de sí misma.

El arte como recurso posible para el diálogo entre países, sujetos y pueblos es también el reto intelectual del próximo artículo que une Brasil y Cuba, a partir de un compositor y artista brasileño, Gonzaguinha. El artículo presenta muestras de varios intentos y experiencias de solidaridad y diálogo - no solo de brasileños -, promovidos por compositores comprometidos contra las dictaduras que desde la década de 1960 se extendieron por América Latina. ***Gonzaguinha y "Libertad Mariposa": Una conexión con la nueva Trova Cubana*** trae a la memoria las letras de canciones producidas desde 1960 contra los regímenes de excepción, y también rescata obras silenciadas por la censura. Finalmente, en las metáforas de la Libertad, el historiador Rodrigo Laureano Soares (*Universidad Católica de Río de Janeiro, Brasil*) rinde homenaje a la Trova Cubana y, en particular, al *Querido Pablo* (Pablo Milanez, fallecido en 2022),

uno de los mejores acordes y una de las voces más dulces que representan la música latinoamericana y caribeña.

El próximo artículo de este número de **BJLAS** también trata sobre el arte y los puentes que integran a los países de América Latina. **El Teatro Latinoamericano en tiempos de pandemias: Festivales internacionales y cruces estéticos** es un estudio que se desarrolla en el contexto de la epidemia del Covid-19 y del confinamiento que sacó a los artistas de sus escenarios y los distanció de sus públicos. Lejos de permanecer en el silencio y la oscuridad, un grupo de productores y artistas teatrales, articulados internacionalmente, se reinventaron en festivales y espectáculos videográficos en la modalidad de teatro virtual. Este artículo, propuesto por Luiz Paixão Lima Borges (*Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil*), trata de esa experiencia, nuevos lenguajes, nuevas técnicas y propuestas para la democratización del teatro. El estudio analiza debates, conferencias, talleres, así como convocatorias e invitaciones de organizadores de los festivales y de grupos de teatro de Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, El Salvador, Perú, Uruguay y Venezuela, y concluye que en tiempos de confinamiento, el teatro reinventado fue también una vacuna decisiva contra el dolor del aislamiento.

La crisis de la pandemia es también el telón de fondo sobre el que se desarrollan los actores del artículo **Political participation of indigenous women in Ecuador: from the Citizen's Revolution to the Covid-19 pandemic**. De la periodista y politóloga Ana Luísa Melo Ferreira (*Universidad de Florida, Brasil*), el artículo analiza el activismo de las mujeres indígenas ecuatorianas frente a las diversas formas de exclusión que existen contra sujetos con identidades minoritarias -como ellas- en países dominados por la colonialidad, el racismo, el patriarcado y el neoliberalismo. En clave feminista y decolonial, el artículo analiza los principales acontecimientos desde la constitución del Estado Plurinacional del Ecuador, a través de una perspectiva que permite la relectura de la historia reciente, al ver el protagonismo político de las mujeres indígenas.

Al terminar el análisis con las consecuencias del COVID-19 en el país andino, ahora dominado por políticas de Estado mínimo, la intelectual demuestra no solo la importancia del accionar de las mujeres en la contención de la necropolítica estatal, sino también el protagonismo que siempre han tenido las mujeres indígenas -aunque silenciados- en las luchas políticas ecuatorianas.

También en el camino abierto por un feminismo latinoamericano, la interpretación del próximo artículo versa sobre **La trayectoria del movimiento social feminista y de las conquistas jurídicas hasta la paridad de género en la convención constitucional chilena**. La obra rescata los principales acontecimientos de las luchas sociales de la última década en Chile, y demuestra cómo, desde las escuelas secundarias, se forma progresivamente un movimiento de jóvenes estudiantes con pautas sobre políticas sociales y educativas y sobre agendas de derechos de las mujeres. La conciencia crítica de este movimiento, inspirada en los estudios de la antropóloga de la violencia Rita Segado, se organiza principalmente como respuesta a la violencia estatal -simbolizada por la violencia sexual promovida por los *carabineros*- y con el tiempo se convierte en agendas lúcidas contra las relaciones de género. Este proceso estará consagrado en la nueva constituyente chilena, con la participación paritaria de las mujeres, y con propuestas que vinculen los derechos de las mujeres a los derechos de los pueblos indígenas, y a los derechos sociales y ambientales, en una clara respuesta al neoliberalismo. El trabajo es de las investigadoras Paloma Gerzzeli Pitre y Ana Paula Galvão, de la *Universidad de São Paulo (Brasil)*.

Como en todos los números, **BJLAS** cierra su edición con la reseña de una obra contemporánea de un gran autor latinoamericanista: **Problemas teóricos del estado integral en América Latina. Fuerzas en tensión y crisis**, obra organizada por el intelectual Lucio Oliver Costilla. La obra reúne interpretaciones de varios intelectuales de la región, con perspectivas locales, a partir de los lineamientos legados por Antonio Gramsci. Es una

apuesta acertada en la originalidad del pensador italiano para entender la crisis de hegemonía de los Estados en América Latina. La reseña es del sociólogo e investigador de la *Universidad Autónoma de México (México)*, Nicolás Laguna.

¡Buena lectura!

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.206418](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.206418)

Recebido em: 30/12/20222
Aprovado em: 30/12/20222
Publicado em: 31/12/20222



Vivian Urquidi¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 
Universidade de São Paulo, Brasil

The bridges that integrate Latin America and the Caribbean: Letter to readers

The Brazilian Journal of Latin American Studies, **BJLAS**, scientific journal of the Postgraduate Program in Integration of Latin America, is very pleased to present the last edition of 2022, number 44.

Interested in disseminating research, theoretical analysis and critical interpretations of the Latin American and Caribbean reality, the BJLAS has been receiving more and more proposals for articles whose daring and original themes require interdisciplinary dialogues between the various social sciences and the arts. Here, the COVID-19 epidemic is the backdrop for studies on new constitutionalism, indigenous struggles and theater in virtual networks. The absence of social policies dialogues in this issue with foreign policy, with Latin American feminism and with the constitutions. The absence of democracy and the authoritarianism of the State, here, are

¹ PhD in Sociology from the University of São Paulo and Post-doctorate at the Center for Social Studies of the University of Coimbra. She is Associate Professor at the University of São Paulo in the Public Policy Management Course and in the Postgraduate Latin American Integration and Cultural Studies Programs. E-mail: yurquidi@usp.br

² PhD in Economics from the University of São Paulo and Post-doctorate at the Massachusetts Institute of Technology and at the Universidad de Nueva México. She is a Full Professor at the University of São Paulo at the Faculty of Economics and Administration and at the Latin American Integration Postgraduate Programs. E-mail: ciamali@uol.com.br

³ Master in Political Science/International Relations by the Université Paris 1 Sorbonne (2008) and PhD in Sociology by the University of São Paulo (2014). Member of the CLACSO working group "Indigenous peoples and autonomic processes", Center for Research, Intersectional Dialogues and Latin American Epistemologies (Nupdelas) and of the Social Mobilizations Group at the University of São Paulo. E-mail: rafaelapannain@usp.br

⁴ PhD candidate at the Postgraduate Integration Programs in Latin America at the University of São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

portrayed in the work on female actions against State violence or in the soundtrack of Brazilian music inspired by the Cuban Revolution.

As for Mercosur, once hegemonized by economic studies and international relations, today it is thematized in studies on human trafficking in dialogue with human rights, in analyzes on networks and creativity in relations between countries, through the literary pages of several writers.

This is how, in a fruitful, transversal and sometimes even undisciplined way, our authors surprise us in the pages of this issue of **BJLAS** with case studies in specific countries, or by comparative analysis between countries, including locating our region in the complex scenario of the contemporary world-economy.

The first study in this issue deals with Chinese investments in Latin America -especially in Peru and Chile- and the impact of this initiative on trade and the regulation of laws, and argues that expanding connectivity is a condition for consolidating regional agreements with China. ***The Belt and Road Initiative and its impact on Latin American connectivity: A case study from Chile and Peru*** is the result of a study carried out by researchers and specialists in International Law, Maria Eugênia Kroetz (*Getúlio Vargas Foundation, Brazil*) and Marco André Germanò (*University of Sao Paulo, Brazil*).

The second study deals with Brazil's international cooperation with Haiti as part of operations encouraged by the UN in what became known as MINUSTAH. The study is centered on an aspect of this cooperation that is little discussed: ***Brazilian foreign policy and international transfer of public policies: MINUSTAH as a window of opportunity for Brazilian cooperation in Haiti (2004-2017)***. Despite the criticism that the sending of Brazilian military troops to the Caribbean country may have aroused in spheres of politics and academia, the study values the experience of the Workers' Party governments in social policies to define its foreign policy. The interpretation results from the research work of Rodrigo Fernando

Gallo, at the *Federal University of ABC (Brazil)* and at the *University of São Paulo (Brazil)*.

The next studies analyze the Common Market of the South, Mercosur, from three different perspectives, international law, economics and literature, which provides angles of observation and consistent criticism of the Bloc's failures. The three articles also include alternatives along the paths opened by human rights, alternative development and cultural production.

Let's look at the first article.

The priority agenda that human trafficking represents for international law and for human rights is the subject that organizes the analyzes of the specialist in Public Management and International Cooperation, Brenda de Paula Mendes Dominguez, from the *Federal University of Paraíba (Brazil)*. The article is entitled ***Fighting Human Trafficking in Mercosur*** and is the result of a thorough research into documents and legislation produced over thirty years by the Common Market of the South. In this work, the researcher identifies the main bottlenecks in anti-trafficking cooperation between the Bloc's countries, which would make a solid regional policy to face this crime unfeasible.

The second study on Mercosur is based on the Creative Industry segment in the economic Bloc, as an alternative for the sustained development of the Region. Entitled ***Creative Economy in Mercosur countries: brief conjunctural analysis***, the article indicates how this sector, formed by internet services, television, books, games, cinema, radio and, among others, music, has been putting information into circulation, cultural products and knowledge capable of generating resources and alternative economic benefits for development. The work written by Isaías Albertin de Moraes (*São Paulo State University, Brazil*) and Mônica Heinzemann Portella de Aguiar (*Federal University Fluminense, Brazil*) is a relevant

contribution on the Bloc's performance in perspective compared to other regions.

The last study on the Southern Cone Bloc, ***The Mercosur Fiction: Politics and Literature in Gabriela Aguerre's O Quarto Branco***, is a bet on art and, in particular, on literature -through the novel- for the construction of identities common in this region. By analyzing the work of the Uruguayan writer Gabriela Aguerre, the article assumes the Bloc's failure to build a regional identity. And when asking whether it is possible for the countries of the Southern Cone to overcome the national borders of identity, Sarah C. Lucena, from the *University of Georgia (USA)*, offers the alternatives of fiction and shared imagination as a path not yet tried. At the heart of this work lie Benedict Anderson's theses on Imagined Communities and the old dilemmas of a Latin America dismembered, mischaracterized and alienated from itself.

Art as a possible resource for dialogue between countries, subjects and peoples is also the intellectual bet of the next article that unites Brazil and Cuba, based on a Brazilian composer and artist, Gonzaguinha. The article presents excerpts from several attempts and experiences of solidarity and dialogue, not only Brazilian, promoted by composers engaged against the dictatorships that since the 1960s spread across Latin America. ***Gonzaguinha and "Libertad Mariposa": A connection with Nueva Trova Cubana*** brings to mind the lyrics of songs produced since 1960 against exception regimes, and also rescues works silenced by censorship. Finally, in the metaphors of Freedom, historian Rodrigo Laureano Soares (*Catholic University of Rio de Janeiro, Brazil*) pays tribute to the Cuban Trova and, in particular, to *Querido Pablo* (Pablo Milanez, died in 2022), one of the best chords and one of the sweetest voices representing Latin American and Caribbean music.

The next article in this issue of **BJLAS** also deals with art and the bridges that integrate the countries of Latin America. ***Latin American Theater in***

Times of Pandemic: International Festivals and Aesthetic Crossings is a study that takes place in the context of the Covid-19 epidemic and the confinement that took artists from their stages and audiences. Far from remaining in silence and obscurity, a group of theater producers and artists, articulated internationally, reinvented themselves in festivals and theatrical videographic shows in the virtual modality. This article, proposed by Luiz Paixão Lima Borges (*Federal University of Minas Gerais, Brazil*), deals with this experience, new languages, new techniques and proposals for the democratization of theater. The study analyzes debates, lectures, workshops, as well as announcements and invitations from festival organizers and theater groups in Bolivia, Brazil, Chile, Colombia, El Salvador, Peru, Uruguay and Venezuela, and concludes that in times of confinement, the reinvented theater was also a decisive vaccine against the pain of isolation.

The pandemic crisis is also the background against which the actors of the article ***Political Participation of Indigenous Women in Ecuador: from the Citizen's Revolution to the Covid-19 pandemic***. By journalist and political scientist Ana Luísa Melo Ferreira (*University of Florida, USA*), the article analyzes the activism of Ecuadorian indigenous women against the various forms of exclusion that exist against subjects with minority identities -like them- in countries dominated by coloniality, racism, patriarchy and neoliberalism. In a feminist and decolonial vein, the article analyzes the main events since the constitution of the Plurinational State of Ecuador, through a perspective that allows the re-reading of recent history by the political protagonism of indigenous women. By ending the analysis with the consequences of COVID-19 in the Andean country, now dominated by minimal State policies, the intellectual demonstrates not only the importance of women's actions in containing state necropolitics, but also the protagonism that indigenous women have always had - though silenced- in Ecuadorian political struggles.

Yet on the trail opened by Latin American feminism, the interpretation of the next article is about ***The Trajectory of the Feminist Movement and legal achievements towards gender parity in the constituent process of Chilean Constitutional Convention***. The work rescues the main events of the social struggles of the last decade in Chile, and demonstrates how, from secondary schools, a movement of young women students progressively forms with agendas on social and educational policies and on women's rights agendas. The critical awareness of this movement, inspired by the studies of the anthropologist of violence Rita Segado, is organized mainly in response to state violence -symbolized by the sexual violence promoted by the carabineros- and over time it turns into clear agendas against gender relations. This process will be enshrined in the new Chilean constituent, with the participation of women on an equal basis, and with proposals that link women's rights to the rights of indigenous peoples, social and environmental rights, in a clear response against neoliberalism. The work is by researchers Paloma Gerzzeli Pitre and Ana Paula Galvão, from the University of São Paulo (*Brazil*).

As in every issue, **BJLAS** closes its issue with a review of a contemporary work by a great Latin Americanist author: ***Theoretical problems of the integral state in Latin America. Forces in tension and crisis***, a work organized by the Mexican intellectual Lucio Oliver Costilla. The work brings together interpretations of several intellectuals from the region, with local perspectives, based on the guidelines bequeathed by Antonio Gramsci, correctly betting on the originality of the Italian thinker to understand the crisis of hegemony of the States in Latin America. The review is by sociologist and researcher at the ***National Autonomous University of Mexico*** (México), Nicolás Laguna.

Enjoy the reading!

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.206418](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.206418)

Recebido em: 30/12/2022
Aprovado em: 30/12/2022
Publicado em: 31/12/2022



A INICIATIVA DA NOVA ROTA DA SEDA E SEU IMPACTO NA CONECTIVIDADE DA AMÉRICA LATINA: UM ESTUDO DE CASO DO CHILE E DO PERU

*LA INICIATIVA DE LA FRANJA Y LA RUTA Y SU IMPACTO EN LA
CONECTIVIDAD LATINOAMERICANA: UN ESTUDIO DE CASO DE CHILE Y
PERÚ*

*THE BELT AND ROAD INITIATIVE AND ITS IMPACT ON LATIN AMERICAN
CONNECTIVITY: A CASE STUDY FROM CHILE AND PERU*

Maria Eugênia Kroetz¹ 
Fundação Getulio Vargas, Brasil

Marco André Germano² 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Desde o seu lançamento, em 2013, a iniciativa da Nova Rota da Seda (NRS) tem impulsionado investimentos em grandes projetos de infraestrutura que promovem novos fluxos comerciais e de investimentos entre a China e os países receptores do capital chinês. O presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira a política da NRS tem produzido, concretamente, maior conectividade regional e global na América Latina e Caribe (ALC) — região que constitui importante elo da iniciativa e que, até julho de 2022, contava com 21 países partícipes. Para tanto, os autores examinaram empiricamente a experiência de dois países que acederam à política, Chile e Peru, a fim de compreender de que maneira os investimentos chineses têm impactado a sua conectividade com países vizinhos e outras regiões globais, partindo-se da compreensão do conceito de conectividade como um fenômeno trifacetado que engloba dinâmicas de investimentos, comércio e regulação jurídica. O artigo conclui

¹ Doutoranda e mestre em Direito e Desenvolvimento pela Escola de Direito da FGV São Paulo – agraciada pela Bolsa Mário Henrique Simonsen. Advogada em Hapner e Kroetz Advogados. Bacharel pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vinculada ao Núcleo de Direito Global e Desenvolvimento da Fundação Getulio Vargas (FGV-SP) e ao Center for Global Trade and Investment Studies - WTO Chair Programme. *E-mail:* mekroetz@gmail.com.

² Mestrando em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo (USP) e em Direito e Estudos Chineses pela Universidade de Pequim (Yenching Scholar). Pesquisador associado do projeto "China, Law and Development" da Universidade de Oxford. Pesquisador Visitante do Centro de Estudos China-México (CECHIMEX) da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). *E-mail:* marco.rgermano@gmail.com

que há na ALC um aumento da conectividade regional dos países partícipes via maiores fluxos comerciais regionais, globais e com a China. Contudo, não se pode atribuir à entrada oficial dos países na iniciativa tais resultados, especialmente em se tratando da conectividade nos aspectos jurídicos e de infraestrutura física.

Palavras-chave: Conectividade Regional e Global; China; Nova Rota da Seda; Comércio Internacional; Investimentos na América Latina.

Resumen: Desde su puesta en marcha en 2013, la iniciativa de la Nueva Ruta de la Seda (NRS) ha impulsado inversiones en grandes proyectos de infraestructura que promueven nuevos flujos comerciales y de inversión entre China y los países receptores de capital chino. Este artículo tiene como objetivo analizar cómo la política de la NRS ha producido, específicamente, una mayor conectividad regional y global desde América Latina y el Caribe (ALC), región que es un eslabón importante en la iniciativa y que, hasta julio de 2022, contaba con 21 países participantes. Para ello, los autores examinaron empíricamente la experiencia de dos países que accedieron a la política, Chile y Perú, con el fin de comprender cómo las inversiones chinas han impactado su conectividad con los países vecinos y otras regiones globales, a partir de la comprensión del concepto de la conectividad como un fenómeno triple que abarca la dinámica de la inversión, el comercio y la regulación legal. El artículo concluye que existe un aumento en la conectividad regional de los países participantes en la región a través de mayores flujos comerciales regionales y globales con China. Sin embargo, tales resultados no pueden atribuirse a la entrada oficial de países en la iniciativa, especialmente cuando se trata de conectividad en los aspectos legales y de infraestructura física.

Palabras-clave: Conectividad Regional y Global; China; Nueva Ruta de la Seda; Comercio Internacional; Inversiones en América Latina.

Abstract: Since its launch in 2013, the Belt and Road Initiative (BRI) has boosted investments in large infrastructure projects that promote new trade and investment flows between China and the countries receiving its capital. This article aims to analyze how the BRI has produced, specifically, greater regional and global connectivity from Latin America and the Caribbean (LAC) — a region that is an important link in the initiative and that, until July 2022, had 21 participating countries. In order to do so, the authors empirically examined the experience of two countries that acceded to the initiative, Chile and Peru, in order to understand whether Chinese investments have impacted their connectivity to neighboring countries and other global regions, starting from the understanding of the concept of connectivity as a three-pronged phenomenon that encompasses investment, trade and legal regulation dynamics. The article concludes that there is an increase in regional connectivity of the participating countries in the region via greater regional and global trade flows with China. However, such results cannot be attributed to the official adherence of countries in the initiative, especially when it comes to connectivity in legal aspects and

physical infrastructure.

Keywords: Regional and Global Connectivity; China; Belt and Road Initiative; International Trade; Investments.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200142](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200142)

Recebido em: 15/07/2022

Aprovado em: 26/12/2022

Publicado em: 31/12/2022

1 Introdução

Anunciada em 2013 pelo presidente Xi Jinping durante visitas oficiais e oficialmente lançada em 2015, a iniciativa da Nova Rota da Seda (NRS) — em inglês, *Belt and Road Initiative* (BRI) e, em chinês, *yi dai yi lou* — tem atraído a atenção internacional pela magnitude dos seus projetos e objetivos³. Lançada inicialmente como um projeto de retomada da antiga Rota da Seda e de fortalecimento da cooperação periférica entre países vizinhos à China, a NRS expandiu-se em uma rápida velocidade, abarcando atualmente uma série de acordos de cooperação com 149 países e 32 organizações internacionais (CHINA, 2022).

Vista como uma das estratégias geoeconômicas mais ambiciosas da história mundial recente (HILLMAN, 2018), a NRS tem como objetivo anunciado investir mais de US\$ 1 trilhão⁴ em projetos ao redor do mundo, criando uma rede de comércio e infraestrutura que conectará diversas regiões globais — tendo a China como principal elo (CARVALHO; VERAS; STEENHAGEN, 2020). Nesse sentido, o conceito de conectividade é central à iniciativa, aparecendo em diversos discursos e documentos oficiais (CHINA, 2015a; CHINA, 2015b; JINPING, 2017). Nas palavras da Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, trata-se de uma iniciativa com o objetivo de fortalecer, essencialmente, a “conectividade física, institucional e cultural

³ A Rota da Seda foi uma política de expansão da influência e do intercâmbio econômico durante a dinastia Han (207 AC - 220 DC). Era composta de uma rede de rotas comerciais conectando o Oriente e o Ocidente que propiciou diversas interações econômicas, culturais, políticas e religiosas entre as regiões conectadas.

⁴ O governo chinês não definiu valores exatos para investimentos sob o signo da NRS. Entidades não governamentais estimam que a política pode movimentar entre US\$1 e US\$8 trilhões até 2049 (CSIS, 2018).

entre todos os países que dela fizerem parte” (CHINA, 2015b).

Na esfera acadêmica, diversos debates emergiram quanto aos aspectos econômicos, políticos e geoestratégicos da iniciativa. Alguns estudos salientam o condão da NRS em promover uma nova arquitetura financeira global; outros, os seus impactos geopolíticos (SHAFFER; GAO, 2020, por todos). Ainda que esses trabalhos sejam extremamente oportunos, são incipientes as contribuições que investigam de que maneira a NRS produz, concretamente, maior conectividade regional e global, em especial na América Latina e no Caribe (ALC) — região que constitui importante elo da iniciativa e que, até julho de 2022, contava com 21 países partícipes (CHINA, 2022). Na medida em que a NRS se consolida na ALC e de acordo com os objetivos propostos pelo governo chinês, a conectividade se ampliaria por meio de investimentos em grandes projetos de infraestrutura (e.g., portos, aeroportos, ferrovias, gasodutos, estradas) que, por sua vez, impulsionariam novos e maiores fluxos comerciais e jurídicos.

Para suprir essa lacuna, os autores propõem investigar como a *conectividade* tem sido ampliada na ALC pela NRS a partir de dois países que acederam à política, Chile e Peru. Para tanto, testou-se o objetivo da NRS de forma empírica. Enquanto os principais documentos para a política tratam o conceito de conectividade de maneira genérica, nós o compreendemos como um fenômeno trifacetado que engloba dinâmicas de investimentos, comércio e regulação jurídica. A conectividade, assim, se evidenciaria pelo fortalecimento de redes físicas, comerciais e legais que possibilitem o aumento das conexões econômicas entre países partícipes (FLINT; ZHU, 2019; MBOYA, 2020).

Assim, são examinados em cada país: (I) os principais investimentos realizados pela China após a adesão à NRS e como esses promovem conectividade física com a região e o mundo; (II) como os fluxos comerciais (para com a China, região e mundo) foram impactados após a adesão à NRS; e, (III) como os instrumentos jurídicos da NRS promovem integração jurídica e regulatória dos países partícipes. Justifica-se a escolha desses dois países, Chile e Peru, em função de características compartilhadas que são

relevantes para o presente estudo, tais quais: (I) histórico de inserção no comércio global, (II) crescentes fluxos de capital com a China; (III) assinatura de instrumentos bilaterais para a promoção da NRS na América Latina; (IV) proximidade e similaridade geográficas; (V) presença de economias marcadamente primário-exportadoras, e (VI) adesão à Aliança do Pacífico. Todos esses fatores aproximam os dois países e facilitam o controle de variáveis.

Nossos resultados demonstram como existe uma lacuna entre o que a NRS tem como objetivo explícito e o que efetivamente é concretizado. Ainda que os fluxos comerciais observados deem indícios de maiores oportunidades de trocas — principalmente entre os países selecionados e a China —, a NRS não implicou, até agora, maior conectividade física ou jurídica. Pelo contrário, os investimentos com o condão de promover maior conectividade física e jurídica são anteriores à NRS. Assim, concluímos que, depois da adesão da NRS, não são observadas novas tendências de conectividade ou maior interesse por parte de investidores chineses nos países estudados. Além disso, notam-se significativas barreiras em termos de integração jurídica pela maleabilidade dos instrumentos de adesão da NRS, o que colabora para que o impacto da NRS seja tímido.

O artigo é desenvolvido em três partes para além desta introdução. Na seção dois apresentamos uma breve história da NRS, seus objetivos e inserção na ALC. Na seção três analisamos os impactos econômicos e normativos da NRS à conectividade dos países selecionados (Chile e Peru). Na seção quatro, tecemos considerações gerais sobre os impactos da NRS à conectividade da região e dos países partícipes.

2 A Nova Rota da Seda (NRS) e a América Latina: destinos entrelaçados

A emergência econômica da China constitui um dos aspectos mais marcantes das últimas décadas de globalização liberal e contribui para

recentes mudanças no racional da ordem econômica global (ROBERTS; MORAES; FERGUSON, 2019). Nesse sentido, a NRS ilustra um processo diferente experimentado pela economia chinesa e, talvez, o ponto de inflexão mais importante da projeção econômica global do país: a rápida evolução do investimento de empresas chinesas no exterior.

Enquanto, nas três primeiras décadas no processo de abertura econômica, a China foi um atrativo destino para o capital internacional, o país é, atualmente, um exportador líquido de capital e um dos principais países em estoque de investimentos no mundo (DAI, 2018). A NRS sinaliza, assim, uma mudança significativa na política externa chinesa de uma postura externa “de perfil baixo” (*taoguang yanghui*) para uma política “pró-ativa” (*yousuo zuowei*). Dentre outras consequências, por meio da NSR, a China eleva o seu papel normativo no direito internacional econômico ao traçar novos modelos para a governança dos fluxos de capitais transfronteiriços, que inclui um afastamento do modelo formal dos tratados bilaterais de investimentos (em inglês, *Bilateral Investment Treaties* – BITs) e a prática de celebração de documentos de caráter flexível, com redação pouco determinante e formas relaxadas de resolução de disputas (YAN, 2014; SHAFFER, GAO, 2020).

Em seu primeiro anúncio, feito por Xi Jinping em setembro de 2013, a NRS havia sido proposta como um projeto para a conectividade e cooperação com os países periféricos à China, em especial com os vizinhos da Ásia e Europa. A região da ALC não fazia parte nem era mencionada nos primeiros documentos oficiais da NRS (MORENO; TELIAS; URDINEZ, 2020). Ainda assim, à medida que a NRS se expandiu para outras regiões, a diplomacia chinesa começou a incentivar países latino-americanos a ingressarem na iniciativa. O primeiro convite oficial à região ocorreu durante a II Reunião Ministerial do Fórum China-CELAC em Santiago, no Chile, em 2018, quando o Chanceler chinês apresentou a NRS e convidou os 31 países reunidos da ALC a aceder à iniciativa (GAO, 2018). Interessante notar que a ideia de conectividade foi salientada durante esses fóruns como um fator atrativo da iniciativa, estando presente como um objetivo central

do Plano de Cooperação China-CELAC de 2015-2019 e reforçada no último encontro do Fórum China-Celac, em 2021 (UNGARETTI et al., 2022).

O Panamá foi o primeiro país a aceder à iniciativa, antes mesmo da reunião em Santiago e apenas quatro meses depois de estabelecer relações diplomáticas com a República Popular da China (RPC). Contudo, após o convite formal em Santiago, 18 países mais aderiram oficialmente à iniciativa entre 2018 a 2019. (CHINA, 2022). Nos meses seguintes, outros países da região acederam à iniciativa por meio da assinatura de memorandos de entendimentos (MoUs), incluindo a Bolívia, o Chile, o Equador, o Peru, o Uruguai e a Venezuela (MORENO; TELIAS; URDINEZ, 2020). Até janeiro de 2021, mais da metade dos países da ALC assinaram documentos para a promoção da NRS na região — incluindo países historicamente sob a zona de influência estadunidense, como Costa Rica, Panamá, República Dominicana e El Salvador. Ao total, 21 países acederam à iniciativa, ainda que se note a ausência da adesão formal de três importantes economias: Brasil, Colômbia e México (CHINA, 2022).

O apoio de um número significativo de países latino-americanos à NRS não deve ser visto como um fato isolado das relações bilaterais entre a China e a região, mas sim como o resultado de um processo de densificação das relações econômicas e políticas, especialmente após a ascensão do país asiático à Organização Mundial do Comércio (OMC) (GALLAGHER, 2016). Em pouco mais de duas décadas, ela se tornou o segundo parceiro comercial da LAC — e o principal parceiro de economias relevantes como Argentina, Brasil, Chile, Peru e Uruguai (WITS, 2022).

Observando esses dados, nota-se uma sinergia entre a abundância em commodities da ALC e o déficit de recursos naturais por parte da China. Também observa-se que as oportunidades econômicas e o *gap* histórico na infraestrutura regional têm recebido especial atenção dos investidores chineses (GALLAGHER, 2016). Desde 2000, a China já investiu mais de US\$159 bilhões em 480 operações em projetos *greenfield* e *brownfield*⁵ —

⁵ Investimentos *brownfield* representam operações em que se adquire um projeto já em andamento, com estruturas e instalações disponíveis. Já os investimentos *greenfield* são aqueles que envolvem a alocação de capital na construção da estrutura necessária para a operação.

com especial interesse nos setores de energia, infraestrutura elétrica, telecomunicações, transportes e mineração (PETERS, 2021). Além dos maiores fluxos de comércio e IED chinês, os governos da região também receberam mais de US\$137 bilhões em empréstimos para projetos em energia e infraestrutura (THE DIALOGUE, 2021).

A intensificação das relações é vista também no campo jurídico. Desde os anos 1990, a China vem assinando diversos instrumentos bilaterais de cooperação e fortalecimento de fluxos de capital com os países da região. São exemplos os acordos de livre comércio assinados com Chile (2005), Costa Rica (2007), e Peru (2009). No campo dos investimentos internacionais, a China assinou BITs com 14 países da ALC⁶, além de outros dispositivos para cooperação política. No campo político, a China estabeleceu parcerias estratégicas com 10 países⁷, além de lançar dois *policy papers* traçando objetivos para a região⁸. Assim, fica claro que o aumento dos fluxos de capital e a assinatura de instrumentos jurídicos precede a NRS. A iniciativa é, antes de mais nada, a continuação de um processo de amadurecimento das relações internacionais entre a China e os países da região.

3 A NRS e a conectividade latino-americana: os casos de Chile e Peru

Para compreender de que maneira os objetivos de conectividade da NRS estão sendo efetivamente realizados na ALC, a presente seção analisa a evolução da iniciativa a partir de dois países da região: Chile e Peru. A seção busca testar se a conectividade proposta se confirma a partir da análise empírica dos fluxos econômicos e dos documentos assinados sob o signo da NRS. Como metodologia, busca-se identificar os impactos da NRS à

⁶ Em linha temporal: Argentina (1992), Uruguai (1993), Ecuador (1994), Chile (1994), Peru (1994), Cuba (1995), Barbados (1998), Trinidad e Tobago (2002), Guiana (2003), Costa Rica (2007), México (2008), Colômbia (2008) e Bahamas (2009) (UNCTAD, 2020).

⁷ I.e., Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Costa Rica, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela.

⁸ I.e., *2008 China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean* e *2016 China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean* (CHINA, 2009; 2016).

conectividade desses países a partir de três dimensões: comércio, investimentos em infraestrutura e normativas jurídicas internacionais. Na primeira dimensão, é analisado se existem diferenças nos fluxos comerciais dos países selecionados em três vias: para com a ALC, para com a China e para com o mundo. Na segunda dimensão, são elencados os principais investimentos em infraestrutura capitaneados por empresas chinesas, buscando compreender de que maneira esses projetos promovem a integração do país à economia global. Por fim, na última dimensão, são comparados os instrumentos jurídicos da NRS com os instrumentos já em vigência, buscando evidenciar diferenças ou inovações que a iniciativa tenha proporcionado.

3.1 A adesão do Chile à NRS

Antes de analisar os impactos econômicos e legais da adesão do Chile à NRS, é importante compreender que as relações diplomáticas entre Chile e China são muito anteriores à iniciativa e à própria ascensão econômica chinesa. Estando os dois países localizados na costa do Pacífico, o Chile foi o segundo país latino-americano a reconhecer a RPC, em 1970, e manteve relações cordiais marcadas pelo pragmatismo desde então, mesmo durante o período da ditadura militar e sua retórica anticomunista (ELLIS, 2021).

O primeiro instrumento econômico relevante assinado entre os dois países ocorreu em 1994, que foi substituído pelo acordo de livre comércio entre China e Chile assinado em 2005. Esse acordo é o principal marco jurídico para as atuais relações econômicas entre os países e, em termos gerais, replica as regras do sistema multilateral de comércio da OMC, conforme detalhes na **Tabela 1**. Em 2019, ambos os países reforçaram a parceria assinando um Plano de Ação Conjunto para o período entre 2019 e 2022, o qual envolve 14 áreas de cooperação⁹.

⁹ São elas: política; trocas comerciais; energia; agricultura; alfandegária; transporte e telecomunicações; educação; ciência, tecnologia e inovação; astronomia; espaço; cultura e turismo; geologia e mineração; marítima e antártica; e gestão de emergência (CHILE, 2019b).

Desde a assinatura do acordo de livre comércio de 2005, o fluxo comercial entre os países aumentou em cinco vezes, enquanto a balança comercial chilena perante os demais países do mundo apenas dobrou (CHILE, 2021). Desde 2001, os fluxos comerciais cresceram mais de 20 vezes, passando de US\$2 bilhões para US\$43 bilhões em 2018. Atualmente, a China é a principal parceira comercial do Chile e o destino de quase 30% das exportações do país latino-americano, caracterizadas pela exportação de minérios para o país asiático.

Esse histórico mostra como a relação entre ambos foi gradualmente se densificando, culminando na adesão do Chile à NRS. Nesse sentido, em 2 de novembro de 2018, o Chile entrou formalmente na NRS por meio da assinatura do MoU para a promoção da iniciativa no país. O documento elenca cinco áreas de cooperação a serem desenvolvidas sob o signo da iniciativa. O MoU não define objetivos específicos, mas fomenta a sinergia e a integração entre as políticas nacionais de desenvolvimento, traçando áreas de interesse mútuo, como infraestrutura e comércio. Ainda, prevê o uso de moeda local nas negociações bilaterais e o vínculo entre os povos, com a criação de rede de cidades irmãs entre os países. No campo das controvérsias, o MoU é breve e apenas afirma a resolução por consultas amistosas (YAÑEZ BENÍTEZ, 2019).

Ao comparar o MoU da NRS e os instrumentos assinados anteriormente, nota-se que o MoU não tem linguagem vinculante, não promove inovações jurídicas na relação bilateral e ainda silencia quanto ao ordenamento aplicável às transações econômicas sob o seu signo (ver **Tabela 1**). O MoU da NRS ilustra, em geral, uma afirmação de interesses mútuos, porém não implica novos regimes de governança para os fluxos econômicos entre os países. Não são vistos, por exemplo, regras específicas para a facilitação de investimentos, criação de regulamentações transfronteiriças ou mecanismos de cooperação alfandegária. A lacuna normativa para ordenar os fluxos econômicos é preenchida pelos acordos assinados previamente, que são os mecanismos jurídicos efetivamente aplicados entre os países.

Tabela 1 - Quadro comparativo com os principais acordos econômicos entre Chile e China

	1994: BIT China-Chile	2005: FTA China-Chile	2018: Plano de Ação Conjunta	2018: MoU da NRS
Perfil	- Facilitação de investimentos	- Facilitação de comércio e investimentos	- Cooperação em áreas estratégicas	- Promoção da NRS
Assuntos	- Proteção a investidores	- Diminuição de barreiras tarifárias e não tarifárias - Proteção a investidores - Afirmação de regras da OMC e regras OMC+ - Liberalização de Serviços	- 14 áreas de cooperação	- Cooperação em política, infraestrutura, finanças, comércio e trocas culturais
Linguagem	- Vinculativa	- Vinculativa	- Não vinculativa	- Não vinculativa
Resolução de disputas	- Consultas amistosas - Arbitragem investidor-estado (ISDS)	- Órgão de Solução de Controvérsias da OMC - Consultas amistosas - Conciliação e Mediação - Arbitragem internacional	- Consultas amistosas	- Consultas amistosas

Fonte: autores com base em CHILE (1994, 2005, 2019a, 2019b).

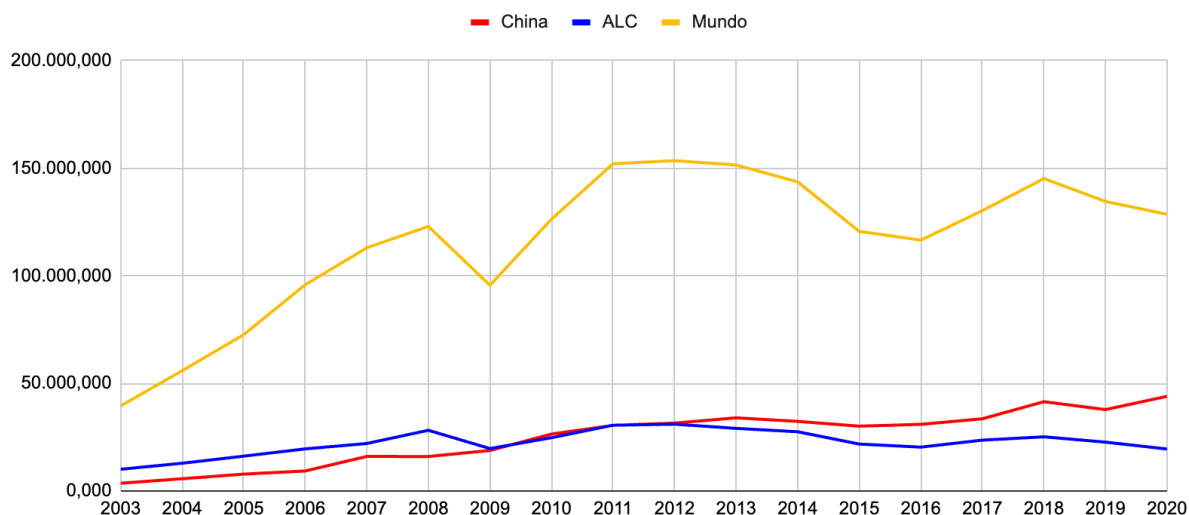
No campo comercial também não são vistas grandes diferenças nos fluxos chilenos desde a adesão à NRS. Analisados os fluxos comerciais do país nas três vias propostas pela metodologia (ALC, China e mundo), nota-se que os fluxos chilenos para com a ALC e para com o mundo se mantiveram no mesmo patamar. Já os fluxos com a China demonstram tendência de alta, ainda que tímida (ver **Gráfico 1**). Vale notar, contudo, que o comércio com a China em 2020 - ano da pandemia de COVID-19 - apresentou maior resistência em comparação com o mundo e a ALC.

Em termos de composição da balança comercial, as exportações de cobre e nitrato de potássio continuam sendo as mais relevantes dentro do universo do comércio bilateral Chile-China e no comércio Chile-mundo (WITS, 2022). É visível uma tímida diversificação da pauta comercial entre Chile-China, com uma crescente exportação de frutas e vinhos chilenos (MORENO; TELIAS; URDINEZ, 2020)¹⁰. Contudo, nota-se de forma mais

¹⁰ Interessante salientar que quando da celebração do Plano de Ação Conjunta de 2018, a Câmara de Comércio Chinesa para a Importação e Exportação de Alimentos e Produtos Nativos (CCCFNA) e associações comerciais, como a Associação dos Exportadores de Frutas do Chile (ASOEX) assinaram protocolos paralelos para a exportação de frutas do Chile para o Peru. Ambas comprometeram-se a impulsionar o intercâmbio de tecnologia e conhecimentos técnicos, apoiar a publicidade e melhorar a transparência nos dados comerciais e alfandegários para ajudar a acelerar as exportações.

marcante, o reforço de certas assimetrias comerciais como a crescente especialização chilena das exportações de minérios para o gigante asiático (UNGARETTI et al., 2022).

Gráfico 1 - Fluxos comerciais chilenos com China, ALC e Mundo; US\$ milhares (2003-2020)

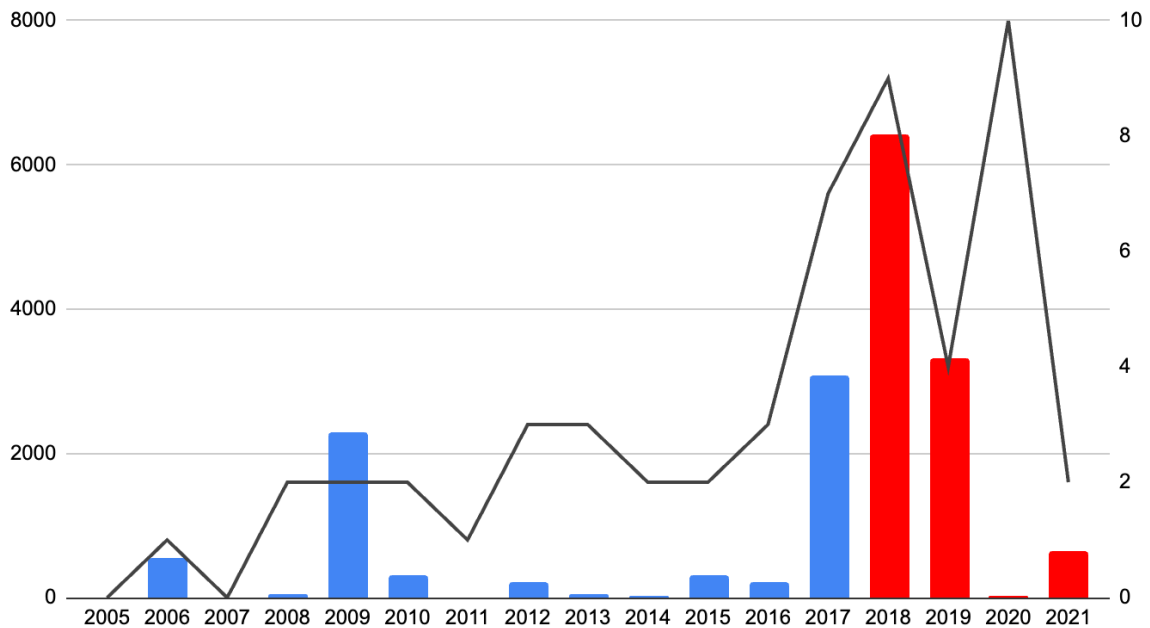


Fonte: CHILE, 2021.

Da mesma forma que no campo jurídico, conclui-se que a NRS, por hora, não repercutiu significativamente a uma maior conectividade comercial do país a outras economias regionais ou internacionais, ainda que tenha fortalecido canais de troca com a China.

Se nas dimensões jurídicas e comerciais inexitem repercussões significativas à conectividade chilena, no campo dos investimentos nota-se um efeito maior da crescente presença chinesa no país, ainda que não em termos de conectividade (ver **Gráfico 2**). Desde que o Chile aderiu à NRS, um número crescente de operações e valores envolvendo empresas chinesas vem sendo registrado em território chileno. Embora a Argentina, o Brasil e o Peru tenham recebido mais de 60% do fluxo total para a ALC entre 2005 e 2020, dados recentes mostram que o Chile aumentou significativamente sua participação relativa dos ingressos totais. Entre 2018 e 2020, o Chile (31,1%) foi o destino mais relevante para o IED chinês, seguido pelo Peru (21,6%), Brasil (17,94%) e México (11,59%).

Gráfico 2 - Valores totais de investimento chinês (colunas; USD corrente) e número de projetos confirmados (linha) no Chile; anos após lançamento da NRS na ALC realizados (2005-2021)



Fonte: autores, com base em PETERS (2021).

Ainda que os maiores volumes em valores de transações continuem concentrados no setor extrativo de mineração,¹¹ identificam-se operações importantes nas áreas de energia e alimentos após a adesão à NRS (PETERS, 2021). No entanto, são incipientes os projetos em nova infraestrutura física e logística, como portos, rodovias, aeroportos, ferrovias, dutos e centros de distribuição. Diferentemente do que vem sendo observado em outras regiões do mundo, como a África e Europa (MBOYA, 2020), o maior número de operações envolvendo empresas chinesas no Chile diz respeito a operações *brownfield*. Não se pode perceber, portanto, um aumento imediato da conectividade do país, apesar de que a presença chinesa na operacionalização dos ativos possa ser um primeiro passo nesse sentido em, por exemplo, criar novas redes de comércio e serviços com a China e o mundo.

Nesse sentido, salientam-se alguns anúncios de investimentos recentes. São exemplos: (I) a aquisição da China Southern Power Grid de

¹¹ Um exemplo marcante é a aquisição da Sociedad Química y Minera de Chile (SQM) pela Tianqi Lithium Corp. por aproximadamente US\$4,1 bilhões. A SQM atua na exploração e mineração de lítio, fundamental para a produção de baterias elétricas (PETERS, 2021).

ações da Transelec, a maior distribuidora chilena, com 10.000 km de linhas de transmissão, e (II) a crescente atividade da chinesa State Grid no mercado de energia, a qual recentemente adquiriu o controle da Compañía General de Electricidad (CGE) da espanhola Naturgy e passou a controlar 57% da distribuição de energia no país (GUZMÁN, 2021).

Já no campo ferroviário, dois anúncios com o condão de melhorar a logística no país chamam a atenção. O primeiro é o acordo assinado entre o grupo ferroviário China Railway Group Limited (CREC) e o grupo chileno Sigdo Koppers para o desenvolvimento de novas linhas ferroviárias no país que reduziram o custo de transporte e, conseqüentemente, de exportação de bens do país (INFRAPPP, 2019). O segundo envolve um acordo entre a Argentina e o Chile, que recentemente reafirmaram a intenção de reativar 1.400 km de vias férreas conectando ambos os países por meio de um consórcio que conta com a China Railway e a China Energy Power Design Institute. Se ambos projetos forem confirmados, o Chile reforçará sua malha ferroviária e a América Latina passará a contar com um importante canal bioceânico para o transporte de mercadorias.

Assim, conclui-se, pela análise quantitativa dos fluxos, que, desde a adesão do país à NRS, o Chile vem atraindo maiores fluxos de investimento chinês, apesar de estes não implicarem, até agora, maior conectividade física ou logística. Para contrapor o caso do Chile, testa-se, na seção seguinte, a experiência do Peru desde a sua adesão à NRS.

3.2 A adesão do Peru à NRS

Para analisar a adesão do Peru à NRS, há de se compreender o contexto político e econômico do país junto à China. Tal qual a adesão do Chile, a assinatura de acordos para a promoção da NRS no Peru é um novo capítulo em um processo longo de densificação das relações bilaterais. As relações entre China e Peru datam de 1971 e observam, desde o respectivo reconhecimento, a celebração de diversos acordos bilaterais e visitas

mútuas presidenciais. Os países assinaram o primeiro acordo econômico em 1994 — mesmo ano da celebração do acordo de investimentos entre China e Chile. Tal acordo, ainda em vigor, proporciona proteção aos investidores de ambos os países, além de reafirmar princípios básicos presentes no quadro normativo da OMC.

Em 2009, o quadro normativo entre os países foi fortalecido a partir da assinatura de acordo de livre comércio, que previu a remoção de barreiras comerciais em diversos setores da economia e práticas de facilitação de comércio, ainda que não tenha regulado as chamadas obrigações “OMC+” (ver **Tabela 2**). Estima-se que, desde a vigência do acordo em 2010, as exportações peruanas para a China cresceram uma média anual de 9,6% (GALINDO, 2019). As reduções tarifárias beneficiaram, especialmente, produtos como minerais, peixes, eletrônicos e automóveis. Contudo, o principal produto da pauta exportadora continuou sendo o minério de cobre.

Em 2016, China e Peru também assinaram o Plano de Ação Conjunto Intergovernamental para a Cooperação no período 2016-2021 em uma série de temas, incluindo comércio e economia, indústria da mineração, parques industriais, conectividade da informação e tecnologia. Assim, nota-se, da mesma maneira que no caso chileno, que China e Peru já vinham em uma trajetória de densificação política e econômica antes mesmo da adesão do país latino-americano à NRS.

Quanto à iniciativa em específico, Peru e China assinaram um MoU em 24 de abril de 2019, formalizando a adesão peruana. O memorando elenca cinco áreas de cooperação a serem desenvolvidas bilateralmente no marco da NRS. Ele não define objetivos específicos, mas traça áreas de interesse mútuo, como infraestrutura, e a possibilidade do uso de moeda local nas negociações bilaterais. No campo das controvérsias, o MoU é breve e apenas afirma a resolução por consultas amistosas (EXITOSA, 2019).

Nesse sentido, o MoU segue o mesmo padrão utilizado entre China e Chile (ver **Tabela 2**). Conforme analisado, as regras que governam as operações econômicas sob o signo da NRS têm origem em normativas que

se encontram fora dos instrumentos da iniciativa, como nos acordos bilaterais previamente firmados ou no arcabouço normativo da OMC. Assim, no campo jurídico, não são observadas inovações que impliquem em maior conectividade normativa entre os países. O MoU não prevê a diminuição de barreiras tarifárias, tampouco prevê mecanismos para a facilitação de investimentos ou cooperação alfandegária. Ele apenas se restringe a promover a cooperação entre ambos países em uma linguagem política e pouco operacional.

Tabela 2 - Quadro comparativo com os principais acordos econômicos entre Peru e China

	1994: BIT China-Peru	2005: FTA China-Peru	2016: Plano de Ação Conjunta	2018: MoU da NRS
Perfil	- Facilitação de investimentos	- Facilitação de comércio e investimentos	- Cooperação em áreas estratégicas	- Promoção da NRS
Assuntos	- Proteção a investidores	- Diminuição de barreiras tarifárias e não tarifárias - Proteção a investidores - Afirmação das regras da OMC	- Diversas áreas de cooperação	- Cooperação em política, infraestrutura, finanças, comércio e trocas culturais
Linguagem	- Vinculativa	- Vinculativa	- Não vinculativa	- Não vinculativa
Resolução de disputas	- Consultas amistosas - Arbitragem investidor-estado (ISDS)	- Consultas amistosas - Órgão de Solução de Controvérsias da OMC - Painéis de experts	- Consultas amistosas	- Consultas amistosas

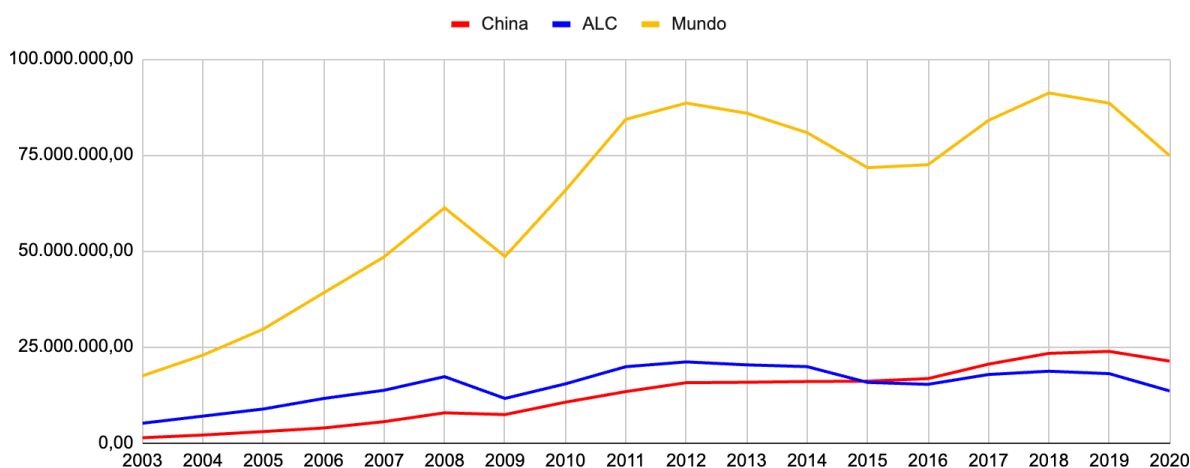
Fonte: autores com base em PERU (1994, 2009, 2022) e CHINA (2016).

No campo comercial, tampouco são vistas grandes repercussões da adesão peruana à NRS (ver **Gráfico 3**). Desde 2014, a China é o maior parceiro comercial do Peru e representa, atualmente, 28,3% do comércio exterior do país (WITS, 2022). O Peru é o terceiro país que mais exporta bens para a China na região, após Brasil e Chile, e o quarto destino para produtos chineses, após Brasil, Chile e Argentina. Desde 2003, os principais produtos de exportação do Peru para China foram o cobre e seus derivados,

representando aproximadamente 85% dos fluxos de exportação, e a farinha de peixe, representando aproximadamente 11%. Com participação menos relevante, tem-se a exportação de placas de madeira, uvas e peixes (OEC, 2022). Já as exportações da China para o Peru estão focadas em equipamentos eletrônicos, veículos e produtos de manufatura.

Observa-se que, desde a assinatura do MoU da NRS, os fluxos comerciais do Peru nas três vias propostas pela metodologia (ALC, China e mundo) não apresentam grandes mudanças. É importante ter em mente, contudo, que a assinatura do MoU aconteceu em 2019, e, em 2020, a economia global vivenciou os impactos da pandemia de Covid-19. Ainda assim, não se nota resistência maior entre os fluxos de comércio do país com a China quando comparados com os do mundo ou da ALC.

Gráfico 3 - Fluxos comerciais peruanos com China, ALC e Mundo; US\$ correntes (2003-2020)



Fonte: autores com base em WITS (2022).

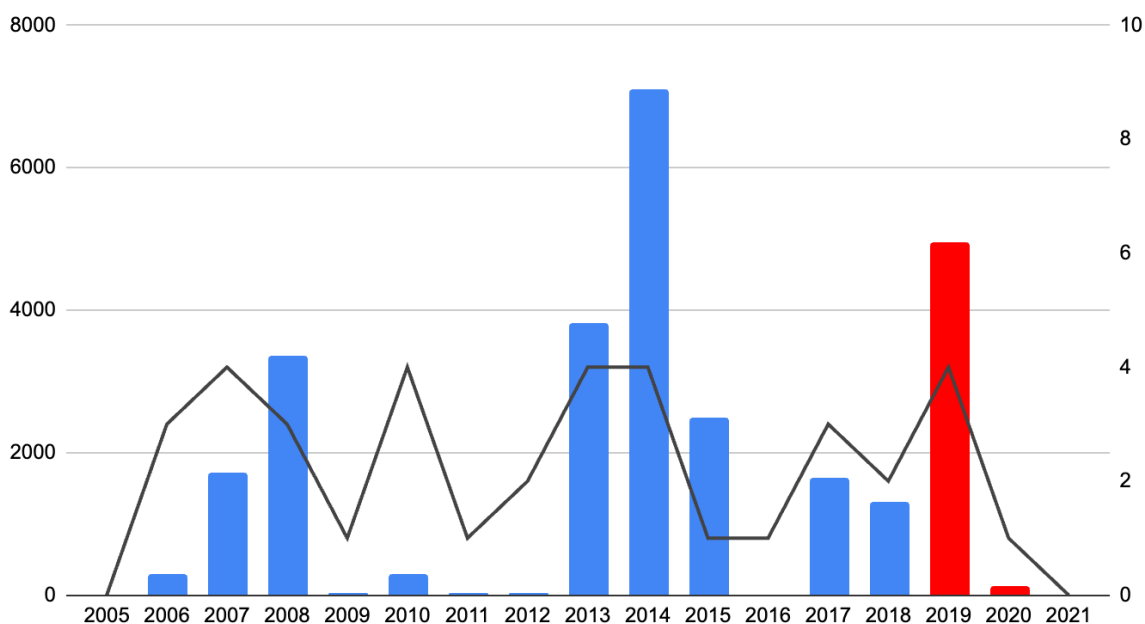
Se no campo jurídico e comercial poucas repercussões são observadas, no campo dos investimentos tampouco é possível notar uma clara tendência de crescimento tanto em volume de capital quanto em qualidade de conectividade, após a adesão do Peru à NRS (ver **Gráfico 4**). É importante ter em mente que o Peru já era um grande receptor de empresas chinesas antes de aceder à iniciativa. Estima-se que, até 2021, mais de 170 empresas chinesas operavam no Peru, com investimentos na ordem de US\$28 bilhões (PETERS, 2021). Até esse momento, a maioria dos

projetos de investimento estava relacionada ao setor de mineração do país, incluindo projetos como os investimentos da CHINALCO na expansão da mina de cobre de Toromocho, no valor de US\$ 1,36 bilhão; a construção da mina de minério de ferro proposta pelo Grupo Zhongrong Xinda, no valor de de US\$ 2,5 bilhões; e a expansão da siderúrgica Shougang Group de sua mina de minério de ferro em Marcona, no valor de US\$ 1,3 bilhão.

No entanto, dois projetos no âmbito da NRS merecem atenção. O primeiro foi o anúncio entre a chinesa Cosco Shipping Ports Limited (CSPL) e a peruana Volcan da construção do porto de Chancay na região de Lima. A iniciativa é o primeiro porto e *hub* logístico construído por empresas chinesas na ALC e promete ser o principal acesso de mercadorias asiáticas vindas do Pacífico à América do Sul. A infraestrutura anunciada comporta investimentos iniciais na ordem de US\$ 1,3 bilhões, podendo chegar a US\$ 3 bilhões, e parece ir de encontro a prioridade de conectividade proposta pela iniciativa, sendo um novo elo no Pacífico da NRS para fluxos comerciais entre a China e ALC como um todo (JAUREGUI, 2020).

O segundo seria a retomada de investimentos na ferrovia bioceânica (Ferrovia Transcontinental Brasil-Peru) estagnada desde o seu lançamento em 2014. O projeto já possui estudos técnicos realizados por empresas chinesas como a China Railway Eryuan Engineering Group e prevê uma extensão total do traçado de 4,9 mil km - o trecho peruano teria extensão de 1,6 mil km e o brasileiro de 3,3 mil km (BOURSCHEIT, 2022). O projeto é visto como viável, porém complexo em vista dos impactos socioambientais, já que o traçado da ferrovia passaria perto de áreas de proteção ambiental e de reservas indígenas, além de transitar por terrenos e biomas de geologia. Caso confirmado o projeto, a ferrovia se tornaria um importante elo entre os oceanos Atlântico e Pacífico, aproximando a China dos seus parceiros sul-americanos (SENADO, 2017).

Gráfico 4 - Valores totais de investimento chinês (colunas; USD corrente) e número de projetos confirmados (linha) no Peru; anos após lançamento da NRS na ALC realçados (2005-2021)



Fonte: autores com base em PETERS (2021).

No entanto, a análise dos investimentos chineses no Peru demonstra como, no caso do Chile, a prática da NRS ainda destoa dos objetivos de maior conectividade assinados nos diferentes planos entre a China e a ALC. Se por um lado o porto de Chancay parecer ser um primeiro passo em busca da conectividade prometida, por outro, o panorama atual segue caracterizado por um interesse chinês em projetos de mineração e energia no país. (PETERS, 2021).

4 Considerações sobre os impactos da NRS à conectividade latino-americana

Ao longo do artigo, apresentamos o modo como a NRS forja conexões entre países da ALC a partir de comércio, investimento e novos arcabouços jurídicos. Como chave central da pesquisa, aparece o conceito de conectividade derivado da obra de Mboya (2020), que atrela o aumento de

conexões econômicas à construção de uma infraestrutura comercial e jurídica. No primeiro caso, têm-se os fluxos econômicos de investimento e comércio. No segundo, as normativas jurídicas capazes de operacionalizar a injeção de capital chinês na região.

Analisando-se empiricamente os casos de Chile e Peru, nota-se, primeiramente, como a NRS é um novo capítulo de um longo processo de densificação das relações bilaterais entre China e ALC. Conforme visto, os países selecionados já apresentavam uma estrutura institucional consolidada com a China, tendo firmado BITs e acordos de livre comércio ao longo das relações diplomáticas (MORENO, TELIAS, URDINEZ, 2020).

Quanto às três dimensões do elemento de conectividade (comércio, infraestrutura e normativas jurídicas transfronteiriças), observam-se três tendências. Primeiro, a conectividade comercial proposta pela NRS está, até o momento, mais ligada à China do que a outras regiões, já que as tendências de alta nos fluxos comerciais são observadas entre os países selecionados e a China, porém não entre esses e a ALC ou mundo. Segundo, existe, a partir da adesão à NRS, um aumento inicial nos investimentos chineses nos países observados, tanto em volume como em número de operações. Contudo, esse aumento perde força nos anos subsequentes à adesão. Além disso, apenas uma pequena parte dos fluxos analisados foi direcionada a nova infraestrutura ou projetos em logística, contradizendo a promessa de maior conectividade física da iniciativa. Terceiro, os projetos sob o signo da iniciativa utilizam-se dos instrumentos jurídicos antes acordados e, juridicamente, em pouco se diferenciam das transações e operações observadas anteriormente à NRS.

Conclui-se, assim, que a NRS, ainda não conseguiu concretizar seu objetivo de maior conectividade no Chile e Peru, especialmente entre esses países e seus pares na ALC. Nesse sentido, o tom das análises quanto à NRS, tanto acadêmicas quanto midiáticas, parecem não dar conta do efetivo alcance da iniciativa (MORENO; TELIAS; URDINEZ, 2020).

Na dimensão comercial, nota-se um aumento incipiente dos fluxos econômicos dos países selecionados para com a China, porém a tendência

de comércio desses países para com o mundo e a ALC permanece igual. No comércio com a China, chama atenção o aprofundamento dos fluxos via uma pauta excessivamente primarizada, que reproduz relações históricas de dependência entre a América Latina e outros países. Além disso, em vista do caráter bilateral da iniciativa, os países que acedem à NRS aumentam suas interações econômicas e políticas com a China, porém não entre si. Esse achado ilustra uma problemática importante para países da ALC, já que os discursos adjuntos à NRS salientam a iniciativa como um novo motor para melhorar a conectividade regional dos países partícipes. Contudo, como observado, não é possível afirmar isso quanto à conectividade comercial latino-americana.

Na dimensão jurídica, os documentos assinados por Chile e Peru dentro da NRS apresentam caráter pouco abrangente e não vinculante, diferindo largamente dos acordos bilaterais e preferenciais de comércio celebrados anteriormente pelos países. Os MoUs são documentos curtos que não inovam com regras jurídicas e tampouco apresentam um esquema organizado para financiar e executar novos projetos que impliquem fluxos econômicos significativamente maiores. Interessante salientar que, apesar das especificidades nacionais dos países selecionados, como, por exemplo, os diferentes níveis econômico e de desenvolvimento, os documentos são muito parecidos e não levam em conta as particularidades de cada um. De maneira geral, os MoUs apresentam um conteúdo relativamente vazio. Ainda, os MoUs da NSR demonstram grande flexibilidade, através de dispositivos genéricos, com pouco efeito prático, como a redução de barreiras tarifárias. O que se observa é que são as demais estruturas jurídicas antes implementadas (e.g., acordo de livre comércio), as que parecem facilitar esses fluxos econômicos.

Enquanto, nos primeiros dois casos (comércio e direito), o teste de conectividade parece estar aquém das expectativas do discurso oficial da iniciativa, no campo dos investimentos a NRS tem tido resultados mais concretos. No caso do Chile, com um crescimento incipiente dos fluxos chineses e, no caso do Peru, com a construção de um novo mega porto

regional. No entanto, é importante salientar que mesmo esses projetos com maior potencial de conectividade trazem dúvidas quanto aos seus impactos sócio-econômicos.

No caso do Chile, a maior parte dos investimentos diz respeito a projetos em mineração que atraíram relevantes críticas de organizações não governamentais (ONGs) locais, em função de supostas violações de direitos humanos (CICDHA, 2022). No caso do Peru, o investimento no Porto de Chancay, salientando como um possível exemplo de maior conectividade física proporcionada pela NRS, está intrinsecamente ligado às exportações de cobre do país e deverá otimizar o escoamento de recursos minerários para a China (SOYRES et al, 2018). Tal modelo econômico tende a fortalecer, ainda mais, o padrão latino-americano exportador de commodities, algo que implica maiores reflexões por parte dos países da região (GALLAGHER; RAY, 2016).

Para países que ainda não integram oficialmente a NRS, como o Brasil e o México, analisar esse quadro de interações complexas é fundamental. Conforme explorado, o quadro flexível da iniciativa permite que países que não a aceitaram formalmente possam dela participar marginalmente. A simples assinatura de MoUs para a adesão parece, até o momento, não implicar maiores resultados práticos para os membros latino-americanos. Ainda que a adesão à NRS possa repercutir no acesso a alguns canais facilitados de crédito ou em maior interesse por parte dos investidores chineses, a realização de projetos em infraestrutura não parece ser facilitada pelos instrumentos jurídicos assinados sob o signo da NRS, já que os instrumentos da iniciativa funcionam mais como instrumentos de boa relação diplomática que propriamente de facilitação de comércio e investimento (MORENO; TELIAS; URDINEZ, 2020).

Ainda assim, algumas dimensões não analisadas pela presente pesquisa merecem atenção. Um aspecto relevante diz respeito aos mecanismos de financiamento dos projetos da NRS. Ainda que a iniciativa não apresente um modelo de financiamento claro e bem definido (LIU et al., 2020), a grande mobilização de recursos naturalmente oferece

oportunidades econômicas aos seus países membros. No cenário latino-americano, onde o custo de captação de capital ainda é alto, a participação na NRS pode otimizar o financiamento de projetos.

Além disso, é importante ter em mente que a NRS ainda é um projeto recente na ALC e poderá gerar maiores frutos na medida que se consolide. A pandemia de COVID-19 trouxe desafios, nesse sentido, e seriam necessários novos estudos que atualizem esse prognóstico nos próximos anos para entendermos o seu real impacto. O que parece claro, por hora, é que a NRS configura a estratégia internacional mais marcante da política externa chinesa sob o jugo de Xi Jinping e ilustra o seu lema “Sonho Chinês” (*zhongguo meng*) (JAUREGUI, 2020).¹² É possível que a estratégia continue sendo levada adiante como um baluarte da política externa chinesa, onde uma eventual adesão venha a implicar maior atratividade ao capital chinês.

5 Referências

AOYAMA, R. One Belt One Road: China’s new global strategy. **Journal of Contemporary East Asia Studies**, v. 5, n. 2, p. 3-22, 2016. DOI: 10.1080/24761028.2016.11869094

BOURSCHEIT, Aldem. Los planes de expansión ferroviaria de Brasil presionan a la Amazonia. **Diálogo Chino**. 19 mai. 2022. Disponível em: <https://dialogochino.net/es/infraestructura-es/54065-los-planes-de-expansion-ferroviaria-de-brasil-presionan-amazonia/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CARVALHO, Evandro M. de; VERAS, Daniel; STEENHAGEN, Pedro. **Belt and Road Initiative: I Relatório**. Rio de Janeiro: FGV, 2020. Disponível em https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/29660/brbr_-_relatorio_1_agosto_2020.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 jan 2021.

CHILE. **Agreement between the Government of the Republic of Chile and the Government of the People's Republic of China**. Concerning the Encouragement and the Reciprocal Protection of Investment. Santiago, 23 mar. 1994. Disponível em: <https://investmentpolicy.unctad.org/international-investment-agreements/treaty-files/664/download>. Acesso em: 06 jun 2021.

¹² Sob o lema do “sonho chinês”, a administração de Xi Jinping busca melhorar a condição doméstica da população chinesa por meio do acesso a recursos econômicos em outros países e pela participação assertiva nas instâncias de governança global. Duas metas estão associadas ao lema: a primeira é a China se tornar uma “sociedade moderadamente próspera” até 2021, o 100º aniversário do Partido Comunista Chinês (PCC), e a segunda é a China se tornar uma nação totalmente desenvolvida até 2049, o 100º aniversário da fundação da RPC. (AOYAMA, 2016)

CHILE. **Free Trade Agreement between the Government of the People's Republic of China and the Government of the Republic of Chile.** Santiago, 18 nov. 2005. Disponível em: <http://fta.mofcom.gov.cn/chile/xieyi/freetradexieding2.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHILE. Ministerio de Relaciones Exteriores. **Canciller participa en inauguración de Foro “Una Franja Una Ruta”.** Santiago, 26 abr. 2019a. Disponível em: <https://minrel.gob.cl/minrel/noticias-antteriores/canciller-participa-en-inauguracion-de-foro-una-franja-una-ruta>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHILE. Ministerio de Relaciones Exteriores. **Chile and China sign agreements to strengthen their bilateral relationship.** Santiago: MRE, 24 abr. 2019b. Disponível em: <https://minrel.gob.cl/minrel/noticias-antteriores/chile-and-china-sign-agreements-to-strengthen-their-bilateral-relationship>. Acesso em: 24 mai. 2021.

CHILE. Banco Central. **Comercio Exterior de Bienes.** 2021. Disponível em: <https://www.bcentral.cl/web/banco-central/areas/estadisticas/comercio-exterior-de-bienes>. Acesso em: 23 mar. 2021.

CHINA, República Popular da. USC US-China Institute. **China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean.** Beijing, 20 abr. 2009. Disponível em: <https://china.usc.edu/chinas-policy-paper-latin-america-and-caribbean>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CHINA, República Popular da. **BRI: Opportunities and Challenges.** Beijing: People's Publishing House. 2015 .

CHINA, República Popular da. Ministry of Foreign Affairs, and Ministry of Commerce. **Vision and Actions on Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st Century Maritime Silk Road.** Beijing: The State Council, 2015b. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/publications/2017/06/20/content_281475691873460.htm. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHINA, República Popular da. **Full text of China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean.** Beijing: The State Council, 2016. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2016/11/24/content_281475499069158.htm. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHINA, República Popular da. **List of Countries that have signed cooperation documents with China to jointly build the “Belt and Road”.** Beijing, 15 jul. 2022. Disponível em: https://www.yidaiyilu.gov.cn/info/iList.jsp?tm_id=126&cat_id=10122&info_id=77298,. Acesso em: 23 mar. 2021.

CICDHA, Colectivo sobre Financiamiento e Inversiones Chinas, Derechos

Humanos y Ambiente. Federación Internacional por los Derechos Humanos. **Derechos Humanos y Actividades Empresariales Chinas en Latinoamérica**. fev. 2022.

CSIS (Center for Strategic and International Studies). **How Will the Belt and Road Initiative Advance China's Interests?** 8 mai. 2018. Disponível em: <https://chinapower.csis.org/china-belt-and-road-initiative/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

DAI, Anna Chuwen. The International Investment Agreement Network under the "Belt and Road" Initiative. In: CHAISSE, Julien; GÓRSKI, Jędrzej (Eds.). **The Belt and Road Initiative: Law, Economics and Politics**. Leiden: NRSII Nijhoff, 2018, p. 220-249. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004373792_011

DW. **Panama cozies up to China**. 12 abr. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/en/china-and-panama-sign-partnerships-in-latin-american-first/a-46569583>. Acesso em: 21 de nov. 2022

ELLIS, Evan. Chinese Advances in Chile. **Global Americans**, 2021. Disponível em: <https://theglobalamericans.org/2021/03/chinese-advances-in-chile/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

EXITOSA, **El Perú también está en la Ruta de la Seda**. Lima: Corporación Universal. 29 abr. 2019. Disponível em: <https://exitosanoticias.pe/v1/el-peru-tambien-esta-en-la-ruta-de-la-seda/>. Acesso em: 23 mar 2021.

FLINT, Colin. ZHU, Cuiping. The geopolitics of connectivity, cooperation, and hegemonic competition: The Belt and Road Initiative. **Geoforum**, v. 99, p. 95-101, 2019. DOI: 10.1016/j.geoforum.2018.12.008

GALINDO Jimena. Peru to joins China's Belt and Road Initiative. **Global Americans**. 01 mai. 2019. Disponível em: <https://theglobalamericans.org/2019/05/just-the-facts-peru-to-join-chinas-belt-and-road-initiative/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

GALLAGHER, Kevin P. **The China Triangle**. Sheridan: Oxford University Press, 2016.

GALLAGHER, Kevin P. RAY, Rebecca; China in Latin America: Environment and Development Dimensions. **Revista Tempo do Mundo**, v. 2, n. 2, p. 131-154, 01 jul. 2016. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6548/1/TdM_v2_n2_Latin_america.pdf. Acesso em: 23 nov. 2022.

GAO, Charlotte. China Says Latin America 'Eager' to Join Belt and Road: China invites Latin American and Caribbean states to join the Belt and Road Initiative. **The Diplomat**, 24 jan. 2018. Disponível em: <https://thediplomat.com/2018/01/china-says-latin-america-eager-to-join-belt-and-road/>. Acesso em 25 abr. 2021.

GUZMÁN, Lorena. State Grid aumenta presença no Chile com compra da

CGE. **Diálogo Chino**, 1 fev. 2021. Disponível em: <https://dialogochino.net/pt-br/mudanca-climatica-e-energia-pt-br/39680-st-ate-grid-aumenta-presenca-no-chile-com-compra-da-cge>. Acesso em: 24 jan. 2022.

HILLMAN, Jonathan E. China's Belt and Road Initiative: Five Years Later. **Center for Strategic & International Studies**, 25 jan. 2018. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/chinas-belt-and-road-initiative-five-years-later-Q>. Acesso em 25 abr 2021.

INFRAPPP. **Chilean-Chinese consortium proposes US\$1.6 billion Santiago-Valparaíso high speed rail concession**. DT Global Digital and Communications Europe, 31 jan. 2019. Disponível em: <https://www.infrappworld.com/news/chilean-chinese-consortium-propose-us416-billion-santiago-valparaiso-high-speed-rail-concession>. Acesso em: 22 mar 2021.

JAUREGUI, Juliana Gonzalez. Latin American countries in the NRS: challenges and potential implications for economic development. **Asian Education and Development Studies**, ahead-of-print, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/AEDS-08-2019-0134>.

JINPING, Xi. **Work Together to Build the Silk Road Economic Belt and The 21st Century Maritime Silk Road**. Windhoek: Embassy of the People's Republic of China in the Republic of Namibia, 14 mai. 2017. Disponível: <http://na.china-embassy.org/eng/sgxw/t1461872.htm>. Acesso em: 22 mar 2021.

LIU, Weidong; ZHANG, Yajing; XIONG, Wei. Financing the Belt and Road Initiative. **Eurasian Geography and Economics**, v. 61, n. 2, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15387216.2020.1716822>. Acesso em 23 mar 21.

MBOYA, Cliff. The Maritime Silk Road Initiative: Connecting Africa. In: BLANCHARD, Jean-Marc (ed.). **China 's Maritime Silk Road Initiative**, Africa and the Middle East. Singapore: Palgrave Macmillan, 2020, p. 53-80. DOI: https://doi.org/10.1007/978-981-33-4013-8_2

MORENO, Juan Enrique Serrano; TELIAS, Diego; URDINEZ, Francisco. Deconstructing the Belt and Road Initiative in Latin America. **Asian Education and Development Studies**, ahead-of-print. 01 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/AEDS-01-2020-0021>

OECD (OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY), **National Data Sets**. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/chl>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PERU. **Agreement between the Government of the Republic of Peru and the Government of the People's Republic of China** Concerning the Encouragement and the Reciprocal Protection of Investment. Lima, 09 jun.

1994. Disponível em:
<https://investmentpolicy.unctad.org/international-investment-agreements/treaties/bit/954/china---peru-bit-1994->. Acesso em: 22 abr 2021.

PERU. **Free Trade Agreement between the Government of the People's Republic of China and the Government of the Republic of Peru**. Lima, 28 abr. 2009. Disponível em:
<https://investmentpolicy.unctad.org/international-investment-agreements/treaties/treaties-with-investment-provisions/3266/china---peru-fta-2009->. Acesso em: 22 abr 2021.

PERU, Ministerio de Comercio Exterior y Turismo. Acuerdos Comerciales del Perú. 2022. Disponível em:
https://www.acuerdoscomerciales.gob.pe/En_Vigencia/China/inicio.html. Acesso em: 15 de jan de 2022.

PETERS, Enrique Dussel. Monitor de la OFDI China en ALC. **Red ALC-China**. 2021. Disponível em:
https://www.redalc-china.org/monitor/images/pdfs/menuprincipal/DusselPeters_MonitorOFDI_2021_Esp.pdf. Acesso em 15 jan 2022. /

REUTERS. **Chile regulator approves \$3 billion Chinese takeover of Naturgy unit**. Reuters [Commodities News]. 31 mar. 2021. Disponível em:
<https://www.reuters.com/article/us-naturgy-m-a-chile-idUSKBN2BN3H2>. Acesso em 21 jan 2022.

ROBERTS, Anthea; MORAES, Henrique Choer; FERGUSON, Victor. Toward a Geoeconomic Order in International Trade and Investment, **Journal of International Economic Law**, v. 22, 2019, p. 655-676. DOI:
<https://doi.org/10.1093/jiel/jgz036>

SENADO, Agência. **Ferrovía bioceânica é viável, dizem chineses em audiência pública**. 18 abril 2017. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/18/ferrovia-bioceanic-a-e-viavel-dizem-chineses-em-audiencia-publica>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

SHAFFER, Gregory.; GAO, Henry. A New Chinese Economic Order? **Journal of International Economic Law**, v. 23, n. 3. p. 607-635, 2020. DOI:
<https://doi.org/10.1093/jiel/jgaa013>

SOYRES, François de; MULABDIC, Allen; MURRAY, Siobhan; ROCHA, Nadia; RUTA, Michele. How Much Will the Belt and Road Initiative Reduce Trade Costs? **World Bank Group Policy Research Working Paper** n. 8614, 2018. Disponível em:
https://documents1.worldbank.org/curated/en/592771539630482582/pdf/WP_S8614.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

THE DIALOGUE. **China-Latin America Finance Databases**. Washington DC: The Inter-American Dialogue. 2021. Disponível em:
https://www.thedialogue.org/map_list/. Acesso em: 15 jan. 2021.

YAN, Xueting. From keeping a low profile to striving for achievement. **The Chinese Journal of International Politics**, v.7, n. 2, p. 153–184, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/cjip/pou027>

YÁÑEZ BENÍTEZ, Rodrigo Y. **La Franja y la Ruta: Chile-China**. Santiago: DIRECON/Ministerio de Relaciones Exteriores, mai. 2019. Disponível em: https://www.subrei.gob.cl/docs/default-source/estudios-y-documentos/presentaciones/franja-y-la-ruta-beneficios-para-chile-ic-ok-estudios-y-asia-10-05-19v-final_.pdf?sfvrsn=84a08a4b_2. Acesso em: 24 abr. 2021.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT). **International Investment Agreements Navigator. China. 2020** Disponível em: <https://investmentpolicy.unctad.org/international-investment-agreements/countries/42/china>. Acesso em: 05 jan. 2021.

UNGARETTI, Carlos Renato da Fonseca et al. Nova Rota da Seda na América Latina: Entre Adesões e Hesitações. **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 33, maio/ago. 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11554/6/BEPI_33_artigo4.pdf. Acesso em 13 mar 2021.

WITS (WORLD INTEGRATED TRADE SOLUTION). **Trade Database**. Disponível em: <https://wits.worldbank.org>. Acesso em: 15 jan. 2022.



**POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA E TRANSFERÊNCIA
INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: A MINUSTAH
COMO JANELA DE OPORTUNIDADE PARA A COOPERAÇÃO
BRASILEIRA NO HAITI (2004-2017)¹**

*POLÍTICA EXTERIOR BRASILEÑA Y TRANSFERENCIA
INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: MINUSTAH COMO “VENTANA
DE OPORTUNIDAD” PARA LA COOPERACIÓN BRASILEÑA EN HAITÍ
(2004-2017)*

*BRAZILIAN FOREIGN POLICY AND INTERNATIONAL TRANSFER OF
PUBLIC POLICIES: MINUSTAH AS A “WINDOW OF OPPORTUNITY” FOR
BRAZILIAN COOPERATION IN HAITI (2004-2017)*

Rodrigo Fernando Gallo² 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o uso das políticas públicas sociais brasileiras como recurso da política externa brasileira aplicada ao contexto paralelo à Minustah (2004-2017), de modo a compreender como a agenda doméstica pode ser articulada para a lógica de cooperação internacional para promover desenvolvimento econômico e social. A hipótese é que o Estado brasileiro utilizou a janela de oportunidades aberta pela Minustah para estreitar as relações com o Haiti e transferir políticas públicas sociais para o país caribenho como forma de demonstrar capacidade de lidar com as causas primárias que normalmente geram os conflitos, tais como a pobreza e a miséria – experiência de política externa que transformou o Haiti em um dos principais destinos da cooperação brasileira à época, o que demonstra um modo particular de o Brasil lidar com operações de paz das Nações Unidas. A pesquisa utilizou o método de

¹ Esse artigo deriva de pesquisas realizadas em âmbito de doutorado, na Universidade Federal do ABC (UFABC), e de pós-doutorado, na Universidade de São Paulo (USP).

² Cientista político, pós-doutorando pela Universidade de São Paulo. E-mail: rodrigo.gallo@hotmail.com

process tracing para mapear o fenômeno, associado às metodologias de estudo de caso e análise documental, além da técnica de entrevista discursiva semiestruturada.

Palavras-chave: Política externa brasileira; Missões de paz; Minustah; Haiti; Transferência de políticas públicas.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar el uso de las políticas públicas sociales brasileñas como recurso de la política exterior brasileña aplicada al contexto paralelo a la MINUSTAH (2004-2017), con el fin de comprender cómo la agenda interna puede articularse a la lógica de cooperación internacional para promover el desarrollo económico y social. La hipótesis es que el Estado brasileño aprovechó la ventana de oportunidad abierta por la MINUSTAH para estrechar relaciones con Haití y trasladar políticas públicas sociales al país caribeño como una forma de demostrar su capacidad para enfrentar las causas primarias que normalmente generan conflictos, como la pobreza y miseria, una experiencia de política exterior que convirtió a Haití en uno de los principales destinos de la cooperación brasileña en ese momento, lo que demuestra una forma particular en que Brasil enfrenta las operaciones de paz de las Naciones Unidas. La investigación utilizó el método de rastreo de procesos para mapear el fenómeno, asociado a metodologías de estudio de caso y análisis de documentos, además de la técnica de entrevista discursiva semiestruturada.

Palabras clave: Política exterior brasileña; Misiones de paz; Minustah; Haití; Transferencia de políticas públicas.

Abstract: The objective of this article is to analyze the use of Brazilian social public policies as a resource of Brazilian foreign policy applied to the context parallel to MINUSTAH (2004-2017), in order to understand how the domestic agenda can be articulated to the logic of international cooperation to promote economic and social development. The hypothesis is that the Brazilian State used the window of opportunity opened by MINUSTAH to strengthen relations with Haiti and transfer social public policies to the Caribbean country as a way of demonstrating its ability to deal with the primary causes that normally generate conflicts, such as poverty and misery – a foreign policy experience that turned Haiti into one of the main destinations for Brazilian cooperation at the time, which demonstrates a particular way in which Brazil deals with United Nations peace operations. The research used the process tracing method to map the phenomenon, associated with case study methodologies and document analysis, in addition to the semi-structured discursive interview technique.

Keywords: Brazilian foreign policy; Peacekeeping operations; Minustah; Haiti; Transfer of public policies.

1 Introdução

Em abril de 2004, o Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou, por meio da Resolução 1542, o estabelecimento de uma operação de paz cujo propósito seria gerenciar a crise no Haiti desencadeada pela queda do presidente Jean-Bertrand Aristide (2001-2004), que levou o país a um colapso político e social. Como parte dos acordos da época, o comando militar da missão em campo seria oferecido ao Brasil, que ficaria responsável por executar um robusto mandato. No entanto, na conjuntura paralela à Minustah³ – o nome dado à operação de paz –, o Estado brasileiro implementou uma ampla agenda de cooperação internacional bilateral e triangular, que transferiu ao Haiti uma série de políticas públicas para, segundo o projeto, promover desenvolvimento socioeconômico, atenuando, assim, os problemas primários que causam os conflitos, como pobreza e fome.

Desta forma, a Minustah não foi gerenciada pelo Ministério das Relações Exteriores apenas para o cumprimento do mandato da operação: a missão representaria uma importante janela de oportunidades para a política externa brasileira para além das questões de segurança internacional. Assim sendo, foi possível internacionalizar diversas políticas públicas sociais, como propostas derivadas do Programa Fome Zero, ainda que os resultados efetivos possam ser questionados⁴.

³ Do francês *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*. Assim que o Conselho de Segurança da ONU aprovou a criação da operação, o então presidente francês, Jacques Chirac, teria oferecido a Luiz Inácio Lula da Silva que o Brasil comandasse o componente militar da operação. Diante disso, em maio de 2004 os deputados federais aprovaram o envio das tropas, mesmo diante dos votos contrários dos parlamentares de quatro partidos de oposição (PFL, PSDB, PDT e Prona) e de duas legendas da base governista (PPS e PV). A partir do aval do Congresso, o país ficou autorizado a enviar ao Haiti um contingente composto por 1.200 soldados, além de veículos blindados e caminhões.

⁴ A mensuração dos resultados da cooperação internacional, bem como do próprio componente militar da missão, é um tema complexo, uma vez que as narrativas criadas pelo Estado brasileiro e pelos atores envolvidos no processo tendem a ser positivas e a silenciar eventuais críticas. Um dos problemas percebidos no decorrer da realização desta pesquisa é que a transferência internacional de políticas públicas contou com recursos insuficientes para deixar um legado de longo prazo para o Haiti, o que levou a uma descontinuidade dos projetos.

O fato é que, a partir desta perspectiva, podemos considerar que esse formato de atuação em uma missão de paz diz respeito à necessidade de o Brasil, à época, ampliar o alcance de sua estratégia de política externa, atuando com elementos de cooperação para o desenvolvimento sob a justificativa de que, desta forma, seria possível investir em formas de assegurar a paz sustentável (BRACEY, 2011). Nesse aspecto, a contribuição do país para a segurança coletiva ocorreria a partir de uma diferente daquela utilizada pelas potências do Hemisfério Norte, normalmente associada à imposição da ordem. Segundo Milani e Pinheiro (2013), países considerados emergentes normalmente utilizam temas de baixa política, como cultura, cooperação para o desenvolvimento e educação, como parte fundamental das estratégias de projeção de poder em âmbito regional e global – motivo pelo qual a transferência das experiências de políticas públicas foi utilizada no contexto paralelo à missão de paz de uma forma tão ampla. Essa perspectiva corrobora a visão de alguns autores para os quais a política externa brasileira tem sido instrumentalizada em função do desenvolvimento socioeconômico (OLIVEIRA, 2013; PENNA FILHO, 2006).

Com base nessa perspectiva, argumentamos que a justificativa para a estratégia de cooperação é balizada no entendimento de que o enfrentamento de um determinado problema doméstico oferece experiência e subsídio para a correção de um problema similar ocorrido em outro país. Diante disso, o conceito de desenvolvimento social está diretamente relacionado à construção de um ambiente de bem-estar social em múltiplos níveis, como redução da miséria, inclusão de grupos minoritários, garantia de acesso digno à saúde pública e água potável, segurança alimentar, dentre outros. Isso reforça a ideia de que determinadas políticas públicas nacionais podem ser estrategicamente convertidas em elementos de política externa, que chegam ao país receptor dessas iniciativas por meio da cooperação internacional. Os dados

Pode-se dizer que, a despeito da narrativa oficial, o próprio trabalho militar de estabelecimento da ordem pode ser questionado, dada a realidade haitiana posterior ao encerramento da Minustah, o que inclui o retorno dos conflitos internos e o assassinato do presidente do país, Jovenel Moïse, em julho de 2021. Até mesmo as denúncias quanto a eventuais desvios de conduta por parte das tropas da ONU são silenciadas. Reforçamos, no entanto, que não é objetivo deste artigo discutir essas questões.

da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) indicam que durante todo o período de vigência da Minustah, ou seja, entre 2004 e 2017, o Brasil celebrou 114 acordos de cooperação com o Haiti, o maior volume de todo o Caribe no período e o terceiro maior da América Latina, atrás apenas de Paraguai e Peru. Esses dados serão detalhadamente discutidos neste artigo.

Assim sendo, a transferência internacional desse conjunto de experiências sugere que, de fato, sua internacionalização tenha sido intencionalmente articulada na conjuntura da Minustah como um instrumento de *softpower* (FARIA; MENDONÇA JÚNIOR, 2015), estratégia que se estendeu nas gestões Lula, Dilma e Temer, com maior ênfase no ano de 2010. Podemos compreender, então, que a operação de paz no Haiti precisa ser analisada em um contexto mais amplo e não restrito à agenda de segurança estabelecida pelo mandato do Conselho de Segurança em si, uma vez que a paz sustentável deve levar em consideração os processos pós-conflitos (TSCHIRGI, 2005), debate que passa pelo nexo-causal entre desenvolvimento e segurança⁵.

Partindo dessas considerações iniciais, o objetivo central deste artigo é investigar o uso das políticas públicas sociais brasileiras como recurso da política externa brasileira aplicada à Minustah (2004-2017), de modo a compreender como a agenda doméstica pode ser articulada para a lógica da cooperação internacional para o desenvolvimento nessa conjuntura paralela ao mandato da missão de paz. A hipótese a ser validada é que o Estado brasileiro aproveitou a janela de oportunidades⁶ aberta pela operação de paz, e pelo prestígio que o país adquiriria no âmbito ONU por assumir o comando militar das tropas, para aprofundar as relações bilaterais e triangulares com o Haiti e transferir políticas públicas sociais como parte das estratégias de políticas externas⁵. Assim, o Brasil poderia demonstrar capacidade de enfrentar as causas primárias que geram os

⁵ Sobre essa discussão, ler: SANAHUJA; SCHÜNEMANN (2012).

⁶ “Janela de oportunidades” deve ser entendido, neste estudo, como um conceito do campo de políticas públicas, considerado o momento mais provável para inserir um determinado tema na agenda do Estado a partir da conjunção de elementos contextuais favoráveis; nesses casos, os *inputs* são inseridos no sistema, que os processa, transformando-os em *outputs*, ou seja, em programas. Sobre isso, ler EASTON (1957).

conflitos. O resultado é que, por conta dessa estratégia, o Haiti foi transformado em um dos principais destinos da cooperação brasileira no período, ainda que muitos resultados práticos tenham sido insatisfatórios para a correção dos problemas.

Quanto à metodologia, essa pesquisa foi realizada com base no *process tracing*, ou delineamento/mapeamento do processo, que consiste, basicamente, em um esforço de combinar uma série de técnicas e métodos para rastrear os traços de evidência de um determinado fenômeno, para reunir esses indícios e sustentar as hipóteses da pesquisa. Trata-se de um método predominantemente qualitativo, mas que pode ser utilizado em estudos multi-método (DUNNING, 2016), e que nos permite mapear o processo de elaboração dessa estratégia de política externa. Tal método foi empregado porque a transferência internacional de políticas públicas é considerada um fenômeno de difícil mensuração empírica (FARIA, 2012). Para superar a ausência de documentação oficial que indique claramente as intenções dessa estratégia, o *process tracing* permite a análise dos pedaços de evidências para, posteriormente, a construção de explicações causais e validação da hipótese de pesquisa (BENNET, 2004; BORGES, 2007), o que corresponde, metaforicamente, à articulação das peças que compõem um quebra-cabeças. As evidências, nesse caso, provêm de duas fontes: a base de dados da ABC, composta pelos acordos de cooperação internacional assinados entre o Brasil e o Haiti, e os indícios obtidos a partir da realização de entrevistas discursivas semiestruturadas⁷.

⁷ Para essa pesquisa, foram entrevistados os seguintes atores, elencados aqui em ordem alfabética e com a data de realização da entrevista: Ajax Pinheiro, general do Exército e *ex-force commander* da Minustah (março de 2021); Antonio Patriota, ex-ministro das Relações Exteriores (março de 2021); Carlos Alberto dos Santos Cruz, general e *ex-force commander* da Minustah (janeiro de 2021); Celso Amorim, ex-ministro das Relações Exteriores (agosto de 2019); Eugênio Vargas Garcia, ex-assessor do ministro das Relações Exteriores (fevereiro de 2021); Hussein Kalout, ex-secretário especial de Assuntos Estratégicos (fevereiro de 2021); Mauro Vieira, ex-ministro das Relações Exteriores (fevereiro de 2021); Milton Rondó Filho, ex-coordenador geral de Ações Internacionais de Combate à Fome do Ministério das Relações Exteriores (julho de 2019); Paulo Almeida, ex-coordenador da área internacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (janeiro de 2020); Ricardo Vendramin, general e ex-membro do DPKO da ONU (fevereiro de 2021); Rosilene Wansetto, socióloga e secretária-executiva da Rede Jubileu Sul (março de 2021).

2 O Haiti e a missão de paz

A Minustah não foi a primeira missão de paz criada pela ONU na tentativa de conferir estabilidade social e política ao Haiti – e não seria a última. Na década de 2000, no contexto pré-eleitoral, a violência política começou a gerar desordem interna, com assassinatos e tentativas de homicídios, protestos violentos e ataques a comitês eleitorais, gerando uma percepção de que a polícia nacional era ineficiente para atender às demandas da população e as investigações eram ideologicamente e politicamente aparelhada pelas lideranças políticas, gerando resultados duvidosos (ANTONINI, 2015).

Mesmo diante da vitória nas urnas, Jean-Bertrand Aristide enfrentava problemas de legitimidade, quadro que se agravou no início de 2004 e levou ao colapso social, político e econômico do país. A oposição questionava a honestidade do processo eleitoral, o que gerou pressões sociais contra o governo – quadro agravado pela insatisfação por conta do aumento da pobreza. Nesse contexto, grupos armados formados por ex-militares e milicianos começaram a praticar crimes para aumentar a insegurança e desestabilizar o governo, algo que se expandiu por diversas regiões do país. Aristide, então, exilou-se primeiro na República Centro-Africana e depois na África do Sul. Imediatamente após isso, o Conselho de Segurança aprovou a criação da Força Multinacional Provisória (FMP) por conta da deterioração das instituições e da crise humanitária. A FMP funcionou por três meses. Posteriormente, em 30 de abril de 2004, a ONU autorizou a criação da Minustah por conta da disseminação da violência e do colapso das instituições locais (SIMÕES, 2011). O mandato da missão incluía o desarmamento dos grupos em conflito, a promoção dos direitos humanos e a organização de eleições monitoradas por observadores internacionais (LEMAY-HÉBERT, 2015), e seria composta por uma força de 1.622 policiais e 6.700 militares (CS, 2004), provenientes da

Argentina, Benin, Bolívia, Brasil, Canadá, Chade, Chile, Croácia, França, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Portugal, Turquia e Uruguai.

Diferentemente das operações de paz autorizadas na década de 1990 para o país, a Minustah tinha como característica a ênfase dada à necessidade de promoção dos direitos humanos de múltiplos níveis (LEMAY-HÉBERT, 2015), o que justifica a escolha do Estado brasileiro em atuar com a exportação de experiências e metodologias de políticas públicas na conjuntura paralela às ações militares com o intuito de investir em formas de garantir a paz sustentável por meio da correção dos problemas estruturais que levam aos conflitos, como pobreza e fome – algo que já fazia parte das preferências do Itamaraty para as operações da ONU (BRACEY, 2011). É importante verificar que as missões de paz são legitimadas pelos capítulos VI e VII da carta de fundação da ONU, que respectivamente versam sobre a anuência das partes envolvidas e a outorga da paz. Ocorre que a Constituição Federal brasileira de 1988 teoricamente veta que o país se engaje em missões aprovadas no capítulo VII, por conta da necessidade de respeito à autodeterminação dos povos e da solução pacífica de conflitos. Nesse aspecto, há uma polêmica envolvendo a Minustah. Esse empreendimento foi aprovado de acordo com as normas justamente do capítulo VII; porém, o governo brasileiro, à época, adotou a interpretação de que apenas uma parte da resolução era claramente ligada a esse artigo, enquanto o restante do documento poderia ser considerado justificável pelo capítulo VI (PIMENTEL; REIS, 2016; SOUZA NETO, 2012). Trata-se, portanto, de uma construção narrativa empregada para garantir que o Congresso brasileiro votasse favoravelmente ao envio de tropas, entendimento que modificou o posicionamento histórico do Brasil quanto às missões de paz (SEITENFUS, 2017).

A resolução do Conselho de Segurança (CS, 2004) estrutura a Minustah em três eixos centrais. Primeiramente, a proposta era criar condições para garantir um ambiente social seguro, com a aplicação de estratégias de desarmamento, desmobilização e reintegração dos grupos

armados à sociedade. Em segundo lugar, seria necessário buscar meios para assegurar a realização de eleições democráticas livres. Por fim, os trabalhos deveriam garantir a preservação dos direitos humanos da população haitiana (AGUILAR; MORATORI, 2011). Parte da literatura, a partir disso, considera que a operação era ambiciosa e ampla, principalmente porque parte dos objetivos não seriam atingidos somente com o contingente militar (LE CHEVALLIER, 2011). Essa característica da Minustah ajuda a compreender o motivo de o Brasil ter encontrado uma janela de oportunidades para investir em cooperação internacional e transferência internacional de políticas públicas.

Ainda que os documentos oficiais, os pronunciamentos da época e as entrevistas realizadas para este estudo indiquem que o objetivo do engajamento brasileiro na operação tenha sido o desenvolvimento social e econômico haitiano, a imprensa especulou amplamente que o interesse brasileiro era demonstrar capacidade política e militar para solucionar conflitos, o que eventualmente poderia contribuir para uma futura candidatura a uma vaga permanente do Conselho de Segurança – tese refutada, dentre outros, pelo ex-ministro das Relações Exteriores (2003 a 2010) e da Defesa (2011 a 2015) Celso Amorim⁸, que esteve à frente do Itamaraty na ocasião da aprovação da Minustah. Ainda que haja essa inconsistência nas narrativas, é possível sublinhar que, para o Estado brasileiro, a operação também acabou projetando o alcance geopolítico do país brasileiro na América Latina e Caribe. Essa percepção reforça a ideia de que a Minustah, para o Brasil, também correspondeu a uma busca regional para problemas regionais (HIRST, 2011) – o que corrobora a visão de parte dos atores militares de que havia sim uma articulação política e militar para usar a Minustah como forma de projetar internacionalmente o Brasil no continente: para este estudo, foram entrevistados os generais Ajax Pinheiro⁹, *force commander* da Minustah entre outubro de 2015 e outubro de 2017,

⁸ A entrevista com o ex-ministro Celso Amorim foi realizada presencialmente, em agosto de 2019, nas dependências da Universidade Federal do ABC (UFABC), no campus São Bernardo do Campo. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 36 minutos.

⁹ A entrevista com o general Ajax Pinheiro foi realizada de forma virtual, em março de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 57 minutos.

Carlos Alberto dos Santos Cruz¹⁰, *force commander* da operação entre janeiro de 2007 e abril de 2009, e Ricardo Vendramin¹¹, que serviu no departamento de missões de paz das Nações Unidas entre 2009 e 2013 e comandou o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) entre 2013 e 2016. Em paralelo a isso, atores diplomáticos consideram, também, que a operação foi fundamental para reforçar à comunidade internacional que o país seguia uma tradição antiga de alinhamento com a ONU para a solução de conflitos por meio do multilateralismo. Essa é a visão do já citado Celso Amorim e também do ex-ministro das Relações Exteriores Mauro Vieira¹², que ocupou o posto de chanceler entre janeiro de 2015 e maio de 2016. Para Antonio Patriota¹³, ministro das Relações Exteriores entre janeiro de 2011 e agosto de 2013, esse cenário poderia conferir prestígio internacional ao Brasil.

Independentemente das motivações brasileiras, o cenário de crise permaneceu no Haiti após o início da operação, sobretudo por conta das dificuldades que o país enfrentava para fortalecer as instituições e criar consenso entre os grupos políticos para nomear um primeiro-ministro com capacidade de governabilidade¹⁴. Além disso, as questões humanitárias geravam pressões contra o governo local, principalmente após o desencadeamento do terremoto de 2010, que impôs novos desafios, como uma epidemia de cólera, colocando uma parcela consideravelmente grande da população dependente da suposta ajuda externa promovida por ONGs e por acordos bilaterais, como os firmados com o Brasil. É importante verificarmos que o abalo sísmico marca um ponto de virada no modo como a população haitiana via a Minustah, e até mesmo os esforços bilaterais para a cooperação internacional: até 2009 havia uma percepção da opinião

¹⁰ A entrevista com o general Carlos Alberto dos Santos Cruz foi realizada de forma virtual, em janeiro de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 33 minutos.

¹¹ A entrevista com o general Ricardo Vendramin foi realizada de forma virtual, em fevereiro de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 45 minutos.

¹² A entrevista com o ex-ministro Mauro Vieira foi realizada de forma virtual, em fevereiro de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 40 minutos.

¹³ A entrevista com o ex-ministro Antonio Patriota foi realizada de forma virtual, em março de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 1 hora e 8 minutos.

¹⁴ Parte dos problemas tem relação com a falta de servidores públicos de carreira, que poderiam dar continuidade aos projetos, à falta de recursos financeiros e materiais, e às dificuldades específicas associadas ao poder Judiciário, algo que criava impedimentos para a aplicação das leis penais e para o estabelecimento da ordem interna.

pública de que a operação era positiva, ainda que houvesse críticas (MACIEL, 2018); após o terremoto, as visões se tornaram mais ásperas quanto à eficiência da missão de paz, que passou a ser vista como insuficiente para resolver os problemas locais e, diante disso, o discurso quanto à saída das tropas passou a ser mais frequente (MACIEL, 2018).

Finalmente, em abril de 2017, as Nações Unidas optaram por finalizar a operação de paz, sob a alegação de que o mandato já havia sido concluído, embora fosse necessária a manutenção do suporte internacional para não permitir retrocessos. Assim, a Minustah deu lugar à Missão das Nações Unidas para o Apoio à Justiça no Haiti (Minujusth), iniciada em outubro de 2017 com o propósito de fortalecer o Judiciário e as instituições de Justiça, desenvolver a polícia local e o monitoramento o cumprimento de práticas dos direitos humanos (CS, 2017).

3 O conceito de transferência internacional de políticas públicas

O debate conceitual sobre a transferência internacional das experiências e metodologias de implementação de políticas públicas ainda se encontra em consolidação na literatura nacional, uma temática considerada transversal uma vez que perpassa as áreas de Ciência Política, Gestão Pública e Relações Internacionais. Todavia, aos poucos constrói-se a percepção de que uma determinada política pública extrapola as fronteiras nacionais e é levada a outro país, que a adapta e implementa como forma de solucionar um problema similar. Desta forma, considera-se que duas ou mais nações podem enfrentar desafios relativamente semelhantes, e que, por isso, a expertise desenvolvida por um governo pode servir como experiência e inspiração para outro Estado. Sendo assim, o contexto paralelo às ações militares da operação da ONU no Haiti pode ser compreendido a partir do modelo adotado para a cooperação bilateral e trilateral, que transportou para o país caribenho diversos projetos inspirados em políticas públicas brasileiras.

O início dos estudos sobre transferência de políticas públicas está atrelado a pesquisadores dos Estados Unidos e Europa Ocidental, que na década de 1960 passaram a se atentar para o modo como as inovações políticas de um determinado país estavam sendo empregadas por governos vizinhos (DOLOWITZ, 2017) em um complexo processo envolvendo os interesses dos diversos *policy makers* relacionados ao contexto doméstico e internacional, tais como chefes de Estado e de governo, ministros, burocratas dos mais diversos escalões e servidores públicos. Gradativamente, esses estudos levaram à constatação de que existe uma forte relação de interdependência entre os Estados, fazendo com que as ações de um determinado governo afetem outros países, de forma voluntária ou por meio de coerção. Isso significa que, em algumas oportunidades, certas políticas públicas são adotadas por uma nação por conta das pressões exercidas por outros atores internacionais (JAMES; LODGE, 2003).

Do ponto de vista conceitual, a transferência internacional de políticas públicas pode ser compreendida como o complexo processo de obtenção de conhecimento de um governo ou instituição por meio da cooperação (DOLOWITZ; MARSH, 1996), gerando intercâmbio de ideias, experiências e projetos em áreas diversas. Isso ocorre porque os problemas enfrentados por um Estado não são exclusivos, ainda que apresentem particularidades relacionadas ao contexto local. Seja como for, países apresentam desafios pelo menos similares inclusive no que diz respeito a questões socioeconômicas. Logo, se os problemas são semelhantes, as políticas públicas criadas para corrigi-los podem ser igualmente similares (ROSE, 1991). Assim, ao invés de buscar soluções completamente inovadoras, governos podem aprender com as experiências externas (ROSE, 1993, p.3), “importando” as soluções (BENSON, 2009, p.4) por meio da cooperação internacional. Portanto, como forma de projeção internacional, alguns Estados adotaram a estratégia de se apresentarem como fornecedores ou doadores de políticas públicas, como ocorreu com o Brasil na conjuntura das décadas de 2000 e 2010 no que diz respeito à

América Latina e África, especialmente na temática do combate à fome, por meio de programas de agricultura familiar, alimentação escolar e segurança alimentar.

Parte da literatura argumenta que a cooperação para o desenvolvimento socioeconômico se tornou um dos pontos centrais da política externa brasileira a partir da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, ocupando uma posição de destaque inclusive na diplomacia presidencial e nos acordos bilaterais e multilaterais com países em desenvolvimento (CUNHA, 2010). Com base nessa perspectiva, o Haiti se transformou no principal destino da cooperação internacional brasileira no Caribe, e um dos maiores da América Latina, atrás apenas de Paraguai e Peru. Tais iniciativas de política externa, podemos afirmar, compreendem que a concessão de ajuda humanitária está condicionada à percepção do país doador de que a ação se justifica pelo nexos causal entre segurança e desenvolvimento: é justamente pela transferência de políticas públicas que se pode contribuir para a construção de um cenário de paz duradoura – sem o qual, por exemplo, os objetivos do mandato da Minustah não seriam obtidos.

Antes de analisarmos os projetos de cooperação entre Brasil e Haiti no período, tema da próxima seção deste artigo, cabe ressaltar que nem toda transferência internacional de políticas públicas obtém resultados considerados satisfatórios, uma vez que eventualmente a iniciativa implementada em território estrangeiro pode falhar. Dolowitz e Marsh (1996) indicam que o fracasso pode estar associado ao fato de que o Estado receptor da política pública pode não ter informações adequadas sobre o gerenciamento da política, a implementação apenas parcial do projeto, deixando de lado algum elemento fundamental, e certas diferenças cruciais entre os países, o que impede o sucesso. Essa é uma consideração importante porque há inúmeras críticas relacionadas aos resultados da cooperação entre Brasil e Haiti. Vamos abordar algumas das falhas no processo mais adiante.

4 A cooperação entre brasil e haiti na conjuntura da MINUSTAH

Conforme já discutimos nas seções anteriores, durante o período em que a Minustah esteve ativa, o Estado brasileiro ocupou a posição de *force commander* da operação, cumprindo com os objetivos propostos pelo mandato – sobretudo a promoção da ordem interna (CS, 2004) –, mas, em paralelo às ações militares, empregou ações de cooperação, mediante a exportação de projetos de políticas públicas como forma de impulsionar o desenvolvimento local. Logo, a missão de paz foi uma janela de oportunidades para o Itamaraty que permitiu, para o Brasil, uma atuação com elementos típicos da assistência humanitária e cooperação técnica (SIMÕES, 2011). O grande desafio para compreendermos a transferência internacional de políticas públicas é que, apesar dos registros oficiais contidos na base de dados da ABC, as intenções do Estado brasileiro não aparecem na documentação oficial, motivo pelo qual optamos por empregar a técnica de entrevista discursiva semiestruturada neste estudo. Desta forma, pudemos compreender, a partir dos depoimentos, certas questões cruciais para a análise do processo que não estão inseridas nos documentos.

Diplomatas que ocuparam postos centrais no Ministério das Relações Exteriores durante a Minustah confirmam que, desde o início da operação da ONU, havia uma cooperação entre as frentes civil e militar para resultar na reconstrução do Haiti. Dentre esses atores, podemos destacar a conclusão do já mencionado Celso Amorim, para quem não houve, no período, uma orientação clara da presidência da República para que as ações paralelas incorporassem uma transferência de experiências de políticas públicas – lembrando que ele atuou nos governos Lula (no Ministério das Relações Exteriores) e Dilma (no Ministério da Defesa). Milton

Rondó Filho¹⁵, diplomata aposentado e que exerceu o cargo de coordenador da Coordenadoria Geral de Combate à Fome (CGFome) do Itamaraty, por sua vez, afirma que houve sim, ao menos em determinados momentos do governo Dilma, tais orientações do Palácio do Planalto, principalmente no que diz respeito a ações internacionais de combate à fome no Haiti. Essa percepção converge com o que foi dito pelo ex-ministro Mauro Vieira, citado anteriormente, para quem havia uma preocupação por parte do Estado para que os trabalhos brasileiros na Minustah não se restringissem aos elementos de segurança, pois era necessário buscar meios de promover a paz sustentável. A ausência de uma percepção convergente e uniforme pode estar relacionada ao fato de que não houve a oficialização da cooperação para o desenvolvimento na documentação oficial e nem a incorporação dessa narrativa nos discursos dos atores políticos e diplomáticos à época. Uma das hipóteses é que essa omissão se deve ao fato de que operações de paz não são articuladas em torno do desenvolvimento socioeconômico, mesmo que fique nítido, a partir dos dados da ABC, que tenham ocorrido ações de transferência de experiências de políticas públicas, conforme reforça em entrevista o ex-ministro Antonio Patriota.

A partir de toda essa problematização, é possível analisar a missão de paz, bem como as ações paralelas, a partir de uma dinâmica tridimensional, pela qual devemos verificar o componente de segurança (claramente exposto no mandato da operação), os esforços para estabilização política (que inclui o fortalecimento das instituições e o *rule of law*) e o desenvolvimento econômico e social, e a transferência internacional de políticas públicas de forma bilateral ou triangular, conforme ressalta o diplomata Eugênio Vargas Garcia¹⁶, que no início da Minustah ocupava o posto de assessor do ministro Celso Amorim. Esse modo de atuação advém da percepção do governo e de diplomatas de

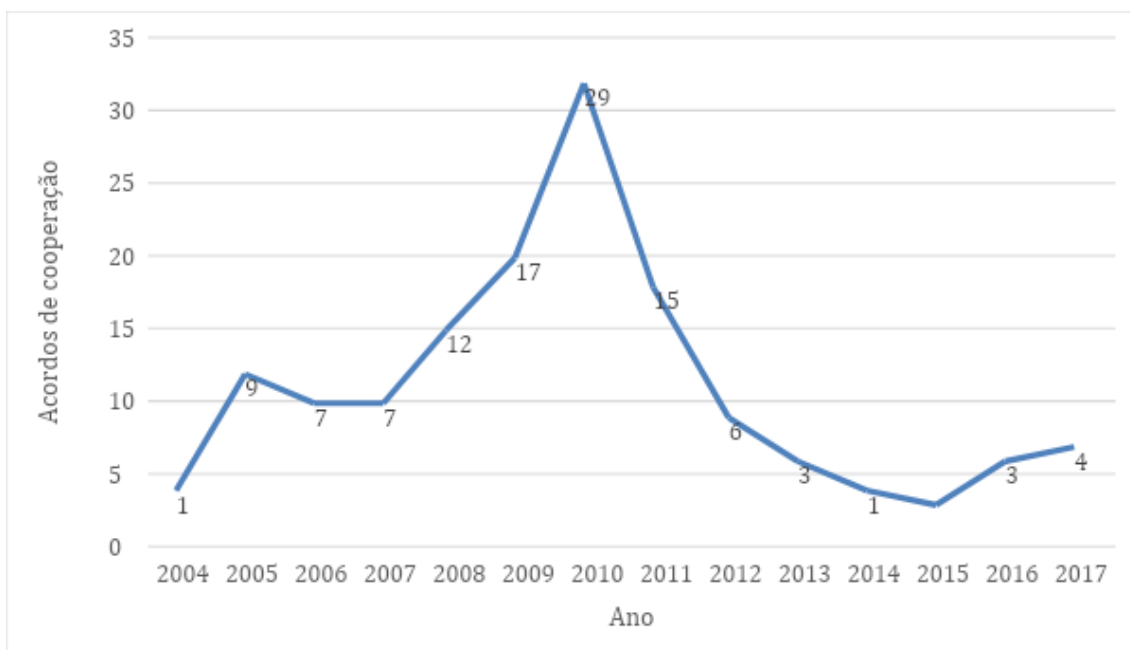
¹⁵ A entrevista com o ex-coordenador da Coordenadoria Geral de Combate à Fome, Milton Rondó Filho, foi realizada presencialmente, em julho de 2019, nas dependências do Aeroporto Internacional de Cumbica, em Guarulhos (SP). A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 33 minutos.

¹⁶ A entrevista com o diplomata Eugênio Vargas Garcia foi realizada de forma virtual, em janeiro de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 53 minutos.

que, por ser um país pobre, com problemas no processo de desenvolvimento e socialmente desigual, o Haiti carecia de ações de cooperação para o desenvolvimento por conta do nexo causal discutido anteriormente. As ações intermediadas pela ABC, portanto, se justificam pela ausência de condições locais para promover a segurança interna devido à baixa capacidade de o Haiti promover desenvolvimento econômico e direitos humanos sem a ajuda externa (FELDMANN; MONTES, 2008).

A análise dos dados da ABC indica que, entre 2004 e 2017, enquanto a Minustah esteve ativa, o Brasil celebrou 114 acordos de cooperação internacional com o Haiti, conforme pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Evolução dos acordos de cooperação entre Brasil e Haiti (2004-2017)



Fonte: Elaboração do autor, a partir de ABC (2021).

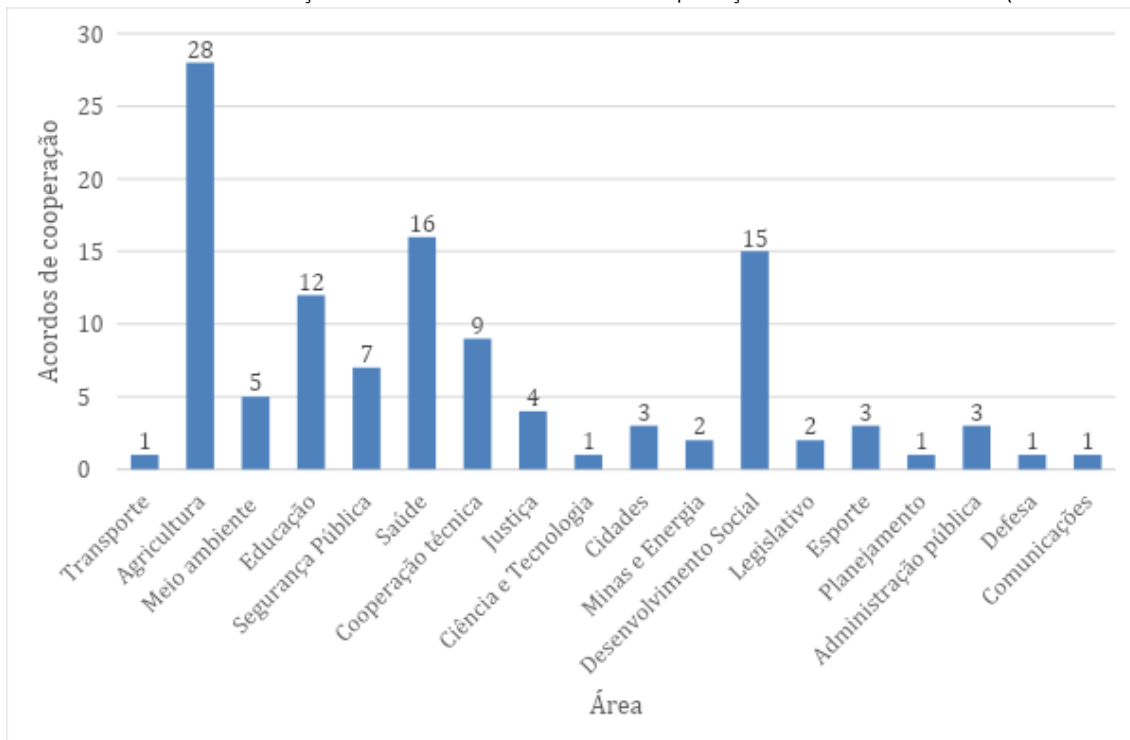
Esses projetos foram executados por 40 instituições direta ou indiretamente ligadas à administração federal, tais como universidades, empresas públicas e ministérios. A grande quantidade de participantes do processo de transferência de políticas públicas é justificada pelo caráter setorial das ações paralelas à Minustah: os atores envolvidos no processo identificavam demandas específicas que supostamente careciam de ajuda

internacional e, a partir disso, diferentes instituições eram acionadas pela ABC para executar as ações no Haiti (VALLER FILHO, 2007).

O Gráfico 2 ilustra que a área mais demandada, e que, por conseguinte, recebeu a maior parte dos projetos, foi *Agricultura* (28 projetos), seguida por *Saúde* (16 projetos), setores diretamente atrelados a perspectivas de desenvolvimento que correspondiam a esforços feitos internamente ao Brasil pela coalizão no poder a partir de 2003, como o Programa Fome Zero e seus desdobramentos. Alguns projetos da área *Agricultura* foram executados por técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), como as ações para transferência de tecnologias para cultivo sustentável como forma de impulsionar o plantio e gerar incrementos para a segurança alimentar; havia, aí, um esforço em levar ao Haiti experiências inspiradas no Programa Fome Zero¹⁷. Quanto à *Saúde*, houve projetos de controle e prevenção de doenças, especialmente após o terremoto de 2010 que disseminou epidemias e problemas sanitários (SIMÕES, 2011). Tais ações buscaram subsídios em estratégias nacionais implementadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

¹⁷ De uma forma geral, podemos destacar que, dentre os projetos ligados à área de Agricultura, há derivações do Programa Fome Zero nas áreas de agricultura familiar, aquisição de alimentos, plantio de culturas específicas em determinadas regiões do país, construção de cisternas, dentre outros.

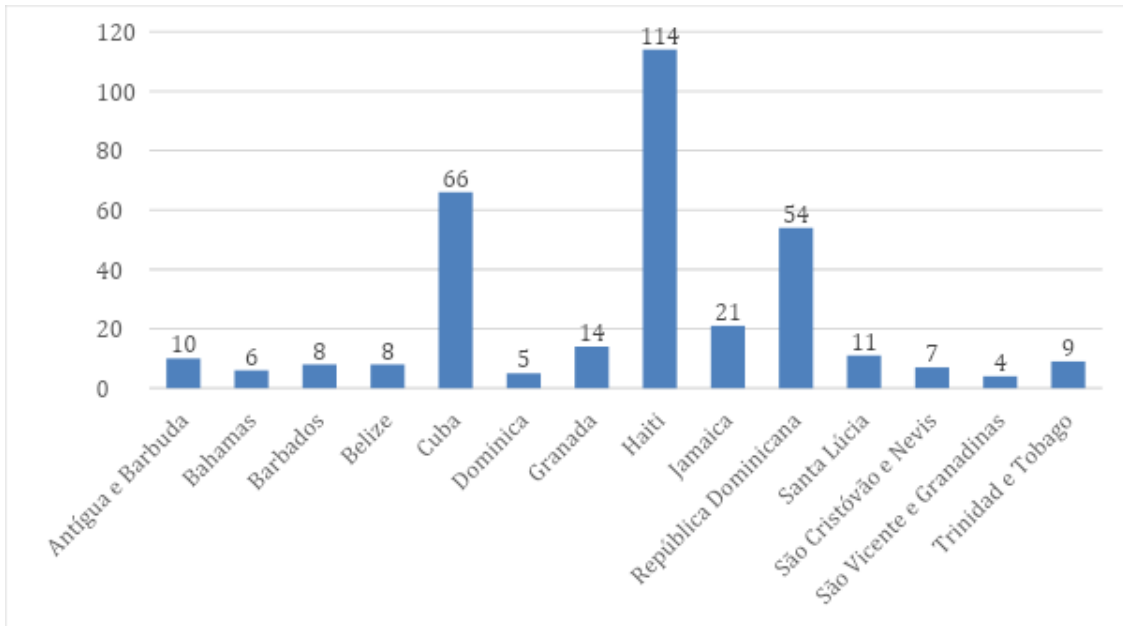
Gráfico 2 - Distribuição de área dos acordos de cooperação entre Brasil e Haiti (2004-2017)



Fonte: Elaboração do autor, a partir de ABC (2021).

A leitura dos dados da Agência Brasileira de Cooperação indica que o número de projetos de cooperação internacional assinados com o Haiti entre 2004 e 2017 corresponde a um terço de todos os acordos projetados entre o Brasil e os Estados caribenhos, conforme demonstra o Gráfico 3. Desta forma, constatamos que, na microrregião, o Haiti se firmou no período como o maior recipiente da cooperação internacional brasileira, comprovando a hipótese de que a missão de paz abriu uma janela de oportunidades para que a política externa brasileira atuasse paralelamente com transferência internacional de políticas públicas.

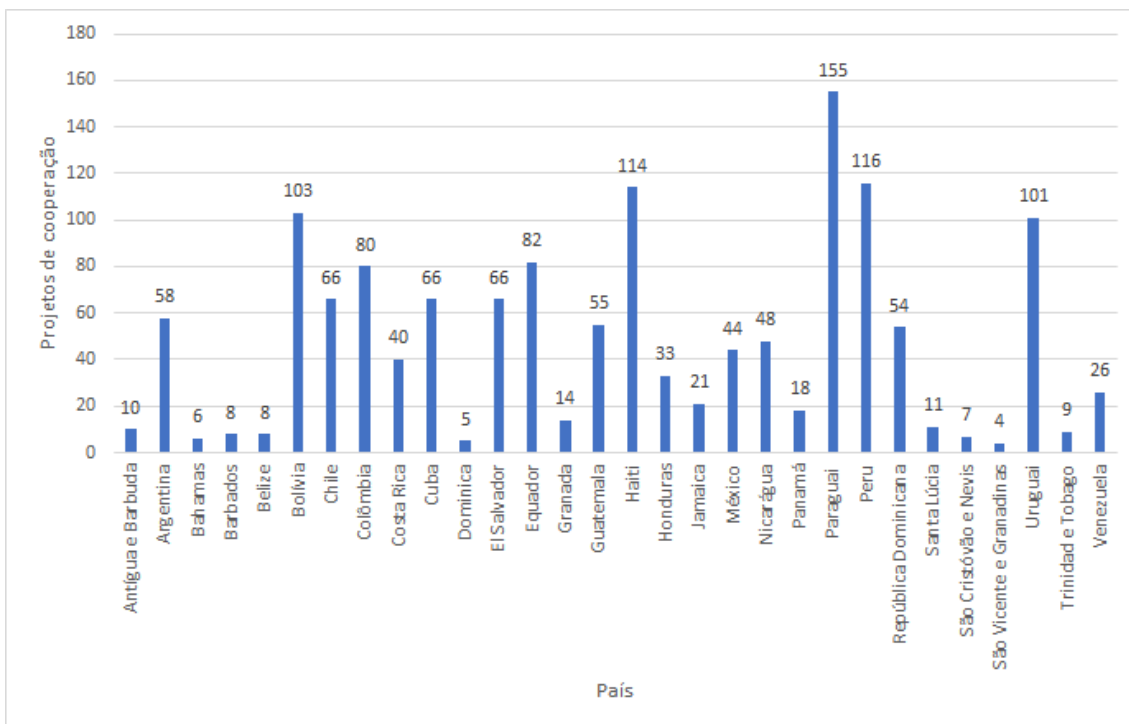
Gráfico 3: Cooperação com países do Caribe (2004-2017)



Fonte: Elaboração do autor, a partir de ABC (2021).

Ao expandir o foco da análise para a América Latina como um todo, percebe-se que, no período compreendido por esse estudo, o Brasil celebrou mais acordos de cooperação internacional com o Haiti do que com parceiros continentais considerados mais tradicionais, como Argentina, o terceiro maior destino do comércio exterior brasileiro no sistema internacional, e Uruguai – ou seja, dois membros fundadores do Mercosul. O Gráfico 4 mostra que as duas únicas nações latino-americanas que registraram um maior número de acordos de cooperação intermediados pela Agência Brasileira de Cooperação foram o Paraguai, com 155 projetos, e o Peru, com 116 acordos.

Gráfico 4: Acordos de cooperação entre Brasil e países da América Latina (2004-2017)



Fonte: Elaboração do autor, a partir de ABC (2021).

Essa leitura reforça a percepção de que, para além dos elementos de segurança internacional e imposição da ordem no Haiti, a operação de paz parece, de fato, ter oferecido a oportunidade de ampliar o alcance da cooperação internacional brasileira a ponto de o país ter sido utilizado como uma espécie de “laboratório” para a transferência internacional de políticas públicas – muitas das quais, posteriormente, seriam levadas para outros Estados, dentro da lógica da circulação e se valendo do suporte, muitas vezes, de recursos dos bancos de desenvolvimento, tais como Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Também é interessante verificar que, ainda que os resultados efetivos da transferência de políticas públicas possam ser questionados, entre 2004 e 2017, os dados econômicos indicam que houve um incremento do Produto Interno Bruto e do PIB *per capita* no Haiti: quanto ao primeiro indicador, o crescimento foi de US\$ 6,005 bilhões, em 2004, para 14,214 bilhões, em 2017, ano de encerramento da operação; o segundo saltou de

US\$ 650, em 2004, para US\$ 1.310, em 2017 (WORLD BANK, 2022). Além disso, os dados do Banco Mundial indicam que, no período de vigência da missão, houve um aumento, também, do percentual de crianças devidamente vacinadas, da população com acesso à água potável e de pessoas com acesso regular à energia elétrica; e, em contrapartida, houve queda de prevalência de HIV na população adulta, mortalidade infantil (WORLD BANK, 2022). Uma possível explicação para a melhoria dos indicadores é o eventual reflexo das ações de promoção de desenvolvimento socioeconômico – que, segundo as visões críticas, tiveram efeitos pontuais e limitado, o que fez com que, após o encerramento da operação, os indicadores positivos caíssem (WORLD BANK, 2022).

No entanto, é fundamental compreendermos que, a partir da perspectiva teórica de que as ações de transferência de políticas públicas podem falhar, conforme discutimos anteriormente, a atuação brasileira no Haiti, no período de 2004 a 2017, também apresenta uma série de inconsistências e descontinuidades. Alguns dos atores entrevistados para a realização desta pesquisa indicaram possíveis causas para o problema: Milton Rondó Filho destaca a escassez de recursos financeiros para os projetos de cooperação, o que tornou os projetos limitados e inviáveis no longo prazo, enquanto Celso Amorim destaca, além da falta de orçamento, as dificuldades institucionais do Haiti que criaram obstáculos para a execução adequada de alguns dos acordos. Por conta dessas limitações, parte da literatura considera que o maior problema é que os projetos intermediados pela ABC não resultaram em *capacity building*, ou seja, na transformação da realidade local por meio do treinamento eficaz das pessoas e a implementação de um plano de ações de longo prazo – ainda que tivessem essa potencialidade (FERREIRA; FONSECA, 2017). Em contrapartida a esse modelo de cooperação estruturante, o Ministério das Relações Exteriores teria trabalhado com cooperação tradicional na maior parte dos 114 acordos, desenvolvendo, desta forma, programas pontuais para minimizar o impacto de certos problemas, como a fome.

Essa é uma observação comumente presente nas entrevistas realizadas com atores críticos aos trabalhos do Brasil naquele contexto. Nesse sentido, podemos resgatar as ponderações de Rosilene Wansetto¹⁸, socióloga e secretária-executiva da Rede Jubileu Sul, uma organização social formada por dezenas de movimentos sociais latino-americanos, inclusive haitianos. Para ela, o grande problema foi o modelo de cooperação adotada pelo Itamaraty, sobretudo por levar ao Haiti um conjunto de projetos pré-definidos para o país, sem levar em consideração as demandas e as dificuldades locais, adotando uma postura considerada por ela similar à imperialista e tecnicamente relacionada à lógica *top-down*, pela qual o país receptor de tais políticas tem pouca voz ativa no processo de construção das soluções propostas pela outra nação ou pelos organismos internacionais – o que cria uma relação vertical entre os atores, e não horizontal¹⁹. Essa prática teria dificultado o processo de implementação das políticas públicas e levado à não-construção de uma cooperação estruturante. Paulo Almeida²⁰, ex-coordenador do setor internacional do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), organização integrante da Via Campesina e que trabalhou no Haiti com políticas de combate à fome e agricultura familiar, em diálogo com a CGFome, concorda com a crítica de Wansetto, e ressalta, ainda, que muitas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos receberam pouca atenção da cooperação brasileira. Nessas localidades, afirma, a implementação de políticas públicas a partir de experiências nacionais ocorria principalmente por conta do trabalho de ONGs, e não do Estado brasileiro.

Buscamos, além disso, entrevistas com três ex-primeiros-ministros haitianos, que não responderam às inúmeras solicitações, e um ex-ministro

¹⁸ A entrevista com a socióloga Rosilene Wansetto, secretária-executiva da Rede Jubileu Sul, foi realizada de forma virtual, em março de 2021. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 38 minutos.

¹⁹ É interessante ressaltar que o mandato da Minustah enfatiza que a missão foi aprovada pelo Conselho de Segurança pelas normas do Capítulo VII da Carta da ONU, o que permitiu ao órgão criar a missão para impor a paz, mesmo sem a anuência do Haiti. Isso nos permite problematizar que, desde sua aprovação, a Minustah tratou o Haiti como um país que precisa ser ajudado, mesmo que de forma contrária à vontade de alguns atores políticos domésticos.

²⁰ A entrevista com o ex-coordenador do MST Paulo Almeida foi realizada de forma virtual, em janeiro de 2020. A gravação está registrada em formato .mp3, com duração de 42 minutos.

de Relações Exteriores do país, que preferiu não ser ouvido por estar afastado da atuação diplomática há alguns anos.

Diante do que foi discutido nesta seção, é possível inferir, portanto, que a cooperação internacional com o Haiti, na conjuntura paralela às ações militares da missão de paz, assumiu um caráter importante para a política externa brasileira do período, dado o número de acordos firmados com o país caribenho – número superior ao de qualquer outro Estado da região, inclusive Cuba, e dado o total de atores parceiros envolvidos nesses projetos, que atuaram para viabilizar as iniciativas de transferência internacional de políticas públicas realizadas pelo Brasil. Isso significa que o Estado brasileiro, por meio da Agência Brasileira de Cooperação, articulou ações de cooperação com o intuito de promover desenvolvimento socioeconômico aos haitianos, sobretudo por meio da transferência internacional de políticas públicas. Tudo isso indica que o Haiti, de fato, esteve à frente dos esforços da cooperação brasileira, ocupando uma posição de destaque no período por conta do impulso dado pela operação de paz das Nações Unidas. Todavia, é necessário ressaltar que os investimentos no componente militar foram superiores aos recursos brasileiros destinados aos projetos de cooperação. A título de exemplo, logo após o terremoto, de janeiro de 2010, o governo federal enviou para apreciação do Congresso uma medida provisória autorizando um auxílio de quase R\$ 376 milhões para o Haiti, sendo que R\$ 205 milhões seriam provenientes do Ministério da Defesa, R\$ 135 milhões do Ministério da Saúde, R\$ 35 milhões do Ministério das Relações Exteriores e R\$ 600 mil do setor de inteligência da Presidência (RAMALHO; GOES, 2010).

5 Considerações finais

A partir da aplicação da metodologia do *process tracing*, pudemos reunir evidências que demonstraram o quanto o Estado brasileiro, de forma direta e indireta, articulou atores domésticos para transferir ao Haiti um

vasto conjunto de políticas públicas no contexto paralelo à Minustah, cujo propósito, em tese, seria promover desenvolvimento social e econômico. As entrevistas realizadas para este estudo oferecem traços de evidências que comprovam essa perspectiva. A maior parte dos entrevistados relacionados à formulação da política exterior, como diplomatas e ex-ministros, reconhece que houve, no período, uma orientação vinda do Palácio do Planalto para que a operação de paz fosse estrategicamente planejada para o cumprimento do mandato e, além disso, para a realização de esforços para o desenvolvimento socioeconômico. Nesse sentido, foram adotadas ações de transferência internacional de políticas públicas, algo fica evidenciado pela análise dos dados de projetos de cooperação elaborados pela Agência Brasileira de Cooperação. Os números mostram que, do ponto de vista quantitativo, o Haiti recebeu um tratamento especial entre 2004 e 2017 por parte da política externa brasileira.

Desta forma, podemos afirmar que nossa hipótese está comprovada. No período em que a missão de paz esteve ativa, o Estado brasileiro atuou na conjuntura paralela, a partir da janela de oportunidades aberta pela missão em si, para trabalhar com transferência internacional de políticas públicas, levando ao país caribenho um conjunto de iniciativas principalmente nas áreas de *Agricultura* e *Saúde*, teoricamente com o propósito de atenuar a fome e a miséria – e que tais iniciativas elevaram o Haiti a uma condição especial para a política exterior brasileira à época.

Entretanto, é necessário reconhecer que os efeitos concretos da transferência das experiências de políticas públicas podem ser considerados parciais e temporários – assim como o de determinados elementos do mandato da Minustah em si, como a construção da ordem social. Isso se deve ao fato de que, encerrada essa operação, o Conselho de Segurança precisou aprovar uma nova missão, uma vez que os problemas permaneciam. Mesmo que tenham ocorrido esforços de cooperação internacional – que, ressalva-se, envolveram também outros países e agências de cooperação –, as condições haitianas permanecem adversas e há desafios para a estabilização da ordem e de uma democracia

sustentável. A prova disso é que, em julho de 2021, o então presidente Jovenel Moïse foi assassinado em casa, em Porto Príncipe. O crime indica que, apesar dos acordos bilaterais e trilaterais envolvendo a promoção de valores democráticos, esse regime eleitoral ainda não foi consolidado: as instituições são frágeis e a violência política leva à desordem social e ao desrespeito dos direitos humanos.

De qualquer modo, devemos destacar que o esforço por transferência internacional de políticas públicas ao Haiti, no contexto paralelo às ações militares da Minustah, atingiu o ponto ápice no segundo mandato de Lula da Silva, especificamente em 2010, perdendo o impulso de forma gradual nas gestões Dilma e atingindo números baixos no curto mandato de Michel Temer. Depois que a operação foi encerrada, apenas seis projetos foram firmados pela ABC até 2018 – depois disso, não houve nenhum acordo. Isso sugere que, após o término do mandato da Minustah, o interesse do Estado brasileiro pelo Haiti cessou – mais uma evidência de que a operação de paz serviu como janela de oportunidades para a cooperação. Sem a missão, que, reforçamos, contou com a liderança militar brasileira, o esforço desapareceu.

6 Referências

ABC (Agência Brasileira de Cooperação). **Pesquisa de projetos: Haiti**, 2021. Disponível em: www.abc.gov.br/projetos/pesquisa. Acesso: 12 de novembro de 2022.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz; MORATORI, Mainá Domingues. Operações de paz e políticas públicas: o caso do Haiti. In: **Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais**, 5ª edição, 2011, Cascavel. **Anais**. Cascavel: Unioeste, 2011, s/p.

ANTONINI, Blanca. United Nations Civilian Police Mission in Haiti (MIPONUH). In: KOOPS, Joachim et al. (ed.). **The Oxford Handbook of Peacekeeping Operations**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BENNET, Andrew. Process tracing and causal inference. In: BRADY, Henry; COLLIER, David (ed.). **Rethinking social inquiry: diverse tools, shared standards**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2004.

BENSON, David. Review article: constraints on policy transfer. **CSERGE Working Paper EDM**, Norwich, n.. 09-13, p. 1-19, 2009. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/48824/1/615014267.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BORGES, André. Desenvolvendo argumentos teóricos a partir de estudos de caso: o debate recente em torno da pesquisa histórico-comparativa. São Paulo, **BIB**, n. 63, 2007, p. 47-59. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/302>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BRACEY, Djuan. O Brasil e as Operações de Manutenção da Paz da ONU: os casos Timor Leste e Haiti. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, n. 2, v. 33, 2011, p. 315-331. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/k6YfCdgfSZTVYk4jVpsKFgp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CS (Conselho de Segurança). **Resolution 1542**. CS Index: S/RES/1542, 30 abril 2004. Disponível em: <http://unscr.com/en/resolutions/1542>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CS (Conselho de Segurança). **Resolution 2350**. CS Index: S/RES/1542, 13 abril 2017. Disponível em <http://unscr.com/en/resolutions/2350>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CUNHA, Bianca Lazarini. A projeção internacional da estratégia Fome Zero. In: ARANHA, Adriana Veiga (org.). **Fome Zero: uma história brasileira**

(volume III). Brasília: Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome, 2010, p. 80-89.

DOLOWITZ, David. Transfer and learning: one coin two elements. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 36, n. 01, mar. 2017, p. 35-56. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S0101-3300201700010002>. Acesso em: 12 nov. 2022.

DOLOWITZ, David; MARSH, David. Who learns what from whom: a review of the policy transfer literature. **Political Studies**, v. 44, jun. 1996, p. 343-357. Disponível em:

<https://doi.org/10.1111/j.1467-9248.1996.tb00334.x>. Acesso em: 12 nov. 2022.

DUNNING, Thad. Improving process tracing: the case of multi-method research. In: BENNET, Andrew; CHECKEL, Jeffrey (ed.) **Process tracing: from metaphor to analytic tool**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

EASTON, David. An Approach to the Analysis of Political Systems. **World Politics**, v. 9, n. 3, 1957, p. 383-400. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2008920>. Acesso em: 12 nov. 2022.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. A difusão de políticas sociais como estratégia de inserção internacional: Brasil e Venezuela comparados. **Interseções**, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/8554>. Acesso em: 12 nov. 2022.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de; MENDONÇA JÚNIOR, Wilson. A cooperação técnica do Brasil com a África: comparando os governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Lula da Silva (2003-2010). **Revista Brasileira de Política Internacional**. São Paulo, n. 58, v. 1, 2015, p. 5-22. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7329201500101>. Acesso em: 12 nov. 2022.

FELDMANN, Andreas; MONTES, Juan Esteban. Haití: tribulaciones de un Estado colapsado. **Revista de Ciência Política**, v. 28, n. 1, 2008, p. 245-264. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0718-090X2008000100012&script=sci_abstract. Acesso em: 12 nov. 2022.

FERREIRA, José Roberto; FONSECA, Luiz Eduardo. Cooperação estruturante, a experiência da Fiocruz. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(7), 2017, p. 2129-2133. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017227.04412017>. Acesso em: 12 nov. 2022.

HIRST, Mônica. A reconstrução do Haiti: novos desafios para cooperação regional e o papel do Brasil. In: SEMINÁRIO BRASIL-NORUEGA: SOBRE PAZ E RECONCILIAÇÃO, 3ª edição, 2011, Brasília. **Anais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p. 63-78.

JAMES, Oliver; LODGE, Martin. The limitation of “policy transfer” and “lesson drawing” for public policy research. **Political Studies Review**, v. 1, 2003, p. 179-193. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1478-9299.t01-1-00003>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LE CHEVALLIER, Gerard. The Minustah experience. In: HEINE, Jorge; THOMPSON, Andrew S. **Fixing Haiti: Minustah and beyond**. Nova York: United Nations University Press, 2011, p. 117-125.

LEMAY-HÉBERT, Nicolas. United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH). In: KOOPS, Joachim; TARDY, Thierry; MACQUEEN, Norrie; WILLIAMS, Paul (ed.). **The Oxford Handbook of Peacekeeping Operations**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MACIEL, Tadeu Morato. **O papel do Brasil na “pacificação” e reconstrução do Estado haitiano através da Minustah**: a turva fronteira entre espaços de segurança nacionais e internacionais. Orientador: Gilberto Marcos Antonio Rodrigues. 2018. 432 páginas. Tese - Doutorado em Ciências

Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2018.

MILANI, Carlos; PINHEIRO, Letícia. Política externa brasileira: os desafios de sua caracterização como política pública. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292013000100001>. Acesso em: 12 nov. 2022.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. **Política externa brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2013.

PENNA FILHO, Pio. Estratégia de desenvolvimento social e combate à pobreza no Brasil. *In*: ALTEMANI, Henrique; LESSA, Antônio Carlos. **Relações internacionais no Brasil: temas e agendas – v. 2**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PIMENTEL, Pedro Chapaval; REIS, Rafael Pons. A inserção e a consolidação do Brasil no sistema internacional por meio da Minustah. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 3, 2016, p. 599-621. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v5i3.50548>. Acesso em: 12 nov. 2022.

RAMALHO, Antonio Jorge Rocha; GOES, Fernanda Lira. Aspectos do financiamento das operações de paz da ONU: implicações para a política externa brasileira. **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 2, 2010, p. 61-68. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4110/1/BEPI_n2_aspectos.pdf. Acesso em: 12 nov. 2022.

ROSE, Richard. **Learning from comparative public policy: a practical guide**. Londres: Routledge, 1993.

ROSE, Richard. What is lesson-drawing? **Journal of Public Policy**, v. 11, n. 1, 1991, p. 3-30. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4007336>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SANAHUJA, José Antonio; SCHÜNEMANN; Julia. El nexo seguridad-desarrollo: entre la construcción de la paz y la securitización de

la ayuda. In: SANAHUJA, José Antonio (org.). **Construcción de la paz, seguridad y desarrollo. Visiones, políticas y actores**. Madrid: Editora Complutense, 2012.

SEITENFUS, Ricardo. Brazilian and South American political and military engagement in Haiti. In: MAGUIRE, Robert; FREEMAN, Scott (ed.). **Who owns Haiti? People, power and sovereignty**. Tampa: University Press of Florida, 2017, p. 67-84. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctvx06xcf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SIMÕES, Antonio José Ferreira. Brasil e Haiti: parceria em busca de um futuro melhor. In: SEMINÁRIO BRASIL-NORUEGA: SOBRE PAZ E RECONCILIAÇÃO, 3ª edição, 2011, Brasília. **Anais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p. 11-28.

SOUZA NETO, Danilo Marcondes de. O Brasil, o Haiti e a Minustah. In: KENKEL, Kai Michael; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. **O Brasil e as operações de paz em um mundo globalizado: entre a tradição e a inovação**. Brasília: IPEA, 2012, p. 243-268.

TSCHIRGI, Necla. **Security and Development Policies: Untangling the Relationship**. Bonn: International Peace Academy, 2005.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e ação diplomática**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

WORLD BANK. **World Development Indicators Database: Haiti - GDP**. World Bank, 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/haiti?view=chart>. Acesso em: 12 nov. 2022.



O ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO HUMANO NO MERCOSUL

EL ENFRENTAMIENTO A LA TRATA DE PERSONAS EN EL MERCOSUR

FIGHTING HUMAN TRAFFICKING IN MERCOSUR

*Brenda de Paula Mendes Dominguez*¹ 

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Resumo: Esse artigo objetiva analisar na primeira parte como o tráfico de pessoas é tratado no Mercado Comum do Sul (Mercosul). Foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre o tema no Instituto de Políticas Públicas e Direitos Humanos (IPPDH), no recorte temporal de 1991-2020 a fim de abranger a evolução da agenda anti-tráfico no bloco. A segunda seção do artigo apresentará o conceito do tráfico humano, e a terceira seção analisará como o tema foi tratado no bloco a partir de uma cooperação essencialmente técnica, que pouco aborda os resultados de seus mecanismos. Por fim, será considerado que, apesar de o Mercosul ter se engajado na criação de protocolos e guias de cooperação técnica para beneficiar a implementação de políticas anti-tráfico eficazes nos países-membros, a ausência de harmonização nas políticas anti-tráfico nacionais, e na própria concepção dos países sobre o tráfico de pessoas, inviabiliza uma política única de enfrentamento ao tráfico humano no bloco.

Palavras-chave: Mercosul; Tráfico de pessoas; Cooperação regional; Direitos humanos.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar en la primera parte cómo se trata la trata de personas en el Mercado Común del Sur (Mercosur). Se realizó un levantamiento bibliográfico y documental en el Instituto de Políticas Públicas y Derechos Humanos (IPPDH), en el lapso de 1991 a 2020 para incluir la evolución de la agenda anti-trata en el bloque. La segunda sección del artículo presentará el concepto de trata de personas, y la tercera sección analizará cómo se trató el tema en el bloque a partir de

¹ Mestranda em Gestão Pública e Cooperação Internacional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Paulista (UNIP) de Campinas. E-mail: dominguezmpbrenda@gmail.com

una cooperación esencialmente técnica, que poco aborda los resultados de sus mecanismos. Finalmente, se considerará que, si bien el Mercosur se ha comprometido en la creación de protocolos y guías de cooperación técnica para favorecer la implementación de políticas efectivas contra la trata en los países miembros, la falta de armonización en las políticas nacionales contra la trata y en la propia concepción en cada país sobre la trata de personas, hace inviable una política única para combatir la trata de personas en el bloque.

Palabras clave: Mercosur; Trata de personas; Cooperación regional; Derechos humanos.

Abstract: This article aims to analyze how human trafficking is treated in the Southern Common Market (Mercosur). A bibliographic and a documentary survey on the subject was carried out at the Institute of Public Policies and Human Rights (IPPDH, its Spanish and Portuguese acronym), in the frame time of 1991-2020 in order to cover the evolution of the anti-trafficking agenda in the block. The second section of the article will present the concept of human trafficking, and the third section will analyze how the topic was treated in the bloc based on essentially technical cooperation, which barely addresses the results of its mechanisms. Finally, it will be considered that, although Mercosur has engaged in the creation of protocols and technical cooperation guides to benefit the implementation of effective anti-trafficking policies in member countries, the lack of harmonization in national anti-trafficking policies, and in the countries' own conception of human trafficking, it makes a single policy to combat human trafficking in the bloc unfeasible.

Keywords: Mercosur; Human trafficking; Regional cooperation; Human rights.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200648](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200648)

*Recebido em: 02/08/2022
Aprovado em: 26/12/2022
Publicado em: 31/12/2022*

1 Introdução

O processo de integração do Mercado Comum do Sul (Mercosul) entre os países da América do Sul foi iniciado na década de 1990, e moldado a partir da lógica neoliberal de integração como ampliação da capacidade de inserção internacional (BARRETO, 2020). Essa lógica guiou a movimentação dos países do cone sul em prol da integração, a fim de

maximizar seu poder de barganha, e sua capacidade de inclusão em processos de negociação e tomada de decisão nas organizações internacionais. Simultaneamente, o ativismo político anti-tráfico de grupos da sociedade civil galgava espaço na agenda internacional, para situar o enfrentamento ao tráfico de pessoas como prioridade (VENSON; PEDRO, 2013).

Do entrelaçamento entre esse ativismo e, principalmente, da necessidade dos Estados de proteger as fronteiras nacionais da migração ilegal e do crime organizado (VENSON; PEDRO 2013), foi criado no âmbito da Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional no ano de 2000 o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças, conhecido como Protocolo de Palermo.

Na tentativa de maximizar sua capacidade de inserção internacional, os quatro países-membros do Mercosul, naquela época Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, ratificaram o Protocolo de Palermo, e amplificaram suas ações para enfrentar o tráfico de pessoas doméstica e regionalmente. No entanto, ainda que o bloco tenha desenvolvido mecanismos de proteção à grupos vulneráveis como migrantes, crianças e adolescentes, informações do Relatório de Instrumentos sobre o Tráfico de Pessoas do Mercosul, divulgado pelo Instituto de Políticas Públicas e Direitos Humanos do Mercosul (IPPDH) em 2016, indicam que pouco se sabe sobre a efetividade e resultados dessas ações (IPPDH, 2016).

Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar como o enfrentamento ao tráfico de pessoas é tratado no Mercosul. Para isso, o desenvolvimento do artigo se dividirá em duas partes: a primeira seção apresentará o conceito de tráfico de pessoas, e situará a multidimensionalidade do fenômeno como fator crucial para inspirar o fortalecimento de uma agenda sólida e coletiva de combate no âmbito do Mercosul; e a segunda seção analisará como a agenda de anti-tráfico tem sido abordada no Mercosul, como a agenda anti-tráfico tem sido

implementada pelos países membros, salientando, sobretudo, a ausência de uma ação coletiva.

A abordagem utilizada na pesquisa é qualitativa de natureza exploratória, cujos principais procedimentos foram a revisão de literatura e levantamento documental. No levantamento bibliográfico foi observada uma carência de pesquisas sobre tráfico de pessoas no Mercosul. Especificamente no Brasil, o *boom* de pesquisas sobre o tema ocorreu após a ratificação do Protocolo de Palermo em 2004 por meio do Decreto Nº 5.017². Contudo, após a alteração do Código Penal por meio da Lei Nº 13.344, notou-se a escassez de pesquisas que abarquem esse novo cenário. Ao ampliar a busca para documentos em espanhol, essa mesma carência se repetiu, ainda que houvesse uma quantidade substancial maior de pesquisas sobre migração no bloco. Observou-se, também, que o Brasil e Argentina são os países do bloco com mais iniciativas de enfrentamento ao tráfico de pessoas, seja na formulação de políticas públicas domésticas ou na proatividade de expandir a agenda anti-tráfico para o bloco.

No levantamento documental, nota-se uma amplitude considerável de mecanismos de cooperação, como o “Mecanismo de Articulação para a Atenção a Mulheres em Situação de Tráfico Internacional de Pessoas”, e o “Guia MERCOSUL de Atenção a Mulheres em Situação de Tráfico de Pessoas para Fins de Exploração Sexual” que serão apresentados na segunda seção. Ambos os documentos são também referenciados no relatório do IPPDH “*Relevamiento de Instrumentos MERCOSUR en Materia de Trata de Personas*”, que será utilizado como uma das principais bases do artigo por relatar amplamente os principais mecanismos anti-tráfico do Mercosul no âmbito dos Direitos Humanos.

² BRASIL. Decreto n. 5.017 de 12 de março de 2004. Promulga o protocolo adicional à Convenção das Nações Unidas contra o crime organizado transnacional relativo à prevenção, repressão e punição do tráfico de pessoas, em especial mulheres e crianças. Portal do Planalto, Brasília, DF, 12 mar. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5017.htm>. Acesso em 3 jan. 2022.

2 O tráfico de pessoas na política internacional

O tráfico de pessoas é um crime de alta complexidade que envolve fatores econômicos, sociais, culturais, psicológicos, e seu enfrentamento demanda ações coordenadas entre poder público, setor privado, sociedade civil e Organizações Internacionais (OIs) (ALVES; GAMA, 2020). Assim, o Protocolo de Palermo estabeleceu que o tráfico de pessoas é “um processo que inclui três elementos constitutivos, uma ação de mobilidade humana que ocorre em condições dúbias cuja finalidade é a exploração (da pessoa, seu corpo ou partes dele, ou o uso de sua força de trabalho)”³ (DA SILVA, 2019, p. 50, tradução nossa), e o definiu como:

[...] o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos⁴ (PROTOCOLO DE PALERMO, 2000, p.2, tradução nossa).

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimam que a escravidão moderna gera, anualmente, um lucro de 150 bilhões (ILO, 2014). No relatório divulgado pela organização não é possível identificar a porcentagem desse lucro gerado pelo tráfico de pessoas, no entanto, nota-se a institucionalização, no âmbito do sistema ONU, da sinergia entre o trabalho forçado e o tráfico de pessoas. Segundo a OIT, todas as finalidades de exploração do tráfico de pessoas, com exceção do tráfico de órgãos e do tráfico para casamento forçado (a menos que a relação de

³ No original: “[...] como un proceso que incluye tres elementos constitutivos, una acción de movilidad humana que ocurre mediante condiciones dudosas cuya finalidad es la explotación (de la persona, de su cuerpo o partes del mismo, o del uso de su fuerza de trabajo)”.

⁴ No original: “[...] the recruitment, transportation, transfer, harbouring or receipt of persons, by means of the threat or use of force or other forms of coercion, of abduction, of fraud, of deception, of the abuse of power or of a position of vulnerability or of the giving or receiving of payments or benefits to achieve the consent of a person having control over another person, for the purpose of exploitation. Exploitation shall include, at a minimum, the exploitation of the prostitution of others or other forms of sexual exploitation, forced labour or services, slavery or practices similar to slavery, servitude or the removal of organs”.

exploração seja estabelecida posteriormente), estão cobertas pela definição de trabalho forçado da Convenção de No. 29⁵. Para Da Silva (2019), essa sinergia está baseada em um *continuum*, pois, apesar de ambos os conceitos serem distintos juridicamente, a finalidade de exploração é a ponte entre o trabalho forçado e o tráfico de pessoas, e a mobilidade é sua principal distinção.

Alves e Gama (2020) argumentam que para apontar quais as principais causas do tráfico de pessoas é necessário olhar para a ótica estrutural na qual os indivíduos traficados estão inseridos. Os serviços extraídos da exploração dos indivíduos traficados são ofertados em setores onde o Estado oferece pouca ou nenhuma proteção aos direitos laborais, ou quando grupos explorados não têm condições de se organizar coletivamente para se proteger da exploração. Esses setores são, geralmente, criados a partir da combinação entre a ação de grupos de interesse e da inação (muitas vezes voluntária) do Estado (ABREU; ORDACGY, 2016). Trata-se, portanto, de um crime que envolve a mercantilização e coisificação dos seres humanos a fim de extrair lucro da exploração de terceiros (ABREU; ORDACGY, 2016), considerando, principalmente, a lógica mercadológica do tráfico. A relação entre as lacunas de proteção aos direitos laborais e humanos dos indivíduos, e a lei de oferta e demanda, evidencia o contexto favorável à exploração, na qual, a exploração laboral significa a minimização dos custos de produção e, conseqüentemente, a maximização dos lucros (REIS; NETO, 2013).

Schilling e De Oliveira (2014) apontam que a existência de uma globalização⁶ econômica constitui um desafio a mais na conjuntura do tráfico, pois, depara-se com um Estado-nação cujas estruturas estão enfraquecidas, e que também é refém do capital transnacional. Esse

⁵ Convenção sobre o Trabalho Forçado de 1930 (C-029), adotada em 01 de maio de 1932 pela OIT.

⁶ Este artigo toma por globalização a visão de Rodhan (2006) que a define como: "A globalização envolve integração econômica; a transferência de políticas além-fronteiras; a transmissão do conhecimento; estabilidade cultural; a reprodução de relações e discursos de poder; é um processo global, um conceito, uma revolução [...] A globalização engloba todas essas coisas. É um conceito que foi definido de várias formas ao longo dos anos, com algumas conotações referentes ao progresso, desenvolvimento e estabilidade, integração e cooperação, e outros referentes à regressão, colonialismo e desestabilização" (AL-RODHAN; STOUDEMANN, 2006, p. 3, tradução nossa).

cenário gera uma mobilização transnacional de indivíduos que vivem em condições desfavoráveis em busca de melhores condições materiais de trabalho, tornando o tráfico de pessoas um produto da desigualdade de recursos, não somente econômicos, mas de oportunidades (ABREU; ORDACGY, 2016; SCHILLING; DE OLIVEIRA, 2014).

Nesse contexto, torna-se ainda mais difícil definir o que constitui a vulnerabilidade ao tráfico de pessoas, pois existe uma gama de elementos que constituem vulnerabilidade. Alguns são intrínsecos à natureza do indivíduo, outros se relacionam com o momento que eles vivem, variando também de acordo com as características culturais da região, e a posição que ocupam na estrutura social. Assim, “a vulnerabilidade consiste na relação entre fatores internos/individuais e externos/sociais, que se estabelece mediante a exposição do sujeito a riscos de diferentes naturezas, que podem ser econômicos, culturais ou sociais, e que impliquem em diferentes desafios para seu enfrentamento” (ALVES; GAMA, p. 57, 2020). Essa miscelânea de fatores domésticos e internacionais, somados à dificuldade de implementação de políticas unificadas sobre tópicos sensíveis como a migração e direitos laborais à nível regional, refletem diretamente a dificuldade de adoção de medidas anti-tráfico mais abrangentes e eficazes no Mercosul.

3 O tráfico de pessoas na agenda do MERCOSUL

O Mercosul se origina pela rejeição dos países da América Latina ao plano de desenvolvimento *Iniciativa para as Américas*⁷, proposto pelos Estados Unidos em meados da década de 1980. O resultado das políticas neoliberais adotadas nesse período, levou os países em desenvolvimento a se voltarem para arranjos regionais que aumentassem seu poder de

⁷ O plano de desenvolvimento *Iniciativa para as Américas* se orientava a complementar os programas que o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Mundial vinham desenvolvendo na América Latina desde a década de 1980 (BARRETO, 2020), ancorados na lógica neoliberal de redução de custos e de abertura de mercados, estratégias consideradas pelos países da região como majoritariamente benéfica para os EUA. Para mais informações ver: A integração das Américas: por quê? Para quem? Quando? Como? de Albuquerque (1990), disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1519/1/td_0198.pdf.

barganha internacionalmente, e foi dessa nova conjuntura que surgiu o Mercosul (DIAS, 2018). A falta de atratividade e benefícios congruentes no plano estadunidense fomentou a necessidade de um processo de integração regional, que na época, foi encabeçado por Brasil e Argentina para posteriormente contar com a adesão do Paraguai e Uruguai. Os principais objetivos da integração eram evitar o alinhamento automático com os Estados Unidos e aumentar a capacidade de inserção internacional, buscando o mesmo rol de benefícios da integração regional europeia (BARRETO, 2020).

Assim, em 1991 foi formalizado o Tratado de Assunção, marco normativo do Mercosul, englobando Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai (BARRETO, 2020). O tratado estabeleceu as bases para a criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), prevendo uma estrutura provisória que seria revista com a assinatura do Protocolo Adicional ao Tratado de Assunção sobre a Estrutura Institucional do Mercosul de 1994, conhecido como Protocolo de Ouro Preto que estabeleceu a estrutura institucional do bloco (MERCOSUL, s.d.). O Protocolo de Ouro Preto tratava de questões como a negociação por meio de corpo diplomático, todavia, não previa mecanismos para questões estruturais internas, tampouco órgãos para resolução de controvérsias. Seu objetivo era principalmente econômico, fundamentar a união aduaneira entre os países membros e criar uma Tarifa Externa Comum (TEC) (BARRETO, 2020).

O movimento de integração mercosulino resulta, em grande parte, do aprofundamento da globalização que age por meio de incentivos de natureza econômica, política, tecnológica e cultural. Um dos reflexos desse aprofundamento pode ser notado pela ruptura com o paradigma tradicional das migrações internacionais de predominância do fluxo Sul-Norte, em detrimento do fluxo Sul-Sul, devido à maior facilidade de mobilidade e do novo contexto de oportunidades. Essa mudança representou um desafio para o Mercosul, pois fez ascender a necessidade de uma integração não limitada à economia, a fim de lidar com questões relacionadas à migração social, ao aumento dos migrantes

indocumentados, à garantia dos direitos humanos e a todas as questões geradas pela migração intrabloco (MONFREDO, 2011).

Essa demanda por uma integração que fosse além dos moldes econômicos, e abrangesse as peculiaridades dos fenômenos migratórios na região fez com que o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 se tornasse uma época de redefinição política na região, pensada a partir do contexto desfavorável de crises econômicas no cenário internacional. Assim, quando governos de esquerda ascendem ao governo em alguns países da região - durante o que ficou conhecido como Onda Rosa -, pautas sociais foram incluídas no Mercosul, englobando desde questões como a pobreza e desigualdade até as políticas migratórias, estabelecendo um regionalismo de políticas progressistas (BARRETO, 2020).

Culpi (2015) utiliza a abordagem teórica construtivista de Wendt para entender como se deu o processo de “mercosulização”⁸ da políticas migracionais, argumentando que a Onda Rosa afetou o bloco em prol da criação de uma identidade coletiva que, por sua vez, influenciou os países a se engajarem em questões migratórias. Assim, as agendas para integração e desenvolvimento que vigoraram nesse período deram espaço para articulação de projetos sociais, políticos e econômicos que se aglutinaram para criar o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (Focem), o Instituto Social do Mercosul (ISM), o Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos do Mercosul (IPPDH) e o Parlamento do Mercosul (Parlasul), consolidando seu desenvolvimento para além da integração econômica (CULPI, 2015).

Foi nesse contexto que o Mercosul aprovou em 2001, sob a Ata Nº1 da Reunião dos Ministros do Interior, a Declaração de Assunção sobre o Tráfico de Pessoas e o Tráfico Ilícito de Migrantes, o principal marco normativo sobre tráfico humano no Mercosul. A Declaração de Assunção orienta os

⁸ O construtivismo considera que as identidades são socialmente construídas por meio das interpretações coletivas do mundo e pelos significados atribuídos a elas. Para Wendt (1999, apud. Culpi, 2015, p. 427) as estruturas políticas são construídas a partir da identidade coletiva compartilhada por aqueles que a compõem. Nesse sentido a “mercosulização das políticas públicas” de Facundo Solanas (2009) - que a autora adota em seu artigo - alude às políticas acordadas coletivamente pelos Estados nas bases institucionais do Mercosul sob forma de acordos, recomendações e normas que acabam se incorporando às normativas nacionais (internas) dos Estados-parte, ou geram discussões sobre determinada temática (CULPI, 2015).

países a condenar o delito, adotar medidas de prevenção e erradicação, tipificar penalmente o delito nos Estados-partes, desenvolver programas de fortalecimento institucional, adotar ações para assistir e proteger as vítimas, confiscar meios e utilidades que resultaram do delito, realizar campanhas de difusão em mídias de massa para conscientizar a sociedade, capacitar funcionários e agentes públicos para lidar com o problema e fomentar cooperação regional para erradicar o delito de tráfico (CARLI, 2019).

No entanto, o sucesso dos mecanismos de integração regional dependem da flexibilidade de alterar suas políticas nacionais, a fim de harmonizar os interesses e objetivos dos Estados-membros. E, no caso do Mercosul, ainda que os países do bloco partilhem similaridades no que diz respeito aos direitos humanos e ao poder do Estado de regular atividades econômicas privadas, harmonizar políticas e legislações nacionais em prol de direitos trabalhistas e migratórios têm se provado um desafio. A heterogeneidade socioeconômica e a baixa institucionalização laboral são um problema para a agenda de livre circulação do Mercosul, e nesse cenário adverso (GUERRA, DE OLIVEIRA; ANDRADE E SILVA, 2009), a livre circulação de pessoas no bloco acaba sendo afetada pelo tráfico de pessoas que estão em busca de empregos e acabam por terem seus direitos laborais violados (DIAS, 2018).

Condições desfavoráveis nos países de origem são um incentivo à migração de indivíduos que buscam superar essas desvantagens sociais, tornando-os vulneráveis ao tráfico, à servidão por dívida e ao trabalho forçado, sem remuneração ou em condições humanas degradantes. A existência do tráfico de pessoas na região é a antítese da livre circulação de pessoas defendida pelo Mercosul (DIAS, 2018). Nota-se, portanto, que o insucesso em combater a vulnerabilidade doméstica dos indivíduos ao tráfico de pessoas, torna-se um empecilho para a efetivação dos mecanismos de defesa aos direitos dos migrantes no bloco.

Na temática migratória, o Mercosul avançou lentamente nos primeiros dez anos, almejando garantir a circulação na região para turismo

e controle de fronteiras. Não havia interesse em harmonizar os direitos dos migrantes, tampouco combater a ilegalidade. O principal foco era refletir sobre a identidade do bloco (CULPI, 2015), e assim, problemas envolvendo o tráfico de pessoas, acabaram sendo relegados ao segundo plano, ou transversalizados em outras temáticas relacionadas aos direitos humanos.

Um exemplo disso é a Estratégia Regional de Enfrentamento ao Tráfico de Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual no Mercosul (PAIR), financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).⁹ O PAIR foi implementado em algumas cidades do Brasil, país que, por sua vez, propunha pela iniciativa *Niñ@Sur*, implementá-lo em 15 cidades gêmeas das fronteiras de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. A proposta foi financiada pelo Banco Interamericano com 950 mil dólares com prazo de execução de 24 meses, começando em 2008 e sendo prorrogado até 2013 (CULPI, 2015).

Foi uma estratégia para integrar diversas áreas de conhecimento em prol de criar e compartilhar metodologias eficazes que compreendam a complexidade do fenômeno de tráfico humano no Mercosul, sobretudo, em regiões de fronteira. A partir de planejamentos individuais que atendessem as especificidades das cidades nas quais o PAIR seria implementado, era esperado o estabelecimento de um mecanismo permanente de cooperação e consulta para controle das fronteiras, que gerasse intercâmbio de informações, desenvolvesse novas metodologias de enfrentamento ao tráfico de crianças e adolescentes, consolidasse um projeto unificado de atendimento às vítimas na área de prevenção e acompanhamento, e que criasse a possibilidade de replicação em outros locais (SDH/PR, s.d.). Contudo, por ter sido implementado por meio de convênios de prazo determinado à nível estadual, com municípios e organizações da sociedade civil, no Brasil o programa foi descontinuado

⁹ O PAIR como metodologia de articulação política municipal entre os estados brasileiros no enfrentamento ao tráfico de pessoas começou a ser utilizado pelo Brasil em 2002, e como estratégia de enfrentamento ao tráfico de pessoas no Mercosul a partir de 2008. No entanto, apesar de o Ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos (2019) apontar seu descontinuação como política regional, não há informações sobre a data de término.

por ausência de renovação em seus métodos e instrumentos¹⁰ (MINISTÉRIO DA FAMÍLIA, DA MULHER E DOS DIREITOS HUMANOS DO BRASIL, 2019).

Apesar de o PAIR ter sido o programa de combate ao tráfico humano mais notório do Mercosul, os países do bloco também agiram individualmente em prol de aprovar projetos legislativos que estivessem de acordo com as diretrizes do Protocolo de Palermo. Ao longo do período de 2002 e 2014, a Argentina foi o país que mais apresentou propostas para regular a migração no bloco. O interesse em harmonizar políticas sempre foi claro, e era visível o fortalecimento do viés de direitos humanos como guia dessas políticas. Todavia, o avanço na harmonização legislativa dos Estados-membros é incipiente, e nota-se pouca vontade política em coordenar as políticas migratórias (DE SOUZA, 2016).

Na Argentina, o marco legal da Lei Nº 26.364, *Ley de Prevención y Sanción de La Trata de Personas y Asistencia a sus Víctimas* de 29 de abril de 2008, ampliou o conceito do tráfico de pessoas em sua legislação doméstica, incluindo duas modalidades de tráfico nacional e internacional, e descrevendo outras formas de exploração. Contudo, ainda que a legislação seja avançada, o país sofre com a restrição de locais de atendimento às vítimas, e com limitado acesso à justiça. A luta contra o tráfico de pessoas nas instituições é complexa, e há escassez de dados para compreender a amplitude do problema no país (DE SOUZA, 2016).

O Brasil, por sua vez, tem como principais debilidades a crescente vulnerabilidade de transexuais traficados em território nacional para exploração sexual. Além do turismo sexual, o país sofre com o trabalho escravo de homens em áreas rurais para exploração em madeiras, na mineração, na agricultura, no turismo, na construção civil e nos megaeventos. Indivíduos pretos e pardos oriundos do Nordeste brasileiro, vindos de locais com desvantagens socioeconômicas são o grupo mais afetado pelo trabalho escravo (CEDAW, 2014).

Ainda assim, o Brasil é o país que mais se engaja na criação de políticas anti-tráfico entre as quais se destacam: a Pesquisa Nacional sobre

¹⁰ Não foram encontrados dados sobre a vigência do programa nos demais países da região.

o Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes (PESTRAF) 2002, que mapeou as rotas de tráfico de pessoas no país, e demonstrou os principais problemas nas políticas anti-tráfico vigentes; o Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (CONATRAP), órgão responsável por articular a comunicação entre os atores que se engajam na luta anti-tráfico e; o Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (PNETP), que, atualmente se encontra em sua 3ª fase, cujo principal objetivo é “prevenir e reprimir o crime, responsabilizar os autores e garantir atenção e suporte às vítimas” (BIJOS, 2009, p. 59)

Todavia, ainda que o Brasil tenha o aparato de combate ao tráfico humano mais avançado da região, o Relatório Alternativo de 2013/2014 da CEDAW (2014) identificou diversos problemas relacionados a: inconsistência de dados e monitoramento por parte dos órgãos públicos; a priorização da erradicação do trabalho escravo; os canais de denúncia oficiais que ainda não refletem a realidade do tráfico; a maioria dos discursos e ações públicas serem voltadas para o tráfico para fins sexuais; a carência de pesquisas que considerem a presença de mulheres e meninas nas obras de infraestrutura a fim de suprir o mercado sexual nessas regiões; as campanhas de prevenção são pontuais e não contemplam as especificidades do tráfico de pessoas, demonstrando, muitas vezes, um caráter sexista e estereotipado e; por fim, a míngua de projetos como o PAIR, que dependem da adesão dos gestores locais.

O Paraguai, em contrapartida, tardou a aperfeiçoar sua legislação em consonância com o Protocolo de Palermo, e apresenta uma legislação deficiente que pouco avança em direção à prevenção, persecução criminal e assistência à vítima. No mais, a escassez de dados e ausência de clareza na tipificação do delito tornam ainda mais difícil entender como o combate ao tráfico humano ocorre no país, sobretudo, se os mecanismos existentes são eficazes (DE SOUZA, 2016).

Já o Uruguai apresenta problemas com tráfico interno de pessoas, mulheres e adolescentes que são trazidas do interior e exploradas em Montevideu, além de diversos casos de exploração sexual infantil. O

trabalho forçado é invisibilizado quando comparado ao tráfico para exploração sexual, pois a exploração laboral não é reconhecida como problema. Suas especificidades tornam o país um caso ambíguo, pois, apesar de ter ratificado o Protocolo de Palermo, não segue os padrões internacionais para as leis de tráfico (DE SOUZA, 2016). Assim, o país não tem políticas anti-tráfico consolidadas, e aborda o crime de forma incipiente (SOARES, DE SOUZA, 2011).

No bloco, destaca-se o Programa de Cooperação Mercosul com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), cujo principal objetivo era apoiar as “instituições do MERCOSUL para elaborar e executar políticas públicas e ações em setores estratégicos do processo de integração regional com participação da sociedade civil” (MARTÍNEZ, 2010, p.6). A parceria entre o bloco e a agência levou a criação do Mecanismo de Articulação para a Atenção a Mulheres em Situação de Tráfico Internacional de Pessoas em 2012, visando o estabelecimento de canais de comunicação, o enfoque de gênero, a fim de garantir a proteção e prestação de assistência às mulheres em situação de tráfico que forem detectadas no bloco independente de sua nacionalidade¹¹.

Para garantir a eficiência na prestação de assistência e proteção às mulheres em situação de tráfico no bloco, foi elaborado o Guia MERCOSUL de Atenção a Mulheres em Situação de Tráfico para Fins de Exploração Sexual. Seus principais objetivos eram harmonizar a compreensão teórico-metodológica da categoria de mulheres em situações de tráfico para fins de exploração sexual, fortalecer a ação regional na prestação de assistência à essas mulheres, unificar os critérios que as tornam elegíveis à essa assistência, promover a cooperação entre os países nessa temática, e facilitar a articulação dos atores que integram Rede Mercosul de atenção às mulheres traficadas para exploração sexual¹².

¹¹ MERCOSUL/CMC/DEC.Nº32/12. Mecanismo de Articulação para a Atenção a Mulheres em Situação de Tráfico Internacional de Pessoas. Conselho do Mercado Comum. XLIV CMC - Brasília, 06/XII/12. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/human-trafficking/GLO-ACT/BR_Guia_MERCOSUL_Trafico_Mulheres_PORT_Completo_para_IMPRESSAO.pdf>. p. 87-93.

¹² MERCOSUR/ CMC/REC No.09/12. Guia Mercosul de Atenção a Mulheres em Situação de Tráfico de Pessoas para fins de exploração sexual. Reunião de Ministras e Altas Autoridades da Mulher (RMAAM), 2012. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/human-trafficking/GLO-ACT/BR_Guia_MERCOSUL_Trafico_Mulheres_PORT_Completo_para_IMPRESSAO.pdf>.

A nível institucional, o IPPDH concentra as informações do bloco sobre o combate ao tráfico de pessoas, abrangendo desde produções originais nacionais sobre os países da região, até documentos oficiais sobre os mecanismos de cooperação desenvolvidos no bloco. Encontram-se pesquisas sobre metodologias comparadas dos sistemas de justiça dos países-membros ao processar os casos de tráfico humano, relatórios sobre políticas de segurança pública para identificação de casos de tráfico, relatórios sobre convenções e seminários internacionais que contribuíram para a construção das políticas comuns de combate ao tráfico humano no bloco, guias para agentes públicos de saúde, fiscais e sociais, abordagens de gênero para o tráfico de pessoas, guias de atenção a mulheres em situação de exploração sexual, e informes de atividades de combate ao tráfico humano na região (ainda que não sejam frequentes) (IPPDH, 2016).

Em 2016, o IPPDH lançou o Relatório de Instrumentos sobre o Tráfico de Pessoas no Mercosul como parte de um projeto que evidencia a produção regional de ferramentas de combate ao tráfico humano, abordando planos de ações, mecanismos, campanhas e instrumentos técnicos e declarações. O objetivo era gerar um caráter de institucionalidade regional, a fim de proporcionar aos Estados-membros capacidades de combater o crime de forma articulada e prestar assistência humanitária às vítimas (IPPDH, 2016).

O Relatório trouxe também uma lista de instrumentos relevantes na temática a partir do Protocolo de Assistência Jurídica Mútua em Assuntos Penais de 1996, incluindo desde o marco normativo precursor do bloco a Declaração de Assunção para o Tráfico de Pessoas em 2001, até o Guia Regional do Mercosul para a identificação e atenção de necessidades especiais e de proteção dos Direitos de meninos, meninas e adolescentes migrantes de 2015 (IPPDH, 2016). Contudo, não há nenhuma menção à eficácia desses mecanismos, tampouco se indicam quais foram os resultados obtidos no Mercosul, e nos Estados-membros.

Entretanto, os gargalos de enfrentamento ao tráfico de pessoas não estão somente no aspecto técnico das políticas anti-tráfico, mas também

da carência de políticas harmonizadas que combatam as desvantagens sociais e de oportunidade que levam os indivíduos a estar em uma posição de vulnerabilidade ao tráfico. Não se trata apenas da criminalização e prestação de assistência, mas de inserir indivíduos em desvantagem e grupos marginalizados na sociedade, a fim de garantir que seus direitos humanos sejam plenamente respeitados (SOARES; DE SOUZA, 2011).

5 Considerações finais

O principal objetivo deste artigo, apresentada na primeira parte do artigo, foi analisar como o tráfico humano é tratado no Mercosul, focando principalmente na cooperação entre os países do bloco. Para isso, na segunda seção, se definiu o tráfico humano como um fenômeno multidimensional que não se limita à esfera criminal, mas que engloba desvantagens estruturais, socioeconômicas e de oportunidades que levam os indivíduos a estarem em posição de vulnerabilidade ao tráfico de pessoas.

A terceira seção se dedicou a analisar como o tráfico de pessoas era tratado no Mercosul. Dada a carência de trabalhos específicos sobre o tema, foram utilizados recortes de pesquisas que se interseccionam com o tráfico de pessoas, sobretudo, no âmbito laboral e de políticas migratórias para demonstrar como o fenômeno é enfrentado na região. Foi demonstrado como o tráfico de pessoas foi tratado essencialmente a partir da cooperação técnica, sobretudo, na elaboração de protocolos de atendimento às vítimas e de capacitação de agentes públicos.

Assim, a descoordenação entre o desenvolvimento de políticas anti-tráfico domésticas nos países do bloco são um indicativo do porquê o desenvolvimento de políticas regionais não encontra espaço para harmonização. As diferentes adoções do texto do Protocolo de Palermo, a carência de políticas públicas eficazes de combate ao tráfico no Uruguai e no Paraguai, e a ausência de uma coordenação metodológica para

refinamento dos dados (quando existem), torna ainda mais complexa a criação de políticas anti-tráfico regional eficazes.

Pois, conforme já apontado, o IPPDH não tem sido eficaz para coletar os dados produzidos individualmente por cada país a fim de compor seu acervo. Nesse cenário, a instituição poderia ter um papel mais preponderante caso os países se dispusessem a contribuir, exercendo um papel de equalizador, e facilitando a produção acadêmica nos países do bloco. Ainda que os países não se movimentem para além da mínima contribuição do desenvolvimento do IPPDH na temática de tráfico humano, há espaço para crescimento, sobretudo, por meio da cooperação com atores não-estatais a fim de suprir a lacuna deixada pelos Estados.

Por fim, fica claro que existe uma lacuna a ser preenchida no que diz respeito ao tratamento do tráfico humano no Mercosul, não somente nas instituições do bloco, mas também na academia. É necessária uma abordagem que considere não somente o fator segurança e a persecução criminal, mas também questões socioeconômicas, de fluxos migratórios, as assimetrias entre os países, os direitos laborais dos migrantes, e a garantia da participação dos indivíduos em suas sociedades.

6 Referências

ABREU, Célia Barbosa; ORDACGY, Fabrizia da Fonseca Passos Bittencourt. O enfrentamento ao tráfico de pessoas: avanços e dificuldades no Brasil. **Pensar-Revista de Ciências Jurídicas**, v. 21, n. 1, p. 94-122, 11 mai. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5020/10.5020/2317-2150.2016.v21n1p94>

AL-RODHAN, Nayef RF; STOUDEMANN, Gérard. Definitions of globalization: A comprehensive overview and a proposed definition. **Program on the geopolitical implications of globalization and transnational security**, v. 6, n. 1-21, p. 1-21, 19 jun. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/2969717/Definitions_of_Globalization_A_Comprehensive_Overview_and_a_Proposed_Definition_The_International_Relations_and_Security_Network_ETH_Zurich_June_19_2006. Acesso em: 05 jan. de 2022

ALVES, Heloísa Greco; GAMA, Ana Patrícia de C. S. C. Tráfico de pessoas: conceito e modalidades de exploração. *In*: Centro Internacional para o

Desenvolvimento de Políticas Migratórias. **Guia de enfrentamento ao tráfico de pessoas: aplicação do direito**. Brasília: International Centre for Migration Policy Department, p. 44-71, jun. 2020. Disponível em: <https://www.icmpd.org/file/download/54098/file/GUIA0ENFRENTAMENTO0AO0TR5C3581FICO0DE0PESSOAS05E25805930Aplica5C35A75C35A3o0do0direito_PT.pdf>. Acesso em 10 de jan. 2022

BARRETO, Eduardo Henrique. **Avaliação do processo de integração no MERCOSUL**: contexto, projeto e desafios da Patente MERCOSUL. Orientadora: Dra. Cristina Pessanha Mary. 2020. 50 f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/21467>>. Acesso em: 03 jan. 2022

BIJOS, Cecília. A insuficiência das ações brasileiras no enfrentamento ao tráfico internacional de pessoas. **Revista do Mestrado em Direito (RMVD)**, v.3, n. 2, p. 54-100. 2009. DOI: <https://doi.org/10.18840/1980-8860/rvmd.v3n2p54-100> . Acesso em: 01 nov. 2022

CARLI, Alejandra Ines. **Dinámicas de cooperación internacional respecto a la trata y el tráfico de personas**: proyectos del Mercosur con el BID y la AECID durante el periodo 2008-2013. Assessoras de TCC: Dra. Paola Baroni; Dra. Claudia Guevara. 2019. 89f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Internacionais, Universidad del Siglo, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uesiglo21.edu.ar/handle/ues21/16723>>. Acesso em: 09 jan. 2022

CEDAW. **Relatório do movimento de mulheres ao Processo de Seguimento do Sétimo Relatório Periódico Brasileira**. Monitoramento da Cedaw – Ação Permanente do Movimento de Mulheres/Brasil 2013/2014, CEDAW/C/BRA/7 - 51ª sessão, 2013. Disponível em: <<https://www.tjsp.jus.br/Download/Pdf/Comesp/Convencoes/CedawRelatorioAlternativo.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2022

CULPI, Ludmila. A Evolução da Política Migratória no Mercosul entre 1991 e 2014. **Conjuntura Global**, v. 4, n. 3, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v4i3.45387>

DA SILVA, Waldimeiry Corrêa. La interseccionalidad en la trata de seres humanos: un encuentro necesario para el enfoque de derechos humanos. *In*: RAMOS, Nuria Cordero; ZUÑIGA, Pilar Cruz (Ed.). **Trata de personas, género y migraciones en Costa Rica, Marruecos y Andalucía: por una defensa multi-garantista y multi-espacial de derechos humanos**. Madrid: Dykinson, 2019, p. 37-66

DE SOUZA, Mércia Cardoso. **Tráfico de pessoas para trabalho forçado no âmbito do Mercosul**: Direito e Política para os Direitos Humanos. Orientador: Martonio Mont'Alverne Barreto Lima. 2016. 566 f. Tese

(Doutorado) – Curso de Direito Constitucional, Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, 2016. Disponível em: <<https://uol.unifor.br/uol/conteudosite/F86027120170223095317786510/Tese.pdf>>. Acesso em 09 jan. 2022

DIAS, Maurício Luiz Borges Ramos. Cidadania regional e as políticas migratórias no Mercosul. *In*: NETO, Daniel Lena Marchiori. MOREIRA, Felipe Kern. FERREIRA, Luciano Vaz (Orgs.). **Estudos em Relações Internacionais**. Rio Grande: Ed. da Furg, Série Relações Internacionais. v.2, 2018, p. 43-60. Disponível em: <<https://ri.furg.br/images/Estudos-em-RI---Volume-II.pdf>> Acesso em: 09 jan. 2022

GUERRA, Sidney Cesar; DE OLIVEIRA, Camila Lourenço; ANDRADE E SILVA, Patrícia Regina Barbosa Teixeira de. Os desafios à integração regional no âmbito do Mercosul. **Revista de Direito da UNIGRANRIO**, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rdugr/article/view/884/573>>. Acesso em: 13 jan. 2022

ILO. **Profits and poverty: The economics of forced labour**. 2014. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---declaration/documents/publication/wcms_243027.pdf>. Data de acesso: 03 jan. 2022

IPPDH. **Relevamiento de instrumentos MERCOSUR en materia de trata de personas**. 2016. Disponível em: <http://www.ippdh.mercosur.int/wp-content/uploads/2018/08/Instrumentos_Mercosur_trata_de_personas.pdf>. Acesso em 3 jan. 2022

MARTÍNEZ, Virgínia. Programa de Cooperação MERCOSUL-AECID. *In*: **Seminário Internacional: MERCOSUL e a integração regional: mecanismos de financiamento para governos locais e regionais**, 2010, Porto Alegre. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/saf-fccr/fccr-mercosul/seminariosold/seminario-internacional_mercosul-e-integracao-regional_-mecanismos-de-financiamento-para-governos-locais-e-regionais/apresentacoes/anexo-viii-virginia-martinez-aecid>. Acesso em 7 jan. 2022

MERCOSUL. Textos fundacionais. (s.d.). Disponível em: <<https://www.mercosur.int/pt-br/documentos-e-normativa/textos-fundacionais/>>. Acesso em 3 jan. 2022

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS DO BRASIL. **I Relatório do Estado brasileiro sobre o Protocolo Facultativo Referente à Venda de Crianças, Prostituição Infantil e Pornografia Infantil**. Assessoria Especial de Assuntos Internacionais. Brasília-DF: 2019. Disponível em: <<https://cedecainter.org.br/wp-content/uploads/2020/11/IRelatriodeEstadoB>>

[rasileirosobreProtocoloFacultativoreferenteVendadeCrianasProstituioInfantilePornografialInfantil.pdf](#)>. Acesso em: 11 jan. 2022

MONFREDO, Cintiene Sandes. Política migratória dos países do Mercosul e a conformidade com a política migratória regional. In: **3º ENCONTRO NACIONAL ABRI**, 2011, São Paulo. **Anais** [...]. Disponível em: <http://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Integracao_Regional/IR%2011_Cintiene%20Sandes%20%20Pol+%Altica%20Migrat+%A6ria%20dos%20Pa+%Alses%20do%20Mercosul%20e%20a%20conformidade%20com%20a%20Pol+%Altica.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022

PROTOCOLO DE PALERMO. **Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças**. 15 novembro 2000. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/protocol-prevent-suppress-and-punish-trafficking-persons>>. Acesso em: 31 out. 2022

REIS, Priscila Martins; NETO, Pedro Alves Barbosa. Tráfico de seres humanos e trabalho forçado: uma abordagem crítica ao fluxo de informações utilizado pela Organização Internacional do Trabalho. **Revista de Administração Pública**, v. 47, n. 4, p. 975-998, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122013000400008>

SANTOS, Isabelle Dias Carneiro. A violação dos DH diante dos fluxos migratórios e das políticas de segurança nacional: uma análise sobre Américas e Brasil. **Revista Direito e Práxis**, v. 4, n. 6, p. 112-129, 2013. DOI: 10.12957/dep.2013.4153

SCHILLING, Flávia Inês; DE OLIVEIRA, Fernanda Castro Souza Fernandes. Globalização, prostituição e tráfico de pessoas. **Revista Comunicare, Dossiê Feminino**, v. 14, n. 1, pp. 46-59, 1o. sem. 2014. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Globaliza%C3%A7%C3%A3o-prostitui%C3%A7%C3%A3o-e-tr%C3%A1fico-de-pessoas.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2022

SDH/PR (SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL). **PAIR Mercosul, Estratégia de Enfrentamento ao Tráfico de Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual no Mercosul**. s.d. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/pair/cartilha_04_pair.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022

SOARES, Mário Lúcio Quintão; DE SOUZA, Mércia Cardoso. O enfrentamento ao tráfico de pessoas no âmbito do Mercosul. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, v. 32, n. 63, p. 185-212, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3880835>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

SOLANAS, Facundo. El impacto del impacto del MERCOSUR en la educación superior: Un análisis desde la “Mercosurización” de las políticas públicas. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, Buenos Aires, v. 17, n. 20, 2009.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Tráfico de pessoas: uma história do conceito. **Revista brasileira de história**, v. 33, n. 65. p. 61-83, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882013000100003>>

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.



ECONOMIA CRIATIVA NOS PAÍSES DO MERCOSUL: BREVE ANÁLISE CONJUNTURAL

*ECONOMÍA CREATIVA EN LOS PAÍSES DEL MERCOSUR: BREVE ANÁLISIS
COYUNTURAL*

*CREATIVE ECONOMY IN MERCOSUR COUNTRIES: BRIEF CONJUNCTURAL
ANALYSIS*

*Isaias Albertin de Moraes*¹ 

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Brasil

*Mônica Heinzemann Portella de Aguiar*² 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo pesquisar a situação do setor de Indústria Criativa nos países membros do Mercado Comum do Sul (Mercosul) no período que vai de 2012 a 2015. No que tange à metodologia, optou-se pela análise crítica de dados bibliográficos e documentais, trabalhando com estatísticas coletadas na UNCTAD, BID e FIRJAN e conceitos de Economia Criativa (EC) elaborados por autores renomados como Howkins, Florida e Throsby. O trabalho está dividido em duas partes: na primeira, apresenta-se a evolução operacional do conceito de EC e, na segunda, examinam-se os dados referentes ao setor da EC no Mercosul. A conclusão, comparando com outros países do mundo, é de que a EC é uma alternativa promissora de desenvolvimento econômico, porém ainda pouco explorada pelo Mercosul.

Palavras-chaves: Economia Criativa; Indústria Criativa; Desenvolvimento Econômico; América do Sul; Mercosul.

Resumen: El artículo tiene como objetivo investigar la situación del sector de Industria Creativa en los países miembros del Mercado Común del Sur

¹ Pesquisador Associado do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Economia Solidária, Criativa e Cidadania (NEPESC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). E-mail: isaias.a.moraes@unesp.br.

² Pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos Avançado do Instituto de Estudos Estratégicos (NEA/INEST) da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: monicahpaguiar@gmail.com.

(Mercosur) en el período de 2012 a 2015. En lo que concierne a la metodología, la investigación optó por el análisis crítico de los datos bibliográficos y documentales, trabajando con estadísticas extraídas en la UNCTAD, el BID y la FIRJAN, además de utilizar conceptos de Economía Creativa (EC) desarrollados por Howkins, Florida y Throsby. El texto se divide en dos partes. En la primera, se presenta la evolución operativa del concepto de EC. En la segunda, se examinan los datos referentes al sector de la EC en el Mercosur. Concluimos que la EC es una alternativa de desarrollo promisorio, pero todavía poco explorada por el Mercosur.

Palabras clave: Economía creativa; Industria creativa; Desarrollo económico; América del Sur; Mercosur.

Abstract: The objective of this article is to investigate the situation of the Creative Industry sector among the member countries of the Southern Common Market (Mercosur) from 2012 to 2015. As methodology, the research worked with the critical analysis of bibliographic and documentary data and gathered statistics from UNCTAD, BID and FIRJAN as well as concepts developed by authors in the field of Creative Economy (CE) studies such as Howkins, Florida and Throsby. The text is divided in two parts. In the first, we present the operational evolution of the CE concept. The second part examines the data of the CE sector in Mercosur. The conclusion is that CE is a promising alternative to promote economic development in Mercosur but has been poorly explored up to now.

Keywords: Creative Economy; Creative Industry; Economic Development; South America; Mercosur.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196046](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196046)

Recebido em: 28/03/2022
Aprovado em: 27/12/2022
Publicado em: 31/12/2022

1 Introdução

De acordo com Santos (2006), o final do século XX sinalizou o advento de uma realidade assentada sobre um amplo sistema técnico-científico-informacional. A mudança de paradigma, superando a Segunda Revolução Industrial, possibilitou a fluidez na circulação não somente de elementos com materialidade e volume – pessoas, matérias primas e mercadorias –, como também de bens intangíveis e serviços,

sobretudo os criativos. Originou-se uma situação inaudita, na qual as trocas culturais, informacionais e criativas, assistidas por diferentes suportes técnicos, emanciparam-se da necessidade presencial do corpo humano.

O espaço – com seus mecanismos de comunicação, circuitos, redes de produção, serviços, comércio, criação de necessidades, difusão de consumo, propagação de ideias, de valores e disputas políticas-culturais – transformou a criatividade e a informação em fontes geradoras de valor social, diferencial e agregado para o desenvolvimento econômico.

Os últimos 40 anos assistiram a um aumento na produção e na comercialização dos chamados bens e serviços criativos. A Ernst & Young (EY, 2015), com o apoio da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) estimou que, em 2013, o setor criativo, composto por internet, televisão, vídeo, publicidade, *business to business*, livros, jornais, games, revistas, cinema, rádio, música e mídia, gerou US\$ 2,3 trilhões (3% do PIB mundial) e 29,5 milhões de empregos (1% da população ativa mundial).

Um estudo realizado pela *Price Waterhouse Coopers* (PWC, 2017), em 53 países, calculou que o setor criativo movimentou US\$ 1,9 trilhões em 2017. Segundo a *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD, 2013), a Economia Criativa (EC) é um dos setores mais dinâmicos do comércio internacional, gerando empregos mais qualificados e remunerando melhor seus trabalhadores. A EC, segundo relatório, também funciona como catalisadora de mudanças estruturais, possibilitando a construção de sociedades mais inclusivas, conectadas e colaborativas. Isso ocorre, pois os setores da EC incentivam o aumento do nível de conhecimento e de consciência da comunidade em relação às suas capacidades e potencialidades individuais e coletivas. A EC pode dinamizar e democratizar o desenvolvimento de negócios cooperativos e criativos, melhorando, assim, as condições socioeconômicas da região.

A recente pandemia de Covid-19 abalou fortemente a EC e fez com que as indústrias culturais e criativas, em nível global, retraíssem US\$ 750 milhões em valor agregado bruto (BID, 2022). A redução na receita das

empresas culturais/criativas provocou uma queda nos rendimentos de seus trabalhadores. Por esse motivo, a *United Nations* (UN) escolheu o ano de 2021 como o “Ano Internacional da Economia Criativa para o Desenvolvimento Sustentável”. Segundo a UNCTAD, as indústrias criativas e culturais desempenharam uma função importante na transformação digital global, tendo auxiliado no amparo, assistência, suporte, operacionalização e organização do trabalho, da saúde e do lazer durante a pandemia do Covid-19. A pandemia potencializou o avanço da revolução técnico-científico-informacional, sobretudo, nos setores da EC. Por esse motivo, a UNCTAD (2021) considera que, quando o mundo se recuperar da pandemia, muito do consumo de países de renda alta e média se concentrará nos setores da EC, ampliando uma taxa de crescimento das exportações, que nos últimos vinte anos, vinha ultrapassando frequentemente a de outras indústrias.

O “Ano Internacional da Economia Criativa para o Desenvolvimento Sustentável” foi aprovado pela 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas e sua implementação liderada pela UNCTAD, em consonância com a UNESCO e outras agências da ONU. A resolução 74/198, de novembro de 2020 da ONU, afirmou que a EC tem o potencial de promover uma diversificação da produção e das exportações dos países em desenvolvimento e daqueles com economias em transição, proporcionando um desenvolvimento sustentável de maneira inclusiva e equitativa (UN, 2019).

Diante desta conjuntura internacional e da elevada capacidade – associada a inúmeros desafios – que a EC apresenta para o desenvolvimento econômico da América do Sul, o presente artigo se faz necessário. A nossa região possui um grande potencial para a ampliação, a integração e a sofisticação de seus setores criativos, no entanto é preciso, primeiramente, compreender como o setor se posiciona atualmente.

Selecionou-se como unidade de análise os países-membros efetivos do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) para examinar seus setores de EC. A escolha do Mercosul se justifica pela importância histórica,

potencialidade e visibilidade do bloco econômico como plataforma para organização da EC na região.

Para concretizar o objetivo da pesquisa, o artigo foi embasado no marco teórico dos autores da EC, especialmente Richard Florida, John Howkins, David Throsby e UNCTAD. Foram mobilizados conceitos como o da própria EC, Indústria Criativa, Setores Criativos e Círculos Concêntricos. Os procedimentos técnico-metodológicos priorizados pela pesquisa foram bibliográficos e documentais, trabalhando com fontes primárias e secundárias no recorte temporal de 2012 a 2015. Não foi objetivo realizar uma digressão histórica da EC desde o início do Mercosul.

No que diz respeito à metodologia para escolha de dados analíticos da EC, é importante salientar que o principal desafio na execução desta pesquisa foi lidar com a falta de um padrão metodológico internacionalmente reconhecido sobre EC. O campo de estudo ainda é recente e há muita disputa de métodos e de retóricas. Isso faz com que a produção de bases de dados nesta área adote especificidades locais e nacionais, prejudicando a comparação da EC entre diferentes países.

O presente artigo não pretende se justapor aos modelos ou estratégias propostas dentro do debate das correntes do Desenvolvimentismo. A intenção é fazer uma radiografia da situação da EC nos países do Mercosul e apontar para a potencialidade desse setor de ser mais um dos motores do desenvolvimento econômico da região.

Atualmente, as principais produtoras de dados e de pesquisas sobre EC são a UNESCO, a UNCTAD, e a *World Intellectual Property Organization* (WIPO). O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) tem elaborado trabalho paralelo na América Latina, enquanto que na América hispânica, a tarefa de caracterizar as chamadas Contas Satélites da Cultura compete ao Convênio Andrés Bello³.

Para analisar o setor da EC nos países do Mercosul, a pesquisa optou por utilizar os dados da UNESCO, da UNCTAD e do BID. As agências da

³ Que reúne Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Venezuela.

ONU e o BID partem do princípio que os indicadores mais efetivos para mensurar a EC são aqueles que analisam os fluxos comerciais da indústria criativa. Dessa forma, é possível estabelecer uma comparação internacional mais apurada entre economias com diferentes graus de desenvolvimento econômico (UNCTAD, 2010). A base da UNCTAD, além de trabalhar com uma grande rede de países, fornece dados do comércio internacional nas indústrias criativas de 2002 a 2015. E dados de comércio e de serviços criativos por país, numa perspectiva que vai de 2005 a 2014.

A despeito do hiato entre a elaboração deste artigo e os dados apresentados, presume-se que a matriz das exportações e das importações da indústria criativa (produtos criativos + serviços criativos)⁴ dos países analisados, não tenha sofrido grandes alterações até o presente momento. A prioridade atribuída aos dados das agências da ONU e do BID não impediu o uso de informações de outras procedências, por exemplo, órgãos governamentais e fundações de pesquisas dos países-membros do Mercosul. Houve sempre a precaução de realizar uma triangulação de dados para não ocorrerem falhas nas análises.

Neste artigo, a análise da EC nos países do Mercosul encontra-se dividida em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte do artigo, discorre-se, brevemente, sobre a operacionalização conceitual da EC e sua teoria. O propósito do artigo, nesta seção, não foi realizar uma exposição do tipo Estado da Arte sobre o conceito de EC, mas somente introduzir e operacionalizar o conceito⁵. Na segunda seção, apresentam-se os dados dos setores da EC nos países do Mercosul. Nas considerações finais, o texto adota uma retórica revisionista da pesquisa, mas, também normativa, ou seja, propalando pequenas reflexões e contemplações da EC como instrumento de desenvolvimento econômico.

⁴ Produtos criativos incluem: arte e artesanato (em papel, vime, tecido, tapetes); audiovisual (filmes, Cd's, Dvd's, filmes); design (arquitetura, decoração, moda, jóias, brinquedos, artigos de vidro); novas mídias (videogames e mídia gravada); artes performáticas (instrumentos musicais e música impressa); publicações (livros, jornais e outros materiais impressos); artes visuais (antiguidades, pinturas, fotografia, escultura). Entende-se por serviços criativos: publicidade, pesquisa de mercado e sondagem de opinião pública; serviços de engenharia, arquitetura e outros serviços técnicos, pesquisa e desenvolvimento; serviços pessoais, culturais e de lazer; serviços audiovisuais e relacionados; outros serviços pessoais, culturais e de lazer (UNCTAD, 2010).

⁵ Tal estudo pode ser consultado em Souza (2019).

2 Economia Criativa: conceito e teoria

De acordo com Duisenberg (2008), a sociedade do século XX favorecia o binômio informação/comunicação, porém a partir do século XXI passou a privilegiar a articulação entre criatividade, conectividade e conhecimento. Dessa mudança de paradigma nasceu a concepção de EC como um novo vetor econômico.

A noção de EC teve origem no termo indústria criativa. Em 1994, o governo da Austrália apresentou o projeto *Creative Nations* no qual formulava o conceito de indústria criativa. O primeiro-ministro australiano na época, Paul Keating, estruturou um plano estratégico de desenvolvimento, destacando a importância do trabalho criativo e cultural. Em 1997, o governo inglês apropriou-se do conceito de indústria criativa e elencou os treze setores de maior potencial para a criação de riquezas e de empregos, por meio da geração e exploração do conhecimento (MIRSHAWKA, 2016).

A expressão indústria criativa foi rapidamente adotada pela mídia e pela academia. Em 2001, John Howkins operacionalizou o conceito de EC no livro intitulado *The Creative Economy*. Para o autor, o conceito englobava os setores de propaganda, de arquitetura, da arte, do artesanato, do *design*, da moda, de filmes, da música, de realizações artísticas, das edições, da pesquisa & desenvolvimento (P&D), de programas informáticos, de jogos, de brinquedos, de televisão, de rádio e de videogames (HOWKINS, 2013). Segundo o autor:

Criatividade é capacidade de gerar algo novo. Significa a produção por parte de uma ou mais pessoas, de ideias e invenções que são pessoais, originais e significativas. [...] *Economia* é convencionalmente definida como um sistema para a produção, troca e consumo de bens e serviços. [...] A *economia criativa* consiste nas transações contidas nesses produtos criativos. Cada transação pode ter dois valores complementares: o valor da propriedade intelectual intangível e o valor do suporte ou plataforma física (se realmente existir algum). [...] a economia criativa é equivalente ao valor dos produtos criativos (PC) multiplicado pelo número de transações (T): isto é, $EC = PC \times T$ (HOWKINS, 2013, p.13-18).

A acepção de Howkins sobre o que é criatividade e economia criativa segue uma lógica e precisão anglo-saxônica, de cunho mercantil, que nem sempre coincide com a de outras realidades culturais. Como explica Facundo Solanas (p.164, 2008): “[...] os conceitos não são inocentes nem imparciais, tampouco estáticos, pois sofrem mudanças e evoluem”. A jamaicana Andrea Davis (2008) reconhece que cada país tem suas especificidades culturais, o que requer uma definição capaz de promover políticas públicas aptas a alavancar o setor de EC.

Para Reis (2012), refletindo sobre o percurso da indústria criativa em direção a EC, é o ponto de inflexão, o momento no qual uma ideia passa a ter o potencial de ser remunerada, ou em outras palavras, quando a criatividade consegue gerar uma propriedade intelectual, transforma-se em EC. Para Feria (2008), a criatividade é o insumo fundamental por trás da EC. Ambos concordam que a criatividade se propaga pelas cadeias de produção, provocando um fluxo inovador prático e diário, o que se contrapõe ao modelo tradicional patrimonial (REIS, 2012). Para Franco (2012), essa transformação só acontece quando se permite a desestruturação dos sistemas de hierarquia rígida nas relações sociais e produtivas.

Annunziata (2012) associa a EC à entrada da geração Y no mercado de trabalho. O ambiente profissional perdeu parte de sua formalidade tornando-se mais inclusivo e receptivo a inovações, previamente testadas em incubadoras. Duisenberg (2008) aponta para a importância de se ter uma perspectiva holística e multidisciplinar da EC salientando ser este o encontro entre economia, cultura e tecnologia. A criatividade, conduzida pelo conhecimento, tem a função de movimentar a engrenagem econômica usando como meio a conectividade. O “conhecimento em fluxo” (BORGES, 2012, p.47) ou as “nuvens de inovação coletiva” (GIARDELLI, 2012, p.89) promovem, assim, inovações no campo de trabalho e na produção de riquezas, mas também contribuem para alterar os valores e o discurso da sociedade (GIARDELLI, 2012).

A EC seria um modo de produção capaz de conectar a tecnologia à arte (ANNUNZIATA, 2012). Mais do que uma nova relação com o progresso tecnológico, pode-se dizer que ocorre, também, uma transformação social com a EC. A estrutura organizacional convencional, baseada numa gestão heterogênea e rígida administração hierárquica, própria da Segunda Revolução Industrial, na EC é questionada. Isso poderia levar a favorecer projetos de trabalho de cunho mais democrático, com práticas cooperativas e solidárias envolvendo a autogestão.

A EC, desse modo, pode contribuir para que a estrutura organizacional convencional possa ser descartada em pró de formas cooperativas de trabalho. Para Singer (2004, 2013), há possibilidade de edificar um “novo” modelo de desenvolvimento, mais humano e inclusivo, um desenvolvimentismo solidário. De acordo com Andrade, Morais, Moraes (2021, p.07), na produção desse modelo, “[...] o assalariado transforma-se no trabalhador ou no cooperado que tem responsabilidade total, não individual, mas coletiva pela produção e criação das tecnologias”.

Verifica-se que o conceito de EC, a despeito de estar ainda em construção, deixa claro que entende a cultura por uma lógica não puramente antropológica, mas como algo também passível de transformação em mercadoria. Segundo Florida (2011), apesar da EC estar inserida em uma realidade local, ela mantém em perspectiva as interligações em nível global, o que lhe permite navegar por um cenário de novas possibilidades e promover o desenvolvimento econômico da sociedade em questão.

De acordo com Moraes (2018), existem várias definições de EC, sendo a da UNCTAD a mais empregada pela academia. As definições de EC identificam as atividades produtoras de valor simbólico (fortemente originado em uma base territorial cultural) como sendo determinantes para a formação dos preços e da geração de valor econômico e cultural, por meio da comercialização de bens e serviços relacionados à propriedade intelectual.

A definição da UNCTAD foi formulada em 2006 e acrescentou novos setores ao conceito original de Howkins. Assim:

A “economia criativa” é um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico. Ela pode estimular a geração de renda, criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo em que promove a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano. Ela abraça aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo. É um conjunto de atividades econômicas baseadas em conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e interligações cruzadas em macro e micro níveis para a economia em geral. É uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas de políticas inovadoras e multidisciplinares, além de ação interministerial. No centro da economia criativa, localizam-se as indústrias criativas (UNCTAD, 2010, p.10).

Quadro 1 - Classificação da UNCTAD para indústrias criativas

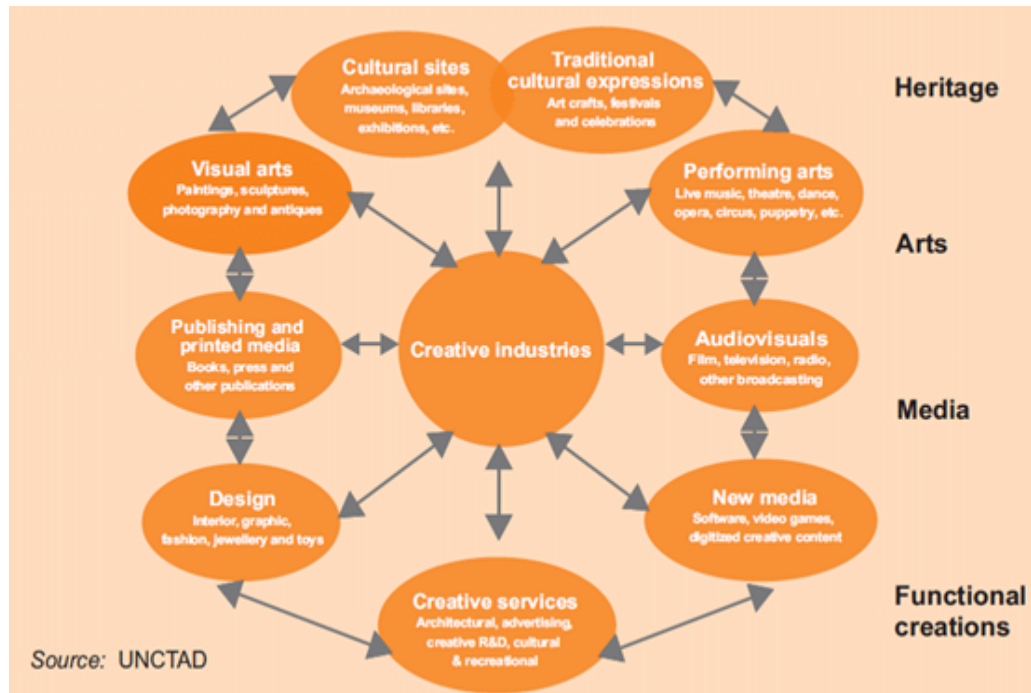
Componentes	Descrição
Expressões culturais tradicionais	Artesanato, gastronomia, festivais e celebrações
Artes cênicas	Música ao vivo, teatro, dança, ópera, circo, teatro de fantoches, etc.
Audiovisuais	Filme, televisão, rádio, demais radiodifusões
Novas mídias	Software, videogames e conteúdo digital criativo
Serviços criativos	Arquitetônico, publicidade, P&D criativo, cultural e recreativo
Design	Interiores, gráfico, moda, joalheria e brinquedos
Editoras e mídia impressa	Livros, imprensa e outras publicações
Artes visuais	Pinturas, esculturas, fotografia, antiguidades, etc.
Locais culturais	Sítios arqueológicos, museus, bibliotecas, exposições, cidades, etc.

Fonte: UNCTAD, 2010.

Ao analisar a **Figura 1**, evidencia-se que a EC engloba um conjunto de atividades bastante heterogêneas, porém interdependentes, à medida em que a competitividade de uma atividade decorre das suas interações com as demais atividades. Em outras palavras, o setor audiovisual, por exemplo, depende da literatura, da música, da fotografia, do *design* e assim por diante, os quais, por sua vez, se fortalecem simbioticamente da atividade audiovisual. Essa interdependência setorial é uma característica muito

importante da EC e precisa ser considerada na formulação de políticas, sendo o poder público um agente fundamental, pois há uma tendência a assimetrias, que podem se tornar disfuncionais.

Figura 1 - Modelo de indústrias criativa da UNCTAD



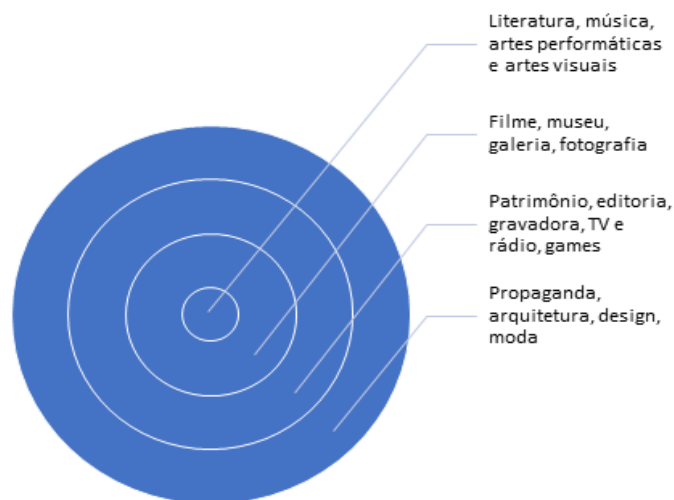
Fonte: UNCTAD, 2010, p.8

De acordo com Throsby (2008), que desenvolveu o modelo dos círculos concêntricos, exemplificado na **Figura 2**, ao centro encontram-se as indústrias com mais valores culturais. Por outro lado, quanto mais periféricas as atividades que envolvem EC, mais comerciais elas serão. Nas palavras do autor:

“Assim são delineados os círculos concêntricos: no centro estão as indústrias centrais cuja proporção de conteúdo cultural para comercial é julgada de acordo com critérios considerados mais elevados, com camadas se estendendo para fora do centro à medida que o conteúdo cultural cai em relação ao valor comercial das mercadorias ou serviços produzidos” (THROSBY, 2008, p.149, tradução nossa)⁶.

⁶ No original: *Thus are the concentric circles delineated: at the centre are core industries whose proportion of cultural to commercial content is judged according to given criteria to be highest, with layers extending outwards from the centre as the cultural content falls relative to the commercial value of the commodities or services produced* (THROSBY, 2008, p. 149).

Figura 2 - Modelo dos círculos concêntricos de David Throsby.



Fonte Throsby, 2008.

A EC, segundo Nyko e Zendron (2018), abarca setores que são verdadeiros motores de desenvolvimento por gerar inovações, conceitos, ideias e novos modelos de negócios. O desenvolvimento de setores da EC acaba por transbordar para outros setores (*spillover effect*). O dinamismo da EC, seus valores e inovações facilitam a adoção e a retenção de novas ideias e tecnologias nos demais setores da economia. Para Moraes (2018), o desenvolvimento de setores de bens intangíveis e de serviços proporciona, não somente o avanço de novas ideias e tecnologias, mas a acumulação de capital, facilitando o *spillover effect* para setores de alta tecnologia com viés sustentável como o de biotecnologia, arquitetura bioclimática, bioconstrução, energias renováveis, etc.

De acordo com Moraes (2018), essas hipóteses possuem embasamentos, uma vez que a criatividade e a diversidade cultural são estudadas e pesquisadas como propulsoras do desenvolvimento econômico. A criatividade é uma força estudada pela economia há séculos. Estudos como de Joseph Schumpeter (1984), Joel Mokyr (1990) e Richard Florida (2011) afirmam que a criatividade está por trás dos avanços econômicos como uma sucessão de novos e de melhores meios de produção e de organização social.

A EC seria uma tentativa de categorizar e de sistematizar os principais setores econômicos que se apoiam e empregam o uso da criatividade e da diversidade cultural. Segundo Florida:

Com base em meu conhecimento sobre a história econômica recente, olho para o passado distante e percebo que novos e importantes sistemas de mobilização da criatividade costumam ser desdobramentos de sistemas preexistentes. Os novos sistemas não necessariamente suplantam os antigos, mas sempre ampliam e modificam as regras do jogo. Eles costumam surgir quando os preceitos vigentes começam a atingir determinados limites e acarretam períodos de enorme progresso e grande turbulência [...] (FLORIDA, 2011, p.56).

3 Desempenho da EC dos países membros do Mercosul

A pesquisa não tem a intenção de discorrer sobre a elaboração e a edificação do Mercosul. Tal feito já foi demasiadamente abordado por diversos pesquisadores da Economia, da Ciência Política, da História, da Sociologia, da Geografia e das Relações Internacionais. No Mercosul, a EC costuma ser debatida no âmbito da Reunião da Cultura do Mercosul. Essa foi criada pelo Grupo Mercado Comum (GMC, 1992) com a Resolução nº 34/92, que estabeleceu a Reunião Especializada em Cultura, concebendo-a enquanto foro privilegiado de debates e de negociações dedicados a fornecer consultas quanto à integração de políticas culturais dos Estados-membros.

Em 1995, tiveram início as Reuniões Especializadas sobre a Cultura. Destacaram-se duas de suas ações: i) a organização de sete Comissões Técnicas, entre elas a de indústrias culturais; e ii) a recomendação pela criação da Reunião de Ministros e Responsáveis pela Cultura. A Decisão nº 02/95 do Conselho do Mercado Comum (CMC), criou a Reunião de Ministros da Cultura (RMC), que substituiu as Reuniões Especializadas sobre a Cultura. A Decisão também criou o Mercosul Cultural, que seria o:

[...] conjunto de reuniões dedicado à temática cultural, reunindo sob essa “etiqueta” as iniciativas e ações culturais aprovadas nesses marcos. O Mercosul Cultural funciona como um fórum de

discussão, uma instância que articula as burocracias nacionais relacionadas à temática cultural para a proposição de projetos e iniciativas culturais regionais (BORJA, 2011, p. 87-88).

Eram quatro os órgãos que compunham o Mercosul Cultural. A Reunião de Ministros da Cultura (RMC, com caráter político e decisório do Mercosul Cultural junto à CMC), ao Comitê Coordenador Geral (CCG, de caráter técnico), às Comissões Técnicas (CTs, estabelecidas enquanto foros de debate, de acompanhamento e de proposição) e às reuniões de projetos (esporádicas, segundo necessidades específicas) (BORJA, 2011).

Desde 2017, seguindo a tendência da UNCTAD e do BID, a Reunião de Ministros da Cultura do Mercosul passou a debater mais intensamente a EC e seu potencial para o desenvolvimento econômico da região. As reuniões possuem muito mais caráter político, elaborando documentos normativo-discursivos do que algo analítico-descritivo. Desse modo, os dados apresentados neste texto não são oriundos dos documentos do Mercosul Cultural. E nem é propósito da pesquisa realizar uma análise do discurso nestes documentos, o enfoque é puramente na análise econômica da EC.

A Argentina possui uma metodologia própria para medir sua indústria criativa. É o Valor Agregado Bruto Cultural (VAB – Cultural). Segundo o *Sistema de Información Cultural de la Argentina (SInCA)*, del Ministerio de Cultura de la Nación y el Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), o VAB – Cultural :

[...] surge de la diferencia entre el valor bruto de producción (VBP), que es la suma total de los valores de los bienes y servicios producidos por la economía, incluyendo los de uso intermedio y final, y los consumos intermedios (CI), es decir, aquellos empleados en la producción de otros bienes y servicios (SInCA, 2017, p. 9-10).

O VAB-Cultural permite conhecer a produção de bens e serviços culturais em determinados setores e identificar o peso do setor cultural e criativo na produção nacional, bem como analisar seu comportamento histórico. Segundo o SInCA (2017, p.19), em 2016, a participação dos 10

setores no VAB-Cultural na Argentina foi: audiovisual (29%); publicidade (18%); livros e publicações (13%); conteúdo digital cultural (12%); desenho (10%); música (7%); artes cênicas e espetáculos artísticos (6%); ativos tangíveis (2%), artes plásticas e visuais (2%); e formação cultural (2%). O valor total dos bens e dos serviços culturais comercializados com outros países atingiu US\$ 905 milhões e três quartos desse valor são explicados pela venda de serviços (SInCA, 2017).

Números provenientes da UNCTAD, que agrega setores criativos, além de alguns culturais, elevam as exportações argentinas para US\$ 2.426,97 milhões, dos quais US\$ 209,31 milhões correspondem a todos os bens criativos e US\$ 2.217,67 milhões a serviços (UNCTAD, 2016, p.16). A participação da EC no Produto Interno Bruto (PIB) argentino, em 2016, foi de 3%, segundo a UNCTAD (2018). A proporção da população empregada no setor criativo em relação à força de trabalho empregada foi de 1,5% em 2016, segundo a UNCTAD (2016) e 3,2% em 2013, segundo o BID (2013).

No Brasil, a participação das Indústrias Criativas no PIB segue uma tendência de alta passando de 2,38% em 2009 para 2,64% em 2015 e 2,91% em 2020, segundo estudo da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2022). A Fundação Getúlio Vargas (FGV) estimava o valor em 1,1% em 2009 (RUEDIGER *et al.*, 2015). A diferença entre as avaliações resulta do fato da FIRJAN trabalhar com base na massa salarial (isto é, considerando o total de salários pagos pelo setor formal brasileiro) e a FGV utilizar o critério do valor adicionado (aferir o valor bruto produzido pelo setor e descontar dele o consumo intermediário). Os estudos classificaram os segmentos criativos de acordo com suas afinidades setoriais em quatro grandes áreas: consumo (design, arquitetura, moda e publicidade), mídia (edição e audiovisual), cultura (patrimônio e artes, música, artes cênicas e expressões culturais) e tecnologia (P&D, Biotecnologia e TIC).

Para fins de comparação e considerando o critério de valor adicionado, em 2011, a EC representou 3,2% do PIB francês, cerca de três

vezes o desempenho brasileiro (KANCEL *et al*, 2013)⁷. Nesse mesmo ano, a indústria criativa turca equivaleu a 2,74% do PIB (WIPO, 2014)⁸.

Segundo a UNCTAD (2016), o comércio exterior da EC do Brasil, em 2012, foi de US\$ 11.226,12 milhões, dos quais US\$ 10.308,72 milhões corresponderam a serviços criativos e o restante, US\$ 917,40 milhões, às exportações de bens criativos (UNCTAD, 2016, p. 26). Segundo a mesma fonte, em 2012, o *design* (interiores, joalheria e moda) exportou US\$ 636 milhões, seguido das novas mídias (US\$ 111 milhões), enquanto a publicidade e a arquitetura foram os serviços criativos que mais cresceram.

No Brasil, 851.244 pessoas estão empregadas nas indústrias criativas, o que representa 1,8% do mercado de trabalho total do país. Deste emprego, 44,2% corresponde ao consumo e 36,8% às tecnologias, o que representa mais de 80% do emprego cultural e especificamente à investigação e desenvolvimento, tecnologias de informação e comunicação, publicidade e arquitetura. Os profissionais da indústria criativa ganhavam, em média, US\$ 1.650, quase o triplo da média nacional US\$ 631 (FIRJAN, 2016).

No Paraguai, segundo estudo da *Universidad Nacional de Asunción*, com base em dados de 2010 do Sistema de Informação do Paraguai, o PIB cultural, entendido como a porcentagem do valor agregado bruto das atividades culturais no PIB nacional, foi de 3,85% (UNA, 2013). Segundo a UNCTAD (2016), as exportações de bens criativos do país foram de US\$ 17,5 milhões, em 2012. Não há informações para serviços criativos. Segundo estudo da CEPAL (2014), o emprego cultural no Paraguai, em 2011, foi de 27,7 mil pessoas (1,0%), enquanto se somadas às atividades auxiliares da cultura, chega a 40,8 mil pessoas (1,5%). Outras 37,7 mil pessoas (1,3%) estão ocupadas em atividades relacionadas à cultura.

O Uruguai, em 2012, teve o PIB de quatro setores culturais de 0,63%, segundo o *Ministerio de Educación y Cultura* do país. Os setores incluídos foram: livros e periódicos, música gravada, audiovisual e artes cênicas

⁷ Considerando o valor adicionado.

⁸ Considerando o valor adicionado relativo aos direitos autorais

(Ministerio de Educación y Cultura, 2012, p.88). A Conta Satélite da Cultura de 2008 incluiu artes cênicas e fotografia, e com ele o PIB cultural ficou em torno de 0,79% (Ministerio de Educación y Cultura, 2009).

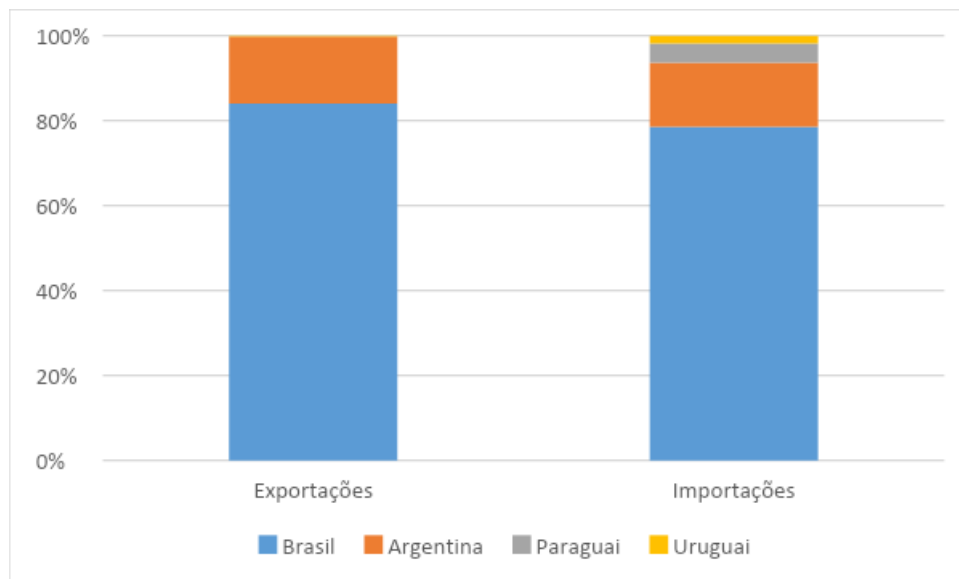
Segundo a UNCTAD (2018), em 2012, as exportações da EC no Uruguai foram de US\$ 25,51 milhões. Destes, US\$ 24 milhões correspondem a bens criativos e US\$ 1,51 milhão a serviços. Segundo estudo da CEPAL (2014), o emprego cultural no Uruguai, em 2012 consistia em 42,4 mil pessoas (2,6% do total); adicionando dados das atividades auxiliares da cultura, o número sobe para 55,1 mil pessoas (3,4%). A CEPAL identifica os seguintes setores incluídos na conta satélite do país: artes cênicas, artes plásticas e visuais, museus, livros e publicações, formação cultural, bibliotecas e arquivos, audiovisual e música. É significativo que 38,6 mil pessoas mais foram empregadas em atividades ligadas à cultura, o que representava 2,4% (CEPAL, 2014).

Tabela 1 - Desempenho da EC dos países membros do Mercosul em 2012 (US\$ milhões)

Países	Serviços criativos	Produtos criativos	Indústria criativa col.2 + col.3
Brasil Exp.	10266	917	11183
Brasil Imp.	7734	3058	10792
Brasil Saldo	2532	(2141)	391
Argentina Exp.	1883	209	2092
Argentina Imp.	1125	951	2076
Argentina Saldo	758	(742)	16
Uruguai Exp.	2	24	26
Uruguai Imp.	16	229	245
Uruguai Saldo	(14)	(205)	(219)
Paraguai Exp.	0	7	7
Paraguai Imp.	0	632	632
Saldo	0	(625)	(625)
Mercosul Exp.	12151	1157	13308
Mercosul Imp.	8875	4870	13745
Saldo	3276	(3713)	(437)

Fonte: Elaboração dos autores. Dados extraídos do Unctad (2018)

Gráfico 1 - Participação dos países membros do Mercosul nas exportações e importações de EC do bloco (dados referentes a 2012)



Fonte: Elaboração dos autores. Dados de 2012 extraídos do Unctadstat.

A observação da **Tabela 1** e do **Gráfico 1** revela a disparidade no desempenho dos países membros do Mercosul na EC, o que é previsível dado a diferença entre os parceiros. O Brasil responde por 84,03% do total das exportações da EC do bloco e a Argentina por 15,71%. Enquanto Paraguai e Uruguai são deficitários em seu comércio criativo, Brasil e Argentina apresentam um ligeiro superávit.

Outra característica interessante é a diferença no perfil das exportações. Enquanto Paraguai e Uruguai exportam, sobretudo, produtos criativos, 90% das exportações criativas de Brasil e da Argentina se concentram na área dos serviços criativos. Enquanto bloco, o Mercosul reproduz o perfil de seus dois maiores membros especializando-se na exportação de serviços criativos (91%), porém não consegue reverter a tendência deficitária provocada pelas importações de produtos criativos dos quatro países.

Examinando de forma mais detida os vários segmentos, listados pela UNCTAD, que compõem o rol de serviços criativos, verifica-se que o Brasil apresenta distribuição muito desigual, com forte concentração na

exportação de serviços de engenharia, arquitetura e outros serviços técnicos. Em contrapartida, a repartição da Argentina é mais equilibrada (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Exportação de Serviços Criativos distribuídos por segmento

	Engenharia, Arquitetura e outros serviços técnicos	Propaganda, Pesquisa de mercado e de opinião pública	Pesquisa e Desenvolvimento	Serviços pessoais, culturais e recreativos
Argentina	24,0%	33,0%	25,1%	17,7%
Brasil	87,1%	6,8%	5,6%	0,4%

Fonte: Elaboração dos autores. Dados de 2012 extraídos do Unctadstat

Chama a atenção o fraco desempenho brasileiro no quesito “serviços pessoais, culturais e recreativos”. Em termos absolutos, em 2012, a Argentina exportou US\$ 335 milhões em serviços pessoais, culturais e recreativos, enquanto que o Brasil alcançou a cifra de US\$ 43 milhões. Tal discrepância indica o forte potencial de crescimento dessa categoria tanto para o Brasil, que deveria ser capaz de pelo menos alcançar a Argentina, quanto para o Paraguai que deveria seguir o exemplo do Uruguai com seu US\$ 1,5 milhão de exportação de serviços pessoais, culturais e recreativos.

Entre os principais clientes de produtos criativos do Mercosul se encontram os países da região, com a América do Sul adquirindo 50%. Os outros destinatários preferenciais são a América do Norte (Estados Unidos e México) 28% e finalmente a Europa (15%) (UNCTAD, 2018). O Brasil distribui um pouco mais a sua cesta destinando 35,55% de suas exportações de produtos criativos aos vizinhos da América do Sul, majoritariamente Argentina, Chile, Peru, Uruguai e Paraguai. Outros 29,4% das exportações de produtos criativos vão para a América do Norte (EUA e México), 21 % para a Europa, 10% para a África e 4% para a Ásia (UNCTAD, 2018).

Tabela 3 - Participação das exportações de produtos culturais sobre as exportações de mercadorias dos países membros do Mercosul (2015)

Países	Exportações de produtos criativos 2015 (US\$ milhões)	Exportações de mercadorias (US\$ milhões)	Participação dos produtos criativos sobre o total das exportações em mercadorias %
Argentina	93	56 784	0,16
Brasil	883	191 134	0,46
Paraguai	15	8 328	0,18
Uruguai	15	7 677	0,19
Mercosul	1006	263 923	0,38

Fonte: Elaboração dos autores. Dados extraídos do Unctadstat

A pesquisa já esperava a disparidade nas exportações da EC nos países membros do Mercosul, pois eles têm realidades muito diversas. A **Tabela 3** tem por objetivo contextualizar essas diferenças. Ela nos mostra que para os três membros hispânicos do Mercosul os produtos criativos ocupam uma parcela reduzida da pauta de exportações de mercadorias, uma proporção quase três vezes menor do que a apresentada pelo Brasil. Esse mesmo exercício, quando aplicado a economias fora da América do Sul, traz resultados bastante diferentes.

A França, conhecida por seu alto PIB cultural, até entre as economias desenvolvidas, apresenta um percentual de 6,8 % de participação de produtos criativos sobre o total de exportações de mercadorias (em 2015). Entre países em desenvolvimento, cabe destacar a Turquia e a Índia, que têm avançado fortemente nas exportações desse setor, ostentando índices de 6% e 6,3% (em 2015) respectivamente. O México, sem ter um desempenho tão pronunciado, pode, não obstante, servir de exemplo para nortear o desempenho do Brasil e dos demais membros do Mercosul com 1,4% de participação de produtos criativos sobre o total de exportações de mercadorias (UNCTAD, 2018). Os dados servem como referência para o potencial que a exportação de produtos criativos pode alcançar, tanto para economias já consolidadas como para as emergentes.

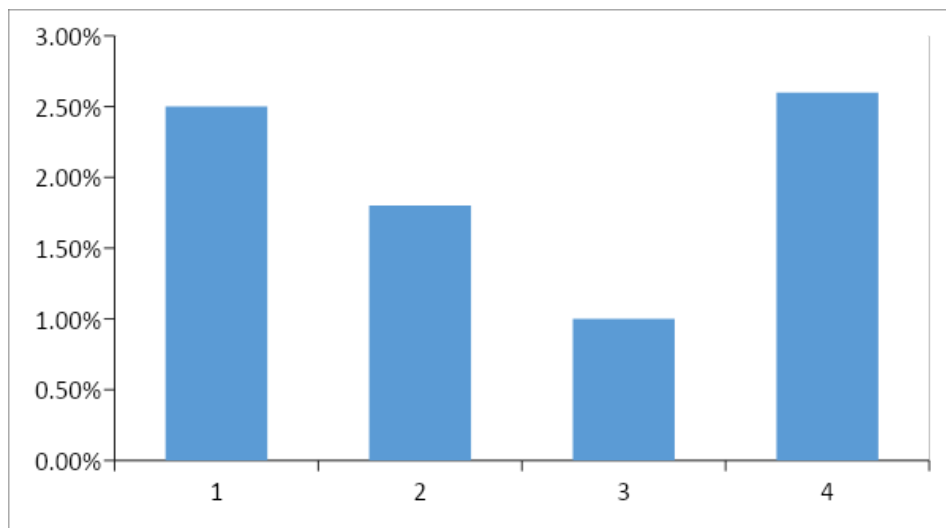
Na própria América do Sul, a Bolívia, a Colômbia e o Peru têm desempenho superior aos dos países membros do Mercosul com respectivamente 1,67%, 1% e 0,58%⁹ de participação de produtos criativos sobre o total de exportações de mercadorias. A Bolívia, por exemplo, tem se posicionado em um nicho de artigos como tecidos, joias e artesanato com *design* de inspiração na cultura dos povos originários andinos. Os resultados citados apontam para o grande potencial de crescimento do segmento criativo e sinalizam para a direção que os países do Mercosul devem seguir (UNCTAD,2018; OLIVA, 2018).

Como se viu no caso brasileiro, é importante ressaltar que a EC concentra seus trabalhadores em setores com maior valor salarial. Segundo Marconi (2015), há dois tipos de serviços: o terceirizado e o de servitização. O primeiro está associado a atividades de reduzida produtividade, enquanto o segundo está correlacionado com maior conteúdo tecnológico, proporcionando maior sofisticação, demandando mão-de-obra mais qualificada e gerando maior valor adicionado *per capita*. Os setores da EC estão na categoria de servitização.

No que diz respeito à capacidade de gerar empregos da EC, a pesquisa esbarrou na inoperância do SICSUL, sistema de informação cultural do Mercosul criado em 2006 com objetivo de agrupar e de disponibilizar informações sobre a indústria criativa dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. A plataforma está fora do ar, suas publicações indisponíveis e nossas tentativas de contato com o serviço técnico estatístico não foram respondidas durante a elaboração deste artigo. Os dados que coletamos para realizar o **Gráfico 2** procedem de recente estudo lançado pelo BID, que copilou várias fontes sobre EC na América Latina.

⁹ Essas proporções dizem respeito a 2015, com exceção da Colômbia cujos números são de 2014.

Gráfico 2 - Total de trabalhadores na EC e Proporção da População empregada no setor criativo em relação à Força de Trabalho Empregada no Mercosul.



Elaboração dos autores com base em Oliva, 2018.

Os países do Mercosul poderiam explorar melhor a potencialidade da EC para obter maior desenvolvimento econômico, além de maior integração cultural. A região do Cone Sul, como toda a América Latina, é caracterizada por uma megadiversidade cultural-criativa única, podendo, inclusive, ser considerada como uma vantagem comparativa dos países. Contudo, a EC também apresenta fragilidades. Por exemplo, as estruturas de poder vigentes no mercado global podem acarretar a apropriação da criatividade humana, em nível local, sem uma justa remuneração, reproduzindo-se um modelo de exploração, desta vez intelectual (RAMANATHAN, 2008). Outro problema é o próprio comprometimento da criatividade e da organicidade do trabalho criativo visando adequá-lo às demandas de padronização e de produtividade dos mercados globais. (RAMANATHAN, 2008). Daí a pertinência de formular políticas públicas robustas para a defesa do setor e sempre articulado e dialogando com projetos de Economia Social e Solidária.

Observando isso, a EC pode sim ter um papel catalisador para o fortalecimento da cultural local, uma maior valorização dos povos originários, ao mesmo tempo em que proporciona a ampliação, a

integração e a diversificação das economias dos países do Mercosul. Para uma segunda etapa, gerar a sofisticação da estrutura produtiva, avançando para produtos complexos e com maior valor agregado em vez de ficar investindo nas exportações de *commodities*. Para tanto:

[...] o projeto de desenvolvimento sustentável baseado em setores criativos na América Latina não ocorrerá sem participação ativa do Estado. Ele depende de boas políticas nacionais de apoio à criação e à circulação de bens culturais. Isso significa estruturar programas concretos de financiamentos, conectados a processos amadurecidos endogenamente (MORAES, 2018, p.40).

4 Considerações finais

É de notório saber que os países do Mercosul não conseguiram se inserir de forma satisfatória na divisão do trabalho internacional estabelecida pelo processo produtivo da revolução técnico-científico-informacional, iniciada no final do século XX e mantido até a atualidade. Os países do Mercosul reafirmaram seu papel de exportadores de *commodities* e praticamente abandonaram as estratégias de políticas econômicas e sociais internas e nacionais para a superação do subdesenvolvimentismo. Há uma carência de modelos e de estratégias de desenvolvimento econômico na região, o que há são políticas sociais e econômicas pontuais e compensatórias.

Em vista disso, o artigo teve a intenção, conforme escrito na introdução, de apresentar o conceito e a parte da teoria da EC ao mesmo tempo em que executou uma análise dos setores da EC nos países membros efetivos do Mercosul. A parte conceitual e teórica acerca da EC, elucidada na primeira parte do artigo, pautou-se em renomados autores e organizações que se dedicam ao campo pesquisado. Não foi realizada uma pesquisa do tipo Estado da Arte, pois tal feito fugia do escopo da pesquisa. A análise dos setores da EC nas economias do Mercosul, realizada na segunda parte do texto, teve a preocupação de concretizar a triangulação

de dados, preferindo se basear em fontes internacionais e consolidadas como os da UNCTAD, por exemplo.

De posse desses dados, a pesquisa pretende chamar a atenção para a importância do Mercosul utilizar os setores da EC como motor dentro de uma estratégia desenvolvimentista. Os setores da EC têm capacidade de iniciar um movimento de desenvolvimento sustentável e inclusivo na região. Eles são geradores de capital, crescem usualmente acima da média da economia mundial, têm capacidade de criar e absorver inovações tecnológicas. A EC também facilita o efeito de *spillover* e demanda derivada para outros setores da economia, como a construção civil, transportes, telecomunicações, comércio, entre outros.

A EC atua de forma multidimensional e em uma perspectiva integrada. São setores onde os recursos renovam-se e em determinados casos multiplicam-se com o uso, apresentando um expressivo desempenho econômico sustentável. A EC, além disso, por sua multidimensionalidade, permite que os valores sociais, a identidade cultural e a interação social fortaleçam-se na comunidade e nos territórios locais. Outro ponto para destacar da EC é o seu papel no futuro do emprego tanto por sua contribuição na criação de postos de trabalhos mais bem remunerados – servitização - quanto por sua função basilar na evolução das dinâmicas laborais e produtivas.

Em suma, este artigo é um esforço inicial para analisar e pautar a agenda do desenvolvimento econômico do Mercosul por meio da EC. O presente artigo, não pretendeu preencher a lacuna de modelos ou de estratégias no debate do desenvolvimentismo, mas teve a intenção de chamar a atenção para um possível “novo motor” propulsor para a ampliação, a integração e a sofisticação da estrutura produtiva do Mercosul.

5 Referências

ANDRADE, Hugo M. V.; MORAIS, Leandro P.; MORAES, Isaías A. Tecnologias sociais para políticas públicas de habitação no Brasil: potencialidades identificadas e experiências recentes. **RBEST Rev. Bras. Eco. Soc. Trab. / BJSLE Braz. J. Soc. Lab. Econ.**, Campinas, v. 3, p. 02-18, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rbest/article/view/13795/10605>. Acesso em: 13 out. 2022.

ANNUNZIATA, Luciana. Toda economia pode ser criativa. *In*: Fonseca et al. **Economia criativa: um conjunto de visões**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2012, pp. 37-41.

BID (BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO). 1º **Diálogo regional das políticas de indústrias culturais e criativas com foco intersetorial**: o papel das indústrias culturais e criativas na reativação econômica da América Latina e do Caribe. s/l: BID, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18235/0004013>

BID (BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO). **La Economía Naranja: una oportunidad Infinita**. New York: BID, 2013. Disponível em: <<https://publications.iadb.org/pt/economia-laranja-uma-oportunidade-infinita>> Acesso em 7 agosto 2022

BORGES, Masukievski. Conectivismo: uma (nova) oportunidade de apreendimento do mundo. *In*: Fonseca et al. **Economia criativa: um conjunto de visões**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2012, pp. 43-49.

BORJA, Janira Tripodi. **A Retórica do Silêncio**: cultura no Mercosul. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2011. Acessível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8860> > Acesso em: 8 ago. 2022.

CEPAL (COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE); ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBEROAMERICANOS PARA LA EDUCACIÓN,

LA CIENCIA Y LA CULTURA (OEI) **Cultura y desarrollo económico en Iberoamérica.** Madrid: OEI. 2014. Disponível em: http://www.oei.es/historico/publicaciones/detalle_publicacion.php?id=146.

Acesso em: 08 fev. 2022.

DAVIS, Andrea. A economia criativa como estratégia para o crescimento e regeneração de riquezas na Jamaica e no Caribe. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.) **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento.** São Paulo. Itaú Cultural:Garimpo de soluções, 2008, pp 176-193 Disponível em: <

<https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf> > Acesso em: 5 ago. 2022

DUISENBERG, Edna dos Santos. A economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável? In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.) **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento.** São Paulo. Itaú Cultural: Garimpo de soluções, 2008. pp (52-73) Disponível em: <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2022

EY (ERNST & YOUNG). **Cultural times – The first global map of cultural and creative industries.** 2015. Disponível em: https://ficdc.org/wp-content/uploads/2019/11/CISAC-Cultural_Times_2015.pdf Acesso em: 08 ago. 2022.

FERIA, Ernesto Piedra. México: tecnologia e cultura para um desenvolvimento integral. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.) **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento.** São Paulo. Itaú Cultural:Garimpo de soluções, 2008, pp 144-155 Disponível em: <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf> . Acesso em: 5 ago. 2022

FIRJAN (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO). **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2016. Disponível:

<http://www.firjan.com.br/economiacriativa/download/mapeamento-industria-criativa-sistema-firjan-2016.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2021.

FIRJAN (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO). **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2022.

Disponível: <https://firjan.com.br/economiacriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa2022.pdf> Acesso em: 26 out. 2022

FLORIDA, Richard. **A Ascensão da Classe Criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FRANCO, Augusto de. Interação, Inovação e Sociedade em rede. In: Fonseca *et al.* **Economia criativa**: um conjunto de visões. São Paulo: Fundação Telefonica, 2012, pp.24-31

GIARDELLI, Gil. A ruptura coletiva e a economia criativa. In: Fonseca *et al.* **Economia criativa**: um conjunto de visões. São Paulo: Fundação Telefonica, 2012. pp.88-92.

GMC (GRUPO MERCADO COMUM – Mercosul). **Resoluções do grupo Mercado Comum Mercosul/GMC/RES N° 34/92**: Criação da Reunião Especializada sobre Cultura. Assunção, 1992. Disponível em: <http://www.sice.oas.org/trade/mrcsrs/resolutions/Res3492p.asp> . Acesso em: 10 fev. 2021.

GMC (GRUPO MERCADO COMUM). Resoluções do grupo sobre Cultura. Assunção, 1992. Disponível em: <http://www.sice.oas.org/trade/mrcsrs/resolutions/Res3492p.asp>. Acesso em: 10 de fev. 2021.

HOWKINS, John. **Economia Criativa**: como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: MBooks, 2013.

KANCEL, Serge et al. **L'apport de la culture à l'économie en France**. Paris: Inspection Générale des Finances/Inspection Générale des Affaires Culturelles, 2013. Disponível em: <<https://www.economie.gouv.fr/files/03-rapport-igf-igac-culture-economie.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

MARCONI, Nelson. Estrutura produtiva e desenvolvimento econômico. In: BARBOSA, Nelson; MARCONI, Nelson; PINHEIRO, Maurício C.; CARVALHO, Laura. (Org.) **Indústria e Desenvolvimento: Produtivo no Brasil**. São Paulo: Elsevier, 2015.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y CULTURA. **Hacia una Cuenta Satélite de Cultura del Uruguay**. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 2009. Disponível em: http://cultura.mec.gub.uy/innovaportal/file/38210/1/cuenta_satelite_web.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y CULTURA. Cuenta Satélite en Cultura del Uruguay. **Medición económica sobre los sectores artes escénicas, audiovisual, libros y publicaciones periódicas y música grabada correspondiente a 2012**. Montevideo: Dirección de Industrias Culturales, 2012. Disponível em: <http://www.mec.gub.uy/innovaportal/file/66152/1/cuenta_satelite_en_cultura_del_uruguay_para_2012.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

MIRSHAWKA, **Victor. Economia Criativa**: fontes de novos empregos. Vol.1. São Paulo: DSV, 2016.

MOKYR, Joel. **The Lever of Riches**: Technological Creativity and Economic Progress. New York: Oxford University Press, 1990.

MORAES, Isaias A. Economia criativa e desenvolvimento sustentável na América Latina: potencialidades e desafios. **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro, v.3, n.9, p. 22-43, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://dialogo.espm.br/index.php/revistadcec-rj/article/view/159/pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

NYKO, Diego; ZENDRON, Patricia. Economia criativa. In: PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia Barros de (Org.). **Visão 2035 : Brasil, país desenvolvido** : agendas setoriais para alcance da meta. 1. ed. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2018, pp. 259-288.

OLIVA, Lazaro I. R. **Economía creativa en América Latina y el Caribe: Mediciones y desafíos**. New York: BID, 2018. Acessível em: <https://publications.iadb.org/es/economia-creativa-en-america-latina-y-el-caribe-mediciones-y-desafios> Acesso em: 08 ago. 2022

PWC (PRICEWATERHOUSE COOPERS). **Global entertainment and media outlook 2017-2021**. 2017. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/outlook-17.html>. Acesso em: 07 fev. 2022.

RAMANATHAN, Sharada. A economia criativa como uma estratégia de desenvolvimento: a visão dos países em desenvolvimento, a perspectiva Indiana. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.) **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento**. São Paulo. Itaú Cultural:Garimpo de soluções, 2008, pp 196-217 Disponível em: < <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf> > Acesso em: 5 agosto 2022

REIS, Ana Carla Fonseca. Fluxos e conexões. (pp10-15) In: Fonseca et alii. **Economia criativa: um conjunto de visões**. São Paulo: Fundação Telefonica, 2012.

RUEDIGER, Marco A. *et al.* **The creative and advanced technology economy in Brazil: executive summary**. São Paulo: FGV-DAPP, 2015. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16402> > Acesso em: 08 ago. 2022

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: USP, 2006.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

SIInCA (Sistema de Información Cultural de la Argentina). **El valor económico de la cultura**. En Coyuntura Cultural, VAB 2016, vol. 9, n. 17, set. 2017. Disponível em: <http://back.sinca.gob.ar/download.aspx?id=2267>. Acesso em: 08 fev. 2020.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimentismo solidário. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.51, mai/ago. p. 7-22, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000200001 Acesso em: 15 jun. 2019.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia solidária**. São Paulo. Editora: Fundação Perseu Abramo, 2013.

SOLANAS. Facundo. Economia criativa e as possibilidades de Desenvolvimento na Argentina. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.) **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento**. São Paulo. Itaú Cultural: Garimpo de soluções, 2008, pp 156-175 Disponível em: <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2022

SOUZA, Thiago Cavalcanti. **Ensaio sobre criatividade e economia: proposta teórica de análise, padrões setoriais, inovações e complexidade na industrial criativa brasileira**. 2019. 246 f. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28345>. Acesso em: 8 ago. 2022

THROSBY, David. The concentric circles model of the cultural industries. **Cultural Trends**, vol. 17, n. 3, sep. 2008, pp. 147-164. DOI:[10.1080/09548960802361951](https://doi.org/10.1080/09548960802361951)

UN (UNITED NATIONS). A/RES/74/198, **International Year of Creative Economy for Sustainable Development**, 2021. New York: UN, 2019. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3835223#record-files-collapse-header>. Acesso em: 07 fev. 2022.

UNA (UNIVERSIDAD NACIONAL DE ASUNCIÓN). **Sector cultural. Aporte a la economía nacional**. Asunción: UMA, 2013. Disponível em: http://www.leyes.com.py/documentaciones/informacion_economica/2010/. Acesso em: 08 fev. 2022.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT) **Creative Economy outlook: trends in international trade in creative industries**. Geneva: United Nations, 2018.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT). **Creative economy report , 2013**. Geneva: United Nations, 2013.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT). **Creative economy report 2010**. Creative economy: a feasible development option. Geneva: United Nations, 2010.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT). **Creative Economy Outlook and Country Profiles: Trends in international trade in creative industries**. Geneva: United Nations, 2016.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT). ONU marca Dia da Criatividade e Inovação celebrando com foco em economia criativa. Geneva: **ONU News**, 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/04/1748282> . Acesso em: 07 fev. 2022.

UNCTAD (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT). **UNCTADSTAT**, 2012. Geneva: United Nations. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/EN/>. Acesso em: 03 jan.2021.

WIPO (WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION). **Study on the economic contribution of copyright industries in Turkey**. 2014. Disponível

em:

http://www.wipo.int/export/sites/www/copyright/en/performance/pdf/econ_contribution_cr_tr.pdf. Acesso em: 08 fev. 2022.



THE MERCOSUR FICTION: POLITICS AND LITERATURE IN GABRIELA AGUERRE'S *O QUARTO BRANCO*

*FICÇÕES DO MERCOSUL: POLÍTICA E LITERATURA EM O QUARTO
BRANCO, DE GABRIELA AGUERRE*

*FICCIONES DEL MERCOSUR: POLÍTICA Y LITERATURA EN O QUARTO
BRANCO, DE GABRIELA AGUERRE*

Sarah C. Lucena¹ 

Georgetown University, United States of America

Abstract: This paper discusses the viability of speaking of a Southern Cone identity as a Mercosur's project by analyzing Gabriela Aguerre's *O quarto branco* (2019). Departing from the official Mercosur's discourse about its project of regional cultural integration and in connection with Diego Olstein's (2017) concept of American Divergence, I argue that the lack of success of Mercosur in creating the notion of a common identity for the Southern Cone is linked to the historical foundation in which lies the creation of the bloc. By reading Aguerre's novel in view of such divergent framework, I propose that the regional integration that Mercosur longs for can be achieved via literature – specifically through Benedict Anderson's (2016) concept of print-capitalism, for which novel in print functions as the seed and fabric from which large groups of anonymous peoples can commune and identify. When representing the dualities at play when moving across the Southern Cone borders, Aguerre's novel both contests and accepts such duality while suggesting that the Mercosur's common identity is still not a reality, yet achievable in the realm of fiction and communal imagination.

Keywords: Southern Cone; Brazil; Uruguay; Gabriela Aguerre; Print-capitalism.

Resumo: Este artigo discute a viabilidade de se falar de uma identidade do Cone Sul como um projeto do Mercosul por meio da análise de *O quarto branco* (2019), de Gabriela Aguerre. Partindo do discurso oficial do Mercosul sobre seu projeto de integração cultural regional e em conexão com o

¹ PhD in Romance Languages from the University of Georgia, USA. Assistant Teaching Professor of Spanish and Portuguese at Georgetown University, USA. Email: s11757@georgetown.edu.

conceito de América Divergente tal como proposto por Diego Olstein (2017), argumento que o fracasso do Mercosul em criar uma noção de identidade comum do Cone Sul está relacionado à base histórica sobre a qual se funda o bloco. Ao ler o romance de Aguerre à luz desta perspectiva analítica, proponho que a integração a qual o Mercosul almeja pode ser alcançada através da literatura – especificamente a partir do conceito de capitalismo impresso proposto por Benedict Anderson (2016), no qual a novela impressa funciona como a semente e o tecido a partir do qual grandes grupos de pessoas desconhecidas se unem e se identificam. Ao representar as dualidades em jogo quando cruza as fronteiras do Cone Sul, o romance de Aguerre tanto contesta quanto aceita esta mesma dualidade ao mesmo tempo que sugere que a identidade comum do Mercosul ainda não é uma realidade, embora possa ser alcançada no plano da ficção e da imaginação compartilhada.

Palavras-chave: Cone Sul; Brasil; Uruguai; Gabriela Aguerre; Capitalismo impresso.

Resumen: Este artículo examina la viabilidad de hablar de una identidad del Cono Sur como proyecto del Mercosur a través del análisis de *O quarto branco* (2019), de Gabriela Aguerre. Tomando como punto inicial el discurso oficial del Mercosur sobre su proyecto de integración cultural regional y en conexión con el concepto de América Divergente propuesto por Diego Olstein (2017), argumento que el fracaso del Mercosur para crear una identidad común del Cono Sur está relacionado con la base histórica sobre la cual se funda el bloque. Al leer la novela de Aguerre a la luz de esta perspectiva analítica, propongo que la integración que pretende el Mercosur se puede lograr a través de la literatura, específicamente desde el concepto de capitalismo impreso propuesto por Benedict Anderson (2016), en el que la novela impresa funciona como semilla y tejido desde los cuales se juntan y se identifican grandes grupos de desconocidos. Al representar las dualidades en juego al cruzar las fronteras del Cono Sur, la novela de Aguerre cuestiona y acepta esta misma dualidad al tiempo que sugiere que la identidad común del Mercosur aún no es una realidad, aunque puede lograrse en la ficción y la imaginación compartida.

Palabras clave: Cono Sur; Brasil; Uruguay; Gabriela Aguerre; Capitalismo impreso.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.201022](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.201022)

Recebido em: 12/08/2022
Aprovado em: 30/12/2022
Publicado em: 31/12/2022

1 Fiction and borders

In March 2021, Latin America celebrated the 30th anniversary of the Southern Common Market (Mercosur), a trade bloc established in 1991 by its founding countries Argentina, Brazil, Uruguay, and Paraguay, geographically referred to as the Southern Cone countries. Self-described as “a union of countries working as one to secure the well-being of their people” (MERCOSUR, 2022b), Mercosur’s original members intended to promote mutual integration at many levels, including the opening of borders for Latin-American citizens; the creation of a common monetary fund to support structural convergence; and even the elaboration of the Citizenship Handbook, a manual to foster the idea of the so-called “Mercosur citizens”.

Critics of Mercosur argue that the bloc is weak and lacks political, economic, and social relevance and integration. For instance, Leslie Bethell (2010) shows that the establishment of good frontier relations in the Southern Cone has not been successful since long before the emergence of Mercosur, with confrontations dating back to the 1800s. Maria Prado (2001) argues that the creation of Mercosur revealed asymmetries that characterize economic and social relations among the members of the bloc and questions whether Mercosur can effectively forge a sense of a common, regional affiliation. Finally, Mahrukh Doctor (2013, p. 522) sums up the question by acknowledging that “the overwhelming impression in the academic literature as well as in the media and public perception is of a stalled regionalism process with few beneficial outcomes” in the economic, political, and social arenas.

The present article proposes a look at Mercosur’s mission of deepening integration among its member countries from a cultural perspective. Reading contemporary fiction produced in the transit of the Southern Cone borders, I look at how a literary narrative moving between

Brazil and Uruguay dialogues with the political efforts of Mercosur to forge a supra-national common identity among citizens of both countries. Published in 2019, *O quarto branco* by Brazilian Uruguayan writer Gabriela Aguerre brings the story of the twin sisters Glória and Gaia, born in a cold Monday during the fall season of dictatorship in Montevideo. However, and establishing the mood for a series of distressing events that occurs in the novel, the reader soon learns that only one of the sisters survived, while the other one died a few weeks after being born. At the time of her death, their mother decided to change their names. Hence, the daughter who survives, originally named Gaia, became Glória, which was the original name of the deceased child. Only seventeen years later, already living in São Paulo, Glória learned about the changing of names when reading her mother's old journal. Such unplanned discovery determines Glória's being in the world from that moment on. In a trajectory of search and reconciliation with her own past, the moving between borders serves as a journey of tentative reconnection between her duplicated self, fragmented in two names, two sisters, two countries.

From such bisected path, whether geographical or subjective, Aguerre's novel offers a reading of Glória's experience as a metaphor of a broad, collective experience of the group of nations in the Southern Cone, raising questions related to the efforts of the region to converge into a common, regional identity. How dual belonging is subjectively arranged for citizens of the Southern Cone, as in the case of Brazil and Uruguay? Can regional blocs like Mercosur surpass the individual idea of nation and nationality and create attachment despite centuries of divergent paths? Finally, given the potential of cultural products to create narratives of belonging, how is literature offering an alternative to understand such question of affiliation between Southern Cone countries from a cultural, discursive perspective? Amid this context of little success regarding the collective meaning of the Southern Cone as an integrated community, it is fundamental to ask how, thirty years after the creation of Mercosur, the

literary text has been documenting such dynamic of affiliation between citizens of the bloc and dialoguing with their imagination as a community.

2 Uneasy position

From a symbolic perspective, when Mercosur establishes itself over such territories, it also establishes a reinterpretation of this space from the point of view of the identity affiliation, an issue pointed out by Nestor García Canclini (1996) when he says that Mercosur-type agreements begin to see consequences around culture that go beyond a commercial reorganization between the countries involved. Similarly, Hugo Achúgar and Francisco Bustamante (1996, p. 128) talk about the need for economic reorganization to reflect or encompass the identity reorganization. Both authors also state that there is an ambiguity present in the original purpose of Mercosur, which is at times seen as a customs union tool, of economic nature; whereas at other times intends to be seen as a model of regional integration, aiming at the inclusion of political and social aspects for the creation of a sense of community in the Southern Cone (ACHÚGAR; BUSTAMANTE, 1996, p. 127).

Still at the level of symbolic production in the cultural arena, the impression does not seem to differ from what has been pointed out above by Prado (2001), Bethell (2010), or Doctor (2013). To forge cooperation and integration in the field of culture, in 1995 it was signed the Resolution GMC 02/95, a protocol for cultural integration with the purpose of promoting exchange of the bloc's common historical and cultural heritage named Mercosur Cultural. Actions developed by Mercosur Cultural included all but a few seminars and conferences. Later, in 1996 the Protocol for Cultural Integration was approved, and in 2008 it was the time for the Declaration of Cultural Integration – two instruments that made it official the role of culture as a key element to deepen regional integration. Regarding the Protocol for Cultural Integration, the official note states that:

By means of the Protocol, Member States commit to foster cooperation and the exchange between cultural agents and institutions aiming at promoting cultural and artistic expressions from MERCOSUR. This can be made possible through the creation of cultural spaces, cultural actions, and co-productions that express MERCOSUR's historical traditions, common values, and member countries' diversity. (MERCOSUL, 2022a)²

The somewhat vagueness of the proposal does not seem to have been translated into any widely known initiative that engaged the bloc in actions of mutual integration and affiliation. As Valéria T. Graziano and Mónica Guariglio (2022, p. 159) explain, “despite such preliminary initiatives, it would take some time until the proposed ideas reflected concrete outcomes”³, also highlighting the importance of symbolic representations as a means for regional integration. Initiatives such as the Mercosur Cultural itself as well as the Património Cultural del Mercosur and the Bienal del Mercosur go relatively unnoticed by the public, even though they happen regularly. As an anecdote to illustrate the case, in 2011, at the eighth Bienal del Mercosur, Canclini (2013) raised the following question regarding the relevance of the bloc in its cultural role: “Why should there be a Mercosur Biennial if there is no Mercosur art?”. By asking that, he was pointing to the Bienal's difficulty in representing artistically the process of integration of the Southern Cone countries, supporting the notion that the establishment of the bloc on a geographical space does not automatically creates the notion of community.

Another juxtaposing perspective that serves as a model for understanding the contradictions between politics and experience in terms of affiliation in the Southern Cone is offered by Diego Olstein's idea of American Divergence. American Divergence is a concept proposed by Olstein (2017, p. 256) that is directly tied to two earlier events in world

² All quoted citations originally published in Portuguese are translated by me and will be indicated as so by a footnote of the original text: “Com o Protocolo, os Estados Partes se comprometeram a promover a cooperação e o intercâmbio entre instituições e agentes culturais, com o objetivo de promover a difusão das expressões culturais e artísticas do MERCOSUL. Isto pode ocorrer, entre outros, com a criação de espaços culturais e a realização de coproduções e ações culturais que expressam as tradições históricas, os valores comuns e as diversidades dos países membros do MERCOSUL”.

³ “apesar desses avanços iniciais, levaria um tempo para que estas ideias ganhassem densidade e concretude”

history: the Greatest Divergence, a separation “between the trajectories of the Old and New Worlds”, that is, an imaginary line splitting Eurasia from America; and the Great Divergence, a division “within the fates of societies in the Old World”, that is, a north-south axis within Eurasia. Such “challenges of divergence” portray an arrangement of the world into two schemes, “one between the Old and New Worlds, and the other within either the Old or the New World” (OLSTEIN, 2017, p. 256). But it also speaks of cultural and economic legacies as well as points to factors such as the consequences of a feudal past, maritime power and trade, and ultimately the exploitation of natural resources and enslaved people.

It is thus under such geographical disposition that the American Divergence is shaped. As an east-west axis inherited from the two previous greater divergences, the American continent finds its course split into a British North America, “created by a capitalist modern ‘fragment’”; and Latin America, a “medieval feudal ‘fragment’” (OLSTEIN, 2017, p. 255). In the case of the American Divergence, such diverging fates between north and south points towards ties, legacies, and traits of historical and cultural nature, whether it considers the European side or the American side of the Atlantic as the reason for the American Divergence (OLSTEIN, 2017, p. 256). Equally significant, it leads to another disquieting aspect: the fact that, regardless of which divergent perspective Latin American is observed from, the region finds itself in the “losing side”, in political, economic, or social terms, in this global scheme (OLSTEIN, 2017, p. 257).

Narrowing down the perspective of the American Divergence to look at how regional relations have been developed in the southern part of Latin America, it is interesting to note how the divergent perspective offers a useful alternative to understand the making of border relations in the Southern Cone. As Leslie Bethell (2010, p. 470) points out, Brazil’s relationship with its neighbors had been characterized by a mutual disinterest for a significant period of time. Besides, the current frontiers of the Southern Cone were established based on a perception that Brazil and Hispanic America were not part of the same unity. Instead, as Maria Prado

(2001, p. 132) shows, it was common, from the Brazilian point of view, to refer to its neighbors as “the other America”, “where disorder, dissent, and fragmentation pervaded, all fed by republican ideas”⁴.

Such perspective was reflected in the many territorial disputes among Brazil, Argentina, and Uruguay. In the Hispanic side, the Portuguese domination was perceived as worse than the Spanish one (PRADO, 2001, p. 134). For the Brazilian perspective, the Southern Cone region belonged to Brazil due to the “natural frontiers” that linked the Amazon to the River Plate. For both sides, what was at stake was a divergence of ideas manifested in the political course – a “unitarian” monarchy versus “fragmented” republics – of the nations involved.

Thus, the creation of Mercosur in 1991 is built over hundreds of years of dispute in which the differences that separated Brazil and its Southern Cone neighbors were highlighted much more frequently than the similarities that existed between them (PRADO, 2001, p. 146). Ten years after the bloc’s formation, Prado (2001, p. 147) debated whether Mercosur would bring changes from a cultural perspective that would modify historically divergent relations in the Southern Cone. Twenty years later, Bethell (2010, p. 481) argued that it was still unrealistic to speak of a “Latinamericanization” of Brazil as there was no considerable engagement between these group of countries. Thirty years after the Treaty of Asunción was signed, it is probably safe to assume that it is still a challenge to think of an established Southern Cone community or identity, as such idea still inspire small popularity to the wider audience, questioning the relevance of the bloc from a cultural perspective.

⁴ “onde campeavam a desordem, a desunião e a fragmentação, todas alimentadas pelas ideias republicanas”

3 Text and imagination

Benedict Anderson (2016) offers an alternative for the creation of a shared sense of affiliation that is yet to be established among the Southern Cone countries. As he argues in his *Imagined Communities* (2016, p. 53), neither economic interests nor ‘natural’-geographic, politico-administrative, or market zones in themselves create a sense of attachment enough to unite a group of strangers under a shared understanding of commonality. Such statement follows Anderson’s quest for explaining why, for example, Brazil or the United States managed to create and sustain “the affective bonds of nationalism” amidst a vast geographical area, whereas Spanish America conceived individual conceptions of nation and nationalism; that is, the fact that the whole Spanish American empire fragmented itself into eighteen separate states with self-contained characters:

The original shaping of the American administrative units was to some extent arbitrary and fortuitous, marking the spatial limits of particular military conquests. But, over time, they developed a firmer reality under the influence of geographic, political and economic factors. The very vastness of the Spanish American empire, the enormous variety of its soils and climates, and, above all, the immense difficulty of communications in a pre-industrial age, tended to give these units a self-contained character. (ANDERSON, 2016, p. 52)

How, then, a consciousness of connectedness emerges when the ideological forces and constraints of an empire show different results in terms of nation consciousness and formation, as in the case of Brazil and Spanish America? That is when Anderson offers us the case of print-capitalism to explain this social, invisible glue that “made it possible for rapidly growing numbers of people to think about themselves, and to relate themselves to others, in profoundly new ways” (ANDERSON, 2016, p. 36). As he explains, the appearance of print-capitalism – the reproduction of texts in print that allowed for the creation of new, rapid lines of communication and the spread of ideas – was of central importance to

establish the basis for national consciousness: “Speakers of huge variety of Frenches, Englishes, or Spanishes, who might find it difficult or even impossible to understand one another in conversation, became capable of comprehending one another via print and paper” (ANDERSON, 2016, p. 44).

As a result of this new possibility to consume texts in print in such a scale that expanded the once narrowed notion of belonging, communities gradually became aware of their own interconnectedness (or exclusion) through language, “aware of the hundreds of thousands, even millions, of people in their particular language-field” and that only such peoples belonged under such language commonality (ANDERSON, 2016, p. 44).

There – where capitalism as a “system of production and productive relations” meets print and the diversity of human languages – lies “the embryo of the nationally imagined community” (ANDERSON, 2016, p. 44). If economic interest is not sufficient to unite a group of people unknown to one another around the same identity affiliation, it is languages and their reproduction in written form that offers the conditions for the creation of an imagined community; and these texts, responsible for building a layer of collective meaning in which an increasing number of people can identify with one another forging bonds of brotherhood and community (ANDERSON, 2016, p. 36, 53).

The backbone of Anderson’s print-capitalism surfaces through the newspaper and the novel, in which the latter “is clearly a device for the presentation of simultaneity in ‘homogeneous, empty time’” (ANDERSON, 2016, p. 25). The format of the novel brought in a new mode of apprehending the world through the imagination of characters and plot in an analogous activity with that of the readers, as “a precise analogue of the idea of the nation, which also is conceived as a solid community”, anonymous, but in simultaneous activity (ANDERSON, 2016, p. 26). Upon reflecting on the links between social experience and the literary perspective, Regina Dalcastagnè (2005, p. 14) shows how each reader, when opening a book placed in their hands, begins a searching process. A journey to establish connections with experiences that can either mirror

their own present, past or future existence, as well as to allow this reader to be in contact with events that they hope to never live in the extraliterary realm. Novels can also offer those who are reading the chance to “understand what it means to be a different person, live in a faraway land, speak a strange language, be of a different sexual identity, a different way to look at the world”⁵ (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14), that is, to experience intimately otherness through reading.

For Dalcastagnè (2005), the possibility to portray and legitimate a diversity of perspectives constitutes the fabric of the novel, translated through multiple representations of places, characters, and narrators, but also involving the participation of a diverse set of authors and readers engaged in narrating and dialoguing with this multiplicity. That leads us to look at literature according to what Anderson (2016, p. 141) describes as a cultural product, whose varied styles in “poetry, prose fiction, music, plastic arts” are capable to imagine, sustain, adapt, and transform the sense of attachment and belonging that people feel for their imagined community, imagined shared affiliation. That is precisely what Aguerre’s novel does when it narrates the different dynamics of affiliation between Brazil and Uruguay in her celebrated *O quarto branco*, published in 2019. By centering the narrative at the experience of national duplicity that shapes her protagonist, Aguerre lets her readers examine what it means to be a citizen of the Southern Cone from a personal, intimate perspective, the one that emerges not from resolutions on the establishment of market zones, but from the reality of everyday life and experiences organized through text and imagination.

⁵ “entender o que é ser o outro, morar em terras longínquas, falar uma língua estranha, ter outro sexo, um modo diferente de enxergar o mundo”

4 Lost and found

Born in 1974 in Montevideo, Gabriela Aguerre moved with to Brazil at a very early age, what makes her identify herself as both Brazilian and Uruguayan or, as Brazilian writer Ana Marta Cattani (2022) puts it, “Brazilian born in Uruguay, Uruguayan born in Brazil”⁶. Before writing novels, Aguerre worked as a journalist, publishing articles primarily on tourism and traveling in Brazilian media. For this reason, the material for her first novel, *O quarto branco* (2019), has always been next to the writer through her professional and personal journey and was used to elaborate the identity puzzle of *O quarto branco*'s protagonist, Glória. Regarding Aguerre's own experience of living within the duality of two geographical and affective spaces, languages, cultures, histories, identities, the writer explains:

I like to think that from the start I didn't have to choose – I feel this bordering zone between two countries, two languages, a different me that could have been had I stayed, a me that would never exist if my parents had not migrated, witnessing the richness that comes from such a state of impermanence.⁷ (AGUERRE in CATTANI, 2022)

Aguerre's first novel started as a disorganized pile of drafts written during a creative writing workshop and without any stated intention of being published nor nominated as a finalist for the *Jabuti Award*, the most prestigious literary prize in Brazil. The narrative begins when Glória, at age 40, finds out altogether that she had lost her job and could no longer conceive – “the romance is built from shipwrecks and new beginnings”⁸, as explains Stefania Chiarelli on Aguerre's novel (2019, p. 1). The theme of the novel is developed from the absences that compose the life of Glória. The absence of her twin sister, who died a few days after being born, reflects a gap in Glória's past, whereas the impossibility of having children represents a hole in Glória's future. Her present moment feels like a shipwreck floating

⁶ “Brasileira nascida no Uruguai, uruguaia nascida no Brasil.”

⁷ “Eu gosto de pensar que desde já não preciso escolher – e tateio essa zona fronteira, entre um país e outro, uma língua e outra, um outro eu que poderia ter sido se tivesse ficado, um eu que jamais existiria se meus pais não tivessem emigrado, observando a riqueza que vem desse estado sempre impermanente.”

⁸ “de naufrágios e recomeços se constrói o romance”

in shock and demands that Glória embarks on a journey of self-discovery so that she can make sense again of who she is in this new, imposed reality. The loss of her sister, the weight of carrying her name, the distance between São Paulo and Montevideo, and the impossibility to conceive seems to put Glória in a never-ending state of reinventing and renegotiating with herself. It is then in such moment of crisis that Glória decides to return to Uruguay, a place homely than any other home, where arriving was always a relief, and where speaking Spanish means to feel at home (AGUERRE, 2019, p. 28, 55, 61).

Even though Glória moves to Brazil shortly after being born; even though she is linguistically and culturally fluent in this country, has created bonds, professional experiences; witnessed affections born and die in Brazilian territory, it is Uruguay that is materialized in Glória's memory as her first home in the world – separate and distinct from Brazil. These two countries are not felt by Glória as a continuum of her history: when Glória refers to Uruguay, she feels joy for she was born in this different country (AGUERRE, 2019, p. 28). Even in Brazil, she continues to think about the sounds of words with a Castilian accent, “my way of thinking with an accent so that I no longer forget my mother tongue”⁹ (AGUERRE, 2019, p. 29). In fact, the separation between the mother tongue, Spanish, and the foreign language, Portuguese, marks Glória's perception of herself as being outside of her culture of origin. Upon returning to Uruguay, Glória explains her relationship with the language:

When hearing the first human contact in Spanish, usually the officer at customs, I would proudly reply with the same accent, as though seeing again a family member, I'm back, it took me a while but I'm here, now I stay, the strange becoming familiar, recognizing myself immediately, hearing my voice not as if it belonged to someone else, but to myself. Fit in.¹⁰ (AGUERRE, 2019, p. 55)

Glória explains this moment when her identity is in pieces: “I was sad and lost like everyone one day becomes or could become and then

⁹ “meu jeito de pensar com sotaque [que é] para nunca mais esquecer minha língua materna”

¹⁰ “Ao ouvir o primeiro contato de um ser humano feito em espanhol, geralmente o oficial da alfândega, orgulhosamente eu devolvia o mesmo sotaque, como quem revê um parente, estou de volta, demorei mas cheguei, agora fico, o estranho virando familiar, reconhecendo-me imediatamente, ouvindo minha voz não mais como se fosse de outra pessoa, mas de mim mesma. Encaixada.”

un-become and find themselves again”¹¹ (AGUERRE, 2019, p. 37). With this image of a shipwreck, she admits that she needs to go back to Uruguay, making this a return journey so that a fresh start is possible. The loss of her sister, which also generates the symbolic loss of her baptismal name, together with the loss of the possibility of becoming pregnant and imagining her continuation in the world, transport her back to Uruguay as the only possible starting point to find herself again and reorder herself in the world: “The plane lands in the airport runway and I feel that something inside me settles down”¹² (AGUERRE, 2019, p. 55).

In Montevideo, there is still a clash between the old and the new that reinvents the city, an air of progress that bothers Glória as she prefers, without any feeling of guilt, everything that does not change, the past with the face of the past, and explains: “Even though some parts are missing, here I will rebuild mine”¹³ (AGUERRE, 2019, p. 56). Glória also insists on remaining legally tied to Uruguay, that is, as a regular citizen, “existent, on paper, in the statistics, one of the three million – and not just one out of the thousands who went away”¹⁴ (AGUERRE, 2019, p. 57).

The image of reorganization is recurrent in the narrative and always linked to Uruguay. Prior to the trip, when packing, there comes the feeling of order: “Nothing gives me a stronger sense of organization than packing. It’s not only about what needs to go, but what stays: everything is in its right place, for the right reasons”¹⁵ (AGUERRE, 2019, p. 53). Once in Montevideo, the city makes it possible to “reconnect with a possible organization of the world”¹⁶, and being in Uruguay means to “learn again to reorganize the world” (AGUERRE, 2019, p. 56-7). At one point, the protagonist asks: “Would Gaia seek comfort in structure?”¹⁷ – a rhetorical question that opens two paths: what her twin sister would be like, but also

¹¹ “Eu estava triste e perdida, como todos um dia ficam ou podem vir a ficar, e depois desficam e se encontram”

¹² “O avião vai aterrissando na pista do aeroporto e sinto que algo dentro de mim se aquieta”

¹³ “Mesmo com partes faltando, aqui vou remontando as minhas”

¹⁴ “existente, no papel, nos números, uma dos três milhões – e não apenas uma dos milhares que moram fora do país”

¹⁵ “Nada me dá mais a sensação de ordem do que arrumar uma mala. Não só o que precisa ir como o que fica: tudo vai permanecendo no lugar certo, pelas razões certas”

¹⁶ “entrar em contato com a organização possível do mundo”, “reaprender a reorganizar o mundo”

¹⁷ “Gaia seria de procurar conforto na ordem?”

what Glória herself would be like had she continued to be named Gaia. The elaboration of her pains through such questions starts to be developed in Uruguay, showing how the external organization begins to reflect in the interior of the character.

After a few days in Montevideo, Glória decides to take a trip within the trip, leaving the city towards La Paloma, a resort town unpopular to visit in the middle of winter. But that is where the protagonist goes, digging deeper into the Uruguayan space: “I look at my trip as a journey back, through no-places. A trip within, perhaps, turning everything I see into a composition of past and present”¹⁸ (AGUERRE, 2019, p. 84).

Her relationship with Brazil and as a Brazilian is also explored in the narrative, bringing out the other’s gaze and the perception of herself as symbols of her search for meaning through the trip to Uruguay. Still in Montevideo, Glória observes a group of Brazilians from afar. She intends to get closer, but instead she chooses to just listen to the conversation pretending not to understand what the group says. On a similar, yet ambiguous tone, Glória doesn’t like it when the uncle she meets in Uruguay refers to her as “the Brazilian niece”; however, once in La Paloma, she introduces herself as Brazilian, perhaps to justify her visit to the coast in the middle of winter, something that only foreigners would do. There, she answers questions about Brazil, about “the people, the currency, but I can’t say what’s going to happen in the next episode of the telenovela”¹⁹, in any case recognizing in it a way to connect with Mirta and Dolores, mother and daughter and hostesses in La Paloma (AGUERRE, 2019, p. 95).

The whole trip lasts no more than a few days, a few weeks. Glória returns to Brazil, and since before arriving in Uruguay, she already knew that she did not intend to spend a long time in her country of origin. Back in São Paulo, it seems that the Uruguayan internal reorganization is unraveling, and as anxiety kicks in, a desire to feel at home again emerges. The separation between languages appears again:

¹⁸ “Enxergo a minha viagem como uma viagem para trás, por não lugares. Uma viagem para dentro, talvez, fazendo de tudo o que vejo uma composição de passado e presente”

¹⁹ “os brasileiros, os preços em real, mas não sei responder o que vai acontecer nos próximos capítulos da novela”

I find it odd the language they speak because it's also my language, but I haven't gotten used to it, and all my information are still processed in Spanish and then turned to Portuguese with some effort, a little mixed up, the fishhook coming back sometimes with the wrong word, looking like it's the right one, but I move forward, the chest no longer throbs.²⁰ (AGUERRE, 2019, p. 108)

The narrative comes to an end and remains in a place of loss and search, but also of acceptance for who and where one is. The places occupied by Brazil and Uruguay for the protagonist remain split, and it seems that each country has a different emotional function, an even contrasting one, but which matters for Glória's perception of herself.

Thinking about the intersection between the two countries in collective terms from their intersection in Glória's experience, there is a difficulty of interaction that oscillates between finding oneself in such juxtaposition only to feel lost in it again, symbolized by Glória through the linguistic mismatch, the discomfort of being portrayed as a Brazilian, but also the recognition of this same Brazilian identity depending on the context. And then, of course, the return to Brazil to complete her journey.

Regarding the circulation of the literatures of Mercosur among the countries of the Southern Cone, José Luís Jobim (2022, p. 10) points out to the difficulty of interaction between the literary works of these countries resulting from the absence of mechanisms that support the encounter and circulation of works produced in the Southern Cone. As he explains, cultural products originating from outside of the Southern Cone circulate much more easily in the region than the local ones, showing a dissymmetry in terms of circulation:

For example, the circulation of North American cultural products (music, cinema etc.) and literature in Southern Cone countries benefits from widespread dissemination and marketing, supported by the economic and soft power of the country of origin. In contrast, the literature or cultural products of the Southern Cone depend

²⁰ "Acho estranho o idioma que falam, porque é também o meu mas ainda não me acostumei, e todas as minhas informações ainda são processadas em espanhol, depois vertidas ao português com algum esforço, o recipiente todo meio misturado, o anzol voltando às vezes com a palavra errada, parecendo certa, mas vou indo, o peito já não lateja."

much more on agents from the academic community with links to state apparatus to make an impact beyond national borders. North American literature can dispense with the involvement of university teachers to bring it to the fore in Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Paraguay, because it has many other forms of support to ensure its circulation; but literature from those countries must rely on those agents so as not to risk becoming even more invisible abroad. (JOBIM, 2022, p. 9)

And by *abroad* Jobim means the circulation of works from the Southern Cone within the region itself, where what prevails among them is a definition of a “cultural identity via sharp contrasts” although there are certain commonalities when it comes to their literary systems (JOBIM, 2022, p. 11). Achúgar and Bustamante (1996, p. 144) are also suspicious of the feasibility of cultural integration of the Southern Cone when they ask if “Isn’t it an illusion?”²¹. Giulia Barão and Marysol Rodríguez (2022, p. 230) speak of the integration as a dream – “the dream to live in a united and integrated Latin America”²² – in which the circulation of peoples and cultural products are fundamental to establish a cultural space for Mercosur. In any case, in the contemporary production written in Brazil, Gabriela Aguerre is joined by nationally recognized writers such as Paloma Vidal (Brazil-Argentina), Carola Saavedra (Brazil-Chile), and Julián Fuks (Brazil-Argentina), authors who transform their dual national affiliation in substance for their narratives²³.

It is true, however, that such substance doesn’t seem to be quite working yet towards the creation of an imagined community, a literary project that aims at inventing an imagination for a common, recognized Southern Cone identity. Reasons could vary from the lack of a more robust financial investment to promote this project, or an even more compelling marketing strategy to better showcase the already ongoing initiatives for a seemingly cultural integration – such as the Bienal del Mercosur or the Mercosur Cultural commented above. Another significant agent that plays a major role in disseminating this identity project are the universities,

²¹ “Não será uma ilusão?”

²² “el sueño de habitar una América Latina unida e integrada”

²³ Eurídice Figueiredo (2020) offers an elucidating reading of the work of these writers – Aguerre included – from the standpoint of the filiation narrative proposed by Viart & Vercier (2008).

especially in programs under the umbrella of Latin American Studies. As Jobim (2022, p. 9) puts it, our literature relies on universities to reclaim visibility. Thus, investigating what is the place of Brazil within such program's narratives about Latin and South America and how the relationship between the Mercosur's countries is convened or portrayed in such program's discourses is a valid indicator of how a Southern Cone identity has been perceived and used to elaborate on the understanding of the region.

Finally, it is of fundamental importance to comment on the centrality of the BIPOC communities, acronym coined by Lorgia García Peña (2020) to refer to Black, Indigenous, and people of color, for the discussion of what constitutes the Southern Cone identity. The inclusion of the BIPOC experiences as part of the Southern Cone narrative would at the same time contest how Aguerre's novel is seen as a one representation of the region while expanding its limits for a much more complex and comprehensive understanding of the region's history and experience. Similarly, a close look at how border communities in the Southern Cone negotiate belonging through language and culture would present creative, viable ways to elaborate a communal identity.

This paper claimed that it is through fiction that the birth of the Southern Cone imagined community seems to be possible; that is, it needs fiction circulating easily, in print, establishing lines of communication and identification that go beyond common external tariffs, abstract regulations, and free circulation of goods to make sense of a reality that in its essence is a common one for a diverse, anonymous groups of people. Mercosur can and should allocate sources to encourage this project, as its outcomes would reflect "that remarkable confidence of community in anonymity which is the hallmark of modern nations" (ANDERSON, 2016, p. 36). As Anderson (2016, p. 154) concludes, if it is through language that "pasts are restored, fellowships are imagined, and futures dreamed", novels, then, can pave the way for the Southern Cone identity, in which the tentative

Mercosur narrative of common belonging can finally transition from a fictional abstraction to an imagined, yet tangible reality.

5 References

ACHÚGAR, Hugo; BUSTAMANTE, Francisco. Mercosur, intercambio cultural y perfiles de un imaginario. In: CANCLINI, Nestor G. (Coord.) **Culturas en globalización. América Latina - Europa - Estados Unidos: libre comercio e integración**. Nueva Sociedad, Caracas, 1996.

AGUERRE, Gabriela. **O quarto branco**. São Paulo: Todavia, 2019.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**. Londres, Nova York: Verso, 2016.

BARÃO, Giulia; RODRÍGUEZ, Marysol. Circulación de personas y patrimonio cultural en el Mercosur como dimensiones para la consolidación de una comunidad regional. **Cadernos Prolam/USP-Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 21, n. 42, p. 228-265, jan-jun. 2022. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.190610>.

BETHELL, Leslie. Brazil and 'Latin America'. **Journal of Latin American Studies**, v. 42, n. 3, p. 457-485, 2010. Retrieved from: <https://www.jstor.org/stable/40984892>. Accessed on: 12 ago. 2022.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas en globalización. América Latina - Europa - Estados Unidos: libre comercio e integración**. Nueva Sociedad, Caracas, 1996.

CANCLINI, Nestor García. A bienal da desglobalização. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais** v. 18, n. 31, 2013. <https://doi.org/10.22456/2179-8001.37941>.

CATTANI, Ana Marta. Entrevista com Gabriela Aguerre: Tateando a zona fronteira. **Revista Pupa**, n. 1, 2022. Retrieved from: <https://voamundo.com/revista-pupa/entrevista-2/>. Accessed: 8 aug. 2022.

CHIARELLI, Stefania. Gabriela Aguerre - O quarto branco. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 58, p. 1-3, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40185819>.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem no romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, 2005. Retrieved from: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Accessed on: 12 aug. 2022.

DOCTOR, Mahrukh. Prospects for deepening Mercosur integration: economic asymmetry and institutional deficits. **Review of International Political Economy**, v. 20, n. 3, p. 515-540, 2013. Retrieved from: <https://www.jstor.org/stable/42003322>. Accessed on: 12 aug. 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A resistência*, de Julián Fuks: uma narrativa de filiação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 60, p. 1-8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-4018605>.

GARCÍA PEÑA, Lorgia. **Community as rebellion**. Chicago: Haymarket Books, 2022.

GRAZIANO, Valéria Teixeira, e GUARIGLIO, Mónica. O lugar da cultura na integração regional sul-americana: uma análise do Mercosul Cultural no contexto do regionalismo pós-liberal. **Cadernos Prolam/USP-Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 21, n. 42, p. 151-176, jan-jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.193244>.

JOBIM, José Luís. Comparatism, translation and languages: commonalities in literary circulation in the Southern Cone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 45, p. 7-16, jan./apr., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222445jlj>.

MERCOSUL. **Diversidade cultural no Mercosul – reconhecer para valorizar**. Retrieved from:

<https://www.mercosur.int/pt-br/diversidade-cultural-no-mercosul-reconhecer-para-valorizar/>. Accessed on: 10 aug. 2022a.

MERCOSUR. **Official website**. Retrieved from: <https://www.mercosur.int/en/>. Accessed on: 8 aug. 2022b.

OLSTEIN, Diego. Latin America in global history: an historiographic overview. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, p. 253-272, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000100014>.

PRADO, Maria Ligia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. **Revista de História**, n. 145, p. 127-149, 2001. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i145p127-149>.

VIART, Dominique; VERCIER, Bruno. **La littérature française au présent: héritage, modernité, mutations**. Paris: Bordas, 2008.



GONZAGUINHA E “LIBERTAD MARIPOSA”: UMA CONEXÃO COM A NOVA TROVA CUBANA¹

GONZAGUINHA Y “LIBERTAD MARIPOSA”:
UNA CONEXIÓN CON A NUEVA TROVA CUBANA

GONZAGUINHA AND “LIBERTAD MARIPOSA”:
A CONNECTION WITH THE NUEVA TROVA CUBANA

Rodrigo Lauriano Soares² 

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente artigo reflete sobre a aproximação de Gonzaguinha com o movimento de renovação musical cubano, a Nova Trova Cubana, sobretudo a partir da análise da música “Libertad Mariposa”, lançada em 1980 no disco *De volta ao começo*. “La festívada”, censurada em 1973, também é analisada como um dos primeiros momentos da conexão de Gonzaguinha com os movimentos de renovação musical de outros países da América Latina, que surgem no final da década de 1960. O objetivo é analisar um fragmento das conexões culturais estabelecidas por artistas brasileiros com esses movimentos, durante o regime militar brasileiro, a fim de compreender alguns dos significados dessa aproximação artístico-cultural. Como estratégia metodológica, se optou por comparar alguns dos significados das músicas em questão com os discursos da imprensa brasileira sobre Gonzaguinha e suas produções musicais. Esses casos contribuem para pensar a circulação das vertentes da *Nueva Canción* na resistência cultural à ditadura militar brasileira.

Palavras-chave: Nova Trova Cubana; América Latina; Ditadura militar; Gonzaguinha; Nueva Canción Latino-americana.

Resumen: Este artículo reflexiona sobre la relación de Gonzaguinha con el movimiento de renovación musical cubana, la Nueva Trova Cubana, especialmente a partir del análisis de la canción “Libertad Mariposa”, lanzada en 1980 en el disco *De volta ao começo*. También se analiza “La

¹ Este artigo é uma adaptação de um dos subcapítulos da minha dissertação de mestrado, intitulado “A América Latina em Gonzaguinha”. Ver mais em: SOARES (2022)

² Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com bolsa do CNPq. E-mail: rodrigolauriano.s@gmail.com

festivida”, censurada en 1973, como una forma de presentar uno de los primeros momentos de la vinculación de Gonzaguinha con movimientos de renovación musical en otros países latinoamericanos, que surgen a fines de la década de 1960. El objetivo es analizar un fragmento de las conexiones culturales establecidas por los artistas brasileños con estos movimientos, durante el régimen militar brasileño, para comprender algunos de los significados de este enfoque artístico-cultural. Como estrategia metodológica, opté por comparar algunos de los significados de las canciones en cuestión con los discursos de la prensa brasileña sobre Gonzaguinha y sus producciones musicales. Estos casos contribuyen a pensar la circulación de las vertientes de Nueva Canción en la resistencia cultural a la dictadura militar brasileña.

Palabras clave: Nueva Trova Cubana; América Latina; Dictadura militar; Gonzaguinha; Nueva Canción Latinoamericana.

Abstract: This article seeks to reflect on Gonzaguinha’s approach to the Cuban musical renewal movement, *Nueva Trova Cubana*, especially from the analysis of the song “Libertad Mariposa”, released in 1980 on the album *De volta ao começo*. “La festivida”, censored in 1973, is also analyzed as a way of presenting one of the first moments of Gonzaguinha’s connection with musical renewal movements in other Latin American countries, structured in the late 1960s. The objective is to analyze a fragment of the cultural connections established by Brazilian artists with these movements, during the Brazilian military regime, to understand some of the meanings of this artistic-cultural approach. As a methodological strategy, I chose to compare some of the meanings of the songs in question with the speeches of the Brazilian press about Gonzaguinha and his musical productions. These cases contribute to thinking about the circulation of the *Nueva Canción* strands in the cultural resistance to the Brazilian military dictatorship.

Keywords: Nueva Trova Cubana; Latin America; Military dictatorship; Gonzaguinha; Nueva Canción Latinoamericana.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200707](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200707)

Recebido em: 04/08/2022
Aprovado em: 27/12/2022
Publicado em: 31/12/2022

1 Introdução

No Brasil, Chile, Argentina, Cuba e Uruguai, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, muitos músicos buscaram direcionar suas canções para temáticas que abarcassem problemas históricos, políticos,

sociais, culturais e econômicos de suas respectivas sociedades ou do mundo. Houve também uma pretensão de afirmar uma identidade nacional, o que pode ser identificado em canções que exaltam e homenageiam desde o povo até personagens vistos como heróis. Outro tema explorado por esses artistas foi a sonoridade das músicas, o que implicou em novas elaborações estéticas, como a introdução de instrumentos, ritmos e gêneros musicais. No caso do Brasil, isso foi representado em grande parte pela Música Popular Brasileira (MPB). Já nos países vizinhos, a maioria desses movimentos de renovação musical foi englobada pelo termo *Nueva Canción*.

A proposta deste artigo é apresentar uma das conexões estabelecidas por artistas brasileiros com um desses movimentos, a Nova Trova Cubana. Para isso, optei por analisar duas canções de Gonzaguinha, “La festívada” (1973) e “Libertad Mariposa” (1980)³, utilizadas como objetos privilegiados de análise para compreender alguns dos significados desse diálogo. Em “Libertad Mariposa” esse diálogo é explícito, enquanto em “La festívada” não há uma clareza sobre qual vertente da *Nueva Canción* poderia ter influenciado o compositor, principalmente por ter sido censurada e não ter sido gravada posteriormente, mas ela é fundamental para apontar um dos primeiros momentos de Gonzaguinha em busca dessa conexão.

Nesse sentido, o intuito é refletir como essas produções foram tentativas de representar e afirmar o Brasil como parte integrante da América Latina. Nos últimos anos, a historiografia brasileira teve contribuições de pesquisadores atentos para questões relacionadas ao tema deste artigo. Em sua maioria, essas investigações buscaram diálogos entre os movimentos da *Nueva Canción* que se manifestaram nos países do Cone Sul. As produções estão presentes no campo da História Social e Cultural (GARCIA, 2021; GOMES, 2013; WOZNIAK-GIMÉNEZ, 2016), da Sociologia (CUNHA, 2019) e da Música (TEÓFILO, 2016), apresentando uma diversidade de perspectivas e metodologias nos estudos de seus objetos.

³ “Libertad Mariposa” pode ser encontrada em: GONZAGA JÚNIOR, Luiz. **Libertad Mariposa**. Rio de Janeiro: EMI, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n83qIXqNY9I>. Acesso em: 03/11/2022. Quanto a “La Festívada”, a obra não chegou a ser gravada.

Ademais, vale ressaltar algumas pesquisadoras que se dedicaram a estudar as músicas e a vida de Gonzaguinha, como Andrea Lopes (2009) e sua dissertação intitulada “Sensibilidades e engajamentos na trajetória musical de Gonzaguinha e Ivan Lins (1968-1979)”; Geania Nogueira de Farias (2011) com a dissertação “Imagens discursivas do brasileiro nas canções de Gonzaguinha”; e Gabriela Buscácio (2016), que traz em sua tese uma comparação biográfica e musical interessante entre Gonzaguinha e Cazuza, sob o título “O tempo não para: A década de 1980 através de Gonzaguinha e Cazuza”. Esta última pesquisa é a que tomei como referência para compreender melhor a trajetória pessoal e artística do músico.

O cantor carioca teve uma grande relevância como representante da canção engajada, sobretudo na década de 1970, mas é pouco explorado pela historiografia sobre sua relação com as vertentes da *Nueva Canción*.

Sobre a estratégia metodológica adotada para este artigo, tomo a perspectiva da historiadora Tânia da Costa García (2021), que chama atenção para a importância do arcabouço teórico da História Cultural que contribuiu na análise dos discursos presentes em diferentes suportes escritos. A autora também fala de um olhar meticuloso do historiador sobre essas fontes, que podem então evidenciar “disputas e/ou inserções entre os campos de força que atuam sobre a obra desde o processo de produção, circulação até sua apropriação pelos consumidores” (GARCIA, 2021, p. 33). Em seguida acrescenta:

A música popular urbana e a imprensa escrita constituem índices identitários das sociedades modernas. A história de ambas se configura vinculada ao processo de urbanização e ao desenvolvimento dos recursos tecnológicos. Presentes intensamente no nosso cotidiano, expressam visões de mundo as mais diversas e mobilizam diferentes tipos de escuta, escrita e leitura, constituindo-se em fonte privilegiada para o estudo destas sociedades. (GARCIA, 2021, p. 33-34)

Me ancoro então nessa ideia de Garcia, em que essa busca pelos significados de determinada produção musical deve ser feita nos discursos que se articulam no seu entorno. As considerações da autora ajudam a explicitar as intenções que tive ao comparar as músicas selecionadas com determinadas matérias da imprensa brasileira. O que quero dizer é que

esse estudo se propõe a olhar a reverberação que essas produções tiveram no contexto brasileiro, não só a produção musical por ela mesma e sua relação com o contexto artístico-cultural. O historiador Luís Felipe Fernandes Afonso, em seu artigo *Pensando as relações entre música e História* (2021), discorre de forma semelhante sobre essa forma de conceber a relação entre História e música:

Devemos ter atenção para não cairmos no erro de pensar que apenas os artistas estavam envolvidos no processo de criar suas músicas ou em transformá-las em canções. Há também um conjunto de personagens – que vão desde outros músicos e seus fãs aos críticos e produtores musicais – que influenciam de maneira direta ou indireta no trabalho musical. Por isso a importância de se pensar todo o contexto em que a música foi produzida e como foi sua recepção. (AFONSO, 2021, p. 97)

Nesse sentido, para historicizar o diálogo de Gonzaguinha com a Nova Trova Cubana na resistência cultural brasileira, optei por esse viés de pensar outros agentes e espaços envolvidos nesse processo, para além dos artistas, seus discos, suas músicas e apresentações. Acredito que, para uma reflexão da música nesse contexto, enquanto instrumento simbólico da resistência cultural, essa perspectiva constrói uma narrativa diferente do que foi proposto em trabalhos similares de outros autores, aqui já mencionados, e amplia a percepção desse diálogo musical.

A estrutura deste trabalho é composta por quatro seções, além da introdução e considerações finais. Na primeira, traço um panorama sobre o processo de desenvolvimento da Nova Trova Cubana, indicando as principais características de sua formação e de sua sonoridade. Na segunda seção, exponho alguns exemplos de outros diálogos de artistas brasileiros com os movimentos da *Nueva Canción* e ressalto como essa escolha esteve atrelada a um posicionamento contra o regime militar brasileiro. A análise de “La festividad” é apresentada na terceira seção, como um dos primeiros momentos de Gonzaguinha em busca de um diálogo com o universo da *Nueva Canción*, além de chamar atenção para a forma como o artista incorporou alguns desses elementos culturais. Na última, procuro demonstrar como a música “Libertad Mariposa” reflete um sentimento de distanciamento do Brasil, não só com Cuba, mas com a América Latina, o

que por sua vez aponta para as intenções de Gonzaguinha e o significado dessa produção para aquele contexto.

2 Breve panorama sobre a Nova Trova Cubana

Diferente de como ocorreu no Uruguai, na Argentina e no Chile, o estabelecimento de uma diretriz artística-cultural no território cubano, em torno da música popular, foi elaborada por instituições estatais e realizada através de um governo socialista já firmado há alguns anos. Com a Revolução Cubana em 1959 e a entrada para o bloco socialista em 1961, o governo cubano começou a investir na busca de uma definição e de empregar “[...] uma política cultural baseada nos preceitos do realismo socialista soviético” (VILLAÇA, 2000, p. 251)⁴. Por esse caminho de institucionalizar a política cultural, inicialmente realizaram ações “que visavam promover a centralização e o corporativismo no meio artístico” (VILLAÇA, 2000, p. 251).

O que auxiliou para alavancar o processo de renovação musical foi uma viagem de Alfredo Guevara, então diretor do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC)⁵, ao Brasil em 1968. Além desse fato surpreendente diante de como estavam as conjunturas nacional e global, ele também apresenta uma curiosidade sobre algumas características da base em que se desenvolveu a Nova Trova Cubana. Nessa visita, segundo a historiadora Villaça, Alfredo ficou encantado com a dimensão que a música popular brasileira tinha no cenário cultural, como os festivais e programas de TV, o entusiasmo do público, os filmes nacionais, que tinham suas trilhas

⁴ A escolha por priorizar o artigo de Villaça está relacionada à interlocução que sua pesquisa promove ao enfatizar uma grande influência da música brasileira, principalmente do Tropicalismo, para o desenvolvimento da Nova Trova Cubana. Isso também auxilia na ideia de circulação cultural dos movimentos de renovação musical latino-americanos. A utilização de seu artigo em detrimento de sua tese (VILLAÇA, 2000) se deu por conta da síntese que o artigo traz, o que facilita para apenas localizar o autor sobre como surgiu e o que foi a Nova Trova Cubana. Reconheço que há uma extensa bibliografia de autores e autoras cubanas que tratam da Nova Trova, essa sessão foi baseada apenas no artigo de Villaça pois a intenção é a de localizar brevemente o leitor sobre o movimento, já que o ponto central do artigo é a análise sobre Gonzaguinha.

⁵ O ICAIC foi criado em 1959.

sonoras produzidas por grandes compositores, e a participação da juventude.

Ao retornar para Cuba, o diretor do ICAIC começou a incentivar a produção de músicas para filmes nacionais e com isso fundou o *Grupo de Experimentación Sonora (G.E.S)* em 1969. O G.E.S. não tinha somente a intenção de fazer música para cinema, esse foi um espaço em que também eram promovidas aulas de música para desenvolver o potencial desses artistas, que em sua maioria eram jovens. A tarefa desses músicos era a de promover uma canção que pudesse construir uma nova identidade para a sociedade cubana, frente aos anseios do próprio governo de firmar a ideologia socialista como parte integrante da cultura cubana⁶. Com um grande reconhecimento do público e o sucesso das músicas em trilhas sonoras de filmes, as inovações propostas por esses artistas passaram a ser consideradas como um marco do surgimento de uma nova expressão artística, a Nova Trova Cubana, recebendo abertamente o apoio do governo. Dois nomes que tiveram grande relevância para o movimento foram Pablo Milanés e Silvio Rodríguez, ambos que serão abordados mais adiante.

No artigo de Villaça, a autora traça aproximações da Nova Trova com o Tropicalismo, apresentando as influências deste último para o movimento cubano. Tendo como uma das características principais do Tropicalismo a mistura de ritmos, estilos e gêneros musicais, isso também repercutiu nas canções da Nova Trova. Segundo a historiadora:

A 'geleia geral' cubana, especialmente se observarmos as canções da Nova Trova produzidas pelos músicos quando estes estavam reunidos no G.E.S., poderia ser decomposta em duas principais vertentes. De um lado, a tradição da música popular cubana (gêneros dançantes como a *salsa*, o *danzón* e o *son*; ou a tradição romântica, da qual o *filin* faz parte) e, de outro, a tendência de aproximação ao *pop* internacional e às principais tendências da época, a saber: o estilo Beatles (mais especificamente os procedimentos da banda, como o aproveitamento sinfônico de melodias modais e cantigas nos arranjos); o rock associado à exploração de timbres elétricos e eletrônicos; o canto quase falado,

⁶ No entanto, os artistas não foram totalmente coniventes com essa perspectiva. Silvio Rodríguez e Pablo Milanés, dois nomes que se destacaram na Nova Trova Cubana, presentes desde a criação do G.E.S., produziram músicas nesse período que possuíam críticas ao governo, colocando-os sob vigilância do aparelho estatal. Isso não chegou a impedi-los de dar prosseguimento aos seus trabalhos. Nessa dinâmica de tensão, Pablo Milanés chegou a ser obrigado a realizar trabalhos forçados para o Estado.

ao estilo de Bob Dylan; as improvisações inspiradas no free jazz – e conhecidas em Cuba como *descargas*; as formas de canção de protesto latino-americanas (com destaque para as obras de compositores consagrados como Victor Jara, Carlos Fuentes, Violeta Parra, Atahualpa Yupanqui, dentre outros) e a MPB, particularmente a batida da *Bossa Nova* e diversos elementos dos arranjos tropicalistas. (VILLAÇA, 2000, p. 265)

A diversidade de gêneros e ritmos incorporados pelo movimento cubano é bem extensa se compararmos com o desenvolvimento de outras expressões artístico-culturais da América Latina. Isso é fundamental para compreender tanto o seu distanciamento com as vertentes da *Nueva Canción* como para visualizar a heterogeneidade entre cada uma delas. Ao mesmo tempo, isso revela como as propostas de canção engajada na América Latina estiveram relacionadas às especificidades das circunstâncias de cada contexto e ao intuito de afirmar uma identidade nacional através da música, o que indica um aspecto caro dessa conjuntura.

3 Os caminhos da resistência cultural brasileira

Gonzaguinha, Milton Nascimento e Chico Buarque são exemplos de artistas que tiveram pontuais conexões, tanto com as músicas da *Nueva Canción* quanto com as características estéticas desse cancionero. Ampliando esse grupo, pesquisas acadêmicas também apresentam esse contato a partir de Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Sérgio Ricardo, Elis Regina e do MPB-4⁷. Segundo Caio de Souza Gomes (2013), os diálogos de músicos brasileiros com o universo do cancionero latino-americano podem ser identificados, inicialmente, a partir do disco *Canto Geral* (1968) de Geraldo Vandré. No álbum em questão, Vandré demonstra proximidade com gêneros rurais, como a moda de viola, a guarânia e a toada, além da forma de cantar com a voz empostada e dramática. Também aborda “temas poéticos portadores de uma mensagem política mais ‘explícita’, na

⁷ Com relação ao Sérgio Ricardo e ao MPB-4, estes também foram analisados no mesmo capítulo da minha dissertação em que exploro esta conexão de Gonzaguinha. Ver mais: SOARES, 2022.

qual os motes poéticos funcionam como verdadeiras ‘palavras-de-ordem’, e não como base para o desenvolvimento de narrativas impressionistas” (NAPOLITANO, 2001, p. 231).

Além de Vandr , nessa época temos outros dois casos que apontam para esses primeiros passos em dire o ao diálogo com a *Nueva Canción*. Também em 1968, Caetano Veloso gravou “*Soy loco por ti, América*”, composi o de Gilberto Gil e José Carlos Capinan, que foi lançada em seu segundo disco, *Caetano Veloso*. Essa música representou uma das inova es propostas pelo Tropicalismo, ao mesmo tempo em que indicou uma perspectiva de uma identidade latino-americana, este último que pode ser visto como um elemento comum das características trabalhadas pelas vertentes da *Nueva Canción*. A letra, construída pela mescla de trechos em espanhol e português,   uma homenagem a Che Guevara (*El nombre del hombre muerto*) e uma exalta o ao continente latino-americano. Com um arranjo instrumental que se assemelha aos ritmos caribenhos, esse foi um dos aspectos⁸ da ruptura do Tropicalismo com os preceitos da arte engajada do período, muito atreladas às bases do nacional-popular.

No segundo caso temos a grava o de “Parabi n de la Paloma” por Nara Leão, lançada no disco *Coisas do Mundo* (1969). A música   de autoria de Rolando Alarcón, artista chileno de grande importância para o desenvolvimento da Nova Can o Chilena. Alarcón fez parte do movimento denominado de *Neofloklore*, que explorava a moderniza o da Música T pica chilena nos anos 1960. Ele foi um dos poucos que conseguiu atualizar seu repertório no final da década de 1960, período em que alguns artistas ampliaram os gêneros folclóricos utilizados como base das cria es e introduziram novas temáticas, sobretudo temáticas sociais, como por exemplo Victor Jara (SCHMIEDECKE, 2015, p. 47). No mesmo ano de lançamento do LP de Nara, Rolando Alarcón recebeu men o honrosa no *Primer Festival de La Nueva Canción Chilena*, o qual batizou o movimento

⁸ Me refiro   incorpora o de sonoridades de outros países, introduzindo novos gêneros e ritmos para a constru o das músicas.

chileno. O que é bastante significativo na versão⁹ de Nara são as alternâncias dos versos, entre originais e traduções para o português, mesmo procedimento adotado em “*Soy loco por ti, América*” e que também demonstra a interlocução proposta pela cantora. Fica evidente que a escolha¹⁰ dessa música esteve atrelada a uma tomada de posição política frente ao endurecimento da ditadura.

Nos três casos identifica-se que a intenção de “se debruçar” para a América Latina estava diretamente ligada às mudanças que ocorriam naquele contexto. Um olhar latino-americano se opunha à própria ditadura militar. Por um lado isso estava relacionado a uma reação contra a visão norte-americana¹¹, entendida por alguns opositores do regime como uma perspectiva alienante que era apoiada e disseminada pelos militares, e por outro lado, era uma forma de reconhecimento dos problemas comuns entre os países considerados parte do “terceiro mundo”, que deveriam ser solucionados para melhorar a condição de vida dessas pessoas. Nas análises que veremos a seguir, percebe-se que na década de 1970 os significados dessa busca por um diálogo com a produção musical de outros países da América Latina, sobretudo com os movimentos da *Nueva Canción*, foram se modificando e passaram a expressar um desejo de (re)aproximação.

4 Primeiros momentos da conexão cultural de Gonzaguinha

Gonzaguinha não era um nome novo no cenário artístico-cultural em 1980, quando foi lançada “*Libertad Mariposa*”. Teve diversas músicas censuradas ao longo de sua carreira, iniciada no final dos anos 1960, fez

⁹ Essa mesma versão foi gravada pelo conjunto Tarancón em seu primeiro disco, *Gracias a la vida* (1976).

¹⁰ Cabe ressaltar que nesse mesmo disco Nara Leão fez uma versão de uma música *folk* norte-americana, “*Little Boxes*”, composição de Malvina Reynolds, que segundo o texto do LP: “[Nara Leão] critica com bastante humor o cotidiano da sociedade americana (american way of life) referindo-se sobretudo a uma camada social financeiramente privilegiada, que se sucede através das gerações”. A letra foi inteiramente traduzida para português o que indica uma grande diferença com o que foi feito em “*Parabién de la paloma*”. Ela configura uma escolha significativa pela temática da música.

¹¹ Aqui é preciso cuidado, pois não estou me referindo à exclusão ou sobreposição dos elementos da cultura norte-americana. No Tropicalismo esse debate tomou outras direções, como por exemplo a introdução da guitarra elétrica, considerada por alguns artistas da época símbolo do imperialismo norte-americano.

participações pelo MAU (Movimento Artístico Universitário) em circuitos universitários durante os anos de chumbo e também demonstrava uma forte militância contra a ditadura militar. O compositor e intérprete, sobretudo nos anos 1980, era um campeão de vendas de discos e ainda um representante da canção engajada. As músicas de sua autoria, que podem ser identificadas como engajadas nesse período, refletiam o contexto de mudanças políticas, as expectativas que essas geravam e as marcas que a ditadura havia deixado. O que foi caracterizado posteriormente como “canção de abertura”¹².

Para abordar o primeiro caso, que aponta o início do diálogo do compositor com as produções musicais de outros países latino-americanos, é preciso retornar ao início dos anos 1970. A realização do primeiro LP de Gonzaguinha foi pela gravadora Odeon, sendo contratado em 1972 e, “junto com Milton Nascimento, Wagner Tiso e o Som Imaginário e o 14 Bis, passou a fazer parte do *staff* da gravadora que ficava sob responsabilidade do produtor musical Mariozinho Rocha” (BUSCÁCIO, 2016, p. 85). Sobre seu primeiro disco, “Luiz Gonzaga Jr.”, gravado em 1973, o cantor teria enviado 28 músicas para a censura e apenas nove retornaram (BUSCÁCIO, 2016, p. 85). Uma delas foi encontrada em destaque na página inicial do Banco de Dados do Memórias Reveladas¹³, intitulada “La festívda”, uma composição que mescla partes em espanhol e outras em português. Isso serviu como um indício de que Gonzaguinha tentou um diálogo com o universo da *Nueva Canción*. Para perceber essa possível intenção, vale observar o depoimento do cantor para o *Jornal do Brasil*, em junho de 1973 (EM REVISÃO, 1973), em uma reportagem sobre o lançamento de seu LP:

Estou separando todos os meus livros sobre o Nordeste e ouvindo Marcus Pereira, sensacional. E assim como escuto essa música, ouço também a latino-americana. Está havendo uma valorização dessa música. Você nota isso no Milton Nascimento, que pegou a

¹² Segundo Napolitano: “a ‘canção de abertura’ será marcada pela tensão entre o imperativo conscientizante da esquerda e a expressão de novos desejos e atitudes dos setores mais jovens da classe média” (2010, p. 391).

¹³ O Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985), denominado Memórias Reveladas, é integrado ao Arquivo Nacional e seu Banco de Dados, que pode ser acessado de forma online. Reúne documentos e informações sobre o acervo arquivístico relacionado à repressão política no Brasil entre 1964 e 1985. Atualmente o documento não está mais disponível em destaque na página inicial do Banco de Dados do Memórias Reveladas, ainda assim é possível encontrar o documento. *ARQUIVO NACIONAL (Brasil)*. Serviço de Censura de Diversões Públicas. *La festívda (A festividade)* - VETADA. Rio de Janeiro, 9 abr. 1973. Banco de Dados Memória Reveladas, BR RJANRIO TN.CPR.LMU.4074/8.

latinidade há mais tempo. E também por outro lado existe o pessoal da música popular brasileira que está invadindo o mercado da América do Sul, como Néelson Ned e Agnaldo Timóteo. Eu não posso deixar de respirar isso tudo: **as revoluções que acontecem, o sofrimento comum, os gritos de desespero, o domínio que é comum à América Latina.** (EM REVISÃO, 1973, p. 2) [grifo do autor]

É interessante como o cantor demonstra uma consciência política diante dos problemas enfrentados nos países da América Latina, ao mesmo tempo em que reconhece a expansão do mercado para o continente. Quando diz que não pode deixar de respirar o que elenca em seguida, isso reforça como o contexto o influenciava enquanto artista. Esse aspecto, segundo a perspectiva de Fredrik Barth sobre o estado da cultura, aponta como “as ideias que compõem a cultura transbordam os seus limites e se difundem de forma diferenciada, criando uma variedade de agregados e gradientes” (BARTH, 2005, p. 17). A composição de “La festívula”, nesse sentido, pode ser considerada como um efeito do transbordamento da cultura dos países vizinhos, além de transparecer um dos gradientes dessa conexão cultural. Outro aspecto de sua fala que chama atenção é quando menciona a relação de Milton Nascimento com a “latinidade”.

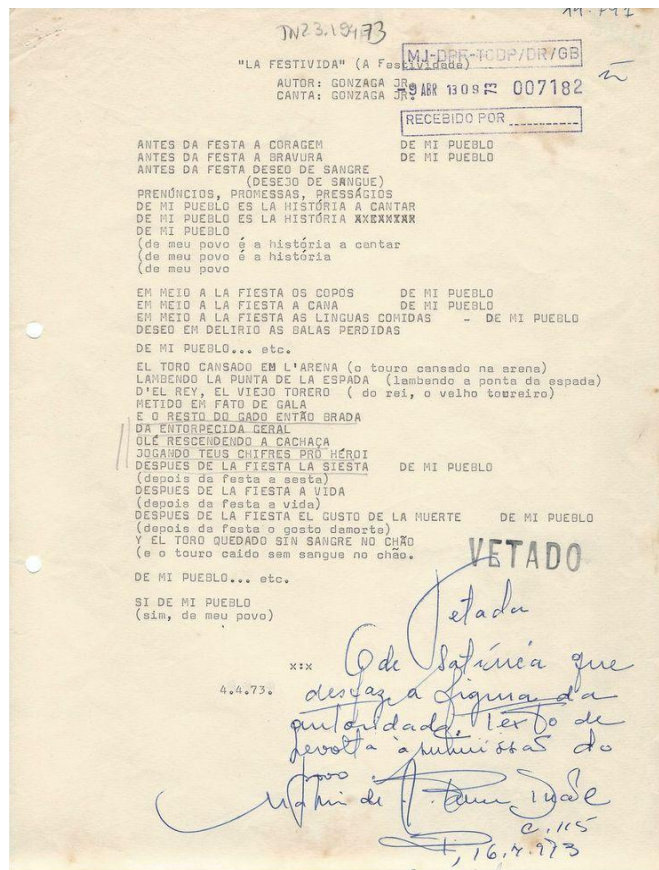
Como comentado, Gonzaguinha ao ingressar na Odeon se tornou parte do elenco do qual Máriozinho Rocha era responsável, sendo Milton um dos outros artistas, o que aponta para possíveis trocas entre eles. Segundo Gomes (2013, p. 183), em 1970 com o disco *Milton*, gravado pela Odeon, aparecem as primeiras aproximações do músico mineiro com uma noção identitária de sujeito latino-americano, como nas músicas “Para Lennon e McCartney” (“Eu sou da América do Sul”) e “Canto latino” (“A primavera que espero / por ti irmão e Hermano / só brota em ponta de cano”)¹⁴. Em 1972, era lançado o disco *Clube da Esquina*, contendo mais duas canções que corroboram para essa perspectiva. Uma delas é a composição do músico espanhol Carmelo Larrea, “Dos Cruces”, que por ser cantada em espanhol traz “a quebra de uma das barreiras fundamentais

¹⁴ As interpretações e os trechos destacados das duas músicas, “Para Lennon e McCartney” e “Canto latino”, foram retirados da dissertação de Caio Gomes. Ver mais em: GOMES, 2013.

que separariam o Brasil do mundo hispânico: a língua” (GOMES, 2013, p. 184). A segunda é “San Vicente”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, a qual “abre com uma afirmação da identidade continental com o verso ‘coração americano’” (GOMES, 2013, p. 184). Contudo, o diálogo de Milton Nascimento com a *Nueva Canción* aparece de forma mais clara em 1976, com o lançamento de *Geraes*, também pela Odeon, em que há a gravação de “Volver a los 17”, o clássico da *Nueva Canción* de Violeta Parra em dueto com Mercedes Sosa (GOMES, 2013, p. 184).

Agora, vamos retomar a questão de “La festividá” a partir da análise da letra encontrada (Figura 1).

Figura 1 - Letra da música “La festividá” de Gonzaguinha, vetada pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas. Imagens e documentos do período de 64 a 85.



Fonte: Arquivo Nacional (1973).

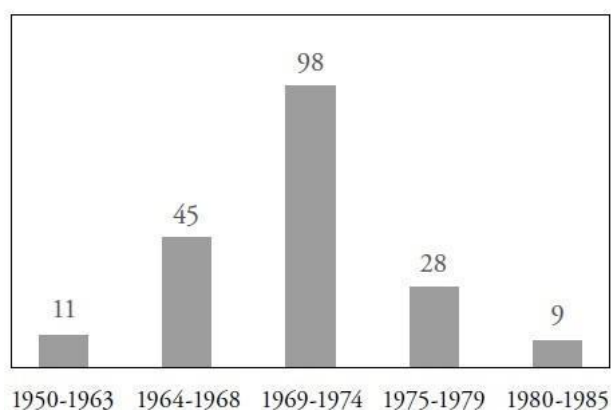
O motivo da censura, conforme o parecer do censor, foi pelo conteúdo da letra apresentar uma “ode satírica que desfaz a figura da autoridade” e por expressar uma “revolta [sic] à humilhação do povo” (ARQUIVO NACIONAL, 1973). Esses comentários provavelmente estão relacionados à

única marcação no documento, referente à quarta estrofe da música: “E o resto do gado então brada / da entorpecida geral / olé recendendo a cachaça / jogando teus chifres pro herói / después de la fiesta la siesta” (ARQUIVO NACIONAL, 1973). Na letra como um todo, sobressai essa humilhação do povo que é representada pela tourada, como o momento central da festa. Assim, a festividade narrada por Gonzaguinha seria uma metáfora para a violência cometida pelas autoridades do regime militar como um ato de entretenimento.

No capítulo 11 do primeiro volume do Relatório da Comissão Nacional da Verdade, sobre as execuções e mortes decorrentes da tortura durante a Ditadura Militar, é apresentado o seguinte gráfico (**Tabela 1**):

Tabela 1 - Tabela geral da Comissão Nacional da Verdade sobre mortos e desaparecidos políticos. Gráfico retirado do primeiro volume do Relatório Final da CNV.

CASOS DE MORTOS POR PERÍODO DE REPRESSÃO



Fonte: Relatório Final da CNV (BRASIL). 2014.

Entre 1969 e 1974 o número de mortes é bem maior do que nos anos anteriores e seguintes, reflexo do endurecimento do regime e, principalmente, do AI-5 em vigor. Caracterizado como “anos de chumbo”, esse período foi marcado por uma série de abusos de poder e uso da violência como instrumento estatal. A música de Gonzaguinha estrutura então uma crítica diante dessa situação, colocando as torturas (tourada), os assassinatos (morte do touro) e a cachaça, para aludir ao estado de embriaguez, como formas de divertimento dos militares, expondo as graves violações aos direitos humanos. Infelizmente, além do veto pela

censura, a música não chegou a ser gravada posteriormente por Gonzaguinha, então não é possível analisar arranjos, melodias e o ritmo pensado pelo artista para perceber se esses elementos estavam dialogando com a estética das vertentes da *Nueva Canción*.

A música faz uma referência à realidade brasileira, mas ela abre margem para uma interpretação das tensões políticas que ocorriam nos países vizinhos, sobretudo o uso excessivo da violência. Assim, atribuo a seguinte hipótese para essa questão: a letra datada de abril de 1973 nos serve como um indício, visto que, nesse período, o Chile encarava um tenso cenário político e econômico, com a radicalização de grupos de direita contra o governo de Salvador Allende (1970-1973), a pressão econômica norte-americana e o aumento da inflação. Essa instabilidade é comentada em uma pequena reportagem no jornal *Opinião*, de janeiro de 1973, intitulada “Chile: o começo da campanha eleitoral” (KALFON, 1973, p. 12). É abordada a insatisfação da direita, perante a presença do general Prats no gabinete militar, e a continuidade dos problemas que haviam estourado na greve de caminhoneiros e comerciantes em outubro de 1972. O destaque do conteúdo é direcionado às eleições para a Câmara dos Deputados e para o Senado que iriam ocorrer em março daquele ano, apontando para as mobilizações dos partidos de direita que buscavam alcançar uma maioria, sendo possível a partir disso iniciar um processo de impeachment. O mandato de Allende iria até 1976 e esse era o último pleito antes do término do governo. No entanto, a coalização de direita não obteve o número necessário para executar seu plano, mas conseguiu diminuir a expressividade da Unión Popular (UP), coalizão partidária de esquerda que foi a base política de Allende.

Então, se observarmos a cronologia dessas mobilizações - que parte da greve de outubro de 1972, depois com as tensões pré-eleições e o que ocorreu nos resultados de março de 1973 - podemos levantar a hipótese de que a composição da letra por Gonzaguinha e sua escolha por essa abordagem se entrelaçam com a conjuntura. Por isso, esse exemplo do contexto chileno se faz necessário, para compreendermos como a

produção de músicas ligadas aos parâmetros da *Nueva Canción* também estavam relacionadas às notícias do que estava acontecendo para além de uma influência musical do período.

O que é relevante para traçar uma aproximação mais direta com a *Nueva Canción* são os elementos que ele usa na letra, como a ênfase ao “povo”, a caracterização de um ambiente rural e, sem deixar passar, o uso do espanhol¹⁵. Esses dois primeiros aspectos são comuns ao que a *Nueva Canción* trouxe como renovação, no que diz respeito aos temas e sujeitos abordados nas canções. No caso da música popular brasileira, isso não era uma questão inovadora, pois tinha sido explorada desde meados dos anos 1960, mas ao trabalhar esses elementos com a língua hispânica esse diálogo fica mais explícito. Diante do depoimento de Gonzaguinha sobre a sua atenção aos demais países da América Latina, o contato com Milton Nascimento a partir da gravadora e o reconhecimento desse artista como grande referência da incorporação da sonoridade desse cancionista, é possível que “La festivida” tenha sido elaborada a partir de determinados aspectos típicos do movimento da *Nueva Canción*. A linguagem é determinante para essa perspectiva levantada, tendo em vista que todas as vezes que fala do “povo” ele escreve “de mi pueblo”. Essa opção pode estar relacionada à amplitude dos sujeitos que vivenciavam essa experiência, sobretudo aos setores populares, levando em consideração as mudanças na teoria social latino-americana que passou a utilizar o conceito de povo em detrimento do conceito de classe social, justamente para abarcar os setores que não seriam especificamente de classe, como indígenas e sujeitos periféricos.

¹⁵ O leitor poderá perceber que Gonzaguinha, tanto nesta letra quanto na de “Libertad Mariposa”, que vemos adiante, o uso do espanhol nem sempre está correto, mas provavelmente de forma proposital. Isso pode ter sido uma intenção do compositor para aproximar o espanhol do português, o que informalmente apelida-se de portunhol.

5 A Mariposa cubana

Outro exemplo desse olhar de Gonzaguinha para a América Latina pode ser identificado pela gravação de “Libertad Mariposa”, lançada em 1980, no lado A do disco *De volta ao começo*, o oitavo LP do cantor é composto de 14 faixas. Segundo uma matéria do *Correio Braziliense*, de junho de 1980, o LP com um mês no mercado já tinha quase alcançado a marca de 150 mil cópias vendidas, número que seria suficiente para ser considerado disco de ouro (MIGUEL, 1980, p 3). Se “La festividade” não pôde ser escutada pelo público, “Libertad Mariposa” conseguiu demarcar e promover o diálogo do cantor com o universo da *Nueva Canción*.

Em algumas músicas do álbum *De volta ao começo* (1980) é perceptível como Gonzaguinha conseguia expressar um otimismo no futuro, por conta do suposto processo de abertura política, mas sem excluir um olhar para o passado, que exaltava àqueles que lutaram contra o período de maior repressão, nos anos de chumbo (BUSCÁCIO, 2016, p. 142). Por exemplo, na letra de “E vamos à luta”, o artista fala sobre a esperança na juventude e no presente para a construção de um futuro melhor. Já em “Achados e perdidos”, o conteúdo se caracteriza como uma denúncia aos mortos e desaparecidos políticos pelo regime (BUSCÁCIO, 2016, p. 141-142).

“Libertad Mariposa” começa com um violão executando uma harmonia lenta e tranquila através de um arpejo, contendo um efeito de modulação para esse instrumento que muda sutilmente a sonoridade original. Logo depois entra a voz de Gonzaguinha e gradativamente é introduzida uma linha melódica oscilante, reproduzida por uma guitarra, que acompanha até o arranjo instrumental aparecer por completo. Nesse momento de mudança, que permanece até o final, a bateria faz uma marcação leve do ritmo junto com o baixo e também há a presença de um xilofone, mas que apenas acentua algumas notas ao fundo. É interessante que nessa virada da música foi interposta a voz de Milton Nascimento

cantando trechos de “Lindo”, uma canção do álbum *Recado* (1978) de Gonzaguinha, o que denomina-se como música incidental. Isso também ocorre em “Questão de Fé”, primeira música do LP, que tem Milton e Ronaldo Bastos cantando “Nada será como antes”.

Agora, vamos nos atentar para a letra de “Libertad Mariposa”:

Ay mi pequeña florecita libertad mariposa
Ven a volar en nuestro jardín tropical
Trae de nuevo la luz y el calor de un tiempo de sol
Esa alegría de colores se derrame por final

Ay mi pequeña florecita libertad mariposa
Posa en los hombros de las gentes
Que andan tan tristes
Haz con que ellos recuerden
Aquellas sonrisas
Que solamente en los niños
Se les ve sonreír

Ay mi pequeña florecita
Danos para sentir tu cuerpo en la danza
Besa estos rostros cansados de tanto llorar
Quédate aquí con nosotros volando,
Volando, volando, volando
Con alas bien abiertas
Y nunca más no nos dejes perderte
Por favor,
¡No más! (GONZAGA JUNIOR, 1980)

Diante desses três versos finais “E nunca mais não nos deixe te perder / por favor / não mais!” (GONZAGA JUNIOR, 1980), é visível como a canção representa uma vontade de reestabelecer laços, esses que foram perdidos por algum motivo. Principalmente nas duas primeiras estrofes, o eu lírico faz um pedido de retorno demonstrando a falta que essa relação faz. A tristeza não é posta como um sentimento individual, mas como uma sensação coletiva, “Pouse nos ombros das pessoas / que andam tão tristes” (GONZAGA JUNIOR, 1980), o que indica uma visão sobre o aspecto emocional da sociedade que o autor aborda. Nos versos seguintes, “Faz com que eles lembrem / daqueles sorrisos / que só nas crianças você as vê sorrir” (GONZAGA JUNIOR, 1980), o sorriso e a criança aparecem como símbolo da esperança, que através dessa reaproximação seria possível relembrar a essas pessoas o que deveriam acreditar, sobretudo para o

futuro. Mas a quem Gonzaguinha estava se referindo? À borboleta¹⁶? De certo modo sim, só que a questão é um pouco maior.

Pelas ações narradas, como voar e pousar, fica claro que se trata de uma borboleta e sua liberdade. Contudo, não podemos ignorar que ele também fala de uma pequena flor. É aí que o sentido se expande. Conhecida aqui no Brasil como lírio-do-brejo, em Cuba é chamada de *flor de la mariposa*, um dos principais símbolos nacionais cubanos¹⁷. Gonzaguinha constrói um duplo significado para “mariposa”, o que então demonstra seu apreço pela relação com Cuba. Na primeira estrofe, ele pede esse retorno de uma forma nostálgica, “Venha voar em nosso jardim tropical / Traga de volta a luz e o calor de um tempo ensolarado” (GONZAGA JUNIOR, 1980), pois aponta que com essa reaproximação poderia ver novamente a luz e o calor de um tempo ensolarado, se referindo ao período anterior à Ditadura Militar. Já nas próximas estrofes, a “mariposa” é colocada como aquela capaz de diminuir o sofrimento do povo brasileiro, que estava cansado de tanto chorar. Nesse sentido, mais do que uma vontade de reestabelecer laços com Cuba, a música expressa a tristeza do distanciamento que houve entre Brasil e Cuba, principalmente por conta da Ditadura Militar e essa aparece também como fator do descontentamento da sociedade brasileira.

Essa conexão entre Gonzaguinha e a Nova Trova fica explícita através de um anúncio do seu show, em Brasília, publicado em março de 1980 no *Correio Braziliense* (SONORA, 1980, p. 19). No texto comenta-se que essa canção foi feita por ele quando esteve em Cuba em 1979¹⁸, como uma homenagem ao músico Pablo Milanés. Esse deslocamento de Gonzaguinha é um ponto fundamental para perceber o caráter fluido da

¹⁶ Por mais que mariposa faça parte do vocabulário da língua portuguesa, mariposa em espanhol significa borboleta.

¹⁷ Em 1936, Cuba recebeu um convite do *Jardín de la Paz*, localizado na cidade de La Plata (Argentina), como os demais países do continente, para que enviasse sua Flor Simbólica Nacional. A escolhida foi a *Mariposa blanca* e assim permaneceu como um importante símbolo nacional para os cubanos.

¹⁸ Além de Gonzaguinha, também participaram da viagem os seguintes artistas brasileiros: Guilherme Araújo, Zezé Motta, Regina Simone, Frederica, Paulinho Nogueira, Marieta Severo, Djavan, Walter Franco, Chico Buarque e Nelson Ayres. Esse elenco foi convidado por Chico Buarque, segundo depoimentos de Zezé Motta e Djavan, para compor um grupo de artistas brasileiros para se apresentarem no Festival de Varadero, um dos mais importantes festivais de arte em Cuba naquela época. A relação entre Chico Buarque e Cuba será explicitada em uma nota mais adiante.

cultura (BARTH, 2005). Através dessa perspectiva, podemos entender que um dos fatores que promoveu a influência da Nova Trova no repertório musical brasileiro foi a circulação de pessoas, principalmente no que diz respeito às trocas culturais. Ainda que a cultura seja um conjunto de ideias e conceitos e tenha “agregados padronizados de algumas ideias compartilhadas”, esse padrão não deve ser visto como “um mosaico de unidades delimitadas e homogêneas internamente” (BARTH, 2005, p. 17). Cabe compreender que os deslocamentos alteraram as subjetividades dos indivíduos e com isso seus aspectos culturais, pois como aponta Barth:

[...] a cultura está em um estado de fluxo constante. Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas. (BARTH, 2005, p. 17)

Ou seja, o contato de Gonzaguinha com a produção musical cubana e sua experiência de viagem são aspectos cruciais para compreendermos sua intenção artística de prestar uma homenagem a Pablo Milanés. Este, como já apresentado, foi um dos artistas que mais contribuiu para o desenvolvimento da Nova Trova. Ele e outros músicos que integravam o G.E.S. “[...] produziram letras ricas em metáforas, melodias que incorporavam timbres, dissonâncias e encadeamentos pouco convencionais, além de misturarem instrumentos e gêneros da música tradicional” (VILLAÇA, 2001, p. 256). É possível perceber esses aspectos na canção de Gonzaguinha, ao construir uma metáfora que expressa o duplo sentido atribuído à “mariposa” e pela presença de linhas melódicas (a guitarra no começo da música e depois a voz de Milton Nascimento) com dissonâncias e encadeamentos que não eram muito comuns nos seus trabalhos até aquele momento.

É interessante que “Libertad Mariposa” é a única música mencionada como parte do repertório do show de Gonzaguinha na reportagem do *Correio Braziliense*. Em uma primeira leitura, esse destaque para a música pode insinuar o sucesso que ela conquistou, mas se atentarmos para os outros conteúdos que estão ao redor desse anúncio, percebe-se que essa escolha estava relacionada a uma temática específica elencada pelo jornal.

Na mesma página há mais duas notícias sobre a “música latino-americana”. Uma está na própria coluna, anunciando uma apresentação de Tom Jobim com Mercedes Sosa para o mês seguinte. A segunda ocupa um quarto da página, sendo uma reportagem sobre um disco de Violeta Parra que seria lançado junto de uma coletânea produzida pela gravadora Copacabana. O conteúdo aborda a trajetória da cantora chilena, algumas informações sobre as músicas do LP e no final fala de outra estreia para aquele ano, o álbum *El sueño americano*, compilado de alguns trabalhos de Isabel e Ángel Parra, Patricio Manns, José Ortega e dos conjuntos Quilapayún, Inti-Illimani e Voces Andinas.

Mais relevante que o volume de assuntos relacionados à *Nueva Canción* em uma mesma página de jornal é a intertextualidade que essas notícias apresentam, que encaminha para um fragmento da ramificação e impacto desses movimentos aqui no Brasil. A relacionada à “Libertad Mariposa”, diz respeito à Nova Trova Cubana, o anúncio do show de Tom e Mercedes à renovação musical argentina, e tanto o disco de Violeta quanto *El sueño americano* à Nova Canção Chilena. Além disso, como apontam as historiadoras Heloisa de Farias Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto: “[...] convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias ‘têm uma opinião’, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258). A construção dessa página do jornal transparece como a visibilidade dos movimentos da *Nueva Canción* esteve interligada às atuações da imprensa e, para complementar, [...] “trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258-259). Por isso, analisar a circulação da produção referente às vertentes da *Nueva Canción*, através da imprensa, é um caminho para identificar os significados atribuídos naquele contexto para os movimentos de renovação musical de outros países da América Latina e do Caribe.

Já no Caderno B do *Jornal do Brasil*, de 31 de maio de 1980, o jornalista Tárík de Souza caracteriza a temática de algumas canções do novo disco de Gonzaguinha:

Ele questiona como sempre a carreira artística (Sangrando), ironiza a escalada da violência (A Cidade Contra o Crime), caricatura o país (Bié bié Brazil, Marcha do Povo Doido), exalta o povo (E Vamos à Luta, Pequena Memória Para um Tempo sem Memória) e seus heróis (Libertad Mariposa), escapando ao hino partidário. (SOUZA, 1980a, p. 7)

Para não prolongar a análise, me detenho na visão sobre “Libertad Mariposa”. Diferente do que foi colocado pela interpretação da letra, aqui o jornalista fala de uma exaltação de Gonzaguinha aos seus heróis, o que não deixa tão claro quem seriam. Pelo conteúdo do *Correio Braziliense*, um desses poderia ser Pablo Milanés, enquanto a participação de Milton Nascimento cantando “Lindo” também indica essa possibilidade. Ao mesmo tempo, por estar se referindo a Cuba, esses heróis poderiam ser, além de Pablo, outros músicos da Nova Trova Cubana. Por último, se observarmos o comentário, “escapando ao hino partidário”, esses heróis poderiam ser os próprios cubanos. Como a canção possui características que a aproxima de um tom romântico mais do que militante, essa fala pode ter sido direcionada à intenção de Gonzaguinha em “Libertad Mariposa”. Entre essas hipóteses, uma coisa é certa, Tárík estava apontando para a relação do compositor com Cuba e, mais uma vez, outro conteúdo da mesma página do jornal esclarece a escolha dessas palavras.

Em um texto abaixo da pequena matéria sobre Gonzaguinha, feito pelo mesmo jornalista e intitulado “Desembarca a revolução (musical) cubana”, novamente apresenta-se uma intertextualidade. O próprio título é um ponto curioso, ele traz uma provocação que consiste na utilização das palavras “revolução cubana”, pois ainda que tenha entre parênteses o termo “musical” separando-as, elas são referentes ao evento de maior impacto na América Latina no que diz respeito ao estabelecimento de um governo socialista. Diante do contexto ditatorial e da bipolaridade da Guerra Fria, essas escolhas foram ousadas. Além desse jogo de palavras, também considero a hipótese de que há uma alusão ao que estava

acontecendo naquele momento em Cuba. Ao falar em “desembarque”, Tárik parece traçar um paralelo com o grande fluxo emigratório de cubanos para os Estados Unidos que teve início em abril de 1980, a partir do porto de Mariel¹⁹ em Cuba, sendo a reportagem em questão de final de maio de 1980. Sustento essa hipótese pelas considerações de Cruz e Peixoto acerca da análise de publicações da imprensa como fonte histórica:

Ao iniciarmos a análise pela publicação, propõe-se justamente apreender seu espaço de articulação na configuração de uma determinada conjuntura e os fios que a remetem para outras dimensões e que constituem a historicidade daquele tempo - a historicidade da publicação e da conjuntura simultaneamente. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 267)

O título poderia causar uma estranheza aos leitores por trazer essas associações, mas o início do texto busca amenizar essa provocação. O conteúdo escrito por Tárik é sobre a chegada de um LP de Silvio Rodríguez, outro expoente da Nova Trova Cubana, que foi editado na Espanha e importado para o Brasil através da gravadora multinacional Ariola. Por isso ele utiliza o termo “desembarca”, para se referir à importação e não ao ineditismo da Nova Trova. Para apresentar o artista ao seu público, o jornalista abre o texto com as seguintes frases:

Silvio Rodríguez usa cabelos curtos para os padrões da música pop internacional. Mas descem até a gola, são longos, coroados por bigode e barbicha, em contradição com qualquer arquétipo de funcionário do Partido. (SOUZA, 1980b, p. 7)

A descrição da fisionomia de Silvio, como contrária a “qualquer arquétipo de funcionário do Partido”, promove uma quebra de expectativa em relação ao título. Esses comentários afastam a imagem do artista tanto de uma figura ligada ao pop quanto de características que remetem ao Partido Comunista Cubano. Percebe-se então que Tárik instiga os leitores a partir do título, matiza a situação descrevendo a aparência de Silvio, enquanto uma forma de não enquadrá-lo nos perfis citados e, logo em

¹⁹ Posteriormente conhecido como Êxodo de Mariel, esse foi um longo episódio, com duração de sete meses, em que aproximadamente 120 mil cubanos saíram do porto de Mariel em direção aos Estados Unidos, principalmente para Miami, através de embarcações. Isso ocorreu devido ao incidente de 1º de abril de 1980, quando um grupo de cubanos bateu um veículo nas grades da embaixada do Peru para solicitar asilo. Diante desse acontecimento, outras pessoas também recorreram à embaixada pelo mesmo motivo e a solução de Fidel Castro para essa situação foi permitir a abertura do porto de Mariel para quem quisesse sair do país. Ver mais em: MARQUES (2009)

seguida, relaciona o artista cubano com a música brasileira, através da menção à gravação de “Pequena Serenata Diurna” por Chico Buarque em 1978²⁰. Também fala que, assim como Silvio, Pablo Milanés era conhecido no Brasil por suas canções gravadas por Milton Nascimento. O jornalista constrói esse movimento para introduzir o que seria a Nova Trova Cubana da que esses músicos faziam parte:

A Nueva Trova começou a formar-se na década de 60. Seus integrantes participaram ativamente da Reforma Agrária, da campanha de alfabetização e do trabalho voluntário na safra de 10 milhões de toneladas de cana de açúcar, comandado pessoalmente por Fidel Castro. As canções de Silvio Rodríguez **estão impregnadas desse espírito construtivista e de uma certa prudência e delicadeza nas imagens mais fortes** que muito combinam com suas melodias simples e uma orquestração despojada, a base do violão acústico. (SOUZA, 1980b, p. 7) [grifo do autor]

É interessante que, pelo destaque a esses três eventos, Tárik busca caracterizar algumas mudanças ocorridas no contexto cubano da década de 1960, ao mesmo tempo em que atribui esses acontecimentos como parte do “espírito construtivista” dos artistas da Nova Trova. A “prudência e delicadeza nas imagens mais fortes” parece uma expressão que tenta equilibrar a ideia de um “espírito construtivista”, a qual poderia gerar a impressão de uma música partidária. Esse intuito se assemelha com o movimento que o jornalista faz na introdução, o que nos indica que ainda era muito delicado abordar temas referentes à Cuba. No entanto, essa descrição da Nova Trova serve como pista para entender quem eram os heróis de Gonzaguinha e o que estava exaltando sobre eles, pela perspectiva de Tárik.

Essa visão sobre o movimento cubano e seus artistas é bastante singular, frente às outras notícias encontradas que abordam essa conexão. Em grande parte das matérias de jornais do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, especialmente as que comentam sobre Pablo Milanés e Silvio Rodríguez, o que aparece são as participações desses músicos em trabalhos de artistas brasileiros, como em shows, gravações, composições,

²⁰ Esse laço entre Chico Buarque, Pablo Milanés e Silvio Rodríguez foi estabelecido de forma concreta com uma viagem de Chico à Cuba para participar como júri de um prêmio de literatura, a convite da *Casa de las Américas* em 1978. Ao retornar foi preso pelo DOPS. (GOMES, 2013, p. 190).

além das menções às interpretações de suas músicas. Nesses casos seus nomes são apenas citados e relacionados à Nova Trova, mas sem uma explicação sobre suas trajetórias e a origem do movimento, como foi posto por Tárík. Por isso, ainda que essa fonte nos apresente uma entre as diversas narrativas sobre Nova Trova, é possível identificar alguns aspectos da presença do movimento cubano aqui no Brasil. A Nova Trova Cubana é distanciada de uma perspectiva partidária e de sua relação com o Estado, tendo em vista que no *Congreso Nacional de Educación y Cultura*, realizado em 1971:

[...] os músicos da Nova Trova, ligados ao G.E.S., são inseridos pelo Partido Comunista no recém-criado MNT, *Movimiento de la Nueva Trova*, e lhes são atribuídas metas de caráter político, firmadas em 'Encuentros Nacionales de la Nueva Trova' e encampadas até 1986. Nessa fase, o MNT, sigla através da qual o movimento passou a ser conhecido, teve direção da União da Juventude Comunista e assumiu uma estrutura partidária, tornando-se uma agência, no meio artístico, das propostas político-culturais do Estado. (VILLAÇA, 2000, p. 259)

É sintomático que essa associação não tenha sido estabelecida, principalmente pelo caráter do *Jornal do Brasil* e sua relação com os perfis dos seus leitores. Claro que esse argumento se prolonga, pois também há questões como o contexto ditatorial brasileiro e a construção do imaginário social sobre Cuba pela própria imprensa nacional. O anticomunismo era um fator muito presente nesse momento e como a Revolução Cubana se tornou um símbolo da vitória do socialismo na América Latina, em plena Guerra Fria, a imagem de Cuba era demonizada por essa corrente. Só que esse partidarismo não foi invisível assim. Em 1978, Chico Buarque adaptou e gravou a música "Canción por la unidad latino-americana", composta por Milanés em 1975, também reproduzida no disco *Clube da Esquina II* (1978). A canção tem como temática a resistência às ditaduras militares da América Latina. Mesmo com a expressividade que a Nova Trova teve no cenário musical brasileiro, sobretudo na segunda metade da década de 1970, ela parece ser representada por Tárík de uma forma superficial diante dos preceitos desse movimento. No entanto, isso não significa uma falta de conhecimento, essa caracterização indica como naquele contexto da

suposta “abertura” da ditadura militar ainda era preciso uma cautela para abordar assuntos referentes à Cuba.

6 Considerações finais

Embora o espanhol de “Libertad Mariposa” indique o diálogo do cantor com a música de outros países da América Latina, percebe-se que Gonzaguinha não firma uma relação tão objetiva com a Nova Trova Cubana. É necessário o conhecimento sobre sua viagem à Cuba e o duplo sentido expresso pela palavra “mariposa”. Sendo uma homenagem feita para Pablo Milanés, provavelmente o cantor carioca pôde ter mencionado essa relação em shows e entrevistas. Para quem fosse escutar através do LP pela primeira vez, sem muitas informações, isso não seria óbvio, justamente pela profusão de músicas ligadas aos outros movimentos de renovação musical na América Latina.

Ainda assim, levando em consideração sua tentativa de se aproximar do universo da *Nueva Canción* com “La festívada”, em 1973, “Libertad Mariposa” aponta para a influência e incorporação das características de uma das vertentes desse grande movimento. A canção de Gonzaguinha presta uma homenagem e é trabalhada a partir de um saudosismo, mas pelos elementos da letra não é perceptível uma intenção de construir uma identidade latino-americana e de pertencimento a essa comunidade. Na verdade, isso se firma pelo próprio intuito de produzir esse tipo de música.

7 Referências

AFONSO, Luís Fellipe Fernandes. Pensando as relações entre música e História. **Mosaico**, v. 13, n. 21, p. 87-107, 2021. **DOI:** <https://doi.org/10.12660/rm.v13n21.2021.84645>

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Serviço de Censura de Diversões Públicas. La festivida (A festividade) - VETADA. Rio de Janeiro, 9 abr. 1973. Banco de dados Memória Reveladas, BR RJANRIO TN.CPR.LMU.4074/8.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, n. 19, p. 15-30, 2o. sem. 2005. Disponível em: https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2015/06/docslide.com.br_barth-etnicidade-e-o-conceito-de-cultura.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022.

BUSCÁCIO, Gabriela Cordeiro. **O tempo não para:** A década de 1980 através de Gonzaguinha e Cazuza. Orientadora: Samantha Viz Quadrat. 2016. 255 f.. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14273>. Acesso em: 03 nov. 2022.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, v. 1, 2014. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022.

CUNHA, Letícia Alves da. **Do nacional-popular ao popular latino-americano:** Milton Nascimento e o discurso latino-americanista na música popular brasileira. Orientador: Michel Nicolau Netto. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1091956>. Acesso em: 03 nov. 2022.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto história**, v. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>. Acesso em: 03 nov. 2022.

EM REVISÃO, Luiz Gonzaga Júnior: a música. **Jornal do Brasil**, Caderno B. Rio de Janeiro, n. 67, 14 jun. 1973, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

FARIAS, Geania Nogueira de. **As imagens discursivas do brasileiro nas canções de Gonzaguinha**. Orientador: Nelson Barros da Costa. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/5877>. Acesso em: 28 nov. 2022

GARCIA, Tânia da Costa. **Do folclore à militância: a canção latino-americana no século XX**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

GOMES, Caio de Souza. **"Quando um muro separa, uma ponte une"**: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70). Orientadora: Maria Helena Rolim Capelato. 2013. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28062013-130124/pt-br.php>. Acesso em: 03 nov. 2022 .

GONZAGA JÚNIOR, Luiz. **Libertad Mariposa**. Rio de Janeiro: EMI, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n83q1XqNY9I>. Acesso em: 03 nov. 2022 .

KALFON, Pierre. Chile: o começo da campanha eleitoral. **Opinião** (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional). Rio de Janeiro, n. 8, jan. 1973, p. 12.

LOPES, Andrea Maria Vizzotto Alcântara. **Sensibilidades e engajamentos na trajetória musical de Gonzaguinha e Ivan Lins (1968-1979)**. Orientador: Luiz Carlos Ribeiro. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/5138637/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Sensibilidades_e_engajamentos_na_trajet%C3%B3ria_musical_de_Gonzaguinha_e_Ivan_Lins_1968_1979_Andrea_M_Vizzotto_A_Lopes_defendida_na_UFPR_em_2009. Acesso em: 28 nov. 2022 .

MARQUES, Rickley Leandro. **A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)**. Orientador: Jaime de Almeida. 2009. 276 f. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4253>. Acesso em: 03 nov. 2022.

MIGUEL, João José. Uma MPB rica?. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6350, 29 jun. 1980, p. 3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos avançados**, v. 24, n. 69, p. 389-402, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000200024>

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. **“Não há revolução sem canções”:** **Utopia revolucionária na Nova Canção Chilena, 1966-1973.** São Paulo: Alameda, 2015.

SOARES, Rodrigo Lauriano. **Canções para não esquecer: os rastros da Nueva Canción Chilena na resistência cultural brasileira (1974-1980).** Orientadora: Larissa Rosa Corrêa. 2022. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História Social da Cultura, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/60535/60535.PDF>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SONORA (SonoraSonoraSonoraSom). **Correio Braziliense.** Brasília, n. 6245, 15 mar. 1980, p. 19. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

SOUZA, Tárik. Desembarca a revolução (musical) cubana. **Jornal do Brasil,** Caderno B. Rio de Janeiro, n. 53, 31 mai. 1980a, p. 7. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

SOUZA, Tárik. O consagrado Gonzaguinha de volta ao começo. **Jornal do Brasil,** Caderno B. Rio de Janeiro, 31 mai. 1980b, p. 7. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

TEÓFILO, Mariana Santos. Música folclórica engajada: Chile e Brasil. In: **Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina,** São Paulo, 2016. 14p. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/TEOFILO_SP_07-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022 .

VILLAÇA, Mariana Martins. **Tropicalismo (1967-1969) e Grupo de Experimentación Sonora (1969-1972):** engajamento e experimentalismo na canção popular, no Brasil e em Cuba. Orientadora: Maria Helena Rolim

Capelato. 2000. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VILLAÇA, Mariana Martins. Música cubana com sotaque Brasileiro: entrecruzamentos Culturais nos anos sessenta. **História: Questões & Debates**, v. 35, n. 2, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v35i0.2682>. Acesso em: 03 nov. 2022 .

WOZNIAK-GIMÉNEZ, Andrea Beatriz. **Renovação poético-musical, engajamento e performance artística em Mercedes Sosa e Elis Regina, (1960-1970)**. Orientadora: Tânia da Costa Garcia. 2016. 337 f.. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em História e Cultura Social, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150706>. Acesso em: 03 nov. 2022.



TEATRO LATINO-AMERICANO EM TEMPOS DE PANDEMIA: FESTIVAIS INTERNACIONAIS E CRUZAMENTOS ESTÉTICOS

*EL TEATRO LATINOAMERICANO EN TIEMPOS DE PANDEMIA:
FESTIVALES INTERNACIONALES Y CRUCES ESTÉTICOS*

*LATIN AMERICAN THEATER IN TIMES OF PANDEMIC:
INTERNATIONAL FESTIVALS AND AESTHETIC CROSSINGS*

Luiz Paixão Lima Borges¹ 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Resumo: A presença do público é parte constitutiva e essencial para a realização do fenômeno teatral, porém, diante das terríveis repercussões da pandemia da Covid-19 foram estabelecidos protocolos impositivos ao isolamento social, o que impediu as apresentações teatrais presenciais, alterando significativamente as relações entre teatro e público; os artistas cênicos foram impelidos a buscar novas formas de comunicação, no intuito de manter viva sua relação com o público, dentre elas, se destaca a realização de festivais de teatro na modalidade virtual, que possibilitaram encontros de artistas cênicos do Brasil e dos países hispano-americanos e caribenhos. Após uma análise inicial sobre a relação que se constrói entre o palco e a plateia, o artigo pretende analisar a realização virtual de festivais de teatro latino-americanos como proposta de enfrentamento à pandemia e de reorganização do teatro, no momento de maior aflição da população mundial. Com o recorte que limita o período entre junho de 2020 e outubro de 2021, serão apresentados e analisados Convocatórias, Cartas-convite e o Manifesto produzidos pela organização de diversos festivais internacionais latino-americanos de teatro. Foi realizado um estudo comparativo dos documentos, visando compreender os diversos posicionamentos em relação à pandemia. Neste sentido, foi identificada uma confluência em torno da necessidade de afirmação da arte, e particularmente do teatro, como instante de reflexão, resistência e união dos artistas e técnicos naquele momento profundamente adverso.

¹ Doutor em Literatura Brasileira pelo programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: luizpaixaoteatro@gmail.com

Palavras-chave: Pandemia Covid-19; Festivais de Teatro na América Latina; Modalidade virtual de teatro; Intercâmbio cultural; Relação Teatro-público.

Resumen: La presencia del público es parte constitutiva y esencial para realizar el fenómeno teatral, sin embargo, ante las terribles repercusiones de la pandemia del Covid-19, se establecieron protocolos imponiendo el aislamiento social, lo que impidió presentaciones teatrales presenciales, y alteró significativamente la relación entre teatro y público; los artistas escénicos se vieron empujados a buscar nuevas formas de comunicación, con el fin de mantener viva su relación con el público, entre ellas, la realización de festivales de teatro en la modalidad virtual, que posibilitaron encuentros de artistas escénicos de Brasil y de los países hispanoamericanos y caribeños. Luego de un análisis inicial de la relación que se construye entre el escenario y el público, el artículo se propone analizar la realización virtual de festivales de teatro latinoamericanos como propuesta para enfrentar la pandemia y la reorganización del teatro, en el momento de gran angustia de la población mundial. En el período limitado entre junio de 2020 y octubre de 2021, se presentarán y analizarán Convocatorias, Invitaciones y el Manifiesto producidos por la organización de varios festivales internacionales de teatro latinoamericanos. Se realizó un estudio comparativo de documentos, con el objetivo de comprender las diferentes posiciones en relación a la pandemia. En ese sentido, se identificó una confluencia sobre la necesidad de afirmar el arte, y particularmente el teatro, como un momento de reflexión, resistencia y unión de artistas y técnicos en ese momento profundamente adverso.

Palabras clave: Pandemia de COVID-19; Festivales de teatro en Latinoamérica; Modalidad de teatro virtual; Intercambio cultural; Relación teatro-público.

Abstract: The presence of the public is a constitutive and essential part for the realization of the theatrical phenomenon, however, in the face of the terrible repercussions of the Covid-19 Pandemic, protocols were established imposing social isolation, which prevented in-person theatrical presentations, significantly altering the relationships between theater and public; scenic artists were impelled to seek new forms of communication, in order to keep their relationship with the public alive, among them, the holding of theater festivals in the virtual modality, which enabled meetings of scenic artists from Brazil and Spanish countries -Americans and Caribbeans. After an initial analysis of the relationship that is built between the stage and the audience, the article intends to analyze the virtual realization of Latin American theater festivals as a proposal to face the pandemic and reorganization of the theater, at the moment of greatest distress of the world population. With the cut that limits the period between June 2020 and October 2021, Convocations, Invitation Letters and Manifiesto produced by the organization of several Latin American international theater festivals will be presented and analyzed. A comparative study of the documents was carried out, aiming to

understand the different positions in relation to the pandemic. In this sense, a confluence was identified around the need to affirm art, and particularly theater, as a moment of reflection, resistance and union of artists and technicians in that profoundly adverse moment.

Key-words: Covid-19 pandemic; Theater Festivals in Latin America; Virtual theater modality; Cultural exchange; Theater-audience relationship.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192379](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192379)

*Recebido em: 10/11/2021
Aprovado em: 25/12/2022
Publicado em: 31/12/2022*

1 O teatro do encontro

O teatro se transforma e somente se realiza a partir de uma estreita relação com os valores culturais e sociais concretos. Sua expressão estética e política é determinada pelo grau de liberdade que cada povo desfruta em seu momento histórico. Quanto maior a liberdade, mais livre será sua expressão; quanto menor a liberdade, maior a sua combatividade contra o estado de opressão e mecanismos que procuram reduzir, e mesmo impedir, sua manifestação concreta, maior a sua necessidade de resistência, criando novas possibilidades de encontros e comunicação, que irão refletir a contradição básica do ser humano: necessidade e possibilidade, pois é da condição de incompletude da liberdade que o teatro se alimenta.

O artista não está alijado do processo de luta que cada momento histórico trava dentro de si mesmo, e a arte como promotora de diversão e conhecimento tem sido um instrumento valiosíssimo na conscientização do homem que busca, e continuará sempre buscando, possibilidades de compreensão dos processos sociais que, muitas vezes, a realidade crua não lhe permite compreender. Por meio da transfiguração estética dos processos sociais, que, para Brecht possui um valor dialético em que as partes – artista e público – estão conscientes de sua participação no processo:

Se a arte reflete a vida, ela o faz com espelhos especiais. A arte não deixa de ser realista por alterar as proporções, mas sim quando as altera de tal modo que o público, ao tentar usar as reproduções na prática, em relação a ideias e impulsos, naufraga na vida real. É preciso certamente que a estilização não suprima a naturalidade do elemento natural, mas que o intensifique” (BRECHT, 1967, p. 218).²

Assim, compreende que a arte contribui para uma percepção diferenciada e crítica dos modos de convivência a que estão socialmente submetidos.

A presença da realidade na arte se efetiva por meio de uma dialética em que o conteúdo, ainda que determine a forma, nela se constitui em sua expressividade. No entanto, não há como ignorar a consciência artística do criador como fator distintivo de uma obra em que se pretende a configuração e representação dos processos históricos e sociais, e do homem como objeto de análise em seu comportamento. Nesse processo, “os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra” (CANDIDO, 2010, p. 24). A dinâmica própria da realidade concreta proporciona novas modalidades desses procedimentos específicos de configuração artística, que jamais serão inalteráveis, pois condicionados pela relação dialética que se estabelece entre arte e sociedade. Para se entender o mundo como passível de modificação, é preciso compreender o homem como agente transformador e, ao mesmo tempo, transformável. Compreender a dinâmica do movimento e suas leis, regidas pela dialética; compreender que o movimento é absoluto e o repouso relativo; compreender que da observação nasce o espanto, do espanto surge a compreensão da necessidade de transformação.

A materialização da obra de arte implica a prévia seleção das partes do objeto natural, que se configura na liberdade com que o artista ultrapassa o referente para imprimir na obra sua digital de criador. No processo de deslocamento de significação entre o referente e sua realização estética, o objeto artístico adquire valores que não são detectados e nem pertencem ao objeto natural, uma vez que o artista

² Ver também COSTA LIMA, 2011, p. 285-312.

criador ao operar esse deslocamento atuou com sua sensibilidade e criatividade conferindo-lhe estrutura própria, e única, portanto, produz alguma coisa que é ao mesmo tempo diferente e semelhante ao referente.

Sob esse aspecto, é necessário compreender que a autonomia da arte não implica seu aparente afastamento da realidade, uma vez que arte e realidade não se separam. A transfiguração do objeto natural e o seu deslocamento para o interior da obra, transformando-o em objeto artístico, como propõe o conceito de mimese³, não se limita a ele, objeto, exclusivamente; um processo bem mais complexo se efetiva nessa operação, pois, o objeto artisticamente configurado não consegue se desvincular de aspectos e vestígios, que permanecem presos a ele e alteram o seu constructo. Como não tem domínio absoluto do processo, o artista não consegue, ainda que o intente fazer, separar objeto e realidade, pois esta condiciona aquele que a irá representar. Tendo a observação como principal fonte para a realização de seu trabalho, o ator aponta o seu olhar sobre a realidade, e dela retira a matéria para a sua criação. Mas a sua observação não é uma observação contemplativa:

Para observar
É preciso aprender a comparar. Para comparar
É preciso já ter observado. A observação
Constrói um saber, mas um certo saber é necessário
Para saber observar. E:
Observa mal aquele que registra suas observações
Mas não sabe o que fazer delas.
(BRECHT *apud* PEIXOTO, 1989, p. 189⁴)

O teatro não é político por tratar de temas e assuntos especificamente políticos, o teatro é um ato político, porque um ato humano⁵, que visa ao outro em sua complexidade e em sua condição

³ “A mimese, ao contrário de sua falsa tradução, *imitatio*, não é produção de semelhança, mas produção de diferença. Diferença, contudo, que se impõe a partir de um horizonte de expectativas de semelhança. [...] A semelhança, i.e., a atualização de um estoque de expectativas internalizado, funciona como um seletor, ora mais, ora menos flexível, sem o qual não converteríamos experiências em representações. A semelhança nos capacita a encontrar ecos no mundo, a base de redundância necessária para que não nos sintamos estranhos quanto ao tudo” (COSTA LIMA, 1986, p. 361).

⁴ Poema sem título e sem referência na obra citada. O referido poema não foi localizado em nenhuma das antologias de poemas de Bertolt Brecht consultadas.

⁵ A dialética entre “ato político” e “ato humano” deve ser aqui interpretada pelas necessidades estéticas do homem de compreender suas relações com o mundo objetivo, a partir de sua formulação materialista: “Na relação estética, o homem satisfaz a necessidade de expressão e afirmação que não pode satisfazer, ou que só satisfaz de modo limitado, em outras relações com o mundo. Na criação artística, ou relação estética criadora do homem com a realidade, o subjetivo se torna objetivo (objeto), e o objeto se torna sujeito, mas um sujeito cuja expressão já objetivada não só supera o marco da subjetividade, sobrevivendo a seu criador, como pode ser

dialética de convivência em sociedade. O teatro não é político por defender uma bandeira partidária, mas por trazer para o centro das discussões as contradições e conflitos do ser humano inserido num sistema que tudo faz para impedir a plenitude de sua existência. O teatro não é político por ser de esquerda ou de direita, é político porque confronta personagens que estabelecem convivências que são políticas. O teatro é político porque encontra sua razão não na específica configuração de lutas políticas objetivas, mas na representação das relações que acompanham o homem em sua existência. Discutir teatro político é discutir a vida das pessoas e o seu comportamento diante do outro. Negar o teatro político é negar o teatro naquilo que ele tem de mais essencial: as relações sociais representadas por atores em cena. Não há, portanto, posicionamento mais reacionário do que aquele que tenta negar o caráter político ao teatro, pois estará negando o próprio teatro.

[...] a *consciência artística* é [...] consciência de um indivíduo (o artista) que vive em uma determinada sociedade, sujeito a injunções de toda espécie, vinculado a uma determinada classe social, sujeito à pressão de condições econômicas e obrigado a trabalhar dentro de uma determinada linha de condições culturais. De modo que, embora a *consciência artística* possa superar os limites de uma *consciência filosófica e política alienada*, ela muito frequentemente é atingida pelas consequências das deformações ideológicas do artista. [...] A *alienação* na arte não atinge primeiro o conteúdo para depois atingir a forma; também não atinge primeiro a forma para depois atingir o conteúdo. [...] a *alienação da consciência artística* atinge tanto a forma quanto o conteúdo – atinge a organicidade que os une. (KONDER, 2009, p. 174-176)

O teatro, por suas características próprias, possui uma grande capacidade de transformar as pessoas, e como são os homens que

compartilhada, quando já fixada no objeto, por outros sujeitos. A obra de arte é um objeto no qual o sujeito se expressa, exterioriza e reconhece a si mesmo. [...] Se o homem só pode se realizar saindo de si mesmo, projetando-se fora, isto é, objetivando-se, a arte cumpre uma alta função no processo de humanização do próprio homem. Mas isto quer dizer, por sua vez, que a objetivação tem que se dar, primeiro, em toda sua positividade, e, segundo, sobre uma base real, concreta, histórico-social” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2010, p. 49). Há, por outro lado, uma corrente que entende que o “teatro político” é aquele que assume uma posição de crítica objetiva da realidade, o que, muitas vezes, torna esse ato um ato de protesto contra aquela mesma realidade; no entanto, o ser humano é um “homem político”, no sentido grego de “polis”, ou seja, o homem que vive em uma sociedade organizada. O filósofo brasileiro, Leandro Konder, explica que a arte “proporciona um conhecimento particular que não pode ser suprido por conhecimentos proporcionados por outros modos diversos de apreensão do real. Se renunciarmos ao conhecimento de que a arte – e somente a arte – pode nos proporcionar, mutilamos a nossa compreensão da realidade. E, como a realidade de cuja essência a arte nos dá a imagem é basicamente a realidade humana, isto é, a nossa realidade mais imediata, a renúncia ao desenvolvimento artístico e, por conseguinte, a renúncia ao estudo das questões estética acarretam a perda de uma dimensão essencial na nossa autoconsciência” (KONDER, 2013, p. 25, grifado no original).

transformam a sociedade, o teatro torna-se, então, um espaço privilegiado de inquietação, onde se estimula e se aprimora a consciência.

O verdadeiro teatro político propõe não apenas um simples ato esquemático de indignação e protesto, mas uma reflexão. Atores e espectadores, palco e plateia, trocam um diálogo que procura ser transformador. O teatro não transforma diretamente a sociedade, mas pode ajudar a transformar os homens, que são os que transformam as relações de produção. (PEIXOTO, 1986, p. 40)

Provocando reflexões sobre as relações sociais dramatizadas no palco, o homem é instigado a lançar um novo olhar sobre a sua própria existência, e dela passa a questionar pontos que antes não lhe preocupavam. E essa tomada de posição, provocada por uma relação íntima e única entre o ator e o público, é que torna o teatro um agente de transformação, pois interfere diretamente no aprimoramento da consciência de quem o assiste. Nesse sentido, é cobrada do teatro uma responsabilidade histórica da qual não se pode furtar, sob o risco de se consumir em si mesmo. Com os olhos voltados para os conflitos fundamentais do ser humano, o teatro os toma para si, e sobre eles registra o seu compromisso histórico.

[...] a consciência é gerada a partir e pelas relações concretas entre os seres humanos, e desses com a natureza, e o processo pelo qual, em nível individual, são capazes de interiorizar relações formando uma representação mental delas. [...] essa representação não é simples reflexo da materialidade externa que se busca representar na mente, mas, antes, a captação de um concreto aparente, limitado, uma parte do todo e do movimento de sua entificação. (IASI, 2011, p. 14)

O fazer teatral necessita, sob o risco de estagnar-se, da troca de experiências. O contato crítico e dialético com a obra do outro promove uma reflexão teórica, e permite compreender diversas outras possibilidades de construção cênica. Nessa perspectiva, os festivais de teatro se transformam em um fórum privilegiado, onde se misturam audácia (arriscar-se pelo novo) e humildade (saber que a verdade não é absoluta), o que é fundamental para uma nova oxigenação do ato criativo.

A prática cotidiana, orientada para o resultado imediato da bilheteria, limita significativamente o debate em torno da práxis teatral, e não permite o encontro entre os criadores. Fechados em seu universo de produção do espetáculo-mercadoria, e pouco afeitos à socialização do saber e do fazer,

não se preocupam com o intercâmbio de conhecimentos e reflexão estética.

O fazer teatral transformado em mero produto comercial pouco exige de seus criadores/fazedores, quanto a um aprofundamento de sua criação. Como exibicionismo e virtuosismo pessoal, não necessita o ator aprofundar-se nos estudos para melhor se conhecer e conhecer o outro, para criar as condições necessárias para ultrapassar as aparências sociais que representa como sendo a vida em sociedade. O que lhe é exigido não passa de uma 'representação' estereotipada daquilo que se vê e se assiste no dia-a-dia nas ruas. Não necessita voltar-se para o seu interior. (MAIA, 1998, p. 69)

De maneira geral, os festivais de teatro, sejam eles presenciais e ou virtuais, fazem constar em seus editais de convocação e regulamentos, a exigência de um debate estético-teórico sobre os processos de criação e construção dos espetáculos.

2 Encontros de teatro

O espaço privilegiado para o debate em torno das diversas tendências de fazeres cênicos e dramaturgicos, se concretiza nos festivais de teatro, que nos coloca mais abertos e prontos à discussão. Os festivais de teatro compartilham nossas inquietações, nos apontam erros, nos acentuam os acertos e nos reconhecem a qualidade. Competitivos ou não, atuam como um termômetro que nos orienta no caminho que estamos seguindo. Os festivais nos conectam mais firmemente ao mundo, pois refletem de maneira objetiva as tendências do movimento teatral. E não é uma questão apenas de modismo. O festival é uma radiografia, uma amostragem do que se faz nos diversos cantos do seu próprio país, ou no mundo. Refletindo o seu tempo, incorpora em si as ansiedades e necessidades do homem moderno e o seu momento histórico.

Em 1986, o ator, diretor, crítico e ensaísta teatral, Fernando Peixoto, regressando de sua participação na II Mostra Internacional de Teatro, em Montevideu, Uruguai, concede uma entrevista em que analisa, com lucidez

histórica, a retomada e o crescimento dos festivais latino-americanos de teatro, no período pós-ditaduras militares no continente. Peixoto destaca a importância da liberdade de expressão como fator fundamental para o debate franco e democrático sobre as diversas formas de manifestação de evento cênico. Importante, também, perceber como esse momento histórico de superação dos regimes autoritários se refletiu significativamente no surgimento de novos festivais internacionais de teatro no âmbito da América Latina, bem como a afirmação da multiplicidade estético-ideológica que se verifica no continente.

Estão se multiplicando os festivais e encontros latino-americanos de teatro e também os festivais internacionais na América Latina. O teatro de Nossa América sem dúvida vive um instante privilegiado [*sic*] mas também de dúvidas e perplexidades. Nos países que mais recentemente se libertaram de ditaduras militares cresce um movimento de retomada da produção teatral como instrumento de expressão e conhecimento transformador e consequente. [...] oportunidade para repensar o fazer teatral, seu significado estético e político, despertando novas interrogações. É um espaço fascinante para todos que participam e também para o público [...]. (PEIXOTO, 1989, p. 209)

É no festival de teatro que os grupos se encontram e socializam experiências as mais diversas; e o debate se acalora e ganha proporções transformadoras, pois o questionamento se aprofunda e produz reflexões sobre cada próprio processo, e aponta observações críticas que só o distanciamento permite detectar; é no festival, que estando aberto ao confronto, cada trabalho será avaliado por artistas que refletem o fazer de igual pra igual, e poderá interferir positivamente no aprimoramento das investigações e pesquisas⁶. Inquieto por sua própria natureza, o teatro que se propõe a uma investigação estética e formal se renova e se retroalimenta no debate dialético, discutindo valores estéticos e humanistas: as diversas leituras de uma mesma proposição enriquecem o debate e apontam novos caminhos e perspectivas. É a experimentação que

⁶ De maneira geral, poucos foram os festivais virtuais que contaram com a participação de governos e empresas patrocinando e apoiando suas realizações; são, portanto, resultado do esforço de grupos e companhias teatrais que se mobilizaram para manter viva a tradição de seus festivais. Deve-se ressaltar que os custos para a realização de festivais virtuais são praticamente zero, o que possibilitou o surgimento de novos festivais em alguns países. A maioria, portanto, resultante da abnegação e generosidade das companhias organizadoras. Ressalto e homenagem, aqui, o ator e diretor Jorge Johanson Flores que, à frente do grupo Esparta, de Lima, Peru, organizou sozinho o Encuentro Internacional de Artes Escénicas, em 2021, totalizando quarenta dias de transmissões de peças da América Latina, Dinamarca e Hong Kong.

alimenta e possibilita o aprofundamento estético: a garimpagem consciente da dialética forma e conteúdo garante o seu pleno desenvolvimento. Negar a pesquisa estética é negar a própria essência do teatro.

A palavra pesquisa não deveria lembrar sempre pesquisa científica. Nada pode estar mais longe do que fazemos do que a ciência *sensu stricto* [...] A palavra pesquisa significa que abordamos nossa profissão mais ou menos como o entalhador medieval, que procurava recriar no seu pedaço de madeira uma forma já existente [...] trabalhamos como o sapateiro, que procura o lugar exato no sapato para bater o prego". (GROTOWSKI, 1971, p. 12-13)

O intercâmbio entre grupos e pessoas é característica fundamental de qualquer festival de teatro. É esse intercâmbio que possibilita, não só a discussão estética mais aprofundada, como também abre espaço para o companheirismo e a solidariedade entre as pessoas. Cada grupo cria sua própria história se tornando reconhecido e respeitado por seus pares. Mesmo nos festivais competitivos, a despeito de toda disputa muitas vezes acirradas, o que fica são novas amizades e promessas de novos encontros, que mais cedo ou mais tarde se efetivam. Um festival de teatro é uma celebração e não pode, sob o risco de perder sua própria identidade, perder essa característica primordial. E quando celebração, retorna às suas origens ritualísticas, um festival nos vem lembrar a celebração a Dioniso⁷.

Em sua condição de arte viva, o teatro só existe na relação palco / plateia, que se torna determinante no estabelecimento da estética própria de cada espetáculo, em sua configuração arquitetônica, bem como em sua interação emocional e social. No confronto diário com a plateia, o seu pulsar realimenta e estimula sua necessidade de cada vez mais investigar e pesquisar formas e meios. A cada plateia uma nova comunhão se estabelece; a cada apresentação o frescor do novo. A troca de energia interfere no espetáculo, ainda que ele se mantenha o mesmo; o significado de um gesto não pode se alterar, pois estaria alterando o próprio

⁷ As origens do teatro ocidental estão ligadas ao culto sagrado / profano em louvor ao deus Dioniso (ou Baco, para os romanos), deus da uva e do vinho, da embriaguez e da fertilidade. O teatro surge, portanto, de uma grande festa em louvor aos frutos da terra.

significado do espetáculo, mas este flui renovado pelo que recebe de volta. A tensão entre o ator e o público se modifica: o público nunca é o mesmo!

Pode o teatro existir sem uma plateia? Pelo menos um espectador é necessário para que se faça uma representação. Assim, ficamos com o ator e o espectador. Podemos então definir o teatro como “o que ocorre entre o espectador e o ator”. Todas as outras coisas são suplementares – talvez necessárias, mas ainda assim suplementares. (GROTOWSKI, 1971, p. 18)

O fenômeno teatral, que se apresenta como um ritual de comunhão, seja ele épico ou dramático, não se realiza sem a presença do público, que interfere decisiva e significativamente na criação do espetáculo e na interpretação do ator. Todas as transformações que o teatro sofreu ao longo de sua história, estão diretamente vinculadas a essa relação – ator / público – seja no caráter emocional, intelectual ou ideológico. A arquitetura do teatro grego é completamente diferente da arquitetura religiosa medieval, que levou o teatro para a praça pública, que também será diferente do teatro elisabetano com seu palco envolvido por três blocos de plateia, ou do teatro burguês que encontra no palco italiano sua melhor forma de expressão. O grau do vínculo que se pretende, seja no âmbito emocional (teatro dramático) ou intelectual (teatro épico), é que estabelece os parâmetros para a encenação e cria as condições mais favoráveis a essa ou àquela estética, pois interfere diretamente na recepção da obra.

Em cada uma dessas formas encontramos, não só uma dramaturgia específica, mas também uma concepção cênica que irá produzir determinada relação com o espectador. O desenho do espetáculo está sujeito a essas dimensões, e esse desenho estabelece relações psicológicas e de poder entre as personagens, o que irá repercutir na recepção da plateia. Todas essas possibilidades são determinadas pela forma do palco e sua relação com a plateia, se mais próxima ou mais distante, se numa determinada inclinação ou noutra, se um palco mais largo ou mais profundo, enfim, tudo isso deverá interferir na estética do espetáculo e, conseqüentemente, na recepção por parte do público. Por óbvio, a postura do ator se modifica significativamente, influenciada que é pela arquitetura teatral, que exige uma adequação ao espaço. Cada pequeno movimento ou

gesto será desenhado de acordo com a forma do palco, pois o público o perceberá de acordo com sua posição em relação ao palco, as chamadas linhas de visão⁸. Todo desenho é elaborado com delicadeza e cautela, porém com precisão cirúrgica. O rigor estético orienta todos os atos criativos, no entanto, é preciso compreender que rigor não significa uma obra estática, mas, um respeito à correspondência entre suas forma e conteúdo organizados a partir de um padrão esteticamente definido.

O que dizer, então, dos espaços alternativos, seja no teatro de rua, ou mesmo em um ambiente fechado em que haja uma certa circularidade na distribuição do público, o que estabelece novas e imprevisíveis formas de relação, sobretudo nas experiências dos espetáculos itinerantes em que o público experimenta diversas relações espaciais. Junte-se a isso o fator distância / proximidade, quando novas implicações serão observadas: quanto mais próximo da personagem, mais cúmplice é a relação, e essa cumplicidade não está absolutamente sujeita ao fato de o público se identificar ou não com a personagem. A história da personagem é dramatizada e apreciada de maneira muito especial, tornando, assim, determinada parcela do público sua confidente. Essa parcela específica da plateia, devido à proximidade com o personagem, se diferencia do restante de espectadores justamente por merecer um acesso a informações muitas vezes exclusivas; pois somente aqueles espectadores viram aquele olhar, que foi dirigido a eles. Essa relação – distância / proximidade – implica dedicar uma atenção muito especial para conseguir explorar da melhor maneira esse detalhe, que parece ser insignificante, mas que é dotado de uma extraordinária força emocional. Apenas uma única pessoa, e só ela, vê uma lágrima brotar nos olhos da atriz. Esse momento único e exclusivo, muitas das vezes individualizado, provoca uma experiência emocional também única. A pessoa que está ali, ao lado, só vê a lágrima escorrendo, não vê o seu nascimento. O marejar dos olhos será guardado por um único

⁸As "linhas de visão" são as linhas imaginárias que definem a perspectiva do público em relação ao espetáculo, ou seja, em cada posição que as pessoas ocupam seu lugar na plateia elas terão uma visão ligeiramente alterada da posição do ator em cena, seja em relação ao cenário ou mesmo a outro ator. No caso do espaço não convencional, essa perspectiva deve ser tratada com extremo cuidado, pois pode interferir de maneira significativa na compreensão do espetáculo, dada a multiplicidade de linhas de visão que serão observadas.

espectador, já que a ele foi dado um momento ímpar em que a sua emoção e a emoção da atriz se encontraram e se perpetuaram.

3 O teatro do desencontro

O surgimento da Pandemia da Covid-19⁹ interferiu de maneira profundamente significativa na relação entre o artista de teatro e o público, impedindo a realização presencial de espetáculos teatrais. Após o choque inicial, e a expectativa de superação das consequências produzidas pelo Coronavírus a certeza de que a batalha contra a doença seria bastante longa tornou imperativa a busca de alternativas para que o teatro continuasse a se manifestar, ainda que prescindindo da presença do público. A ausência do público nas casas de espetáculo exigiu aos criadores cênicos pesquisar a linguagem do vídeoteatro¹⁰ como possibilidade concreta, e bastante viável para a realização do seu trabalho. Novas experiências, impulsionadas pela criatividade, foram realizadas de forma bastante significativa.

Por outro lado, e ainda como alternativa de superação, o registro videográfico¹¹ dos espetáculos já estreados e apresentados presencialmente

⁹ “Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. [...] Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. [...] Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus”. Página informativa da OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> - Acesso em 04.10.2022.

¹⁰ O vídeoteatro é uma forma híbrida que envolve duas linguagens, que se determinam mutuamente: o vídeo, como registro artístico de manipulação de imagens; e o teatro, como realização dramática aplicada ao formato vídeo. Como exemplo, sugiro assistir o vídeoteatro *Poesia que espanca*, produzido pelo Coletivo Uma de Nós, da cidade de Sorocaba – SP de Anália Marques. Disponível em: <https://youtu.be/Vwsw6GfGKjI>. Acesso em 17.11.2022.

¹¹ Registro videográfico é a captação das imagens de uma peça teatral em toda sua inteireza. Esse recurso sempre foi utilizado para submeter um espetáculo às curadorias de festivais de teatro presenciais. Durante o período pandêmico, esses registros foram utilizados para transmissão online dos espetáculos em festivais que se realizavam na modalidade virtual. Há dois aspectos que devem ser analisados: o primeiro, que justificou (e ainda justifica) os festivais virtuais ou híbridos (modalidades presencial e virtual), pois permitia o contato com obras que não podiam ser apresentadas presencialmente; o segundo está relacionado com o fato de vários aspectos do teatro não serem captados pelo vídeo, pois o espetáculo não foi produzido para aquela linguagem específica, o que prejudica sua percepção, uma vez que o teatro possui recursos estéticos e formais próprios, que por meio do registro videográfico se perdem, provocando, assim, ato contínuo, uma perda em sua produção de sentido.

ganharam relevância em suas transmissões virtuais, o que se tornou prática comum e bastante utilizada para divulgação desses espetáculos. A partir da imposição do isolamento social e das graves consequências do contágio pelo Coronavírus, novas produções se desenvolveram respeitando os mais rígidos protocolos de isolamento, como se pode comprovar em diversos trabalhos veiculados nas redes sociais e canais de vídeo de diversas companhias teatrais brasileiras¹². Em muitas delas, buscando refletir sobre o momento vivido, o tema do isolamento social ganhou força poética e dramática:

O que reclamo, apenas e não mais, no momento em que o encontro não se permite e que mais precisamos desse encontro, é não poder te encontrar nas plateias do meu palco, sem poder cantar pra você as mais belas histórias jamais escritas, nem representar cenas em que o amor e o ódio, a paixão e o desespero, o abandono e o encontro se transformem no mais sublime afeto. Mas, eu sei que hoje, em cada plateia de cada teatro vazio, você ouve a minha voz que não se cala como não se cala o canto que em minha voz se espalha, se contaminando na voz de tantos, na voz de outros que fazem da minha voz sempre, sempre se espalhar, pois no palco brilha a minha voz e a voz de todos que em minha voz se fazem ouvir.¹³

O excerto acima é parte de uma série de intervenções em vídeo, produzidas pela Companhia de Teatro, da cidade de Belo Horizonte, no Brasil, em que, por duas oportunidades, se discutiu objetivamente o isolamento social e suas implicações sobre o fazer teatral. Acreditando no valor inestimável da arte nesses instantes de solidão e dor, acreditou também que o teatro poderia ser importante como divertimento e como conhecimento, mas, sobretudo, como motivo de aproximação de pessoas que não podem estar próximas daqueles que são importantes em suas vidas.

Nos palcos, não nos encontramos, mas as cadeiras vazias não me impedem estar com você agora: se não estamos lá, eu e você, aqui repartimos emoções, aqui o seu silencioso aplauso invade os meus

¹² Aqui, me restrinjo às produções realizadas no Brasil, pois não possuo maiores informações do que ocorreu nos diversos países da América Latina. Mesmo no Brasil, é bastante difícil, devido ao enorme número de companhias, diagnosticar quando se iniciaram as primeiras produções virtuais, e quais companhias participaram desse processo. Posso destacar que a Companhia de Teatro, com sede na cidade de Belo Horizonte e por mim dirigida, teve sua primeira participação virtual no México, com o espetáculo *Capitão Fracasso*, num festival organizado pelo Centro Superior de las Bellas Artes Toltecalli e pela Compañía Méxican-Teatro, como se verá adiante.

¹³ Texto extraído do vídeo *Capitão Fracasso em tempo de isolamento social*, produzido pela Companhia de Teatro, da cidade de Belo Horizonte – MG. Escrito e dirigido por Luiz Paixão, para o projeto Cena Plural, da Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Transmissão: 04 dez. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MxKk7XKWAQ> – Acesso em 05 nov. 2021.

ouvidos e escorre minha lágrima de alegria. Aqui, mais uma vez, nessa tela fria, nossos olhares sabem se olhar cúmplices e dizer no silêncio de cada teatro, que cada ator sabe que fazendo rir ou chorar, sua função é maior que apenas o riso ou a lágrima. [...] Pelas janelas de minha voz e o espelho de minhas emoções, peço licença para ocupar cada cômodo do seu coração, pois só assim, nessa tela fria, nossos vilões e nossos grandes heróis se enfrentarão como nos palcos que hoje estão vazios. Rompendo os limites do palco e da plateia vazios, a emoção mambembe não se aquieta, itinerante que é, chega aí com você para cantar nosso amor, nossa luta, e nossa certeza de que a vida deve estar sempre acima de tudo, que nosso canto não silenciou nos tempos do isolamento, que aqui estamos, mais uma vez, mesmo tão distantes, certos de que tudo valeu a pena, e ainda vale a pena a distância, pois ela não isola o nosso afeto e o nosso carinho, ela apenas nos protege para que continuemos a cantar nosso canto em cada canto em que o coração esteja aberto a nos ouvir. Evoé!¹⁴

Manifestando seu claro objetivo político e ideológico em favor do isolamento social, contrariando assim a postura negacionista do governo federal, por meio de frequentes pronunciamentos do Presidente da República do Brasil¹⁵, a Companhia de Teatro de Belo Horizonte, assim como inúmeras companhias brasileiras, num compromisso assumido com a vida, abraçou parte da responsabilidade no esclarecimento da população em favor de uma conscientização em relação aos protocolos mundiais de isolamento e cuidados preventivos.

4 O teatro do reencontro

No âmbito dos festivais de teatro, a modalidade virtual¹⁶ permitiu de forma bastante concreta um reencontro de atores, diretores, dramaturgos e

¹⁴ Texto extraído do vídeo *Capitão Fracasso* (Cena Plural), produzido pela Companhia de Teatro, escrito e dirigido por Luiz Paixão, para o projeto Cena Plural, da Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Transmissão: 04 dez. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MxKk7XKWAvQ> – Acesso em 05 nov. 2021.

¹⁵ O Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), durante todo o período pandêmico, utilizou-se obsessivamente do seu poder com o objetivo de negar a pandemia, a vacinação, o isolamento social e defendeu a utilização de medicamentos comprovadamente ineficazes contra a Covid19, particularmente, a Cloroquina. Nesse período, foram inúmeras as vezes que o Presidente debochou da dor e do sofrimento dos brasileiros, vítimas da Covid19. O resultado de sua reiterada postura anticientífica tornou o Brasil o segundo país com maior número proporcional de mortos. Seus negacionismo e charlatanismo provocaram a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI, no Senado da República, que teve sua instalação autorizada em 14 de abril de 2021.

¹⁶ A modalidade virtual deve ser entendida não apenas como transmissão online do registro videográfico de uma peça teatral encenada anteriormente, mas, também, abarca, num momento posterior, quando a pandemia já estava controlada, e permitia a transmissão de apresentações presenciais de espetáculos ao vivo. Como exemplo, cito a apresentação e transmissão do espetáculo *Capitão Fracasso*, produzido pela Companhia de Teatro, da cidade de Belo Horizonte – MG, e apresentado no Teatro Feluma. A transmissão foi seguida de um debate que teve a participação de diversos diretores teatrais latino-americanos, também transmitido ao vivo.

técnicos que puderam socializar seus trabalhos e suas inquietações estéticas e formais, promovendo uma democratização no acesso aos festivais nacionais e internacionais, sejam eles para adultos, crianças, teatro de bonecos e de rua. Neste sentido, os festivais virtuais significaram uma sensível ampliação nas possibilidades de intercâmbio entre companhias teatrais de vários países latino-americanos, que, já que a modalidade presencial impõe restrições financeiras para o deslocamento de diversos grupos que desenvolvem importantes pesquisas estéticas.

Ainda que marcados pelo incontestável prejuízo provocado pela ausência do público, os festivais virtuais se tornaram um espaço privilegiado para o debate democrático e construtivo em torno do fazer teatral: por meio de palestras, oficinas teóricas e práticas, minicursos e encontros virtuais para discussões mais amplas, criou-se uma rede internacional de análise estética e aprimoramento teórico e prático. Além da apresentação da versão videográfica de espetáculos já realizados (representando a quase totalidade dos espetáculos participantes), o que se observou com bastante frequência foram as importantes experiências em que o vídeo e o teatro se uniram para investir na pesquisa de novas linguagens, muitas delas realizadas especificamente para festivais, democratizando novos experimentos e novas técnicas que estavam sendo pesquisadas e aprimoradas¹⁷.

No período de 25 a 30 de junho de 2020, se realizou, no México, organizado pelo Centro Superior de las Bellas Artes Toltecalli e pela Compañía Méxican-Teatro, um dos primeiros festivais internacionais latino-americanos na modalidade virtual. Em seu convite oficial às companhias teatrais¹⁸, apresenta suas motivações para a realização do festival:

Estamos movidos pelo impulso e pela necessidade de nos colocarmos frente à situação que vivemos por causa do COVID-19. Necessidade de fraternizar uma irmandade com todos vocês, para

¹⁷ Na maioria dos casos, tais experimentos foram realizados em condições precárias, cujo único equipamento disponível era o aparelho celular, o que demonstrou sempre a inquietação dos artistas, que não se conformavam com a situação vigente. Conf. Nota 9.

¹⁸ Todos os documentos (Convocatórias, Cartas convite e outros) foram enviadas aos diversos grupos teatrais por meio de Whatsapp, E-mail, Facebook e Instagram, tornando, portanto, bastante difícil localizar as datas das referidas publicações, bem como identificar os links, uma vez que a maioria já terá sido deletada.

criar juntos sem protagonismos, e sem nenhum interesse econômico, nem político ou lucrativo [...] ¹⁹

Na mesma carta-convite, avalia os reflexos sociais da pandemia e sua influência nociva nos ânimos e comportamento das pessoas, afirmando o caráter cultural e, sobretudo, humanista do festival:

O ser humano vive uma época lamentável em todos os aspectos; políticos, culturais, religiosos entre outros. Neste momento, enfrentamos confinamento, desespero, falta de perspectivas, escassez econômica e falta de motivação. É por esta razão que convidamos grupos ou companhias de teatro, dança ou música de qualquer parte do mundo a participarem do I Festival Internacional de Teatro En Linea "UNIDOS POR EL ARTE", com o qual pretendemos dar aos nossos povos um incentivo à diversão, refletir ou desligar-se por um momento desta realidade que parece ser eterna. Compartilhar nosso trabalho neste momento é um ato de esperança e fortalecimento de nossa vocação para servir a humanidade através da arte.²⁰

Podemos observar aí, a disposição que seria predominante nos mais diversos festivais, durante todo o período abordado por este trabalho. Nesse sentido, a convocatória publicada pelo XXII Festival de Teatro Bertolt Brecht, realizado entre 16 de novembro e 18 de dezembro de 2020, em Cochabamba, na Bolívia, nos apresenta uma análise bastante profunda sobre a modalidade virtual do teatro, ampliando a discussão a partir do conceito de ocupação do espaço doméstico, determinada pela pandemia:

Em tempos de confinamento e distanciamento físico, é imprescindível repensar as formas como configuramos os espaços que habitamos e nos quais realizamos atividades de todos os tipos. [...] Na situação atual, os espaços que habitávamos foram drasticamente reduzidos, ou talvez anulados, ao mesmo tempo que o espaço doméstico foi invadido e estendido à força para o exterior, tornando-se um espaço difuso no qual coincidem emprego e desemprego, família e afazeres domésticos, estudo, negócios e encontros de negócios, mercado, lazer, estresse, criatividade e falta dela, solidão, fome, doença, dívida, a nova burocracia em linha; e também, é claro, a arte em suas várias expressões. [...] Nesse sentido, são justamente as artes cênicas que, talvez agora como nunca, devem repensar um de seus componentes essenciais: o espaço. Esse espaço presente onde a obra é gerada, surge, se revela como tal e se torna perceptível; e onde quer que o recebam, eles o percebem, onde ele acaricia, onde ele bate. Sem discutir se há separação desses momentos ou não, acreditamos que o espaço das artes performativas está em um processo de reconfiguração que

¹⁹ TOLTECALLI. **Carta de invitación** al Festival Internacional de Teatro. En Linea "Unidos Por el Arte". Centro Superior de las Bellas Artes "Toltecalli". Producciones Méxican-Teatro. Nicolás Romero Estado de México a 03 jun. 2020. Carta enviada por e-mail pela Coordenação do festival.

²⁰ TOLTECALLI. **Carta de invitación** al Festival Internacional de Teatro. En Linea "Unidos Por el Arte". Centro Superior de las Bellas Artes "Toltecalli". Producciones Méxican-Teatro. Nicolás Romero Estado de México a 03 jun. 2020. Carta enviada por e-mail pela Coordenação do festival.

suscita inúmeras questões. A vivência do fenômeno artístico pode acontecer de forma autêntica por meio do virtual? As telas podem substituir a quarta parede do palco e a peça poderia passar por ela para conseguir a interpelação, se essa fosse sua investida?²¹

“Invadir” a casa das pessoas significou, também, estabelecer determinados critérios e prévia seleção temática, determinada pelas curadorias de alguns festivais, que visavam a necessidade de ampliar o alcance das transmissões a toda a família com espetáculos adultos e para crianças. Tal disposição não impediu a realização de festivais internacionais, que investiram na temática gay, realizados em 2021, como os casos, por exemplo, do “VII Festival de Teatro Rosa”, nas modalidades presencial, streaming e digital, na cidade de Caracas, Venezuela e o “1er Festival de Teatro Rosa Cdmx”, presencial e virtual, na Cidade do México, México, que registra seus objetivos para

[...] realizar, difundir e promover as artes cênicas contribuindo para criar arte e meios de expressão com identidade que satisfaça as necessidades do ser humano pela cultura, e nos permita visualizar a diversidade dos grupos e seu trabalho pelos direitos fundamentais. [...] seu principal objetivo é alcançar os espectadores no mundo, com propostas de palco novas, profissionais, emergentes e, acima de tudo com temas que valorizam os valores de uma forma inclusiva, equitativa e respeitosa do multiculturalismo e da diferença.²²

Em sua terceira edição, realizada em Lima, Peru, no mês de março de 2021, o “Festival Internacional de Arte Escénico Eco Teatro”, redigiu um Manifesto, produzido e assinado por todas as companhias dos diversos países latino-americanos ali representados, em que registra sua opinião sobre o momento de enfrentamento à pandemia e de como o teatro deveria enfrentar, e estava enfrentando, esse terrível flagelo da humanidade.

[...] a pandemia nos obrigou a modificar as formas e os meios, mas não a natureza artística da verdade artística. Assim, o teatro se afirmou em sua capacidade de mudança, e resiste; porque o teatro de hoje é o teatro de sempre, e persiste em cada calamidade que a humanidade tem gerado ou padecido, esta manifestação artística mantém sua postura ativa e sempre próxima ao povo. [...] Frente a todas as vicissitudes, persiste em meio às tempestades mais

²¹ FESTIVAL DE TEATRO BERTOLT BRECHT. **Convocatoria a la versión XXII del Festival Bertolt Brecht/2020**. Divulgada em redes sociais.

²² TEATRO ROSA CDMX. **Convocatoria 2021**. Realização Pandilla Teatro. Realizado na Cidade do México, México. Divulgada em redes sociais.

extremas. É por isso que a arte e a realidade se confrontam e se complementam em um processo dialético de mútua determinação, uma vez que o teatro tem sido, e continuará sendo sempre uma trincheira de resistência e contestação.²³

Observa-se, no excerto do documento, um profundo comprometimento do teatro e do festival com a realidade objetiva, o que implica sua responsabilidade histórica e social. Aliás, essa postura será percebida em todos os festivais latino-americanos de que participamos: um resgate consciente e ativo do teatro empenhado. Mesmo as companhias que se orientam esteticamente por um teatro que tende a se afastar dos “problemas” políticos e sociais, alinhadas aos princípios norteadores do fim da história e das ideologias, se colocam, nesse momento crítico, na mesma luta que uniu a todos. A pandemia, de certa forma, horizontalizou um comportamento político, unindo a todos em torno de uma causa única: a resistência do teatro e da arte como produtores de conhecimento e diversão num momento de crise promovido pela pandemia. Nos diversos debates promovidos pelos festivais, houve sempre um enorme interesse em discutir a situação política e social dos países participantes²⁴, numa clara expressão de solidariedade e união de todos os povos. O edital do Encuentro Comunitario Internacional De Artes Escénicas - CREAM 2020, destaca os objetivos do festival:

[...] consolidar os laços existentes entre os grupos participantes e outros países latino-americanos, formados por uma história comum. Esses laços nos permitem ser reconhecidos como uma grande nação com a diversidade de identidades de cada um de seus povos. Encontrar nas artes performativas latino-americanas e nos artistas que as tornam possíveis uma forma de comunicar os problemas sociais e as reflexões produzidas pelas diversas comunidades. Portanto, essa troca pode se tornar um processo de retroalimentação entre os setores populares de diferentes países e os artistas que os representam.²⁵

²³ FIAEET. **Manifiesto todos por el teatro**. Festival Internacional de Arte Escénico Eco Teatro, 21 de marzo de 2021. Divulgado por Whatsapp e redes sociais.

²⁴ Como se pode verificar nas citações referentes aos festivais cujos documentos foram analisados, a posição de todos apontou sempre para a consciência da luta e da resistência dos fazedores de teatro no enfrentamento aos prejuízos promovidos pela pandemia.

²⁵ ENCUENTRO COMUNITARIO INTERNACIONAL DE ARTES ESCÉNICAS 2020 - CREAM: cuando redescubrimos el arte Riobamba (11 a 19 nov. 2020). **Convocatoria**. Ciudad Riobamba, Ecuador.

No que pese todas as dificuldades geradas pela pandemia, Cuba enfrentando suas próprias dificuldades internas e externas, ainda padecendo do desumano embargo comercial e econômico, imposto pelos Estados Unidos, realizou a XX edição das Primavera Teatral 2021, no período de 20 a 24 de maio. A Comissão Organizadora do Festival destaca:

[...] devido à complexa situação epidemiológica que o país e o mundo enfrentam [...] Propomos um espaço para continuar a fazer, criando, encontrando, aprendendo e, sobretudo, onde possamos continuar a erguer as asas da arte como oferta de prevenção e liberdade para dar alegrias e sabedoria aos diversos públicos que se sentam na primeira fila de suas casas para nos acompanhar. [...] Receberemos produções com a confluência de linguagens artísticas e várias tendências estéticas que compõem o atual estado da arte teatral, materiais para o aprimoramento e promoção dos processos de trabalho, tutoriais aos quais se somam palestras e workshops sobre especialidades teatrais díspares, oferecendo espaços para homenagens, entrevistas e lembranças aos criadores, com mostras de edifícios teatrais e áreas patrimoniais da cidade de Bayamo, berço da nacionalidade cubana, para que possamos estar próximos neste abraço cênico ONLINE.²⁶

Importante salientar, também, os propósitos estéticos e políticos que orientaram o IV Festival Internacional Ayacuchano, no Peru, que deveria ser realizado presencialmente em outubro de 2020, e teve que ser adiado para os meses junho e julho de 2021, na modalidade virtual: comprometido com a luta pela paz e combate à violência, a Corporación Cultural Qatariy, organizadora do festival, reuniu grupos da Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Uruguai e do próprio Peru.

[O] IV Festival Internacional Ayacuchano “Yuraq Cuculí” “Paloma Blanca” Encuentro Iberoamericano, 2020, com o objetivo de fazer uma Homenagem à Paz e Combate à Violência. [...] adota um nome em quíchua chamado "Yuraq Cuculí" que significa em castelhano "Paloma Blanca" [...] festival que tem como objetivo simbolizar a esperança, a paz [...] Local, nacional e Encontro de Teatro Ibero-americano internacional contará com artistas de teatro convidados de países ibero-americanos e latino-americanos, mas sempre acompanhados por nossos artistas vernaculares como músicos, cantores e bailarinos de nossa região. Também tem o objetivo de trocar conhecimentos, pesquisas e práticas de encenação e interaprendizagem teatrais entre artistas cênicos para fortalecer o trabalho das Artes Cênicas, além de gerar um intercâmbio cultural entre os países latino-americanos e ibero-americanos.²⁷

²⁶ PRIMAVERA TEATRAL. **Primer llamado** (convocatoria): XX edición de la Primavera Teatral, 2021. Ciudad de Bayamo, Monumento Nacional, Cuna de la Nacionalidad Cubana. Granma, Cuba.

²⁷ ORGANIZACIÓN CENTRO CULTURAL QATARIY. **Carta de invitación** al IV Festival Internacional Ayacuchano “Yuraq Cuculí” – “Paloma Blanca” Encuentro Iberoamericano de Teatro, en Homenaje a la Paz y Lucha Contra la Violencia del 29 de mayo al 31 de julio de 2021, Ayacucho – Perú.

A participação de espetáculos em que a pesquisa estética, em suas mais variadas manifestações, aliada a uma reflexão histórica, política e social, produziu debates conteudístico-formais que permitiram a percepção de uma unidade dos grupos participantes no que diz respeito aos temas mais pulsantes e urgentes da atualidade latino-americana. Ricos debates, palestras e oficinas teatrais (teóricas e práticas) também foram marcantes nas edições 2020 e 2021 do Festival Itinerante de Artes Escénicas, Percusión y Armonia, realizadas na cidade de La Paz, Bolívia, organizados por Corporación Quijotada; destacam-se, também, com o mesmo espírito, o Encuentro Internacional de Artes Escénicas Lima 2020, organizado por Esparta Teatro, bem como o III Festival Internacional de Arte Escénico Eco Teatro 2021, organizado por Cantares Perú Teatro.

Em todos eles, além dos debates e oficinas, espetáculos de importantes pesquisas estéticas, sem desviar o olhar crítico à realidade da pandemia e do teatro que se pretende múltiplo, diverso e, sobretudo, reflexivo. Um teatro que compreenda sua função histórica frente ao momento crítico porque passa a humanidade no seu enfrentamento à pandemia, e que assuma responsabilidades objetivas para uma atuação consciente e humana junto às pessoas que preventivamente tiveram que se recolher às suas casas. Em sua Abertura Oficial à XVI edição do Festival Nacional de Teatro Cidade de Vitória, Espírito Santo, que adotou o lema “A arte cura”, declarou:

A Cultura foi protagonista nessa pandemia, acalmando, trazendo alegria e felicidade. Sim, está sendo o bálsamo para milhões de pessoas. Sua importância é inquestionável. Já o teatro nunca deixou de intervir no mundo. Gravado, ao vivo ou online ele está aqui e agora anunciando o Novo Normal e as inquietações em relação ao mundo em que vivemos. O Festival Nacional de Teatro, exercitando a sua Resistência e a arte do encantamento, continua primando pela diversidade de estética e regional.²⁸

A resistência foi a nota dominante e o espírito dos festivais realizados até a presente data, momento em que, felizmente, já se observa uma sensível redução no número de casos e vítimas da pandemia em todo o

²⁸ FENATEVI. **Abertura oficial do Festival Nacional de Teatro Cidade de Vitória 2020**, por Beth Caser. Organização Ratimum Produções, 2020.

mundo²⁹, e os festivais latino-americanos já iniciam sua adaptação ao modelo híbrido³⁰, que parece ser um modelo a ser abraçado de maneira definitiva.

Nessa época de incertezas, o teatro tem mostrado suas garras e suas asas, cruzando montanhas, vales, rios e mares para chegar ao mundo e gritar que seguimos em cena. Vamos abrir nossas bocas com nossa presença, a expressar que somos vida, criação, memória, voz e identidade dos povos. Somos feitos do sangue da terra, do fogo, de abraços, da água, do silêncio e do vento sem destino. Por isso, somos teatro.³¹

5 Em busca de novos encontros

Os festivais de teatro na modalidade virtual se caracterizaram como um ato de resistência contra uma situação que atingiu a todos, mas não o pôde impedir de se manifestar; os festivais virtuais foram uma declaração de que é preciso se adaptar à realidade para enfrentá-la, e, assim, superá-la no que é possível e necessário; nunca fugir dela. A modalidade virtual se apresentou como uma alternativa para o teatro continuar se comunicando com o seu público, mesmo quando é impossibilitado de o fazer presencialmente, negando a si mesmo enquanto arte viva e pulsante em contato direto com o público. Por mais que o teatro tenha sido negado em seu fundamento – relação palco/plateia –, através dos festivais virtuais se produziu encontros e reflexões, divertimento e conhecimento, emoções e consciência; promoveu integração entre artistas e culturas, entre pessoas que, num momento de tanta dor, encontraram nas telas frias do computador ou do celular, um amparo ao isolamento imposto pela

²⁹ Os casos globais do novo coronavírus caíram 11% na semana anterior a 21 de fevereiro, marcando a 6ª semana consecutiva de queda, disse a Organização Mundial da Saúde (OMS) nesta terça-feira (24). A OMS relatou 2,4 milhões de novos casos e 66.000 novas mortes naquela semana, uma queda de 20% nas mortes em comparação com a semana anterior. Isso totaliza 110,7 milhões de casos e mais de 2,4 milhões de mortes desde o início da pandemia de Covid-19, segundo dados da OMS. Atualmente, os Estados Unidos relatam o maior número de novos casos diários, seguidos por Brasil, França, Rússia e Índia. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-registra-6-semana-seguida-de-reducao-dos-casos-globais-do-novo-coronavirus/> - Acesso: 27.10.2022.

³⁰ O modelo híbrido se caracteriza pela conjugação do modelo presencial – normalmente reservado para os grupos locais –, enquanto que para os grupos internacionais prevalece o modelo virtual.

³¹ FIAEET. **Manifesto todos por el teatro**. Festival Internacional de Arte Escénico Eco Teatro, 21 de marzo de 2021. Divulgado por Whatsapp e redes sociais.

pandemia e a busca de compreensão sobre existência humana. Pois isso é o teatro; isso é a arte.

A mesma arte que muitos consideravam inútil e desnecessária os amparou no momento de maior necessidade; essas mesmas pessoas buscaram na arte a possibilidade de compreender porque o homem necessita tanto do outro, e porque não conseguem viver sem se relacionar, por mínimo que seja, com a arte. Como já disse Ferreira Gullar, “a arte existe porque a vida não basta”, e a vida não basta porque não consegue explicar ao homem suas maiores inquietações. A pandemia comprovou as palavras do poeta, e mostrou para as pessoas o que Brecht um dia afirmou: “a ciência é parte da condição humana na mesma medida em que a arte [...] Não há ninguém que possa viver sem a ciência, como não existe ninguém que possa viver sem arte” (BRECHT, 1970, p. 168, tradução minha). Para a pandemia, a ciência encontrou, num tempo absolutamente exíguo, a solução nas diversas vacinas que hoje estão à nossa disposição; para as angústias e inquietações provocadas pela pandemia, o homem encontrou na arte o seu instante de compreensão e conforto. Brecht afirma também:

Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos pelo respectivo contexto histórico das relações humanas (em que as ações se realizam), mas também que empregue e suscite pensamentos e sentimentos que ajudem a transformação desse mesmo contexto. (BRECHT, 1967, p. 197)

Durante a pandemia, nos festivais espalhados por diversos países da América Latina, compreendemos um pouco mais que o teatro une as pessoas, e são as pessoas que criam o teatro, e que o teatro só existe em sua plenitude artística e social, se está estreitamente unido aos anseios e necessidades fundamentais de cada povo, de cada comunidade, respondendo enquanto arte comprometida com o seu tempo e sua história, a cada momento que se lhe apresenta, doando um pouco de si para tornar a vida um pouco menos dura.

6 Referências

BRECHT, Bertolt. **Teatro dialético**. Trad. Luiz Carlos Maciel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BRECHT, Bertolt. **Escritos sobre teatro v. 2**. Selección: Jorge Hacker. Trad. Nélide Mendilaharsu de Machain. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COSTA LIMA, Luiz. Representação social e mimesis. In: COSTA LIMA, Luiz. **Escritos de véspera**. Organização e apresentação Aline Magalhães e Thiago Castañon Loureiro. Florianópolis: Editora UFSC, 2011, p. 285-312.

COSTA LIMA, Luiz. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Trad. Aldomar Conrado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011

KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte**: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

MAIA, Reinaldo. **O ator criador** (um caminho). São Paulo: R. Maia, 1998.

PEIXOTO, Fernando. **Teatro em movimento**. São Paulo: Hucitec, 1986.

PEIXOTO, Fernando. **Teatro em questão**. São Paulo: Hucitec, 1989.

SANCHEZ VÁZQUEZ. **As ideias estéticas de Marx**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.



PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES INDÍGENAS NO EQUADOR: DA REVOLUÇÃO CIDADÃ À PANDEMIA DE COVID-19

*LA PARTICIPACIÓN POLÍTICA DE MUJERES INDÍGENAS EN ECUADOR: DE
LA REVOLUCIÓN CIUDADANA A LA PANDEMIA DE COVID-19*

*POLITICAL PARTICIPATION OF INDIGENOUS WOMEN IN ECUADOR: FROM
THE CITIZEN'S REVOLUTION TO COVID-19 PANDEMIC*

Ana Luísa Melo Ferreira¹ 

University of Florida, Estados Unidos da América

Resumo: Este trabalho tem como objetivo traçar um percurso histórico de participação das mulheres indígenas no Equador entre os anos 2008 a 2020, período que compreende a criação da nova Constituição equatoriana (2008), o levantamento de outubro (2019) e a crise da pandemia de COVID-19 (2020 - presente). Para analisar qual o papel do ativismo de mulheres indígenas equatorianas nesses momentos importantes para o país, fizemos uma revisão detalhada da bibliografia já existente, bem como utilizamos informações disponíveis em meios de comunicação, especialmente em jornais nacionais. Assim, pudemos observar como elas se organizaram frente aos obstáculos de sexo, raça e classe acentuados em momentos extremos como os de crise.

Palavras-chave: Mulheres indígenas; Ativismo; Equador; Política; Resistência.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo trazar un camino histórico de participación de las mujeres indígenas en el Ecuador entre los años 2008 al 2020, período que comprende la creación de la nueva Constitución ecuatoriana (2008), la encuesta de octubre (2019) y la crisis de la pandemia del COVID -19 (2020 - presente). Para analizar el papel del activismo de las

¹ Jornalista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso, no Brasil, é também Mestre em Informação e Comunicação pela Universidade Sorbonne-Nouvelle (Paris 3) e Mestre em Ciências Políticas pela Universidade Panthéon-Sorbonne (Paris 1), na França. Atualmente é Doutoranda em Ciências Políticas na Universidade da Flórida, nos Estados Unidos, e Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa e Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latino-americanas (NUPEDELAS) da Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: ameloferreira@ufl.edu.

mujeres indígenas ecuatorianas en estos momentos tan importantes para el país, realizamos una revisión detallada de la bibliografía existente, así como de la información disponible en los medios de comunicación, especialmente en los diarios de circulación nacional. Así, pudimos observar cómo se organizaron frente a los obstáculos de sexo, raza y clase acentuados en momentos extremos de crisis.

Palabras clave: Mujeres indígenas; Activismo; Ecuador; Política; Resistencia.

Abstract: This study aims to trace a historical path of participation of indigenous women in Ecuador between 2008 to 2020, a period that includes the establishment of the new Ecuadorian Constitution (2008), the October uprising (2019), and the crisis of the Covid-19 (2020-present). To analyze the role of activism led by indigenous Ecuadorian women in these important moments, we carried out a detailed review of the existing bibliography and used information available in the media, especially in Ecuadorian newspapers. Thus, we were able to observe how they organized themselves against the obstacles of sex, race, and class accentuated in moments of extreme crisis.

Keywords: Indigenous women; Activism; Ecuador; Politics; Resistance.

DOI:[10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2022.195412](https://doi.org/10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2022.195412)

Recebido em: 03/03/2022
Aprovado em: 26/12/2022
Publicado em: 31/12/2022

1 Introdução

“Si muero, muero, pero otros han de venir para seguir, para continuar”
(Dolores Cacuango)

Apelidada carinhosamente de Mamá Doloreyuki, Dolores Cacuango² foi uma ativista indígena equatoriana, que marcou a história do seu país pelo seu árduo compromisso com a luta pelos direitos indígenas. Considerada heroína nacional, ela participou no estabelecimento da Federação Equatoriana do Índio (FEI) e deixou um importante legado para

² Nascida em 26 de outubro de 1881 em Cayambe, no Equador, Dolores Cacuango faleceu em 1971, aos 89 anos de idade.

as mulheres de resistência indígena contra processos históricos de dominação. Assim como tantas outras, Dolores faz parte de um vasto grupo de lideranças indígenas femininas que atuaram em acontecimentos que transformaram³, profundamente, o Equador. No século XXI, mulheres indígenas seguem dando continuidade ao legado de Cacuango e das que vieram antes, e são um dos elementos centrais na manutenção de democracias contemporâneas.

A marginalização das mulheres indígenas na América Latina é resultado de um longo processo de colonização. Desde a chegada dos colonizadores aos territórios ultramarinos, em 1492, mulheres indígenas foram estigmatizadas e invisibilizadas por uma narrativa que as colocou como sujeitas subalternas (MICHELETTO, 2021) aos costumes europeus. Como consequência, tornaram-se passíveis de diversos tipos de violência, sobretudo as de raça, gênero e classe. Em decorrência do colonialismo, o valor de cada vida ao longo da história latino-americana adquiriu um peso diferente, que variou de acordo com a hierarquia resultante dos processos de dominação e genocídios (BERLANGA GAYÓN, 2014). Isso posto, as mulheres indígenas são aquelas cujas vidas tinham – e, de certa forma, ainda têm – o menor valor.

Ao terem sido removidas de suas posições de poder ao longo da colonização, mulheres indígenas foram submetidas aos papéis de gênero importados, à força, da Europa. Isso porque, de acordo com Paredes e Guzmán (2014), ainda que relações patriarcais existissem antes do início da colonização latino-americana, os colonizadores acabaram por instaurar seu próprio patriarcado e machismo *falocêntrico*. Somado ao patriarcado originário, ambos se complementaram e afinaram as suas formas de oprimir as mulheres (p. 82).

³ Para Mantel e Vera (2014), as funções desempenhadas pelas mulheres indígenas causaram e ainda causam um grande impacto na vida de suas comunidades – o que acaba sendo refletido, de certa forma, na esfera pública. Apesar da cosmovisão indígena reconhecer, notadamente, os papéis das mulheres no âmbito doméstico, é possível observar um processo que elas definem como “uma conquista de poder escalonada” por parte dessas mulheres no campo político. Segundo as autoras, exemplos como o de Sarayaku vs. Equador, que culminou na vitória do povo *kichwa* na Corte Interamericana de Direitos Humanos, em 2012, contra o governo equatoriano e suas políticas extrativistas; e o de Doña Julia, uma protagonista no caso Tundayme contra a mineradora chinesa Ecuacorriente que se recusou a abandonar sua casa apesar da pressão da empresa, demonstram uma participação convicta das mulheres indígenas na defesa de seus territórios e de seus povos (2014, p. 4).

Na América Latina, mulheres indígenas estão mais suscetíveis à pobreza e à violência, além de serem as maiores impactadas em projetos de desenvolvimento de grande escala (como o extrativismo), visto que seus corpos, famílias, casas, ambientes e economias são diretamente afetados (VITERI, 2017). No caso do Equador, elas têm maiores taxas de analfabetismo (26,7%), de pobreza por renda (49,3%), violência de gênero (67,8%) e a maior carga de trabalho não-remunerado (55,8%), conforme dados do Instituto Nacional de Estatística e Censo⁴ de 2022, publicados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Elas, portanto, não apenas fazem parte como são uma das categorias fundamentais dos excluídos, vítimas de instituições e de práticas neoliberais e neocoloniais que fortalecem a estrutura socioeconômica, cultural e política desiguais nas quais estão inseridas (NIEVES-LOJA, 2021).

Embora enfrentem o duplo estigma de serem mulheres e indígenas e, muitas vezes, pertencerem aos setores mais pobres da sociedade, estas combatem algumas das piores desigualdades da região (GATEHOUSE, 2019). As mulheres indígenas reivindicam seu direito à diferença cultural e, ao mesmo tempo, reivindicam o direito de mudar as tradições que as oprimem e as excluem (HERNÁNDEZ CASTILLO, 2001). Tais mulheres fazem, assim, parte de uma força reivindicativa ancestral, mas que assume uma nova forma por meio de diferentes ferramentas. É o que Cadena (2019) chama de “indigeneidade emergente”. Ou seja, a insurreição de forças e práticas indígenas capazes de romper profundamente as formações políticas dominantes e rearranjar antagonismos hegemônicos, especialmente quando a exclusão das práticas indígenas das instituições do Estado-nação é legitimada e, logo, naturalizada (CADENA, 2019).

No entanto, ativistas indígenas femininas têm que gastar duas vezes mais energia do que seus pares masculinos para serem eleitas para cargos de poder nas organizações e para manterem suas relações com instituições ou grupos políticos geralmente dominados por homens. O *Estudio*

4

Disponível em: <https://www.unicef.org/ecuador/dise%C3%B1o-de-un-proyecto-para-el-abordaje-de-problemas-que-viven-las-mujeres-y-las-ni%C3%B1as-ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 10 set. 2022.

*Violencia Política Contra las Mujeres en Ecuador*⁵ (2019) mostra que mulheres equatorianas, em geral, ainda estão sub-representadas em cargos políticos, sendo a baixa participação na esfera política também uma forma de violência. Por outro lado, quando – e se – eleitas, elas se tornam vulneráveis a assédio físico e moral decorrentes da violência política de gênero. Enquanto mulheres indígenas no cenário político, elas se tornam expostas a piadas e rumores que questionam não somente a sua feminilidade, como também a forma com a qual se constroem como mulheres, cuidam dos filhos, além da sobre-exposição pública.

Em vista disso, a presença das mulheres indígenas na arena política tornou mais complexa a configuração das identidades étnicas e de gênero no contexto atual do movimento indígena. Nesse processo, elas reestruturam as estratégias de representação política e buscam dialogar com os diferentes segmentos para viabilizar suas reivindicações em um campo de interesses distintos dos não indígenas. Entre 1990 e 2008, o movimento indígena equatoriano também conseguiu ressignificar a nação equatoriana e isso foi possível porque não só conseguiu uma articulação estável dos setores indígenas, como também porque logrou se projetar nas demandas de outros setores contra as reformas neoliberais em curso. Isso lhes permitiu passar de uma luta setorial centrada nas reivindicações indígenas para uma luta nacional definindo um projeto de nação sintetizado no Estado Plurinacional equatoriano (CRUZ RODRÍGUEZ, 2012).

Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar a participação política de mulheres indígenas em três importantes momentos no Equador: a chamada de Revolução Cidadã, com o estabelecimento da nova Constituição de 2008; o levantamento indígena de 2019, fortemente marcado pela presença feminina indígena; e a luta contra a crise da pandemia de Covid-19, em 2020, quando a presença de mulheres indígenas na linha de frente foi central no processo de reivindicação dos povos indígenas.

5

Disponível

em:

<https://lac.unwomen.org/sites/default/files/Field%20Office%20Americas/Documentos/Publicaciones/2019/12/VIOLENCIA%20POLITICA%20Baja.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

2 Mulheres Indígenas na Revolução Cidadã

Em tese intitulada *Uniendo y abriendo caminos: La actoría política de las mujeres indígenas en el movimiento indígena ecuatoriano*, Méndez Torres (2009) percorre a participação dessas mulheres na história da política equatoriana. De acordo com a autora, para que mulheres indígenas fossem consideradas cidadãs com demandas próprias, foi necessário um longo e constante processo de luta. Assim, partindo de uma condição de desigualdade, tornou-se essencial exigir direitos dentro e fora das organizações indígenas, como um primeiro passo para serem vistas como sujeitos políticos e, como consequência, terem voz própria.

Desde a década de 1970, o movimento indígena latino-americano tem direcionado suas ações coletivas com base em objetivos socioeconômicos e político-jurídicos em um cenário marcado pela crise do Estado de Direito e pela transformação da geopolítica neoliberal. Nesse contexto, a liderança de mulheres indígenas assume um papel estratégico na ocupação de cargos e na consolidação de uma agenda que leve em conta suas necessidades e particularidades (PÉREZ CÁRDENAS, 2018). Durante esse processo de reivindicação, o movimento de mulheres indígenas desenvolveu capacidades organizativas, discursivas e programáticas, que permitiram exigir, para os povos que representam, demandas de reconhecimento e redistribuição.

Em 1990, o levantamento indígena foi o precursor de profundas mudanças no Estado equatoriano (CUESTA ORMAZA, 2016). O Movimento Indígena Equatoriano (MIE), organizado em particular na Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE), caracterizou-se, principalmente, pela luta contra o neoliberalismo. As ações de defesa das nacionalidades indígenas não eram de identidade, mas de defesa contra a ameaça das políticas de reestruturação econômica que ampliavam as fronteiras de exploração de minérios e hidrocarbonetos nas suas regiões.

Segundo Escárzaga Nicté (2004), políticas de ajuste neoliberal afetaram os setores mais vulneráveis da sociedade da América Latina; no entanto, povos indígenas sentiram menos os efeitos de tais políticas, em particular pela sua relativa independência do mercado internacional e alto grau de autonomia produtiva e cultural. Dessa forma, eles ocupam uma posição de certo modo propícia para enfrentar ataques do neoliberalismo. Ademais, “a população indígena conta com uma cultura ancestral própria que lhes proporciona mecanismos de coesão e auto-organização, projetos de vida e estratégias de resistência e de luta secularmente aplicados” (ESCÁRZAGA NICTÉ, 2004, p. 104, tradução nossa).

Tal articulação foi resultado de uma busca incessante por *dignidade* que permeia a história dos povos originários. Em outras palavras, essa organização política e o conseqüente levantamento indígena pelo direito à terra e ao reconhecimento de seus territórios, pelo fortalecimento de suas identidade e línguas, permitiram ao Equador reconhecer a diversidade cultural das nacionalidades indígenas (CUESTA ORMAZA, 2016, p. 36) na Constituição de 1998. No entanto, embora a atuação de mulheres indígenas tenha sido decisiva ao longo dessa insurreição, sua participação “na construção organizacional é notoriamente invisibilizada ou escassamente visibilizada” (PALACIOS, 2005, p. 312, tradução nossa).

Nos anos 2000, porém, o país vivia a efervescência do pós-neoliberalismo, cuja principal figura era a do presidente eleito pelo *Movimiento Alianza PAIS*, Rafael Correa (2007-2017) e seu projeto de criação de uma nova Constituição equatoriana. Ele – parte de um conjunto de governos denominados “progressistas” que se alastrou pela América Latina nos anos 2000 (LALANDER; OSPINA PERALTA, 2012) – conseguiu estabelecer acordos com as maiores organizações indígenas do país: a CONAIE e o Movimento de Unidade Plurinacional Pachakutik-Novo País (MUPP-NP). Por conseguinte, a etapa pós-neoliberal no Equador deu lugar a um tipo de cidadania particular, cimentada no retorno a uma classe de indigenismo que colocou os povos indígenas como receptores e beneficiados das políticas governamentais (PÉREZ CÁRDENAS, 2018, p. 66,

tradução nossa). As lideranças desses movimentos, contudo, eram majoritariamente masculinas.

A cidade de Montecristi, localizada a 400 km de Quito, no Equador, foi o cenário escolhido por Correa para abrigar a Assembleia Constituinte, em 2007. Durante oito meses, diversos setores da sociedade contribuíram para o estabelecimento de um documento democrático e inclusivo. Neste período, mulheres indígenas tiveram a oportunidade de advogar pelos seus direitos e de colocar na agenda pautas que levassem em consideração questões de gênero e etnia, conciliando, assim, novos e antigos debates.

Em sua obra *Vernacular Sovereignties*, Manuela Picq (2018) explora como a atuação de um pequeno grupo de 100 mulheres *kichwa* de Chimborazo foi central no avanço da conquista de direitos de mulheres indígenas na Constituição equatoriana de 2008. Para a autora, a política indígena inovadora e dinâmica dessas mulheres deu suporte às diferentes formas de governar que se encontram fora do Estado moderno. Isto pois, uma vez que os movimentos se institucionalizam, as mulheres são postas de lado, forçando-as a travar duas batalhas simultâneas: uma dentro de sua própria cultura e outra contra a cultura estatal dominante. Em outros termos, estas mulheres são duplamente oprimidas pelo sexismo e machismo intergrupais em ambas as estruturas, já que suas práticas de liderança acontecem dentro de uma cultura nacional dominante, que ainda é amplamente patriarcal, eurocêntrica, racista e exploradora.

No cenário latino-americano, a globalização e o modelo econômico neoliberal têm a força de exercer a superexploração laboral de mulheres, bem como de patrocinar políticas de gênero que capturam as vozes de denúncias de tais mulheres face às opressões, segundo Julieta Paredes (2010). É, para Paredes, uma relação entre sistema do capital e patriarcado que força as mulheres a seguirem obedientes aos papéis de gênero tradicionais que lhes foram impostos. Segundo a autora, portanto, é preciso primeiro *desneoliberalizar* o gênero para, em seguida, *descolonizá-lo*, inclusive, do machismo indígena e popular que legitima o poder de

homens sobre as mulheres e que existe desde sociedades pré-coloniais (PAREDES, 2010, p. 73).

Assim, forças indígenas autônomas questionam a soberania dos estados e de seus pares homens, contribuindo, deste modo, com suas experiências enquanto classe oprimida e esquecida. Mesmo se organizando à margem da política tradicional, elas conseguiram incluir suas solicitações nos espaços de tomada de decisão oficiais. Segundo Picq (2018), mulheres indígenas equatorianas foram capazes de acrescentar vários artigos na Constituição de 2008 para garantir maior participação das mulheres em todas as decisões relacionadas ao exercício dos direitos coletivos. Também transformaram o sistema jurídico internacional para obter autonomia dentro de seus próprios estados nacionais e, por outro lado, confrontaram os preconceitos que buscavam confiná-las ao conhecimento estritamente local. A autora reforça, contudo, que ainda que esta tenha sido a primeira vez no mundo que um sistema de justiça respeitou as normas de paridade de gênero, a conquista é, todavia, invisibilizada pelo racismo e pelo machismo dominante.

Bem como em outros países da América Latina, mulheres indígenas do Equador foram vítimas de massacres, despojos, torturas e feminicídio como parte de políticas que resultaram seja na assimilação, ou no extermínio (PÉREZ CÁRDENAS, 2018). Dessa forma, se fazia inimaginável o que hoje se denomina “giro decolonial”⁶, um movimento que propõe maior reconhecimento às causas indígenas. Isto posto,

Esta mudança discursiva e política não poderia ser entendida sem as amplas mobilizações e ações políticas de povos e comunidade, de tal modo que, no processo de luta, os povos indígenas foram se constituindo como atores políticos, com uma agenda própria, desde a qual questionam marcos normativos e políticas econômicas e públicas dirigidas a eles. (PÉREZ CÁRDENAS, 2018, p. 62, tradução nossa).

⁶ O giro decolonial, na perspectiva de Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), é uma abertura ao saber e às suas diferentes formas; é uma busca de liberdade de pensamento fora de padrões europeus e/ou estadunidenses. É, portanto, liberar-se de teorias-outras, políticas-outras, economias-outras, e se desprender da retórica eurocentrada de modernidade. Neste caso, o pensamento de(s)colonial evidencia a dialética modernidade/colonialidade/decolonialidade. Isto é, não há uma sem outra. Desde a invasão colonial-imperial de 1492, que inaugura a mundialização do capitalismo e a modernidade, observamos a práxis de resistência e re-existência dos subalternos. Por isso, neste caso, trata-se da de(s)colonialidade como corpus teórico em espaços institucionais.

Lideranças indígenas femininas, ainda assim, enfrentam vários desafios na esfera pública e privada. São, primeiramente, discriminadas por serem nativas e de cultura mestiça. Ao mesmo tempo em que estão suscetíveis a problemas específicos da condição de ser indígena, como as pressões sofridas pelo Estado para venderem suas terras e abandonarem seus territórios em prol de políticas extrativistas, elas são vítimas de ameaças e agressões físicas. Neste cenário, elas também experimentam violações de direitos humanos relacionados ao ser mulher indígena, como esterilizações forçadas e acesso a serviços inadequados de saúde, incluindo o de saúde sexual.

A divisão de trabalho reprodutivo fez com que mulheres indígenas equatorianas fossem relegadas aos espaços privados, por ser considerado que elas, naturalmente, aí pertencem (GÓMEZ PERALTA, 2005). O papel que a mulher indígena no Equador desempenhava era –e ainda é, essencialmente – o de mãe e esposa: elas são responsáveis pelos cuidados do lar e da família, tendo, também, um espaço limitado no que diz respeito à comunidade. Suas ações precisam passar de antemão pelo crivo de seus maridos. De acordo com Herrera Acosta *et al.*, a mulher aborígine está numa hierarquia abaixo no que diz respeito aos costumes e às decisões dos homens. Em algumas cosmovisões indígenas, eles são os que mandam tanto no lar, quanto na comunidade (HERRERA ACOSTA *et al.*, 2021, p. 18).

No estudo *Violencia de género contra mujeres indígenas del área rural del Cantón Teña* (2021), Tayupanda Cuvi *et al.* compartilham depoimentos de mulheres indígenas sobre a violência doméstica sofrida na área rural do *Cantón Teña*, na Amazônia equatoriana. Para os autores, é importante salientar que duas das cinco províncias com maiores porcentagens de violência contra as mulheres ao longo da vida pertencem a essa região – Morona Santiago, com 78,9%, e Napo, com 77,7%. Alguns dos fatores em comum nos testemunhos dessas mulheres é que, além de terem total ciência das violências sofridas, elas eram vistas como propriedades pelos seus parceiros.

“Como eu te disse, os homens são muito ciumentos, especialmente porque são mais velhos e outros são estudantes do colégio, e acreditam que valem mais porque nós, mulheres, não estudamos para isso”. (Alfa, entrevista com o autor no dia 09 de setembro de 2021). [...] Beta responde: “Sim, porque os homens são muito ciumentos e batem nas suas mulheres e nos seus filhos. Eles bebem e depois de beber, batem neles” (Beta, entrevista com o autor dia 10 de setembro de 2021). [...] Delta responde: “Sim, aqui na Amazônia tem muito machismo. Os homens consideram que são nossos donos e por isso nos batem e nos machucam” (Delta, entrevista com o autor no dia 10 de setembro de 2021). (TAYUPANDA CUVI *et al.*, 2021, p. 67, tradução nossa).

Além da violência doméstica, elas também sofrem com a falta de oportunidades econômicas, visto que suas principais formas de subsistência são a agricultura e pecuária, que, segundo Jaramillo Jaramillo e Canchigña Galarraga (2021), gera baixos salários. Radcliffe (2014) aponta que a maior parte das mulheres indígenas na América Latina estão de alguma forma relacionadas a modelos de vida rural e agrícolas. Neste contexto, é essencial mencionar um fator que igualmente evidencia as desigualdades de gênero é a barreira encontrada por mulheres indígenas de ter acesso a crédito agrícola, indispensável na produção de alimentos e *mercancias* (2014, p. 19). No campo político, a presença de mulheres indígenas ainda é limitada: segundo o Comitê para a Eliminação de Todas As Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW) equatoriano, a participação na vida pública e política de lideranças femininas originárias nos processos eleitorais e nos órgãos políticos locais é insuficiente⁷. Na Assembleia Nacional Equatoriana, de 137 membros, apenas 52 são mulheres, por exemplo⁸.

A Rede Provincial de Organizações de Mulheres Indígenas de Chimborazo (Rede de mulheres *kichwa* de Chimborazo), fundada há mais de duas décadas e que tem grandes nomes como Cristina Cucuri, conseguiu, na Assembleia Constituinte, propor estratégias institucionais

7

Disponível

em:

<https://www.igualdadgenero.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2021/01/PARTICIPACION-POLITICA-DE-LAS-MUJERES-EN-EL-ECUADOR.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

8

Disponível

em:

<https://www.eluniverso.com/noticias/politica/unas-52-mujeres-resultaron-electas-para-la-asamblea-nacional-segun-estimaciones-nota/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

para melhorar as vidas de mulheres *kichwa* de Chimborazo e ir na contramão da exclusão sistêmica de tais mulheres no âmbito político.

Antes, nós, por meio da Rede Provincial de Organizações de Mulheres Indígenas, demos várias oficinas, eventos, marchas, mobilizações. Tratamos do que significa a Assembleia Constituinte, seus estatutos, para ver se nós também votamos sim ou votamos não. Também realizamos as propostas das mulheres *kichwa* até a Assembleia Constituinte, e participamos na Pré-Constituinte de Mulheres, quando o Conselho Nacional das Mulheres (CONAMU)⁹ fez um evento em Riobamba. (CUCURI, 2009, p. 134, tradução nossa).

Por meio de reuniões com outras mulheres da província, elas se articularam de modo a pontuar violência estrutural coletiva da qual eram vítimas e de apontar seus maiores anseios, conforme Cucuri (2009). Em seguida, fazendo uso da Rede Provincial, elas ministravam *workshops* em Riobamba, nos quais o tema de justiça para mulheres era a demanda mais recorrente. Tais mulheres não confiavam no sistema convencional de justiça, visto que ele continuava demasiado sexista. Ao apresentarem, sem sucesso, suas queixas aos representantes encarregados do planejamento de políticas públicas e, também, a outras organizações de mulheres, as mulheres *kichwa* perceberam que suas vozes contavam pouco para o governo local ou para movimentos sociais, e que elas precisariam depender de si mesmas (PICQ, 2018).

Mulheres *kichwa* tinham dois objetivos. Primeiro, elas buscavam incorporar direitos internacionais das mulheres nas formas de governo indígenas. Elas queriam o mesmo acesso a direitos que mulheres não indígenas. [...] Segundo, elas esperavam ganhar relevância política em suas comunidades e pediram ao movimento indígena para valorizar mulheres tal qual valorizavam água e território. Era um projeto ambicioso. (PICQ, 2018, p. 132, tradução nossa).

Assim, mulheres indígenas “expuseram problemáticas específicas que vivem como mulheres em seus povos, evidenciando as escassas oportunidades com que contam para ter acesso a espaços de tomadas de decisão” (PÉREZ CÁRDENAS, 2018, p. 63, tradução nossa). Como

⁹ Conselho Nacional da Mulher equatoriano, responsável por desenvolver e promover ações de proteção e promoção dos direitos das mulheres.

consequência, mulheres não-brancas – que, conforme Lugones (2008), são vítimas da colonialidade de poder e de gênero¹⁰ – buscaram se inserir nos processos de tomadas de decisão a nível local e nacional, levando em conta as particularidades relacionadas à intersecção entre raça, classe e gênero. Elas precisaram, sobretudo, se radicalizar politicamente: agora se tratava de transformar o atual modelo de desenvolvimento econômico em um que respeitasse o direito à vida (FEDERICI; VALIO, 2020).

Em 2008, a nova constituição equatoriana declarou o Estado unitário e multinacional do Equador. Em comparação à Constituição de 1998, resultante da insurreição indígena de 1990, “a nova Carta Magna de 2008 declara que o Equador é um Estado plurinacional e intercultural, ou seja, que reconhece e valida as reivindicações indígenas” (LALANDER; OSPINA PERALTA, 2012, p. 16, tradução nossa). A parte dogmática faz menção às nacionalidades indígenas, e integra diversos aspectos da visão de mundo indígena, como o “viver bem”. O texto formaliza as línguas ancestrais *kichwa* e *shuar*, bem como o espanhol e as demais línguas dos povos indígenas nas áreas onde vivem, ao mesmo tempo em que declara a promoção da educação intercultural e reconhece a nacionalidade como parte da o Estado equatoriano.

A Constituição passou a reconhecer os direitos coletivos dos municípios, comunidades e cidades, como manter a propriedade das terras e territórios ancestrais e obter sua livre adjudicação, participar do uso, administração e conservação dos recursos naturais em suas terras. Além disso, eles devem ser absolutamente consultados sobre a exploração de seus territórios (CRUZ RODRÍGUEZ, 2012). Mais importante, dos 494 artigos da Constituição equatoriana de 2008, 3 incluíam a participação de mulheres indígenas, uma conquista inimaginável até então. Ao longo do caminho, o pequeno grupo de mulheres indígenas rurais se converteu em

¹⁰ Quando Lugones trata da colonialidade de gênero em seus escritos, ela inclui mulheres lidas como brancas na América Latina e não-brancas nos grandes centros de poder – EUA e Europa (isso tem base em sua experiência como mulher branca argentina que migra para os EUA e sofre racismo). Sabemos, por uma perspectiva interseccional que, embora não exista hierarquia de opressões, a forma como as mulheres brancas latino-americanas experienciam a colonialidade de gênero é diferente de mulheres pretas e indígenas.

protagonista de uma nova maneira de se fazer política. Desde então, uma maneira transformadora de democracia foi colocada em prática.

Boaventura de Sousa Santos, em sua obra *Refundación del Estado en América Latina Perspectivas desde una epistemología del Sur* (2010), discute como o *feminismo pós-colonial*, no qual mulheres indígenas desempenham um papel decisivo, se distancia da tradição crítica e eurocentrada para dar o Estado um sentido anticapitalista e descolonizador mais profundo. As contribuições de mulheres indígenas – e, inclusive, de afrodescendentes – têm, para o autor, o mérito de descontextualizar sua a discriminação enquanto minoria étnica. Não somente isso, o feminismo pós-colonial demonstra que não há uma forma única e universal de se alcançar a igualdade de gênero; para as mulheres indígenas, no contexto de *complementaridade* presente em suas cosmovisões, isso seria possível sem necessariamente abdicar de suas identidades e práticas. Trata-se, sobretudo, de um processo de ressignificar conceitos hierárquicos centrais no *ser indígena*.

A ressignificação resultaria, na perspectiva de Boaventura, na *reterritorialização* da luta feminista, por sua centralidade no combate por terras e territórios no engajamento pela identidade e contra a discriminação. Esta luta feminista, não obstante, não será um trabalho político fácil para as mulheres. Isso se dá em especial em sociedades nas quais as maneiras de encobrir a subordinação, pois todos são considerados irmãos, é mais sutil e difícil de eliminar; a solução, portanto, seria em encontrar uma “alternativa para transformar a cultura própria sem desapreciá-la ou substituí-la por outra, e assim contribuir para enriquecer o patrimônio político-cultural da luta feminista global até agora dominada por concepções eurocêntricas e liberais” (SOUSA SANTOS, 2010, p. 107).

Gargallo (2014), por fim, advoga que o ativismo de mulheres indígenas fez com que elas saíssem de comunidades marginalizadas e vítimas de um real *apartheid*, para se tornarem uma representação alternativa ao universalismo do Estado-nação. Sua presença em protestos nas ruas, estradas ou povoados e sua interferência em locais da política

republicada acabam, de certa forma, por despertar a solidariedade em outros povos originários. Ao se manifestarem, elas são capazes de ratificar “sua presença histórica, arraigada e politicamente propositiva, na política que tinha sido sequestrada pela população branca e mestiça, que acreditava ser a totalidade da cidadania, se não ‘a cidadania legítima’ das repúblicas independentes” (2014, p. 32, tradução nossa).

3 Levantamento de 2019

Na foto (**Figura 1**) mais emblemática das manifestações de 2019, no Equador, uma mulher indígena da província de Cotopaxi, trajada de uma *bayeta* colorida e usando uma máscara branca, se encontra no centro de um cenário um tanto caótico. Ao fundo, uma nuvem de gás lacrimogêneo espanta pessoas que tentam ir na direção contrária. Tais pessoas também tentam se proteger, usando uma espécie de máscara facial improvisada com camisetas. O momento, capturado por David Días Arcos, era dia 9 de outubro, dia nacional contra as medidas de austeridade do então presidente, Lenín Moreno (2017-2021). Naquele mesmo dia o pacote neoliberal (também conhecido como *paquetazo* econômico) – que eliminava os subsídios para a gasolina e o diesel, e que impactaria diretamente a vida da população indígena ao aumentar o custo do transporte público e dos produtos de primeira necessidade – tinha sido aprovado¹¹. As mobilizações sociais e políticas, motivadas por interesses econômicos em jogo, corroboraram seu caráter interseccional. As mulheres indígenas equatorianas, mais uma vez, participaram intensamente dos protestos.

¹¹

Disponível

em:

<https://www.telesurty.net/news/gobierno-ecuador-medidas-economicas-lenin-moreno-20191002-0002.html>.

Acesso em: 10 set. 2022.

Figura 1 – Mulher indígena em meio aos protestos no Equador



Fonte: David Días Arcos/Bloomberg, 2019.

A conjuntura na qual as manifestações aconteceram era de grande indignação por parte dos movimentos sociais e de outros setores. Afinal, a assinatura do Decreto Executivo N° 833, por parte do ex-presidente Lenín Moreno (Alianza PAIS), no qual se adotaram medidas econômicas, tributárias e trabalhistas, afetaria as camadas mais fragilizadas da sociedade. Em outubro, as mobilizações demonstraram o poder da sociedade civil organizada para demandar políticas públicas e direitos sociais mais inclusivos (RÍOS RIVERA; UMPIERREZ DE REGUERO; VALLEJO ROBALINO, 2020). Encabeçadas por indígenas, elas foram um dos mais importantes movimentos sociais do Equador contemporâneo, expondo uma crise institucional que obrigou o presidente Lenín Moreno a aceitar a demanda de revogar o decreto. O levantamento indígena e popular, portanto, conseguiu unir movimento indígena, sindicatos, federações de transportes, estudantes, professores e mulheres a saírem às ruas para protestar. Seu protagonismo mostrou uma “notável recomposição ao aparecer em números crescentes na marcha até Quito” (BONILLA; MANCERO, 2020 p. 275).

A reforma proposta por Moreno afirmava que mais empregos seriam gerados e que jovens e mulheres, os maiores afetados pelo desemprego,

seriam os principais beneficiados. O governo estava alinhado com o plano de austeridade do Fundo Monetário Nacional (FMI). O presidente, argumentando que herdou um Estado falido e endividado e apoiado pelo empresariado, distanciou-se do progressismo que o elegeu para assumir uma agenda neoliberal que, até aquele momento, havia sido contida (TORRES DÁVILA, 2020).

A primeira categoria a paralisar as atividades e a organizar a mobilização para barrar o decreto 833 foi a do transporte. Eles exigiam que o subsídio não fosse retirado, porque, caso contrário, o preço das passagens subiria. O pedido, conforme Rea (2020), atraiu o movimento indígena, que se juntou aos transportistas para marchar, pacificamente, até Quito. Não obstante, o que começou de forma pacífica se transformou em um dos acontecimentos mais violentos e complexos da história contemporânea do Equador (IZURIETA, 2020). Mulheres indígenas, que participaram massivamente das manifestações, também foram vítimas da intensa repressão policial.

Milhares de cidadãos se uniram ao movimento ao perceber a verticalidade das medidas implementadas. Para Luque, Poveda Moreno e Hernández Zubizarreta (2020), outras forças políticas e agentes sociais não foram consultados pelo governo. “Assim, a situação derivou em processos de intransigência por parte do Estado ao não ceder enquanto a retirada das medidas do decreto [...], omitindo seu substancial diálogo sobre a aplicação e alcance das mesmas” (p. 20). Como resposta, o governo permitiu ações de força e violência denominadas de medidas de precaução e a serviço da paz. Nos 11 dias de manifestações, dezenas de pessoas foram presas e 11 foram mortas, em locais onde a presença de povos indígenas era majoritária ou onde exista a presença de indígenas migrantes:

Dentro das múltiplas ações que o governo executou com o fim de deter as manifestações populares, estabeleceu-se o Decreto N° 884 declarando o estado de exceção durante 60 dias em todo o território equatoriano, argumentando circunstâncias de grave comoção e alteração da ordem pública, ademais de suspender os direitos de reunião e associação. A Corte Constitucional deu aval a esta decisão, ainda que tenha reduzido a medida a 30 dias. Mais tarde, no dia 8 de outubro, emitiu o Decreto N° 888, transferindo a

sede do governo à cidade costeira de Guayaquil, onde o movimento indígena tem uma menor presença. (LUQUE; POVEDA MORENO; HERNÁNDEZ ZUBIZARRETA, 2020, p. 19, tradução nossa).

Ao mesmo tempo, barricadas e fogueiras surgiram nos bairros populares ao norte e ao sul da cidade. Operações do aeroporto foram suspensas no distrito metropolitano, enquanto grandes manifestações se dissipavam nas maiores cidades do Equador. Rodovias foram bloqueadas, ao passo que o descontentamento social contra as medidas do governo, bem como ao excessivo uso de força contra a resistência indígena, generalizou-se (TORRES DÁVILA, 2020).

As indígenas, lideradas pela CONAIE, estiveram na linha de frente do conflito, destacando-se pela participação e mobilização. Mulheres indígenas representantes de 14 nacionalidades, provenientes das montanhas e das planícies amazônicas equatorianas, uniram-se à marcha. Estima-se que entre 6 e 9 de outubro, mais de vinte mil indígenas entraram em Quito, cidade que tinha se convertido no cenário da sangrenta revolta social (TORRES DÁVILA, 2020, p. 228). A atuação indígena, de acordo com Ugsha Ilaquiche, teve

[...] a capacidade de contextualizar e abarcar os discursos de amplos setores sociais de todo o Equador, constituindo um dos mais importantes nas últimas duas décadas similares a de 1990. (UGSHA ILAQUICHE, 2021, p. 56, tradução nossa).

Assim que chegaram, mulheres indígenas participaram de caminhadas pelas ruas de Quito exigindo o fim do pacote econômico. O que chama a atenção é que muitas delas carregavam seus filhos em suas costas, envoltos na vestimenta tradicional indígena. Em entrevista concedida à BBC¹², elas explicam que, na cosmovisão indígena, ter a família na luta faz parte de uma resistência comunitária, na qual se insere, igualmente, a formação política das futuras gerações. É, também, parte da educação indígena, visto que a luta é pedagógica e ensina. Afinal,

¹² Os fragmentos da entrevista sintetizada nas próximas linhas foram publicados por Matías Zibell sob o título *Crisis en Ecuador: ¿qué hay detrás de la foto más emblemática de las protestas indígenas? (y por qué las mujeres son clave en este movimiento)* na BBC News Mundo Ecuador, em 14 oct. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50040317>. Acesso em: 20 jan. 2022.

participar dos protestos em família é uma consequência de seu sentido de comunidade, segundo Adriana Rodríguez, uma das entrevistadas. “Por que [mulheres indígenas] vêm com seus filhos? Porque é uma resistência comunitária, então vêm com a mãe, o avô, a avó, todos vêm” (tradução nossa). Marta Chango, do povo *salasanca*, reitera que as mulheres resistiriam até os últimos momentos. “Somos mães, mulheres e filhas, que viemos das diferentes províncias do país para reclamar que o Estado, abusando de seu poder, não venha a matar a nossa gente. Isso não vamos permitir” (tradução nossa).

O uso das roupas tradicionais, por outro lado, demarcava a identidade enquanto mulheres indígenas, responsáveis pela preservação da cultura. Além disso, como as manifestações ocorreram nas cidades, elas utilizaram seus melhores trajes, conforme explica Mariana Yumbay, membro ativo da CONAIE e ECUARUNARI:

“Eu mesma uso o meu chapéu, uso o meu anaco (a saia), uso minha bayeta (o chal), meu colar, minhas blusas bordadas. Não é que nos despojamos de nossa vestimenta para ir à marcha. E como é a cidade, obviamente as mulheres vêm com seus melhores trajes para participar nesta luta”. (tradução nossa).

Mulheres indígenas, em um dado momento, tentaram protestar contra a violência policial se organizando em novas marchas pacíficas. Como lembra Rea (2020), o contexto era de brutalidade:

No dia 12 de outubro, quando a repressão por parte do Estado já tinha se tornado um assunto de violência social, no qual havia pessoas gravemente feridas, que perderam a visão, hospitalizadas e mortas, coletivos de mulheres se autoconvocaram em uma marcha pacífica, a fim de protestar pelo “paquetazo” e a violência que estavam vivendo os manifestantes, inclusive meninas e meninos, mulheres e idosos. (REA, 2020, p. 5, tradução nossa).

Porém, a marcha das mulheres também foi intensamente reprimida e as protestantes foram vítimas de violência física e verbal. Para a autora, o Estado foi conivente com a violência contra essas mulheres, tanto com as que saem às ruas para garantir seu direito de protestar, quanto contra às mulheres que estão inseridas na vida política. À vista disso, a sociedade

acaba, lamentavelmente, dando aval a esta forma de violência, com o silêncio e a normalização (REA, 2020).

Em artigo da Reuters¹³, Luisa Lozano, dirigente das mulheres da CONAIE, afirma que a batalha enfrentada pelas mulheres indígenas no *levantamiento* era dupla: lutar para barrar as iniciativas de Moreno, ao mesmo tempo em que precisavam abrir espaços dentro do movimento indígena, ainda liderado por homens. Mesmo que o papel da maior parte das mulheres tenha sido de menor enfrentamento, visto que estavam encarregadas de alimentar os manifestantes, de cuidar dos feridos e de proteger os filhos – como já fazem em suas comunidades –, foram elas que permitiram que seus companheiros dessem continuidade às greves e aos embates. No entanto, algumas mulheres indígenas também se posicionaram no *front*, sendo, inclusive, vistas “*cargando piedras y cartones para la protesta*”, segundo Lineth Capucha, vice-presidenta do povo *kichwa* de Pastaza, em entrevista à Reuters.

Nos dias 13 e 14, a Defensoria do Povo, que monitora violações de Direitos Humanos, declarou cerca de 1.200 pessoas presas, 1.300 feridos e 100 desaparecidos, mas não se sabe ao certo quantas destas eram mulheres indígenas. Em reunião com líderes da CONAIE, o governo de Lenín Moreno aceitou revogar o Decreto 833, se comprometendo publicamente com uma política focada em dar os subsídios necessários aos combustíveis. Foi uma importante vitória para os povos indígenas, mas em particular para as mulheres indígenas do Equador, que perceberam que ainda é possível seguir sonhando.

¹³ Disponível em: <https://www.reuters.com/article/ecuador-protetas-mujeres-idLTAKBN1WXIRH>. Acesso em: 19 jan. 2022.

4 Vidas indígenas importam

No Equador, as mulheres indígenas foram as principais vítimas da pandemia. Elas foram submetidas a mais violência doméstica (BARBÓN PÉREZ, 2021), estiveram mais propensas ao desemprego e passaram mais horas dedicadas à família. Elas também ficaram mais pobres e mais suscetíveis à gravidez na adolescência¹⁴. Nos territórios indígenas, foram as lideranças femininas que lutaram contra a chegada de empresas e garimpeiros, a fim de manter o controle nas entradas da comunidade. Como resultado, elas estiveram, constantemente, sob ameaça. Além das desigualdades que enfrentam no que diz respeito à dificuldade de acesso aos sistemas de saúde no meio rural, as mulheres indígenas também foram forçadas a migrar para outras regiões, inclusive urbanas, ali chegando sem nenhum suporte material e emocional. Além disso, as medidas adotadas pelo governo de Lenín Moreno, para gerenciar a crise, não responderam às realidades dessas comunidades.

Com a crise provocada pela pandemia da Covid-19, os povos indígenas foram confrontados com as políticas de austeridade do governo de Lenín Moreno, que incluíam cortes orçamentários no campo da saúde pública e uma gestão catastrófica da pandemia. O Equador foi o primeiro epicentro da Covid-19 na América Latina, e a cidade de Guayaquil foi o rosto desse drama. As imagens de cadáveres abandonados nas ruas da cidade, por falta de espaço em necrotérios e hospitais, correram o mundo. Famílias enlutadas tiveram que esperar até 72 horas para que as autoridades recolhessem os corpos dos falecidos que permaneceram nas casas¹⁵. Imagens que se tornaram virais mostraram caixões e corpos sem vida espalhados por Guayaquil, uma face exposta do neoliberalismo golpeando os setores mais vulneráveis (MOLINA PRENDES; MEJÍAS HERRERA, 2020).

¹⁴

Disponível

em:

<https://www.fimi-iiwf.org/wp-content/uploads/2020/09/INFORME-COVID-Y-MUJERES-INDIGENAS-2-sept.pdf>. Acesso em: 15 sep. 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845>. Acesso em: 13 jan. 2022.

O acúmulo de corpos também prejudicou as medidas de distanciamento social. As famílias, sem cumprir as restrições do Comitê de Operações de Emergência (COE), permaneciam com os falecidos aguardando os funcionários do Ministério da Saúde e da polícia realizarem a declaração de óbito, sepultamento ou cremação. Em 31 de março de 2020, o jornal *Diario El Universo*¹⁶ informou que 450 corpos na lista de espera tiveram que ser removidos de suas casas. Os dados oficiais de 1º de abril de 2020 permitiram registrar na província de Guayas, onde fica a cidade de Guayaquil, mais vítimas da Covid-19 do que em todos os países da América Latina. Naquela época, havia 60 mortos e 1.937 infectados (1.301 somente na capital Guayaquil). No mesmo período, a Colômbia, por exemplo, registrou 16 mortes, contra 27 da Argentina. Um dos principais problemas que persistiam entre os povos indígenas foi a falta de informação, principalmente sobre sua situação e necessidades específicas. Além disso, no que diz respeito ao registro de casos e óbitos por coronavírus, não há dados precisos. Os nativos, no entanto, representam 7% da população equatoriana, com mais de um milhão de indivíduos.

O estudo de Vallejo *et al.* (2020) estima que 41,6% dos lares equatorianos pagam por serviços públicos de saúde, com base em indicadores básicos da situação da saúde na América Latina, sendo esse valor o mais alto do mundo. Segundo os autores, trata-se de um desmonte da saúde pública que afeta também a situação dos centros médicos próximos às comunidades indígenas (p. 105). No Equador, dada a estratificação do sistema público de saúde e, portanto, sua limitada cobertura governamental em relação aos povos indígenas, a capacidade de atenção durante a pandemia foi reduzida. Diante da inação do Ministério da Saúde Pública equatoriano, organizações indígenas ativaram alianças com outros grupos, como Organizações Não-Governamentais (ONGs) e universidades, no intuito de implementar estratégias de comunicação e de informação sobre a pandemia, além de desenvolver protocolos, cartões de

¹⁶

Disponível em: <https://www.eluniverso.com/noticias/2020/03/31/nota/7801176/hay-450-cuerpos-recoger-guayaquil-lenin-ofrece-en-tierra-digno/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

prevenção em várias línguas indígenas, gerenciar a assistência das brigadas e implementação de testes rápidos e PCR (VALLEJO *et al.*, 2020, p. 105).

Antes da chegada da Covid-19 ao Equador (o primeiro caso relatado foi confirmado em 29 de fevereiro de 2020), os povos indígenas já sofriam as consequências da extrema vulnerabilidade (TUAZA CASTRO, 2020); não obstante, com a pandemia, a situação se agravou. Em relatório publicado pela *Deutsche Welle* (DW) em 4 de agosto de 2021, houve mais de 2.000 mortes de indígenas na Amazônia em decorrência da pandemia¹⁷. Na parte equatoriana da floresta, a Confederação de Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE) relatou que entre as 14 etnias indígenas, houve 50 mortes confirmadas e 54 mortes com sintomas do coronavírus. Em entrevista ao DW, Carlos Mazabanda, coordenador da *Amazon Watch*, no Equador, acredita que esse número é muito grande, pois diz respeito a populações pequenas. Além disso, em todo o subcontinente, vários povos indígenas entraram há pouco em contato com o mundo exterior e seguem vulneráveis a esses tipos de doenças, já que seus corpos não têm uma resposta imune adequada. No país, esse evento foi apelidado de “terceira pandemia”¹⁸, que seria o resultado da crise sanitária, as consequências do extrativismo e a marginalização dos povos indígenas por vários governos.

Em 7 de abril de 2020, um derramamento de óleo do Sistema Trans Equatoriano de Oleodutos (SOTE) e do Oleoduto Pesado Privado (OCP) poluiu os rios Coca e Napo, afetando amplamente o meio ambiente, a água, os alimentos e os meios de subsistência de quase 120.000 pessoas, incluindo 27.000 indígenas, principalmente das nacionalidades *kichwa* e *shuar*. Estima-se que 15.800 galões (cerca de 60.000 litros) de óleo foram derramados nos rios. As comunidades *kichwa* que vivem a jusante não

¹⁷

Disponível

em:

<https://www.dw.com/es/covid-19-letal-entre-ind%C3%ADgenas-falta-de-informaci%C3%B3n-y-de-estrategias-estaduales/a-58761386>. Acesso em: 15 jan. 2022.

¹⁸

Disponível

em:

<https://www.opendemocracy.net/pt/derramamento-petroleo-triple-pandemia-amazonia-equador/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

perceberam os danos até a manhã de 8 de abril. Os povos indígenas exigiram indenização pelos danos causados e, considerando que seus direitos foram violados, a Federação de Municípios da União dos Povos Indígenas da Amazônia Equatoriana (FCUNAE) e a CONFENIAE apresentaram, em 29 de abril, uma ação de proteção por aproximadamente 120.000 pessoas afetadas pelo derramamento de óleo.

Por outro lado, extrativismo ilegal foi uma das grandes causas do contágio de povos amazônicos durante a pandemia. Mulheres *kichwa* e *waorani* acreditam que comerciantes de balsa que ingressaram por via fluvial e terrestre, com o objetivo de extrair madeira, trouxeram o vírus para suas comunidades. Para elas, os altos índices de contágio estão relacionados às dinâmicas extrativistas petrolíferas, florestais e minerais, “intensificados durante a pandemia. Em comunidades do território *wao* nas províncias de Napo e Orellana, funcionários de empresas petrolíferas de vários poços que operam no Yasuní mantiveram a rotação de equipes de trabalhadores” (VALLEJO *et al.*, 2020, p. 100, tradução nossa).

No caso equatoriano, as mulheres indígenas, assim como na Revolução Cidadã de 2008 e no *levantamiento* de 2019, também estiveram na linha de frente para combater a letargia do governo de Lenín Moreno. No cuidado direto, elas se muniram de sua sabedoria ancestral e de seu conhecimento sobre plantas medicinais e outras estratégias médicas para reduzir os sintomas da Covid-19. Além disso,

Quando aumentaram os contágios, as que não ficaram doentes ou não tinham sintomas davam assistência a outras, ajudando-as nos cuidados. Iam aos *chakras* para recolher os cultivos para ajudar-lhes a preparar comida; por isso se sobrecarregaram de trabalho. Diferente das dinâmicas urbanas onde cada quem enfrenta a pandemia, na Amazônia o tecido social se ativou e sustentou com as mulheres. (VALLEJO *et al.*, 2020, p. 102, tradução nossa).

Durante a pandemia, elas se uniram para exigir melhores serviços de saúde e denunciar o fato de que as comunidades indígenas foram fortemente impactadas pela pandemia. A falta de acesso à informação, a insuficiência dos cuidados médicos, a marginalização destas comunidades

e a violação dos seus direitos apenas as tornaram mais expostas às consequências sanitárias, sociais e econômicas da pandemia, aumentando assim a sua vulnerabilidade. Mulheres indígenas tiveram que lidar com a necropolítica de um Estado que as deixam morrer e as consideram descartáveis¹⁹ (MBEMBE, 2018). Portanto, proteger-se da pandemia foi um privilégio de classe, gênero e raça (MORAES, 2020).

As mulheres indígenas, longe de serem fatalistas durante a crise da Covid-19, interpretaram a pandemia como um convite para pensar na família e na comunidade e, acima de tudo, agir. Assim, mobilizaram-se para combater, ou pelo menos tentar reduzir, os danos que as políticas assassinas trariam ao seu futuro e ao de seus povos. De fato, a participação e a presença das mulheres indígenas e suas associações nesse processo de protesto e resistência aos ataques agressivos de políticas essencialmente anti-indígenas não foi inédita. Dessa forma, a organização das mulheres indígenas tanto internamente (com o atendimento aos idosos em tempos de Covid-19 e proibindo a entrada de forasteiros em seus territórios, por exemplo), quanto externa²⁰, revelaram seu profundo envolvimento político na comunidade.

Desde o início da pandemia de Covid-19, as mulheres mais vulneráveis da região foram duramente atingidas por uma onda de violência e negligência por parte daqueles que deveriam protegê-las. Ante os fracassos do governo e do Ministério da Saúde em administrar a pandemia, foram os seus distintos tipos de organização capazes de evitar a disseminação do vírus (TUAZA CASTRO, 2020, p. 13, nossa tradução). Neste momento de crise, elas encontraram força entre si mesmas e a entre suas comunidades – até porque, onde a presença de povos indígenas prevalecia, o tecido social comunitário foi o que sustentou a ação dessas mulheres. Na contramão da necropolítica, elas resistiram, se uniram e continuam a lutar

¹⁹ Aqui, a morte é resultante de Estados e suas instituições racistas e sexistas. Logo, mulheres e meninas indígenas, por comporem um grupo fragilizado pela raça, classe e gênero, estão mais suscetíveis a se tornarem vítimas de necropolíticas.

²⁰ Segundo o informe regional *Mujeres Indígenas de las Américas Frente a la Pandemia del Covid-19* (2020), os povos originários recorreram às rádios comunitárias e ao uso de autofalantes para informar a população indígena, usando suas próprias línguas, sobre como prevenir o contágio (p. 6). Disponível em: <https://www.iitc.org/wp-content/uploads/Informe-COVID19-ECMIA.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

para que seu povo possa ser, enfim, tratado com dignidade. Armadas com suas vozes e seus corpos, elas avançam.

5 Conclusão

Mulheres indígenas latino-americanas foram, historicamente, lideranças que se colocaram à frente das lutas de seus povos. Ainda que seu protagonismo seja, muitas vezes, apagado por forças que excluem indígenas e mulheres dos processos políticos, suas ações foram capazes de oferecer caminhos alternativos que vão além da política estatal. Suas realizações, ao mesmo tempo em que desnaturalizam o Estado como único *locus* do político, conseguem, também, trazer suas questões para o interior do sistema. Foi, por exemplo, o que aconteceu no Equador com a participação de mulheres indígenas na Constituinte que culminou na nova Constituição de 2008, assim como em diversos momentos cruciais que transformaram o país.

O ressurgimento da participação de mulheres indígenas na esfera pública é um projeto político radical, pois se baseia em práticas plurais, compartilhadas e comunitárias, que levam em consideração a experiência de ser mulher e indígena em sociedades sexistas, racistas, coloniais e modernas. No Equador, um país onde a presença da população indígena é significativa e, ao mesmo tempo, sua representatividade nos espaços políticos ainda é pequena, ter mulheres que ousem se impor a um modelo que as exclui e oprime é libertador. Seja na participação em assembleias, na ocupação das ruas ou no empoderamento de suas epistemologias, essas mulheres dão continuidade à uma longa trajetória de luta. Trazendo consigo ensinamentos de suas ancestrais, elas revolucionam, diariamente, o fazer política.

6 Referências

BARBÓN PÉREZ, Olga Gloria. Dibujando con el pincel del género el telón de fondo de la violencia intrafamiliar en una comunidad indígena ecuatoriana durante la pandemia del COVID 19. **Discurso & Sociedad**, n. 1, p. 12-25, 2021. Disponível em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v15n01/DS15%281%29Barbon.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BERLANGA GAYÓN, Mariana. El color del feminicidio: de los asesinatos de mujeres a la violencia generalizada. **El Cotidiano**, n. 184, p. 47-61, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/325/32530724003.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BONILLA, Adrián; MANCERO, Mónica. “Venimos a luchar por el pueblo, no por el poder”: el levantamiento indígena y popular en Ecuador 2019. **Sociología y Política HOY**, [S. l.], n. 3, p. 38–47, 2020. Disponível em: <https://revistadigital.uce.edu.ec/index.php/hoy/article/view/2532>. Acesso em: 23 set. 2022.

CADENA, Marisol De la. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. **Maloca: Revista de Estudos Indígenas**, v. 2, p. e019011-e019011, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/maloca.v2i.13404>.

CRUZ RODRÍGUEZ, Edwin. Redefiniendo la nación: luchas indígenas y Estado Plurinacional en Ecuador (1990-2008). **Nómadas. Critical Journal of Social and Juridical Sciences**, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/181/18126163021.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CUCURI, Cristina. El acceso de las mujeres indígenas a la justicia en la Nueva Constitución del Ecuador. In: LANG, Miriam; KUCIA, Anna (comp.). **Mujeres indígenas y justicia ancestral**. Quito: UNIFEM, 2009. p. 132-135. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/55654.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CUESTA ORMAZA, Germán Humberto *et al.* **Participación y presencia de la mujer indígena durante el levantamiento de 1990, en el periódico El Comercio y en la difusión oficial de la Conaie**. 2016. Tese (Mestrado em Comunicação) – Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador, Quito, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10644/5407>. Acesso em: 03 fev. 2022.

ESCÁRZAGA NICTÉ, Fabiola. La emergencia indígena contra el neoliberalismo. **Política y cultura**, n. 22, p. 101-121, 2004. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-77422004000200006&script=sci_arttext. Acesso em 26 set. 2022.

FEDERICI, Silvia; VALIO, Luciana Benetti Marques. Na luta para mudar o mundo: mulheres, reprodução e resistência na América Latina. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. 1-12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n270010>.

GARGALLO, Francesca. **Feminismos desde Abya Yala**: Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Cidade do México: Editorial Corte y Confección, 2014. Disponível em: <https://francescagargallo.files.wordpress.com/2014/01/francesca-gargallo-feminismos-desde-abya-yala-ene20141.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

GATEHOUSE, Tom (ed.). **Voices of Latin America**: Social Movements and the New Activism. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2019.

GÓMEZ PERALTA, Héctor. Los usos y costumbres en las comunidades indígenas de los Altos de Chiapas como una estructura conservadora. **Estudios políticos (México)**, n. 5, p. 121-144, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22201/fcpys.24484903e.2005.5.37657>.

HERNÁNDEZ CASTILLO, R. Aída. Entre el etnocentrismo feminista y el esencialismo étnico. Las mujeres indígenas y sus demandas de género. **Debate feminista**, v. 24, p. 206-229, out. 2001. DOI: <https://doi.org/10.22201/cieq.2594066xe.2001.24.666>.

HERRERA ACOSTA, Carlos Ernesto, et al. La participación de la mujer indígena en la democracia del Ecuador. **IGOBERNANZA**, v. 4, n. 14, p. 15-44, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.47865/igob.vol4.2021.114>.

IZURIETA, Belén. ¿Qué pasó en Ecuador en octubre de 2019?. **El Outsider**, v. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18272/eo.v5i.1567>.

JARAMILLO JARAMILLO, Cecilia Magdalena; GALARRAGA CANCHIGÑA, Jenny Maribel. **El rol de las mujeres indígenas ecuatorianas en la formulación de las políticas gubernamentales de las tres últimas décadas**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências da Educação) – Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias de la Educación, Universidad Central del Ecuador, Quito, 2021. Disponível em: <http://www.dspace.uce.edu.ec/handle/25000/23004>. Acesso em: 02 nov 2022.

LALANDER, Rickard; OSPINA PERALTA, Pablo. Movimiento indígena y revolución ciudadana en Ecuador. **Cuestiones políticas**, v. 28, n. 48, p. 13-50, 2012. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A556914&dswid=-140>. Acesso em 04 fev. 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dec. 2008. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

LUQUE, Arturo; POVEDA MORENO, Carlos; HERNÁNDEZ ZUBIZARRETA, Juan . Análisis del levantamiento indígena de 2019 en Ecuador: entre la respuesta legal y el Lawfare. **NULLIUS: Revista de pensamiento crítico en el ámbito del Derecho**, v. 1, n. 1, p. 18-45, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33936/revistaderechos.v1i1.2334>.

MANTEL, Alicia; VERA, Mónica. Mujeres Indígenas, participación política y consulta previa, libre e informada en el Ecuador. **Boletín Mujeres y Participación Política**, 2014. Disponível em: https://inredh.org/archivos/pdf/boletn_mujeres_y_participacion.pdf. Acesso em 25 set. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1edições, 2018.

MÉNDEZ TORRES, Georgina. **Uniendo y abriendo caminos: La actoría política de las mujeres indígenas en el movimiento indígena ecuatoriano**. 2009. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa Género y Desarrollo, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Sede Ecuador, Quito, 2009. Disponível em: <https://repositoriointerculturalidad.ec/jspui/handle/123456789/3407>. Acesso em 03 fev. 2022.

MICHELETTO, Julia Pizarro. **Vozes que não querem calar: violência colonial e estratégias de enfrentamento da mulher indígena**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/214615>. Acesso em: 18 set. 2022.

MOLINA PRENDES, Norma; MEJÍAS HERRERA, María Luz. Impacto social de la COVID-19 en Brasil y Ecuador: donde la realidad supera las estadísticas. **Edumecentro**, v. 12, n. 3, p. 277-283, 2020. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S2077-28742020000300277&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 05 fev. 2022.

MORAES, Filipe Proença de Carvalho. Um vírus que desvela as entranhas do capital. **Revista Estudos Libertários**, v. 2, n. 4, p. 66-89. jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/viewFile/34523/19231>. Acesso em: 10 fev. 2022.

NIEVES-LOJA, Gerardo Miguel. Introducción a la temática de la exclusión de la mujer en el espacio público. Una relación entre algunos pensadores europeos y el mundo indígena de Ecuador. **Eidos**, n. 36, p. 111-140, jul./dez. 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-8857202100200111. Acesso em: 02 nov 2022.

PALACIOS, Paulina. Construyendo la diferencia en la diferencia: mujeres indígenas y democracia plurinacional. **Pueblos indígenas, estado y**

democracia, p. 311-339, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101026012655/14Palacios.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

PAREDES, Julieta; GUZMÁN, Adriana. **El tejido de la rebeldía**. ¿Que es el feminismo comunitario?. La Paz: Moreno Artes Gráficas, 2014. Disponível em: http://frentefeministanacional.org.mx/wp-content/uploads/2017/08/el_tejido_de_la_rebeldia.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo indígena comunitario**. In: ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys (coord.), **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano**. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p. 117-120, 2010. Disponível em: <https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino-desde-el-feminismo-comunitario.pdf>. Acesso em: 02 nov 2022.

PÉREZ CÁRDENAS, Lizeth. Participación política de mujeres indígenas en tiempos de la Revolución Ciudadana. **Alteridades**, v. 28, n. 55, p. 61-72, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24275/uam/izt/dcsh/alteridades/2018v28n55/perez>.

PICQ, Manuela Lavinás. **Vernacular sovereignties**: indigenous women challenging world politics. Tucson: University of Arizona Press, 2018.

RADCLIFFE, Sarah A. Gendered frontiers of land control: indigenous territory, women, and contests over land in Ecuador. **Gender, Place & Culture**, v. 21, n. 7, p. 854-871, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2013.802675>.

REA, Natalia V. Historias de vida de mujeres que participaron en las manifestaciones de octubre 2019 en Quito-Ecuador. **Universidad Internacional SEK**, p. 1-14, 2020. Disponível em: <http://repositorio.uisek.edu.ec/handle/123456789/3809>. Acesso em: 06 fev. 2022.

RÍOS RIVERA, Ingrid; UMPIERREZ DE REGUERO, Sebastián; VALLEJO ROBALINO, Diana. ¿Acción política populista en movimiento? Las demandas sociales de la Conaie y las feministas en Ecuador (2007–2019). **Análisis Político**, v. 33, n. 98, p. 85-106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15446/anpol.v33n98.89411>.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Refundación del Estado en América Latina. Perspectivas desde una epistemología del Sur**. México, DF: Universidad de los Andes: Siglo del hombre editores: Siglo XXI editores, 2010. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Refundacion%20del%20Estado_Lima2010.pdf. Acesso em: 27 set. 2022.

TAYUPANDA CUVI, Noemi Judith *et al.* Violencia de género contra mujeres

indígenas del área rural del cantón tena, año 2021. **Más Vita**, p. 61-72, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47606/ACVEN/MV0075>.

TORRES DÁVILA, Victor Hugo. Ecuador: regresión, ajuste y levantamiento indígena. In: PARODI, Camila; STICOTTI, Nicolás (org.). **Ecuador: la insurrección de octubre**. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 225-233. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctv1gm016x.37>.

TUAZA CASTRO, Luis Alberto. El COVID-19 en las comunidades indígenas de Chimborazo, Ecuador. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, v. 15, n. 4, p. 413-424, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17442222.2020.1829793>.

UGSHA ILAQUICHE, Guillermo. **Participación del Movimiento indígena de Cotopaxi en las protestas y movilizaciones sociales del Ecuador, octubre 2019**. Lecciones y desafíos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Desenvolvimento Local Sustentável) – Universidad Politécnica Salesiana, Quito, 2021. Disponível em: <http://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/20742>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VALLEJO, Ivette *et al.* Mujeres indígenas en tiempos de pandemia en la Amazonia ecuatoriana. **ABYA-YALA: Revista sobre acesso à justiça e direitos nas Américas**, Brasília, DF, v. 4, n. 3, p. 94-120, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/33825/28713>. Acesso em: 09 fev. 2022.

VITERI, Chelsea N. Territoriality, Narratives and Violence: Stories of Eight Women Living in the Presence of a Large-Scale Mine in Ecuador. **International Development, Community and Environment**, [S. l.], p. 1-57, 2017. Disponível em: https://commons.clarku.edu/idce_masters_papers/153/. Acesso em: 24 set. 2022.



POLITICAL PARTICIPATION OF INDIGENOUS WOMEN IN ECUADOR: FROM THE CITIZEN'S REVOLUTION TO THE COVID-19 PANDEMIC

*PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES INDÍGENAS NO EQUADOR: DA
REVOLUÇÃO CIDADÃ À PANDEMIA DE COVID-19*

*LA PARTICIPACIÓN POLÍTICA DE MUJERES INDÍGENAS EN ECUADOR: DE
LA REVOLUCIÓN CIUDADANA A LA PANDEMIA DE COVID-19*

Ana Luísa Melo Ferreira¹ 

University of Florida, United States of America

Abstract: This study aims to trace a historical path of participation of indigenous women in Ecuador between 2008 to 2020, a period that includes the establishment of the new Ecuadorian Constitution (2008), the October uprising (2019), and the crisis of the Covid-19 (2020-present). To analyze the role of activism led by indigenous Ecuadorian women in these important moments, we carried out a detailed review of the existing bibliography and used information available in the media, especially in Ecuadorian newspapers. Thus, we were able to observe how they organized themselves against the obstacles of sex, race, and class accentuated in moments of extreme crisis.

Keywords: indigenous women; activism; Ecuador; politics; resistance.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo traçar um percurso histórico de participação das mulheres indígenas no Equador entre os anos 2008 a 2020, período que compreende a criação da nova Constituição equatoriana (2008), o levantamento de outubro (2019) e a crise da pandemia de COVID-19 (2020 - presente). Para analisar qual o papel do ativismo de mulheres indígenas equatorianas nesses momentos importantes para o

¹Journalist graduated from the Federal University of Mato Grosso, in Brazil, has a Masters in Information and Communication from the Sorbonne-Nouvelle University (Paris 3) and a Master in Political Sciences from the Panthéon-Sorbonne University (Paris 1), in France. She is currently a Ph.D. student in Political Science at the University of Florida, in the United States, and a Researcher at the Center for Research and Intersectional Dialogues and Latin American Epistemologies (NUPEDELAS) at the University of São Paulo, Brazil. Email: ameloferreira@ufl.edu

país, fizemos uma revisão detalhada da bibliografia já existente, bem como utilizamos informações disponíveis em meios de comunicação, especialmente em jornais nacionais. Assim, pudemos observar como elas se organizaram frente aos obstáculos de sexo, raça e classe acentuados em momentos extremos como os de crise.

Palavras-chave: mulheres indígenas; ativismo; Equador; política; resistência.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo trazar un camino histórico de participación de las mujeres indígenas en el Ecuador entre los años 2008 al 2020, período que comprende la creación de la nueva Constitución ecuatoriana (2008), la encuesta de octubre (2019) y la crisis de la pandemia del COVID -19 (2020 - presente). Para analizar el papel del activismo de las mujeres indígenas ecuatorianas en estos momentos tan importantes para el país, realizamos una revisión detallada de la bibliografía existente, así como de la información disponible en los medios de comunicación, especialmente en los diarios de circulación nacional. Así, pudimos observar cómo se organizaron frente a los obstáculos de sexo, raza y clase acentuados en momentos extremos de crisis.

Palabras clave: mujeres indígenas; activismo; Ecuador; política; resistencia.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.195412](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.195412)

Recebido em: 03/03/2022

Aprovado em: 26/12/2022

Publicado em: 31/12/2022

1 Introduction

“Si muero, muero, pero otros han de venir para seguir, para continuar”

(Dolores Cacuango)

Affectionately called by the nickname Mamá Doloreyuki, Dolores Cacuango² was an Ecuadorian indigenous activist who marked the history of her country for her arduous commitment to the struggle for indigenous rights. Considered a national heroine, she participated in the establishment of the Ecuadorian Indian Federation (FEI) and left an important legacy of

² Born on October 26, 1881, in Cayambe, Ecuador, Dolores Cacuango died in 1971 at the age of 89.

resistance against historical processes of domination for indigenous women. Like so many others, Dolores was part of a vast group of female indigenous leaders engaged in events that profoundly transformed³ Ecuador. In the 21st century, indigenous women continue the legacy of Cacungo and those who came before her and are one of the central elements in the maintenance of contemporary democracies.

The marginalization of indigenous women in Latin America resulted from an extended colonization process. Since the arrival of colonizers in overseas territories in 1492, indigenous women have been stigmatized and made invisible by a narrative that has placed them as subordinate subjects (MICHELETTO, 2021) to European customs. Therefore, they became liable to different types of violence, especially those related to race, gender, and class. As a result of colonialism, the value of each life throughout Latin American history acquired a different weight, which varied according to the hierarchy imposed by the processes of domination and genocide (BERLANGA GAYÓN, 2014). That said, indigenous women are the ones whose lives had – and, in some ways, still have – the least value.

Having been removed from their positions of power during colonization, indigenous women were subjected to gender roles forcibly imported from Europe. According to Paredes and Guzmán (2014), although patriarchal relations existed before the beginning of Latin American colonization, the colonizers ended up establishing their own patriarchy and phallogentric machismo. Added to the original patriarchy, both complemented and refined their ways of oppressing women (p. 82).

In Latin America, indigenous women are more susceptible to poverty, violence and being the most impacted by large-scale development projects (such as extractivism), since their bodies, families, homes,

³ For Mantel and Vera (2014), the functions performed by indigenous women caused and still have a great impact on the lives of their communities – which ends up being reflected, in a way, in the public sphere. Despite the indigenous cosmivision notably recognizing the roles of women in the domestic sphere, it is possible to observe a process that they define as “a staggering conquest of power” by these women in the political field. According to the authors, examples such as Sarayaku v. Ecuador, which culminated in the victory of the Kichwa people in the Inter-American Court of Human Rights in 2012 against the Ecuadorian government and its extractive policies; and that of Doña Julia, a protagonist in the Tundayme case against the Chinese mining company Ecuacorriente, which refused to leave her home despite pressure from the company, demonstrate a convinced participation of indigenous women in the defense of their territories and their peoples (2014, p. 4).

environments, and economies are directly affected (VITERI, 2017) by them. In the case of Ecuador, they have the highest rates of illiteracy (26.7%), income poverty (49.3%), gender violence (67.8%), and the highest unpaid workload (55.8%), according to data from the 2022 National Institute of Statistics and Census⁴, published by the United Nations Children's Fund (UNICEF). Therefore, they are not only part of, but are one of the main groups of excluded people, victims of neoliberal and neocolonial institutions and practices that strengthen the unequal socioeconomic, cultural, and political structure in which they are inserted in (NIEVES-LOJA, 2021).

Although they face the double stigma of being women and indigenous and often belonging to the poorest sectors of society, they combat some of the worst inequalities in the region (GATEHOUSE, 2019). Indigenous women claim their right to cultural differences and, at the same time, claim the right to change the traditions that oppress and exclude them (HERNÁNDEZ CASTILLO, 2001). Such women are thus part of an ancestral claiming force, which takes on a new form through different tools. This is what Cadena (2019) calls "emerging indigeneity": the insurrection of indigenous forces and practices capable of deeply breaching the dominant political formations and rearranging hegemonic antagonisms, especially when the exclusion of indigenous practices from nation-state institutions is legitimized and, consequently, naturalized (CADENA, 2019).

However, female Indigenous activists have to expend twice as much energy as their male counterparts to be elected to positions of power in organizations and to maintain their relationships with institutions or political groups that are generally male-dominated. The *Estudio Violencia Política Contra las Mujeres en Ecuador* (2019) shows that Ecuadorian women, in general, are still underrepresented in political positions with low participation in the political sphere also being considered a form of

⁴ Retrieved from: <https://www.unicef.org/ecuador/dise%C3%B1o-de-un-proyecto-para-el-abordaje-de-problemas-que-viven-las-mujeres-y-las-ni%C3%B1as-ind%C3%ADgenas> . Accessed on: 10 Sep. 2022.

violence. On the other hand, when – and if – elected, they become vulnerable to physical and moral harassment resulting from political gender violence. As indigenous women in the political scene, they become exposed to jokes and rumors that question not only their femininity but also how they build their womanhood, take care of their children, and how they expose themselves in public.

For that reason, the presence of indigenous women in the political arena has made the configuration of ethnic and gender identities in the current context of the indigenous movement more complex. In this process, they restructure the strategies of political representation and seek to dialogue with the different segments to make their demands viable in a field of interests different from those of non-indigenous people. Between 1990 and 2008, the Ecuadorian indigenous movement also managed to re-signify the Ecuadorian nation. This was possible because it achieved a stable articulation of the indigenous sectors and managed to project itself into the demands of other sectors against the neoliberal reforms that were taking place. This allowed them to move from a sectoral struggle centered on indigenous claims to a national struggle defining a nation project synthesized in the Ecuadorian Plurinational State (CRUZ RODRÍGUEZ, 2012).

Hence, this article aims to analyze the political participation of indigenous women in three important moments in Ecuador: the so-called Citizen's Revolution, with the establishment of the new Constitution of 2008; the 2019 indigenous uprising, strongly marked by the indigenous female presence; and the fight against the Covid-19 pandemic crisis, in 2020, when the presence of indigenous women on the front line was central in the indigenous peoples' claiming.

2 Indigenous Women in the Citizen's Revolution

In a thesis entitled *Uniendo y abriendo caminos: La actoría política de las mujeres indígenas en el movimiento indígena ecuatoriano*⁵ Méndez Torres (2009) examines the participation of these women in the history of Ecuadorian politics. According to the author, a long and constant process of struggle was necessary for indigenous women to be considered citizens with their demands being considered. Thus, starting from a condition of inequality, it became essential to demand rights inside and outside indigenous organizations, as a first step towards being seen as political subjects and, therefore, having their own voice.

Since the 1970s, the Latin American indigenous movement has directed its collective actions based on socioeconomic and political-legal objectives in a scenario marked by the crisis of the rule of law and the transformation of neoliberal geopolitics. In this context, indigenous women's leadership assumed a strategic role in occupying positions and consolidating an agenda that considers their needs and particularities (PÉREZ CÁRDENAS, 2018). During this claiming process, the indigenous women's movement developed organizational, discursive, and programmatic capabilities, which allowed them the power of requiring, for the peoples they represent, demands of recognition and redistribution.

In 1990, the indigenous uprising was the forerunner of profound changes in the Ecuadorian state (CUESTA ORMAZA, 2016). The Ecuadorian Indigenous Movement (MIE), organized in the Confederation of Indigenous Nationalities of Ecuador (CONAIE), was characterized mainly by the struggle against neoliberalism. The defense actions of the indigenous nationalities were not of identity, but of defense against the threat of economic restructuring policies that expanded the frontiers of exploration

5

Retrieved from: <https://lac.unwomen.org/sites/default/files/Field%20Office%20Americas/Documentos/Publicaciones/2019/12/VIOLENCIA%20POLITICA%20Baja.pdf>. Accessed on: 10 sept. 2022.

of minerals and hydrocarbons in their regions. According to Escárzaga Nicté (2004), neoliberal adjustment policies affected the most vulnerable sectors of society in Latin America; however, indigenous peoples felt less of the effects of such policies due to their relative independence from the international market and high degree of productive and cultural autonomy. That being the case, they occupy a somewhat propitious position to face attacks from neoliberalism. Furthermore, “the indigenous population has its own ancestral culture that provides them with cohesion and self-organization mechanisms, life projects and secularly applied resistance and struggle strategies” (ESCÁRZAGA NICTÉ, 2004, p. 104, our translation).

Such articulation was the result of an incessant search for dignity that permeates the history of indigenous peoples. In other words, this political organization and the consequent indigenous uprising for the right to land and recognition of their territories, for the strengthening of their identity and languages, allowed Ecuador to recognize the cultural diversity of indigenous nationalities (CUESTA ORMAZA, 2016, p. 36) in the 1998 Constitution. Nevertheless, although the performance of indigenous women was decisive throughout this insurrection, their participation “in organizational construction is notoriously invisible or barely visible” (PALACIOS, 2005, p. 312, our translation).

The city of Montecristi, located 400 km from Quito, Ecuador, was the setting chosen by Correa to host the Constituent Assembly in 2007. For eight months, various sectors of society contributed to the establishment of a democratic and inclusive document. During this period, indigenous women had the opportunity to advocate for their rights and put agendas that took gender and ethnicity issues into account, thus reconciling new and old debates.

In her work *Vernacular Sovereignties*, Manuela Picq (2018) explores how the work of a small group of 100 Kichwa women from Chimborazo was central to advancing the conquest of indigenous women's rights in the 2008 Ecuadorian Constitution, and how the dynamics of these women supported the different forms of governing that are found outside the

modern state. That happens because, once movements become institutionalized, women are pushed aside, forcing them to fight two simultaneous battles: one within their own culture and the other against the dominant state culture. In other words, these women are doubly oppressed by intergroup sexism and machismo in both structures, as their leadership practices take place within a dominant national culture, which is still largely patriarchal, Eurocentric, racist, and exploitative.

In the Latin American scenario, globalization and the neoliberal economic model have the power to exert the labor of overexploitation of women, as well as to sponsor gender policies that capture the voices of denunciations of such women in the face of oppression, according to Julieta Paredes (2010). It is, for Paredes, a relationship between the capitalist system and patriarchy that forces women to remain obedient to the traditional gender roles imposed on them. According to the author, it is first necessary to deneoliberalize gender to then decolonize it, including the indigenous and popular machismo that legitimizes the power of men over women and that has existed since pre-colonial societies (PAREDES, 2010, p. 73).

Autonomous indigenous forces question the sovereignty of states and their male peers, thus contributing to their experiences as an oppressed and forgotten class. Even when organized outside of traditional politics, they managed to include their requests in official decision-making spaces. According to Picq (2018), Ecuadorian indigenous women were able to add several articles to the 2008 Constitution to ensure greater participation of women in all decisions related to the exercise of collective rights. They also transformed the international legal system to gain autonomy within their nation-states and, on the other hand, confronted the prejudices that sought to confine them to strictly local knowledge. The author reinforces, however, that although this was the first time in the world that a justice system respected the gender parity norm, the achievement is, nonetheless, made invisible by racism and dominant machismo.

As in other Latin American countries, indigenous women in Ecuador were victims of massacres, dispossession, torture, and femicide as part of policies that resulted either in assimilation or extermination (PÉREZ CÁRDENAS, 2018). In this context, what is now called the “decolonial turn”⁶, a movement that proposes greater recognition of indigenous causes, became unimaginable. That said,

This discursive and political change could not be understood without the broad mobilizations and political actions of peoples and communities, in such a way that, in the process of struggle, indigenous peoples were constituted as political actors, with their agenda, from which they question normative frameworks and economic and public policies aimed at them. (PÉREZ CÁRDENAS, 2018, p. 62, our translation).

Indigenous female leaders still face many challenges in the public and private spheres. They are, firstly, discriminated against for being native and of mestizo culture. At the same time, they are susceptible to problems specific to the condition of being indigenous, such as the pressure suffered by the State to sell their lands and abandon their territories in favor of extractive policies, they are victims of threats and physical aggression. In this scenario, they also experience human rights violations related to being indigenous women, such as forced sterilizations and access to inadequate health services, including sexual health.

The division of reproductive labor meant that Ecuadorian indigenous women were relegated to private spaces, as they were considered to naturally belong there (GÓMEZ PERALTA, 2005). The role that indigenous women in Ecuador played was – and still is, essentially – that of mother and wife: they are responsible for taking care of the home and family, and also have limited space in the community. Their actions need to be screened by their husbands beforehand. According to Herrera Acosta et al., Aboriginal

⁶ The decolonial turn, from the perspective of Castro-Gómez and Grosfoguel (2007), is an opening to knowledge and its different forms; it is a search for freedom of thought outside of European and/or American standards. It is, therefore, to free oneself from other-theories, other-policies, other-economies, and to detach oneself from the Eurocentric rhetoric of modernity. Besides that, what de(s)colonial thinking highlights is the modernity/coloniality/decoloniality dialectic. That said, one does not exist without the other. Since the colonial-imperial invasion of 1492, which inaugurated the globalization of capitalism and modernity, we have observed the praxis of resistance and re-existence of subalterns. In this work, we use de(s)coloniality as a theoretical corpus in institutional spaces, to highlight the agency of marginalized subjects.

women are in a lower hierarchy, being subordinated to men's customs and decisions. In some indigenous worldviews, they are the ones in charge both at home and in the community (HERRERA ACOSTA *et al.*, 2021, p. 18).

In the study *Violencia de género contra mujeres indígenas del área rural del Cantón Teña* (2021), Tayupanda Cuvi *et al.* share testimonies of indigenous women about domestic violence suffered in the rural area of *Cantón Teña*, in the Ecuadorian Amazon. For the authors, it is important to point out that two of the five provinces with the highest percentages of violence against women throughout life belong to this region – Morona Santiago, with 78.9%, and Napo, with 77.7%. Some of the common factors in these women's testimonies is that, in addition to being fully aware of the violence suffered, they were seen as property by their partners.

“As I told you, men are very jealous, especially because they are older and others are high school students, and they believe they are worth more because we women do not study for that”. (Alpha, interview with the author on September 9, 2021). [...] Beta replies: “Yes, because men are very jealous and beat their wives and children. They drink and after drinking, they beat them” (Beta, interview with the author on September 10, 2021). [...] Delta responds: “Yes, here in the Amazon there is a lot of machismo. Men consider that they own us and that is why they beat and hurt us” (Delta, interview with the author on September 10, 2021). (TAYUPANDA CUVI *et al.*, 2021, p. 67, our translation).

Besides domestic violence, they also suffer from a lack of economic opportunities, since their main forms of livelihood are agriculture and livestock, which, according to Jaramillo Jaramillo and Canchigña Galarraga (2021), generates low wages. Radcliffe (2014) points out that most indigenous women in Latin America are somehow related to rural and agricultural models of life. Considering this, a factor that also highlights gender inequalities is the barrier encountered by indigenous women in gaining access to agricultural credit, which is essential in the production of food and goods (2014, p. 19). In the political field, the presence of indigenous women is still limited: according to the Ecuadorian Committee for the Elimination of All Forms of Discrimination against Women (CEDAW), the participation in the public and political life of female leaders originating in

electoral processes and local politicians is insufficient⁷. In the Ecuadorian National Assembly, with 137 members, only 52 are women, for example⁸.

The Provincial Network of Indigenous Women's Organizations of Chimborazo (Red de Mujeres Kichwa de Chimborazo), founded more than two decades ago and shaped by people such as Cristina Cucuri, managed, in the Constituent Assembly, to propose institutional strategies to improve the lives of Kichwa women of Chimborazo and go against the systemic exclusion of such women in the political sphere.

Before, we, through the Provincial Network of Indigenous Women's Organizations, held various workshops, events, marches, and mobilizations. We dealt with what the Constituent Assembly means, and its statutes, to see if we also voted yes or no. We also carried out the proposals of the Kichwa women up to the Constituent Assembly, and participated in the Women's Pre-Constitution, when the National Council of Women (CONAMU)⁹ held an event in Riobamba. (CUCURI, 2009, p. 134, our translation).

Through meetings with other women in the province, they articulated to point out collective structural violence of which they were victims and what they aspire for themselves, according to Cucuri (2009). Then, using the Provincial Network, they gave workshops in Riobamba, in which the theme of justice for women was the most recurrent demand. Such women did not trust the conventional justice system, as it remained too sexist. By unsuccessfully presenting their grievances to representatives in charge of public policy planning and also to other women's organizations, Kichwa women realized that their voices counted little for local government or social movements and that they would need to depend on themselves (PICQ, 2018).

Kichwa women had two goals. First, they sought to incorporate women's international rights into indigenous forms of government. They wanted the same access to rights as non-indigenous women. [...] Second, they hoped to gain political relevance in their communities and asked the indigenous movement to value

⁷ Retrieved from: <https://www.igualdadgenero.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2021/01/PARTICIPACION-POLITICA-DE-LAS-MUJERES-EN-EL-ECUADOR.pdf>. Accessed on: 10 sept. 2022.

⁸ Retrieved from: <https://www.eluniverso.com/noticias/politica/unas-52-mujeres-resultaron-electas-para-la-asamblea-nacional-segun-estimaciones-nota/>. Accessed on: 27 nov. 2022.

⁹ Ecuadorian National Women's Council is responsible for developing and promoting actions to protect and promote women's rights.

women as they valued water and territory. It was an ambitious project. (PICQ, 2018, p. 132, our translation).

Hence, indigenous women “exposed specific problems that they experience as women within their peoples, highlighting the scarce opportunities they have to access decision-making spaces” (PÉREZ CÁRDENAS, 2018, p. 63, our translation). Consequently, non-white women – who, according to Lugones (2008), are victims of the coloniality of power and gender¹⁰ – sought to insert themselves in decision-making processes at local and national levels, taking into account the particularities related to the intersection between race, class, and gender. They needed, above all, to become politically radical: now it was about transforming the current model of economic development into one that respected the right to life (FEDERICI; VALIO, 2020).

In 2008, the new Ecuadorian constitution declared Ecuador a unitary, multinational state. Compared to the 1998 Constitution, resulting from the 1990 indigenous insurrection, “the new Magna Carta of 2008 declares that Ecuador is a plurinational and intercultural State, that is, that it recognizes and validates indigenous claims” (LALANDER; OSPINA PERALTA, 2012, p. 16, our translation). The dogmatic part mentions indigenous nationalities, and integrates various aspects of the indigenous worldview, such as “buen vivir”. The text formalizes the Kichwa and Shuar ancestral languages, as well as Spanish and other languages of the indigenous peoples in the areas where they live while declaring the promotion of intercultural education and recognizing nationality as part of the Ecuadorian State.

The Constitution began to recognize the collective rights of municipalities, communities, and cities, such as maintaining ownership of ancestral lands and territories and obtaining their free adjudication and participating in the use, management, and conservation of natural

¹⁰ When Lugones talks about gender coloniality in her writings, she includes women seen as white in Latin America and non-white in the great power centers – US and Europe (based on her experience as an Argentine white woman who migrates to the US and suffered from racism). We know, from an intersectional perspective, that although there is no hierarchy of oppression, the way in which white Latin American women experience gender coloniality is different from black and indigenous women.

resources on their lands. Furthermore, indigenous peoples must be consulted on the exploitation of their territories (RODRÍGUEZ, 2012). More importantly, of the 494 articles in the 2008 Ecuadorian Constitution, 3 included the participation of indigenous women, an achievement unimaginable until then. Along the way, the small group of rural indigenous women became protagonists in a new approach of doing politics. Since then, a transformative form of democracy has been put into practice.

Boaventura de Sousa Santos, in his work *Refundación del Estado en América Latina Perspectivas desde una epistemología del Sur* (2010), discusses how postcolonial feminism, in which indigenous women play a decisive role, distances itself from the critical and Eurocentric tradition, to give the State in a deeper anti-capitalist and decolonizing sense. The contributions of indigenous women – and even Afro-descendants – have, for the author, the merit of decontextualizing their discrimination as an ethnic minority. Not only that, but postcolonial feminism also demonstrates that there is no single, universal way to achieve gender equality; for indigenous women, in the context of complementarity present in their cosmovisions, this would be possible without necessarily giving up their identities and practices. It is, above all, a process of re-signifying central hierarchical concepts in their way of *being indigenous*.

The resignification would result, in Boaventura's perspective, in the reterritorialization of the feminist struggle, due to its centrality in the fight for land and territories in the engagement for identity and against discrimination. This feminist struggle, however, will not be easy political work for women. This happens especially in societies in which the ways of covering up subordination, since everyone is considered a brother or sister, is more subtle and difficult to eliminate; the solution, then, would be to find an “alternative to transform one’s own culture without despising it or replacing it with another and therefore contribute to enriching the political-cultural heritage of the global feminist struggle until now

dominated by Eurocentric and liberal conceptions” (SOUSA SANTOS, 2010, p. 107, our translation).

Gargallo (2014), finally, advocates that the activism of indigenous women made them leave marginalized communities and victims of a real *apartheid*, to become an alternative representation to the universalism of the nation-state. Their presence in protests on the streets, roads, or towns and their interference in places of republican politics end up, somehow, awakening solidarity in other indigenous peoples. By manifesting themselves, they can ratify “their historical, rooted and politically proactive presence in politics that had been hijacked by the white and mixed-race population, which they believed to be the totality of citizenship, if not 'legitimate citizenship' of independent republics” (2014, p. 32, our translation).

3 2019 uprising

In the most emblematic photo (**Figure 1**) of the 2019 demonstrations in Ecuador, an indigenous woman from the province of Cotopaxi, dressed in a colorful *bayeta* and wearing a white mask, is at the center of a somewhat chaotic scene. In the background, a cloud of tear gas scares away people trying to go in the opposite direction. Such people also try to protect themselves, using a kind of makeshift face mask out of T-shirts. The moment, captured by David Días Arcos, was October 9, the national day against the austerity measures of the then president, Lenín Moreno (2017-2021). That same day, the neoliberal package (also known as the economic *paquetazo*) – which eliminated subsidies for gasoline and diesel, and which would directly impact the lives of the indigenous population by increasing the cost of public transport and necessities – had been approved¹¹. The social and political mobilizations, motivated by economic interests at

¹¹

Retrieved

from:

<https://www.telesurty.net/news/gobierno-ecuador-medidas-economicas-lenin-moreno-20191002-0002.html>.

. Accessed on: 10 sept. 2022.

stake, corroborated its intersectional character. Indigenous Ecuadorian women, once again, participated heavily in the protests.

Figure 1 – Indigenous woman in the midst of protests in Ecuador



Source: David Días Arcos/Bloomberg, 2019.

The conjuncture in which the demonstrations took place was one of great indignation on the part of social movements and other sectors. After all, the signing of Executive Decree No. 833, by former President Lenín Moreno (Alianza PAIS), in which economic, tax, and labor measures were adopted, would affect the most fragile layers of society. In October, the mobilizations demonstrated the power of organized civil society to demand more inclusive public policies and social rights (RÍOS RIVERA; UMPIERREZ DE REGUERO; VALLEJO ROBALINO, 2020). Led by indigenous people, they were one of the most important social movements in contemporary Ecuador, exposing an institutional crisis that forced President Lenín Moreno to accept the demand to revoke the decree. The indigenous and popular uprising, therefore, managed to unite the indigenous movement, trade unions, transport federations, students, teachers, and women to take to the streets to protest. Its leading role showed a “remarkable recomposition as it appeared in increasing numbers on the march to Quito” (BONILLA; MANCERO, 2020 p. 275, our translation).

The reform proposed by Moreno stated that more jobs would be generated and that young people and women, the most affected by

unemployment, would be the main beneficiaries. The government was in line with the austerity plan of the International Monetary Fund (IMF). The president, arguing that he inherited a bankrupt and indebted state, while supported by the business community, distanced himself from the progressivism that elected him to assume a neoliberal agenda that, until that moment, had been contained (TORRES DÁVILA, 2020).

The first category to paralyze activities and organize mobilization to block decree 833 was transport. They demanded that the subsidy not be withdrawn, because otherwise, the ticket price would rise. The request, according to Rea (2020), attracted the indigenous movement, which joined the transporters to peacefully march to Quito. However, what began peacefully turned into one of the most violent and complex events in contemporary Ecuadorian history (IZURIETA, 2020). Indigenous women, who participated massively in the demonstrations, were also victims of intense police repression.

Thousands of citizens joined the movement when they realized the verticality of the implemented measures. For Luque, Poveda Moreno and Hernández Zubizarreta (2020), other political forces and social agents were not consulted by the government. "Thus, the situation resulted in processes of intransigence on the part of the State by not giving in to the withdrawal of the decree's measures [...], omitting its consubstantial dialogue on their application and scope" (p. 20, our translation). In response, the government allowed actions of force and violence called precautionary measures in the service of peace. In the 11 days of demonstrations, dozens of people were arrested and 11 were killed, in places where the presence of indigenous peoples was a majority or where there is a presence of indigenous migrants:

Within the multiple actions that the government carried out to stop popular demonstrations, Decree N° 884 was established, declaring a state of exception for 60 days throughout Ecuadorian territory, arguing circumstances of serious commotion and alteration of public order, in addition, to suspend the rights of assembly and association. The Constitutional Court endorsed this decision, even though it reduced the measure to 30 days. Later, on October 8, it issued Decree N° 888, transferring the seat of government to the

coastal city of Guayaquil, where the indigenous movement has a smaller presence. (LUQUE; POVEDA MORENO; HERNÁNDEZ ZUBIZARRETA, 2020, p. 19, our translation).

At the same time, barricades and bonfires appeared in popular neighborhoods north and south of the city. Airport operations were suspended in the metropolitan district, while large demonstrations dissipated in Ecuador's largest cities. Highways were blocked, while social discontent against government measures, as well as the excessive use of force against indigenous resistance, became widespread (TORRES DÁVILA, 2020).

The indigenous women, led by CONAIE, were at the forefront of the conflict, standing out for their participation and mobilization. Indigenous women representing 14 nationalities, from the mountains and plains of the Ecuadorian Amazon, joined the march. It is estimated that between October 6th and 9th, more than twenty thousand indigenous people entered Quito, a city that had become the scene of the bloody social revolt (TORRES DÁVILA, 2020, p. 228). Indigenous action, according to Ugsha Ilaquiche, had

[...] the ability to contextualize and encompass the discourses of broad social sectors throughout Ecuador, constituting one of the most important in the last two decades similar to the 1990s. (UGSHA ILAQUICHE, 2021, p. 56, our translation).

As soon as they arrived, indigenous women marched through the streets of Quito demanding an end to the economic package. What is striking is that many of them carried their children on their backs, wrapped in traditional indigenous clothing. In an interview given to BBC¹², they explain that, in the indigenous cosmovision, having the family in the struggle is part of a community resistance, which also includes the political formation of future generations. It also is a part of indigenous education since their struggle is pedagogic and capable of teaching. After all,

¹² The fragments of the interview summarized in the following lines were published by Matías Zibell under the title *Crisis en Ecuador: ¿qué hay detrás de la foto más emblemática de las protestas indígenas? (y por qué las mujeres son clave en este movimiento)* on BBC News Mundo Ecuador, on 14 oct. 2019. Retrieved from: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50040317>. Accessed on: 20 Jan. 2022.

participating in protests as a family is a consequence of their sense of community, according to Adriana Rodríguez, one of the interviewees. “Why do [indigenous women] come with their children? Because it is a community resistance, so they come with the mother, grandfather, grandmother, everyone comes” (our translation). Marta Chango, from the *salanca* people, reiterates that the women would resist until the last moments. “We are mothers, women, and daughters, who come from the different provinces of the country to claim that the State, abusing its power, does not kill our people. This we will not allow” (our translation).

The use of traditional clothes, on the other hand, demarcated the identity of indigenous women, responsible for the preservation of culture. Moreover, as the demonstrations took place in cities, they used their best clothes, as explained by Mariana Yumbay, an active member of CONAIE and ECUARUNARI:

“I wear my hat myself, I wear my anaco (the skirt), I wear my bayeta (the shawl), my necklace, my embroidered blouses. It is not that we take off our clothes to go to the march. And as it is the city, obviously the women come with their best clothes to participate in this fight”. (our translation).

Indigenous women, at one point, tried to protest police violence by organizing themselves in new peaceful marches. As Rea (2020) recalls, the context was one of brutality:

On the 12th of October, when the repression by the State had already become a matter of social violence, in which people were seriously injured, who lost their eyesight, hospitalized, and dead, collectives of women called themselves together in a peaceful march, in order to protest the “paquetazo” and the violence that the demonstrators were experiencing, including girls and boys, women and the elderly. (REA, 2020, p. 5, our translation).

However, the women's march was also intensely repressed, and protesters were victims of physical and verbal violence. For the author, the State was collaborating with violence against these women, both those who take to the streets to guarantee their right to protest, and women who are inserted in political life. As a result, society ends up, unfortunately, endorsing this form of violence, with silence and normalization (REA, 2020).

In a Reuters¹³ article, Luisa Lozano, leader of women at CONAIE, states that the battle faced by indigenous women in the uprising was twofold: fighting to block Moreno's initiatives, while they needed to open spaces within the indigenous movement, still led by men. Even if the role of most women was less confrontational, since they were in charge of feeding the demonstrators, caring for the wounded, and protecting children – as they already do in their communities –, they were the ones who allowed their companions to give the continuation of strikes and clashes. Yet, some indigenous women also took a stand at the front, even being seen “carrying stones and cardboards for the protest”, according to Lineth Capucha, vice president of the Kichwa people of Pastaza, in interview with Reuters.

On the 13th and 14th, the Ombudsman's Office, which monitors human rights violations, declared around 1,200 people arrested, 1,300 injured, and 100 missings, but it is unclear how many of these were indigenous women. In a meeting with CONAIE leaders, the government of Lenín Moreno agreed to revoke Decree 833, publicly committing itself to a policy focused on providing the necessary fuel subsidies. It was an important victory for indigenous peoples, but in particular for indigenous women in Ecuador, who realized that it is still possible to keep dreaming.

4 Indigenous lives matter

In Ecuador, indigenous women were the main victims of the pandemic. They were subjected to more domestic violence (BARBÓN PÉREZ, 2021), were more prone to unemployment, and spent more hours dedicated to the family. They also became poorer and more susceptible to teenage pregnancies¹⁴. In indigenous territories, it was the female leaders who fought against the arrival of companies and miners, to maintain

¹³ Retrieved from: <https://www.reuters.com/article/ecuador-protestas-mujeres-idLTAKBN1WXIRH>. Accessed on: 19 jan. 2022.

¹⁴ Retrieved from: <https://www.fimi-iiwf.org/wp-content/uploads/2020/09/INFORME-COVID-Y-MUJERES-INDIGENAS-2-sept.pdf>. Accessed on: 5 sept. 2022.

control over the entrances to the community. As a result, they were constantly under threat. In addition to the inequalities they face regarding the difficulty of accessing health systems in rural areas, indigenous women were also forced to migrate to other regions, including urban ones, without any material and emotional support. Furthermore, the measures adopted by the government of Lenín Moreno, to manage the crisis, did not respond to the realities of these communities.

With the crisis caused by the Covid-19 pandemic, indigenous peoples were confronted with the austerity policies of the Lenín Moreno government, which included budget cuts in the field of public health and catastrophic management of the pandemic. Ecuador was the first epicenter of Covid-19 in Latin America, and the city of Guayaquil was the face of this drama. The images of corpses abandoned in the streets of the city, due to lack of space in morgues and hospitals, traveled the world. Bereaved families had to wait up to 72 hours for the authorities to collect the bodies of the deceased who remained in the houses¹⁵. Images that went viral showed coffins and lifeless bodies strewn across Guayaquil, an exposed face of neoliberalism hitting the most vulnerable sectors (MOLINA PRENDES; MEJÍAS HERRERA, 2020).

The accumulation of bodies also undermined social distancing measures. Families, without complying with the restrictions of the Emergency Operations Committee (COE), remained with the deceased waiting for the Ministry of Health and police officials to carry out the declaration of death, burial, or cremation. On March 31, 2020, the newspaper *Diario El Universo*¹⁶ reported that 450 bodies on the waiting list had to be removed from their homes. Official data from April 1, 2020, allowed registering in the province of Guayas, where the city of Guayaquil is located, more victims of Covid-19 than in all Latin American countries. At that time, there were 60 dead and 1,937 infected (1,301 in the capital

¹⁵ Retrieved from: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845>. Accessed on: 13 jan. 2022.

¹⁶ Retrieved from: <https://www.eluniverso.com/noticias/2020/03/31/nota/7801176/hay-450-cuerpos-recoger-guayaquil-lenin-ofrece-en-tierra-digno/>. Accessed on: 20 dec. 2021.

Guayaquil alone). In the same period, Colombia, for example, registered 16 deaths, against 27 in Argentina. One of the main problems that persisted among indigenous peoples was the lack of information, especially about their situation and specific needs. In addition, concerning the registration of cases and deaths from coronavirus, there is no accurate data. Indigenous peoples represent, though, 7% of the Ecuadorian population, with more than one million individuals.

The study by Vallejo et al. (2020) estimates that 41.6% of Ecuadorian households pay for public health services, based on basic indicators of the health situation in Latin America, this figure being the highest in the world. According to the authors, what happens in Ecuador is a dismantling of public health that also affects the situation of medical centers close to indigenous communities (p. 105). In Ecuador, given the stratification of the public health system and its limited government coverage of indigenous peoples, the capacity for care during the pandemic has been reduced. Faced with the inaction of the Ecuadorian Ministry of Public Health, indigenous organizations activated alliances with other groups, such as Non-Governmental Organizations (NGOs) and universities, to implement communication and information strategies about the pandemic, as well as developing protocols, prevention in several indigenous languages, managing assistance from the brigades and implementing rapid tests and PCR (VALLEJO ANTROPÓLOGA *et al.*, 2020, p. 105).

Before the arrival of Covid-19 in Ecuador (the first reported case was confirmed on February 29, 2020), indigenous peoples were already suffering the consequences of extreme vulnerability (TUAZA CASTRO, 2020); nonetheless, with the pandemic, the situation worsened. In a report published by *Deutsche Welle* (DW) on August 4, 2021, there were more than 2,000 deaths of indigenous people in the Amazon because of the pandemic¹⁷. In the Ecuadorian part of the forest, the Confederation of Indigenous Nationalities of the Ecuadorian Amazon (CONFENIAE) reported

¹⁷
<https://www.dw.com/es/covid-19-letal-entre-ind%C3%ADgenas-falta-de-informaci%C3%B3n-y-de-estrategias-estatales/a-58761386>. Accessed on: 15 jan. 2022.

that among the 14 indigenous ethnicities, there were 50 confirmed deaths and 54 deaths with symptoms of the coronavirus. In an interview with DW, Carlos Mazabanda, coordinator of Amazon Watch in Ecuador, believes that this number is too large, as it concerns small populations. Across the subcontinent, many indigenous peoples have only recently encountered the outside world and remain vulnerable to these types of diseases, as their bodies lack an adequate immune response.

In the country, this event was dubbed the “third pandemic”¹⁸, which would be the result of the health crisis, the consequences of extractivism, and the marginalization of indigenous peoples by several governments. On April 7, 2020, an oil spill from the Trans Ecuatorian Oil Pipeline System (SOTE) and the Private Heavy Oil Pipeline (OCP) polluted the Coca and Napo rivers, greatly affecting the environment, water, food, and livelihoods of almost 120,000 people, including 27,000 indigenous people, mainly Kichwa and Shuar nationalities. An estimated 15,800 gallons (about 60,000 liters) of oil spilled into rivers. Kichwa communities living downstream did not notice the damage until the morning of April 8. Indigenous peoples demanded compensation for the damage caused and, considering that their rights were violated, the Federation of Municipalities of the Union of Indigenous Peoples of the Ecuatorian Amazon (FCUNAE) and CONFENIAE filed, on April 29, a protection action for approximately 120,000 people affected by the oil spill.

On the other hand, illegal extractivism was one of the main causes of the contagion of Amazonian peoples during the pandemic. Kichwa and Waorani women believe that ferry traders who entered by river and land, intending to extract wood, brought the virus into their communities. For them, the high rates of contagion are related to the oil, forestry, and mineral extractive dynamics, “intensified during the pandemic. In communities in the Wao territory in the provinces of Napo and Orellana, employees of oil

¹⁸

Retrieved from: <https://www.opendemocracy.net/pt/derramamento-petroleo-triple-pandemia-amazonia-equador/>. Accessed on: 12 jan. 2022.

companies from several wells operating in Yasuní maintained the rotation of teams of workers” (VALLEJO *et al.*, 2020, p. 100, our translation).

In the Ecuadorian case, indigenous women, as well as in the Citizens' Revolution of 2008 and the uprising of 2019, were also at the forefront to fight the lethargy of the government of Lenín Moreno. In direct care, they provided themselves with their ancestral wisdom and their knowledge of medicinal plants and other medical strategies to reduce the symptoms of Covid-19. Furthermore,

When contagions increased, those who did not get sick or did not have symptoms assisted others, helping them with care. They went to the chakras to collect crops to help them prepare food; so they overloaded themselves with work. Unlike the urban dynamics where everyone faces the pandemic, in the Amazon, the social fabric was activated and supported by women. (VALLEJO *et al.*, 2020, p. 102, our translation).

During the pandemic, they came together to demand better health services and denounce the fact that indigenous communities were heavily impacted by the pandemic. The lack of access to information, insufficient medical care, the marginalization of these communities, and the violation of their rights have only made them more exposed to the health, social and economic consequences of the pandemic, thus increasing their vulnerability. Indigenous women had to deal with the necropolitics of a State that lets them die and considers them disposable¹⁹ (MBEMBE, 2018). Therefore, protecting oneself from the pandemic was a privilege of class, gender, and race (MORAES, 2020).

Indigenous women, far from being fatalistic during the Covid-19 crisis, have interpreted the pandemic as an invitation to think about family and community and, above all, to act. Hence, they mobilized to combat, or at least try to reduce, the damage that murderous policies would bring to their future and that of their people. The participation and presence of indigenous women and their associations in this process of protest and

¹⁹ Here, death is the result of states and their racist and sexist institutions. Therefore, indigenous women and girls, as they form a group weakened by race, class, and gender, are more susceptible to becoming victims of necropolitics.

resistance to aggressive attacks by essentially anti-indigenous policies were not unprecedented. The organization of indigenous women both internally (with care for the elderly in times of Covid-19 and prohibiting outsiders from entering their territories, for example) and externally²⁰, revealed their deep political involvement in the community.

Since the start of the Covid-19 pandemic, the most vulnerable women in the region have been hit hard by a wave of violence and neglect by those who are supposed to protect them. Faced with the failures of the government and the Ministry of Health in managing the pandemic, it was their different types of organizations that were able to prevent the spread of the virus (TUAZA CASTRO, 2020, p. 13, our translation). Throughout this moment of crisis, they found strength among themselves and their communities – because where the presence of indigenous peoples prevailed, the community's social fabric was what supported the action of these women. Against necropolitics, they resisted, united, and continue to fight so that their people could finally be treated with dignity. Armed with their voices and their bodies, they move forward.

5 Conclusion

Latin American indigenous women have historically been leaders who have taken the lead in the struggles of their people. Although their protagonism is often erased by forces that exclude indigenous people and women from political processes, their actions offered alternative paths beyond state policy. Its achievements, while denaturalizing the State as the sole locus of politics, also manage to bring its issues into the interior of the system. It was, for example, what happened in Ecuador with the participation of indigenous women in the Constituent Assembly that

²⁰ According to the regional report *Mujeres Indígenas de las Américas Frente a la Pandemia del Covid-19* (2020), indigenous peoples resorted to community radios and the use of loudspeakers to inform the indigenous population, using their own languages, on how to prevent contagion (p. 6). Retrieved from: <https://www.iitc.org/wp-content/uploads/Informe-COVID19-ECMIA.pdf>. Accessed on: 19 sept. 2022.

culminated in the new Constitution of 2008, as well as in several crucial moments that transformed the country.

The resurgence of Indigenous women's participation in the public sphere is a radical political project, as it is based on plural, shared, and community practices that consider the experience of being a woman and an Indigenous person in sexist, racist, modern, and colonial societies. In Ecuador, a country where the presence of the indigenous population is significant and, at the same time, their representation in political spaces is still small, having women who dare to impose themselves on a model that excludes and oppresses them is liberating. Whether participating in assemblies, occupying the streets, or empowering their epistemologies, these women continue a long trajectory of struggle. Bringing with them knowledge from their ancestors, they revolutionize politics daily.

6 References

BARBÓN PÉREZ, Olga Gloria. Dibujando con el pincel del género el telón de fondo de la violencia intrafamiliar en una comunidad indígena ecuatoriana durante la pandemia del COVID 19. **Discurso & Sociedad**, n. 1, p. 12-25, 2021. Retrieved from: <http://www.dissoc.org/ediciones/v15n01/DS15%281%29Barbon.html>. Accessed on: 25 jan. 2022.

BERLANGA GAYÓN, Mariana. El color del feminicidio: de los asesinatos de mujeres a la violencia generalizada. **El Cotidiano**, n. 184, p. 47-61, 2014. Retrieved from: <https://www.redalyc.org/pdf/325/32530724003.pdf>. Accessed on: 03 fev. 2022.

BONILLA, Adrián; MANCERO, Mónica. “Venimos a luchar por el pueblo, no por el poder”: el levantamiento indígena y popular en Ecuador 2019. **Sociología y Política HOY**, [S. l.], n. 3, p. 38-47, 2020. Retrieved from: <https://revistadigital.uce.edu.ec/index.php/hoy/article/view/2532>. Accessed on: 23 set. 2022.

CADENA, Marisol De la. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. **Maloca: Revista de Estudos Indígenas**, v. 2, p. e019011-e019011, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/maloca.v2i.13404>.

CRUZ RODRÍGUEZ, Edwin. Redefiniendo la nación: luchas indígenas y Estado Plurinacional en Ecuador (1990-2008). **Nómadas. Critical Journal of**

Social and Juridical Sciences, 2012. Retrieved from: <https://www.redalyc.org/pdf/181/18126163021.pdf>. Accessed on: 07 fev. 2022.

CUCURI, Cristina. El acceso de las mujeres indígenas a la justicia en la Nueva Constitución del Ecuador. In: LANG, Miriam; KUCIA, Anna (comp.). **Mujeres indígenas y justicia ancestral**. Quito: UNIFEM, 2009. p. 132-135. Retrieved from: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/55654.pdf>. Accessed on: 02 fev. 2022.

CUESTA ORMAZA, Germán Humberto *et al.* **Participación y presencia de la mujer indígena durante el levantamiento de 1990, en el periódico El Comercio y en la difusión oficial de la Conaie**. 2016. Tese (Mestrado em Comunicação) – Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador, Quito, 2016. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10644/5407>. Accessed on: 03 fev. 2022.

ESCÁRZAGA NICTÉ, Fabiola. La emergencia indígena contra el neoliberalismo. **Política y cultura**, n. 22, p. 101-121, 2004. Retrieved from: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-77422004000200006&script=sci_arttext. Accessed on: 26 set. 2022.

FEDERICI, Silvia; VALIO, Luciana Benetti Marques. Na luta para mudar o mundo: mulheres, reprodução e resistência na América Latina. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. 1-12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n270010>.

GARGALLO, Francesca. **Feminismos desde Abya Yala: Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América**. Ciudad de México: Editorial Corte y Confección, 2014. Retrieved from: <https://francescagargallo.files.wordpress.com/2014/01/francesca-gargallo-feminismos-desde-abya-yala-ene20141.pdf>. Accessed on: 24 set. 2022.

GATEHOUSE, Tom (ed.). **Voices of Latin America: Social Movements and the New Activism**. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2019.

GÓMEZ PERALTA, Héctor. Los usos y costumbres en las comunidades indígenas de los Altos de Chiapas como una estructura conservadora. **Estudios políticos (México)**, n. 5, p. 121-144, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22201/fcpys.24484903e.2005.5.37657>.

HERNÁNDEZ CASTILLO, R. Aída. Entre el etnocentrismo feminista y el esencialismo étnico. Las mujeres indígenas y sus demandas de género. **Debate feminista**, v. 24, p. 206-229, out. 2001. DOI: <https://doi.org/10.22201/cieq.2594066xe.2001.24.666>.

HERRERA ACOSTA, Carlos Ernesto, *et al.* La participación de la mujer indígena en la democracia del Ecuador. **IGOBERNANZA**, v. 4, n. 14, p. 15-44, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.47865/igob.vol4.2021.114>.

IZURIETA, Belén. ¿Qué pasó en Ecuador en octubre de 2019?. **El Outsider**, v. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18272/eo.v5i.1567>.

JARAMILLO JARAMILLO, Cecilia Magdalena; GALARRAGA CANCHIGÑA, Jenny Maribel. **El rol de las mujeres indígenas ecuatorianas en la formulación de las políticas gubernamentales de las tres últimas décadas**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências da Educação) – Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias de la Educación, Universidad Central del Ecuador, Quito, 2021. Retrieved from: <http://www.dspace.uce.edu.ec/handle/25000/23004>. Accessed on: 02 nov 2022.

LALANDER, Rickard; OSPINA PERALTA, Pablo. Movimiento indígena y revolución ciudadana en Ecuador. **Cuestiones políticas**, v. 28, n. 48, p. 13-50, 2012. Retrieved from: <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A556914&dswid=-140>. Accessed on: 04 fev. 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dec. 2008. Retrieved from: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Accessed on: 22 nov. 2022.

LUQUE, Arturo; POVEDA MORENO, Carlos; HERNÁNDEZ ZUBIZARRETA, Juan . Análisis del levantamiento indígena de 2019 en Ecuador: entre la respuesta legal y el Lawfare. **NULLIUS: Revista de pensamiento crítico en el ámbito del Derecho**, v. 1, n. 1, p. 18-45, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33936/revistaderechos.v1i1.2334>.

MANTEL, Alicia; VERA, Mónica. Mujeres Indígenas, participación política y consulta previa, libre e informada en el Ecuador. **Boletín Mujeres y Participación Política**, 2014. Retrieved from: https://inredh.org/archivos/pdf/boletn_mujeres_y_participacion.pdf. Accessed on: 25 sept. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1edições, 2018.

MÉNDEZ TORRES, Georgina. **Uniendo y abriendo caminos: La actoría política de las mujeres indígenas en el movimiento indígena ecuatoriano**. 2009. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa Género y Desarrollo, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Sede Ecuador, Quito, 2009. Retrieved from: <https://repositoriointerculturalidad.ec/jspui/handle/123456789/3407>. Accessed on: 03 fev. 2022.

MICHELETTO, Julia Pizarro. **Vozes que não querem calar: violência colonial e estratégias de enfrentamento da mulher indígena**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, 2021. Retrieved from: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/214615>. Accessed on: 18 set. 2022.

MOLINA PRENDES, Norma; MEJÍAS HERRERA, María Luz. Impacto social de la COVID-19 en Brasil y Ecuador: donde la realidad supera las estadísticas. **Edumecentro**, v. 12, n. 3, p. 277-283, 2020. Retrieved from: http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S2077-28742020000300277&script=sci_arttext&tlng=pt. Accessed on: 05 fev. 2022.

MORAES, Filipe Proença de Carvalho. Um vírus que desvela as entranhas do capital. **Revista Estudos Libertários**, v. 2, n. 4, p. 66-89. jan./jun. 2020. Retrieved from: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/viewFile/34523/19231>. Accessed on: 10 fev. 2022.

NIEVES-LOJA, Gerardo Miguel. Introducción a la temática de la exclusión de la mujer en el espacio público. Una relación entre algunos pensadores europeos y el mundo indígena de Ecuador. **Eidos**, n. 36, p. 111-140, jul./dec. 2021. Retrieved from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-8857202100200111. Accessed on: 02 nov 2022.

PALACIOS, Paulina. Construyendo la diferencia en la diferencia: mujeres indígenas y democracia plurinacional. **Pueblos indígenas, estado y democracia**, p. 311-339, 2005. Retrieved from: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101026012655/14Palacios.pdf>. Accessed on: 11 fev. 2022.

PAREDES, Julieta; GUZMÁN, Adriana. **El tejido de la rebeldía**. ¿Que es el feminismo comunitario?. La Paz: Moreno Artes Gráficas, 2014. Retrieved from: http://frentefeministanacional.org.mx/wp-content/uploads/2017/08/el_tejido_de_la_rebeldia.pdf. Accessed on: 18 set. 2022.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo indígena comunitario**. In: ESPINOSA MIÑOSO, Yuderlys (coord.), **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano**. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p. 117-120, 2010. Retrieved from: <https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino-desde-el-feminismo-comunitario.pdf>. Accessed on: 02 nov 2022.

PÉREZ CÁRDENAS, Lizeth. Participación política de mujeres indígenas en tiempos de la Revolución Ciudadana. **Alteridades**, v. 28, n. 55, p. 61-72, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24275/uam/izt/dcsh/alteridades/2018v28n55/perez>.

PICQ, Manuela Lavinás. **Vernacular sovereignties**: indigenous women challenging world politics. Tucson: University of Arizona Press, 2018.

RADCLIFFE, Sarah A. Gendered frontiers of land control: indigenous territory, women, and contests over land in Ecuador. **Gender, Place & Culture**, v. 21, n. 7, p. 854-871, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2013.802675>.

REA, Natalia V. Historias de vida de mujeres que participaron en las manifestaciones de octubre 2019 en Quito-Ecuador. **Universidad Internacional SEK**, p. 1-14, 2020. Retrieved from: <http://repositorio.uisek.edu.ec/handle/123456789/3809>. Accessed on: 06 fev. 2022.

RÍOS RIVERA, Ingrid; UMPIERREZ DE REGUERO, Sebastián; VALLEJO ROBALINO, Diana. ¿Acción política populista en movimiento? Las demandas sociales de la Conaie y las feministas en Ecuador (2007–2019). **Análisis Político**, v. 33, n. 98, p. 85-106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15446/anpol.v33n98.89411>.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Refundación del Estado en América Latina. Perspectivas desde una epistemología del Sur**. México, DF: Universidad de los Andes: Siglo del hombre editores: Siglo XXI editores, 2010. Retrieved from: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Refundacion%20del%20Estado_Lima2010.pdf. Accessed on: 27 sept. 2022.

TAYUPANDA CUVI, Noemi Judith *et al.* Violencia de género contra mujeres indígenas del área rural del cantón tena, año 2021. **Más Vita**, p. 61-72, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47606/ACVEN/MV0075>.

TORRES DÁVILA, Victor Hugo. Ecuador: regresión, ajuste y levantamiento indígena. *In*: PARODI, Camila; STICOTTI, Nicolás (org.). **Ecuador: la insurrección de octubre**. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 225-233. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctv1gm016x.37>.

TUAZA CASTRO, Luis Alberto. El COVID-19 en las comunidades indígenas de Chimborazo, Ecuador. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, v. 15, n. 4, p. 413-424, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17442222.2020.1829793>.

UGSHA ILAQUICHE, Guillermo. **Participación del Movimiento indígena de Cotopaxi en las protestas y movilizaciones sociales del Ecuador, octubre 2019**. Lecciones y desafíos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Desenvolvimento Local Sustentável) – Universidad Politécnica Salesiana, Quito, 2021. Retrieved from: <http://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/20742>. Accessed on: 10 fev. 2022.

VALLEJO, Ivette *et al.* Mujeres indígenas en tiempos de pandemia en la Amazonia ecuatoriana. **ABYA-YALA: Revista sobre acesso à justiça e direitos nas Américas**, Brasília, DF, v. 4, n. 3, p. 94-120, aug./dec. 2020. Retrieved from: <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/33825/28713>. Accessed on: 09 fev. 2022.

VITERI, Chelsea N. Territoriality, Narratives and Violence: Stories of Eight Women Living in the Presence of a Large-Scale Mine in Ecuador. **International Development, Community and Environment**, [S. l.], p. 1-57,

2017. Retrieved from: https://commons.clarku.edu/idce_masters_papers/153/.
Accessed on: 24 sept. 2022.



A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA E DAS CONQUISTAS JURÍDICAS ATÉ A PARIDADE DE GÊNERO NA CONVENCIÓN CONSTITUCIONAL CHILENA

*LA TRAYECTORIA DEL MOVIMIENTO SOCIAL FEMINISTA Y DE LAS
CONQUISTAS JURÍDICAS HASTA LA PARIDAD DE GÉNERO EN LA
CONVENCIÓN CONSTITUCIONAL CHILENA*

*THE TRAJECTORY OF THE FEMINIST MOVEMENT AND LEGAL
ACHIEVEMENTS TOWARDS GENDER PARITY IN THE CONSTITUENT
PROCESS OF CHILEAN CONSTITUTIONAL CONVENTION*

Paloma Gerzeli Pitre¹ 

Ana Paula Galvão² 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Neste artigo analisamos o processo de interpelação das mulheres à Assembleia Constituinte chilena como resultado da mobilização e da formação política ao longo de anos de luta por direitos. O marco inicial deste estudo é a primeira mobilização dos estudantes secundaristas, em 2006, findando nos acontecimentos do *Mayo Feminista*, em 2018, quando da aprovação de um processo constituinte. Destaca-se neste trabalho a centralidade do pensamento, ação e luta das mulheres e do feminismo chileno, pois aqui demonstramos o quanto a luta permanente das mulheres contra as estruturas patriarcais da sociedade e, principalmente, contra as instituições estatais. O resultado foi a participação das mulheres na Convenção Constituinte em termos paritários com os homens. As premissas deste trabalho se sustentam numa revisão das principais leis

¹ Mestre em Ciências sociais pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM-USP) (2022), tendo estudado o processo constituinte chileno (2020 - 2021) e suas interseções com o novo constitucionalismo latino-americano. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016). Pesquisadora do NUPEDELAS/USP com experiência em direitos humanos e sustentabilidade. Atualmente é consultora na União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN). E-mail: palomagpitre@gmail.com

² Mestranda em Ciências sociais pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM-USP). Estuda a interação das artes visuais e os avanços dos Direitos Sexuais e Reprodutivos na Argentina e no Chile. Especialista em Gestão Cultural pelo CELACC-Centro de Estudos Latino-Americano da USP e graduada em Comunicação Social-Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade. E-mail: anapaulagalvao@usp.br

para a equidade nas relações de gênero, editadas a partir de 2015. Além da análise da legislação e de normas, realizamos, finalmente, uma consulta bibliográfica sobre o movimento de mulheres e feministas numa perspectiva histórica. Conclui-se que o modelo paritário da Assembleia constituinte é parte de um projeto de construção coletiva feminista da sociedade, após a politização da violência vivenciada contra as mulheres.

Palavras chave: Participação política; Direitos das mulheres, Convenção Constitucional chilena; *estallido social*; movimento feminista no Chile.

Resumen: En este artículo analizamos el proceso de interpelación de las mujeres a la Asamblea Constituyente de Chile como resultado de la movilización y la formación política durante años de lucha por los derechos. El punto de partida de este estudio es la primera movilización de estudiantes de secundaria, en 2006, finalizando con los hechos del *Mayo Feminista*, en 2018, cuando se aprobó un proceso constituyente. Se destaca en este trabajo la centralidad del pensamiento, la acción y la lucha de las mujeres y del feminismo chileno, pues aquí demostramos cuánto tuvo un impacto concreto la lucha permanente de las mujeres contra las estructuras patriarcales de la sociedad y, principalmente, contra las instituciones del Estado. El resultado fue la participación de las mujeres en la Convención Constituyente en términos paritarios con los hombres. Las premisas de este trabajo se sustentan en una revisión de las principales leyes para la equidad en las relaciones de género, editadas a partir de 2015. Además del análisis de la legislación y normas, finalmente realizamos una consulta bibliográfica sobre el movimiento de mujeres y feministas en perspectiva histórica. Se concluye que el modelo paritario de la Asamblea constituyente es parte de un proyecto de construcción colectiva feminista de la sociedad, luego de la politización de la violencia vivida contra las mujeres.

Palabras clave: Participación política; Derechos de las mujeres; Convenção Constitucional chilena; *estallido social*; movimiento feminista en Chile.

Abstract: This article looks back on recent events in Chile's political and social history that would have created a suitable environment for the formation of an unprecedented model of Constituent Assembly, marked by the centrality of the feminist thought and movement that became more radically present since the "*MayoFeminista*", which took place in May 2018, when university and high school students rose denouncing the patriarchal violence that lived within the walls of educational institutions. A review of the laws for gender equality in political participation that were edited in the country from 2015 onwards and consultation of the bibliography that critically analyzes the social movements of contemporary women and feminists were the tools used for the analysis presented here. In the end, it

is concluded by the importance of the presence of feminists for the construction of a broadly egalitarian Chilean society.

Key-words: Political participation; Women rights; Chilean Constituent process; *estallido social*; Feminist movement in Chile

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196649](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196649)

Recebido em: 13/04/2022
Aprovado em: 27/12/2022
Publicado em: 31/12/2022

1 Introdução

De outubro de 2019 a meados de março de 2020, as ruas de Santiago (Chile) foram cenário de grandes manifestações organizadas por mulheres, com pautas feministas, povos indígenas, com demandas pelo reconhecimento de maior autonomia; pensionistas, em busca de aposentadorias dignas e, finalmente, estudantes, lutando por uma educação gratuita, pública e de qualidade.

Estas manifestações, que logo se espalharam por outras cidades do país, ficaram conhecidas como *estallido social*³.

De fato, o *estallido social* não foi um acontecimento pontual na história do Chile, mas sim resultado da insatisfação social generalizada que se acumulava no país ao longo das últimas décadas. Assim, o *estallido* é fruto das lutas de anos anteriores contra as reformas neoliberais implementadas no país desde a ditadura militar de Pinochet (CASALS; ESTEFANE, 2021). É possível mencionar como alguns dos movimentos sociais importantes que preconizaram o *estallido* a *Revolución Pingüina* de 2006, o movimento “*No + a AFP*”, entre 2016 e 2017, e as mobilizações de feministas de 2018.

Dentre as demandas do *estallido social*, uma reivindicação progressivamente foi ganhando destaque político: o imperativo de substituir a Constituição de 1980 - elaborada durante a ditadura militar pinochetista - mediante a instalação de uma *Convenção Constitucional*

³ ‘Estrondo social’, em tradução livre

que fosse capaz de incorporar melhor os anseios populares e promover transformações estruturais na sociedade, garantindo, de forma mais efetiva, direitos sociais e políticos à sociedade chilena.

A respeito da diversidade de pautas nas ruas durante o *estallido*, o relatório “Demandas prioritárias e propostas para um Chile diferente” (UNIDAD SOCIAL et al., 2021) traz um levantamento das grandes pendências sociais do país. Elaborado a partir de consultas realizadas por doze universidades do Chile, entre outubro de 2019 e março de 2020, a pesquisa identificou um total de 1.233 propostas de cidadãos e cidadãs, o povo reunido em ‘*cabildos*’ (conselhos participativos) instalados em diferentes regiões do país.

No documento, as demandas mais frequentes versavam sobre os seguintes aspectos: educação (73%), nova constituição (70%), pensões (69%), saúde (68%), emprego e trabalho (37%); meio Ambiente (45%) e mudanças do modelo socioeconômico e político (38%) (UNIDAD SOCIAL et al., 2021). Um tema especialmente importante para os fins deste artigo também surge no relatório: a igualdade do ponto de vista das relações de gênero (11%).

No tópico dos Resultados, o documento conclui que “de forma transversal, as demandas se vinculam à vida digna, às garantias de universalidade, proteção social e equidade em direitos fundamentais como educação, saúde e trabalho, dentre outras/os” (UNIDAD SOCIAL et al., 2021, p. 13, tradução nossa). Ademais, reitera que tais questões deveriam estar incorporadas em uma nova Constituição construída pela via de uma Assembleia Constituinte inclusiva e com a participação de setores historicamente excluídos dos processos de decisão, tais como os povos indígenas e as mulheres.

Observa-se, como resultado, que as diferentes demandas coincidem para se repensar uma nova ordem social, econômica, política, cultural e ambiental que inclui o fortalecimento do papel do Estado, a regulação da participação do setor privado e a defesa de uma cidadania ampla e ativa.

Em que pese à resistência do governo de Sebastián Piñera, então em seu segundo mandato⁴, e o perfil de sua gestão ultraliberal, contrária ao aumento das funções sociais do Estado, a permanente pressão popular e até mesmo o risco de ser compelido a renunciar⁵, forçaram o presidente, em dezembro de 2019, a convocar um plebiscito constitucional. Nesse pleito, a população seria consultada para aprovar, ou não, a elaboração de um novo texto constitucional e o povo teria a possibilidade de indicar diretamente a composição do órgão, isto é, quem seriam os encarregados a redigir o texto constitucional.

No plebiscito, realizado no dia 25 de outubro de 2020, 78,2% da população votante foi favorável à redação de uma nova Constituição. A população também decidiu que o texto deveria ser escrito por uma *Convención Constitucional*, formada por membros especificamente eleitos pelo povo para essa função. A escolha quanto à composição do órgão foi igualmente uma conquista das forças populares, tendo em vista que se optou pela proposta com maior participação popular - representantes eleitos diretamente para a tarefa de redigir a Nova Constituição -, e se derrotava a proposta contrária, de ter uma Convenção Mista Constitucional na qual apenas a metade seria eleita especificamente para essa função, enquanto a outra metade seria composta por membros do Poder Legislativo.

Alguns meses mais tarde, em maio de 2020, se elegeram os membros que comporiam a Convenção Constituinte. Naquela oportunidade, ocorreu a vitória expressiva de candidaturas independentes, sem filiação a partidos políticos, e de oposição ao então governo de Piñera⁶. Ademais, os candidatos e candidatas de coligações de direita não

⁴ Sebastián Piñera foi presidente do Chile em dois mandatos não contínuos. O primeiro entre 2010 e 2014, e o segundo entre 2018 e 2021

⁵ No início, o presidente Piñera foi contrário a uma nova Constituição. Com a crescente dos movimentos de rua a partir do *estallido social* e com a força que ganharam as demandas por um novo texto constitucional, as pressões para a renúncia de Piñera do cargo de presidente da República também foram se radicalizando. Nesse contexto, a resistência do governo em atender o grito das ruas foi derrotada.

⁶ Dos 155 convencionais eleitos, a coalizão oficialista e os partidos de base do governo conseguiram apenas 54 vagas. O resto ficou para pactos de representações independentes - apartidárias ou em agrupações cidadãos - ou para partidos de oposição ao governo.

alcançaram o número de eleitos necessários para terem o poder de veto no órgão constituinte.

Outra característica do processo constituinte foi a inclusão de grupos historicamente excluídos dos processos decisórios. Assim, como veremos mais detalhadamente à frente, durante o ano de 2020, foi editada uma lei garantindo a participação de povos indígenas no órgão constituinte, e reservando um percentual obrigatório de candidaturas a pessoas com deficiência. Especialmente importante, foi a aprovação e garantia jurídica de paridade de gênero na composição do órgão constituinte. Em julho de 2021, foi eleita uma mulher indígena mapuche, Elisa Loncón, para presidir os trabalhos da Convenção Constituinte⁷ o que teve um caráter simbólico fundamental para coroar o movimento iniciado no *estallido*.

No que se segue, analisaremos o *estallido social* em chave feminista, com o propósito de destacar a atuação política das mulheres nos principais fatos que antecederam este episódio, partindo do pressuposto de que se trata de um considerável acúmulo político e intelectual que deu suporte às ações da constituinte e permitiu às mulheres o necessário protagonismo como sujeitas históricas.

Ainda neste altura do texto, traremos considerações sobre o *Mayo Feminista* de 2018 – designação para a série de manifestações e mobilizações de mulheres contra o sistema patriarcal chileno, pois o mesmo contribuiu para que o pensamento feminista ocupasse centralidade inédita na condução conceitual e prática de profundos processos políticos. Tal movimento, como se verá, não se encerrou com a finalização e posterior derrota (mencionada mais adiante) do novo texto constituinte.

Em um segundo momento, será apresentada a evolução das normativas no Chile sobre a inserção das mulheres na esfera política. Foi elaborada uma linha do tempo que permitirá verificar o desenvolvimento do tema desde 2015. Ademais, o tópico abordará como o processo se

⁷ Elisa Loncón era também acadêmica e ativista do movimento indígena. Ocupou a presidência da Convenção pelo prazo de seis meses. Tendo em vista que a presidência do órgão era rotativa, depois desse período, deixou a presidência do órgão para a nova eleita, a cientista e especialista em saúde pública, María Elisa Quinteros.

relaciona com outras normativas de inserção política de grupos vulnerabilizados do país, como os povos indígenas e as pessoas deficientes.

Os dados apresentados neste trabalho foram obtidos mediante consulta de bibliografia especializada sobre movimentos sociais recentes na história do Chile, principalmente na análise e sistematização de interpretações sobre o percurso do movimento feminista no Chile. Também realizamos uma revisão das normativas chilenas em matéria de paridade de gênero na política, desde 2015.

2 A trajetória recente do movimento feminista no Chile e suas influências para o *estallido social*

Avaliações recentes de mulheres cientistas sociais, historiadoras, educadoras e teóricas latino-americanas atribuem à estratégia de atuação política dos movimentos feministas chilenos o sucesso da conquista da Convenção Constituinte de 2020 e do seu caráter mundialmente inovador no tocante à paridade de gênero e à participação de povos originários, uma vez que as discussões sobre as diferenças e inequidades de gênero passaram a nortear as diretrizes no interior das diversas organizações que compuseram o *estallido social*. Mais especificamente, a incidência de práticas e éticas feministas que foram melhor desenvolvidas a partir do enfrentamento coletivo à violência sexual teriam ampliado o entendimento da sociedade em relação à injustiça social e desigualdade de relações de gênero⁸. (CRUZ C. et al., 2022; CRUZ, 2022; DIETZ, HINER, 2022; ALVAREZ, 2020; CERDA CASTRO, 2020; ESTEVEZ, 2020; GAGO, 2019; TRONCOSO PÉREZ; FOLLEGATI; STUTZIN, 2019; RICHARD, 2019; SAAVEDRA, TORO, 2019).

O *estallido social* é o ponto culminante da incidência feminista nos movimentos sociais em geral e cumpre destacar que seu crescente

⁸ Podemos destacar dentre estas práticas e atuações éticas: o compromisso coletivo em visibilizar a trajetória das mulheres vítimas da ditadura chilena e valorizar sua memória, as ocupações criativas de espaços públicos como universidades, colégios e praças, além das marchas, paralisações e as assembleias só de mulheres. Em muitos encontros circularam ideias e reflexão de teóricas feministas decoloniais, e as manifestações se tornavam plataformas de distribuição simbólica de agendas, com performances artísticas sob o intuito de celebrar a vida de mulheres sobreviventes de toda espécie de violência machista.

protagonismo no redesenho de estruturas sociais de poder foi se acentuando a partir das discussões sobre relações de gênero que passaram a integrar de maneira mais frequente a política institucional do país a partir da eleição de Michelle Bachelet, em novembro 2005 - de resto, uma referência importante, pois foi a primeira mulher eleita presidenta do Chile.

Na campanha, Bachelet prometeu melhorar a qualidade de vida das pessoas das camadas populares, aumentando os investimentos públicos em serviços das áreas de saúde e educação. Em 19 de junho de 2009, promulgou a Lei 20.348 para combater a discriminação de gênero que afetava as mulheres trabalhadoras (LAMADRID ALVAREZ; BENNIT NAVARRETA, 2019, p.4). De tal modo, a Lei modificou o Código do Trabalho ao proibir e penalizar a diferença salarial para cargos da mesma natureza e ao oferecer subsídios fiscais a empregadores que promovessem a equidade numérica de gênero nas empresas.⁹

Meses após sua posse, em maio de 2006, o cenário político foi surpreendido pela irrupção das manifestações estudantis nomeadas de *Revolución Pingüina*, até então maior evento massivo pós redemocratização do país, no qual estudantes secundaristas recobram sua agência política, manifestando-se sob insígnias que clamavam por educação pública, gratuita e de qualidade, o que "abriu um novo período político... dentro do qual a ação coletiva feminista foi escalando em massividade e radicalidade." (LAMADRID ALVAREZ; BENNIT NAVARRETA, 2019, p.3)

Ao término de seu primeiro mandato, em 2010, Michelle Bachelet deixou a presidência com 84% de aprovação popular, mesmo não tendo atendido às muitas demandas explicitadas pela sociedade chilena, como aquelas relativas à não financeirização da educação e aos avanços aguardados sobre os direitos sexuais e reprodutivos, com destaque ao clamor pela descriminalização do aborto. (LAMADRID ALVAREZ; BENNIT NAVARRETA, 2019)

⁹ A Lei 20.348 está disponível em <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1003601>. Acesso 16 dez. de 2022.

A primeira gestão do ultraliberal Sebastián Piñera (2010-2013) - primeiro representante da direita a assumir o cargo por eleições democráticas- também foi impactada pelas revoltas estudantis.

Em 2011, os movimentos estudantis novamente intensificaram suas ações e demandas e, ainda que tardiamente, os centros e federações estudantis, que articulavam as marchas e demais ações políticas, tornaram-se mais receptivos às demandas sobre as relações de gênero (UBILLA, 2019), algo que era possível observar em suas leituras e proposituras políticas: "junto às proclamações que demandavam uma 'educação gratuita e de qualidade', começamos a ver cartazes que também clamavam por uma 'educação não sexista' ". (CRUZ C. et al., 2022, p. 6).

A participação das mulheres nas manifestações estudantis tanto de 2006, quanto de 2011, trouxe profícuos desdobramentos para o campo feminista como um todo, a começar pela feminização das lideranças que:

[se] transformaram em novas vozes no Congresso, na então chamada 'bancada estudantil', onde surgiram dirigentes importantes do movimento estudantil, como Camila Vallejo e Karol Cariola (de militância comunista); outro fato da presença do feminismo no movimento estudantil foi a presidência feminista de Melissa Sepúlveda na Federación de Estudiantes de Universidade de Chile (FECh, 2013-2014), seguida de outras feministas como Camila Rojas, Valentina Saavedra, e, por último, Emilia Schneider, primeira mulher trans e feminista eleita presidenta da FECh, (2019-2021). (DIETZ; HINER, 2022, p. 9).

Outros desdobramentos foram o aprendizado político coletivo propiciado pelo espírito assemblear das manifestações estudantis e, também, a aquisição de habilidade de uso das novas ferramentas de comunicação, como as redes sociais.

O Informe Anual do Observatório de Conflitos do Chile, COES-2020 realizado pelo *Centro de Estudios de Conflictos y Cohesión Social*, instituto apoiado pela *Universidad de Chile* e pela *Pontificia Universidad Católica de Chile*, nos aponta o importante e progressivo crescimento dos protestos com foco em questões de gênero ao longo da primeira década do século XXI (**Gráfico 1**). No estudo que embasou tal informe, os movimentos sociais

com agendas de enfrentamento às desigualdade nas relações de gênero foram tipificados em quatro categorias: os relativos à violência contra mulher, os relativos à valores conservadores (demandas que enfrentam a moralidade cristã: direitos sexuais e reprodutivos, divórcio, casamento entre pessoas do mesmo sexo, etc.), os relativos às minorias (direitos da comunidade LGBTI) e demandas de interesse das feministas (equidade salarial, cotas de gênero etc.) (JOIGNANT et al., 2020, p. 69).

Em 2009, eram ao todo menos de 10 grandes manifestações anuais no grupo de manifestações contra as relações de gênero, somadas as quatro categorias observadas. O primeiro grande acréscimo do número de manifestações feministas e contra as desigualdades nas relações de gênero ocorreu em 2012, segundo o Informe, na categoria minorias (JOIGNANT et al., 2020). Tal fase corresponde ao período da conquista de direitos de união civil de casais homoafetivos. O próximo salto ocorreu a partir de 2014, com grande concentração na categoria de valores, alcançando seu pico em 2015. Este processo reflete uma maior mobilização do movimento feminista chileno contra pautas como a proibição da venda e de distribuição de pílulas anticoncepcionais de emergência. Em resposta a estas restrições, as mulheres ocuparam as ruas com o *Pildorazo*. (FOLLEGATI MONTENEGRO, 2018; MAIRA; HURTADO; SANTANA, 2010).

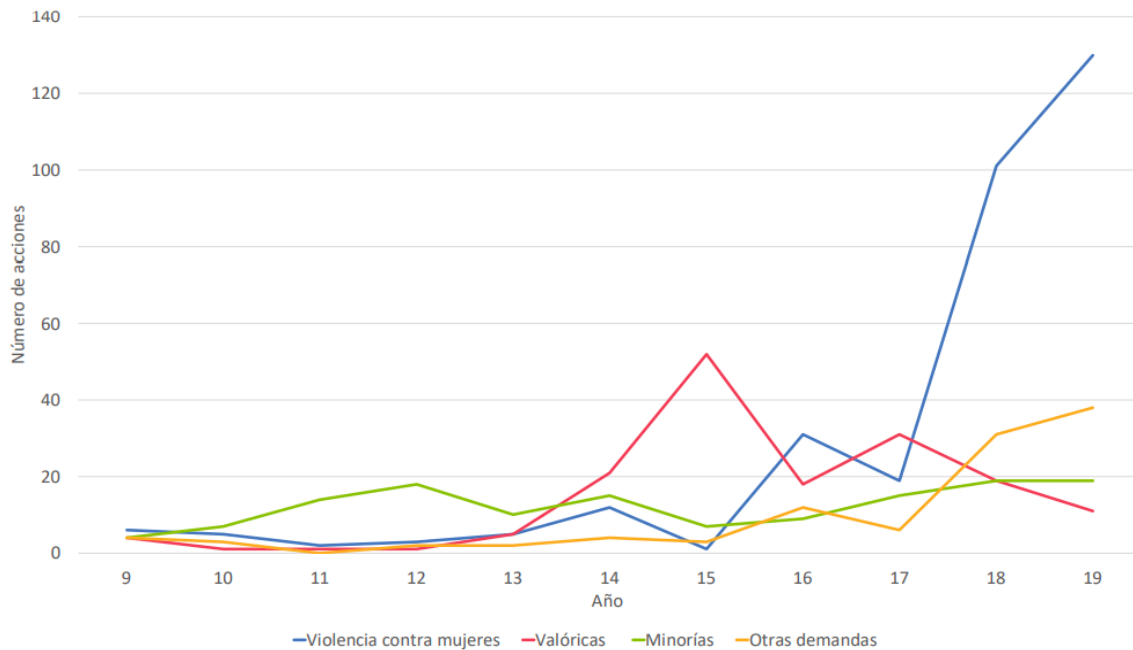
O aprimoramento do potencial de organização destas feministas foi direcionado às lutas pela descriminalização do aborto e pelo apoio ao segundo mandato de Michelle Bachelet (2014-2018) para que finalmente houvesse avanços no sentido de garantir os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. (MAIRA; HURTADO; SANTANA, 2010). Esta pressão resultou na promulgação da Lei 21.030 em 14 de setembro de 2017, regulamentando o aborto em três situações: risco de vida para pessoa gestante, inviabilidade fetal extrauterina e gravidez fruto de estupro.

A aprovação do projeto de lei na Câmara dos Deputados, em 2016, e depois no Congresso Nacional, em agosto de 2017, foi a primeira vitória do movimento feminista, e explica sua expansão em relação aos demais

setores no ano de 2017. É importante destacar que tal crescimento foi eco, também, da *Marea Verde* argentina, fenômeno social em prol do aborto no país vizinho, que já havia se espalhado transnacionalmente, e que fora acolhido pelos movimentos feministas não só do Chile, mas de toda região Latino-americana.

No ano de 2016, ainda de acordo com o Informe do Observatório de Conflitos, houve um aumento acentuado das manifestações contrárias à categoria *violência contra mulheres*, acompanhando, mais uma vez, as ondas feministas transnacionais e multitudinárias das lutas feministas contemporâneas, como é o caso do movimento *Ni Una a Menos*, que surgiu na Argentina em 2015 e que encontrou no Chile um ambiente político propício para receber as demandas de combate ao feminicídio e a violência sexual. E foi nesta categoria **(Gráfico 1)**, a de *violência contra as mulheres*, que as ruas chilenas acolheram 7,5 vezes mais mobilizações de mulheres em 2018 que em relação ao ano anterior (JOIGNANT et al., 2020) , refletindo o impacto do *Mayo Feminista*, também chamado de *Tsunami Feminista* e de *Primavera Feminista*,

Gráfico 1 - Quantidade de conflitos de rua de gênero por categoria, por ano



Fonte: Informe Anual do Observatório de Conflitos COES, (JOIGNANT et al., 2020, p. 70).

Observar as manifestações contra as relações de gênero do ponto de vista quantitativo nos serve para mensurar seu impacto e localizar o ano de 2018, como um importante marco na história do feminismo chileno e latino-americano.

quando, devido à indignação que provocaram escandalosas denúncias de abuso sexual nas universidades, as estudantes universitárias, as estudantes feministas, "ocuparam" mais de 30 faculdades, 15 universidades e alguns importantes colégios das principais cidades do país. Ao mesmo tempo, ocuparam as ruas com inúmeras mobilizações com um novo repertório de protestos, reconfigurando outro tipo de liderança feministas e dissidentes. (CRUZ C. et al., 2022, p. 6)

Contudo, tal quantificação não explica o impacto subjetivo que a transversalidade do pensamento e da prática feministas comprometidos com uma radicalidade democrática teria adquirido junto a outras frentes do *estallido social*, sobretudo junto à geração sub 40 de feministas. (GOECKE , 2022, p. 134).

Já em 2011, os movimentos feministas passaram a ressignificar memórias de militâncias femininas históricas ligadas ao combate à ditadura militar, e seus repertórios de práticas de protesto e de manifestações (marchas, greves, ocupações etc.) foram ganhando tratamento de fontes de produção de significados comuns, operando "um ritual criativo que combinou tanto as encenações, murgas¹⁰, batucadas e distintos tipos de danças e consignas que apelavam para a memória de lutas passadas." (CRUZ, 2022, p. 223).

Este emaranhado criativo ebuliu em um sem número de atividades e mobilizações políticas, como assembléias, greves, marchas massivas que foram ganhando corpo desde 2017 e foram responsáveis por levar milhares de mulheres às ruas durante todo ano de 2018, por diversas vezes, numa demonstração de um fôlego adquirido de maneira coletiva que foi capaz de promover "uma mudança qualitativa nos calendários patriarcais pós-ditatoriais desde o começo de século, a partir das denúncias de assédio nas ruas e de abuso sexual nos claustros universitários" " (OYARZÚN, 2018, p. 96) . O *Mayo Feminista* é o conjunto dessas mobilizações em seu aspecto narrativo, em seu caráter participativo e em suas propostas estéticas.

Nelly Richard avalia que o *Mayo Feminista* reanimou um movimento estudantil que

parecia limitado em inspiração, repetitivo em suas consignas, sem vitalidade e imaginação suficientes para renovar suas investidas contra o sistema de educação superior que, apesar de ter sido interpelado pela agitação das marchas, insistia em razões e atitudes que não aceitavam se inquietar por nenhum tumulto cidadão (...). As estudantes e o feminismo, as estudantes feministas, reanimaram o movimento estudantil dando a ele um novo sopro de energia e criatividade que alcançou uma propagação social nunca vista. (RICHARD, 2019, p. 112)

O slogan "educação pública gratuita e de qualidade" foi potencializado com o acréscimo da insígnia "não sexista", que, se de fato, já havia aparecido nas manifestações estudantis de 2011, ao longo dos anos foi moldada como uma resposta ao patriarcado, uma vez que era:

¹⁰ Tipo de dança de origem espanhola que chega a América Latina no início do século XX. Com o tempo, a murga agregou elementos de outras culturas, como as de matriz afro.

[uma] crítica teórica, ideológica, política e cultural da sociedade que questiona tanto suas arquiteturas de poderes como os contratos de linguagem e representação com que o masculino-dominante reparte desigualmente valor e sentido segundo os pertencimentos de gênero das identidades sociais. Se trata, então, de um redesenho simbólico que pretende modificar os imaginários culturais da sociedade, afetando a totalidade de suas engrenagens de poder e gênero. (RICHARD, 2019, p. 114).

Goecke (2022, p. 149) também observa que a memória deste protagonismo feminista, que vinha sendo desenvolvido principalmente desde 2006, tem estado constantemente ameaçado de apagamento. As vozes, corpos, produção política e intelectual das feministas que levaram adiante ideias profundas e radicais de mudanças nas estruturas sociais, em um cenário patriarcal e de capitalismo em fase neoliberal, em determinado momento passaram a receber menos atenção que os "*Héroes de la Revuelta*", personagens masculinos¹¹ a representar ambos os espectros políticos em disputa nas ruas e que ganharam visibilidade como símbolo do *estallido social*. Este processo de esquecimento durou até que o coletivo "artista"¹² *Las Tesis* trouxe a público a intervenção artística "*Un violador en tu camino*"¹³, obra baseada no conceito de *mandato da violação*¹⁴ exposto na obra "*Estructuras elementales de la violencia*" da antropóloga feminista Rita Segato (2003) e de outros princípios feministas decoloniais. Inicialmente composta para ser parte de um espetáculo cênico, a performance desempenhou um papel central e organizador do imaginário social da presença feminina e feminista na revuelta. Nas palavras de Sibila Sotomayor, uma das quatro integrantes do coletivo, artista e cientista social, em entrevista para o livro *El Poder Constituyente*,

Quem sabe o que fizemos contribuiu para, como dizem, refrescar ou pôr alguns temas sobre a mesa. Mas isso não podemos afirmar. Acreditamos, sim, e tenho conversado entre minhas companheiras,

¹¹ Os *carabineiros* montados em seus cavalos, o cachorro que se tornou mascote dos revoltosos e os jovens revoltosos fotografados com seus rostos cobertos e dorsos nus, atacando os carros de jato de água com pedras retiradas do próprio asfalto, reforçavam o imaginário de que o *estallido social* era uma manifestação masculina.

¹² Artivismo é o nome dado a produções criativas de indivíduos ou coletivos que recorrem a estratégias simbólicas, estéticas, artísticas produzidas para denunciar problemas sociais e políticos junto à sociedade.

¹³ A performance do colectivo Las Tesis "Un violador en tu camino" está publicado em Colectivo Registro Callejero. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>. Acessado em 16 dez. 2022.

¹⁴ Ao relacionar histórias locais e projetos globais de poder, Rita Segatto afirma que a violação sexual é um mandato necessário à reprodução da hierarquização das relações de gênero.

é que, em respeito às demandas feministas, foi uma maneira de colocá-las em um lugar de protagonismo que não estavam tendo. (ENSINA, C; CAVIEDES, S; 2022, p. 112)

A potência artística dessa obra está em se referir direta e contundentemente às instituições do Estado como principais perpetradores -diretamente ou pela omissão- das violências sexistas que vitimizam meninas, mulheres, corpos feminilizados e/ou dissidentes. A obra aponta o vitimador e culpabiliza as estruturas político patriarcais - como o Congresso Nacional, a Presidência da República, os operadores do sistema judiciário e de segurança pública, como juízes e policiais, como autores das principais violações contra a mulher:

[n]ão só por não protegerem [as mulheres], por não entregarem justiça nem reparação, por não educar contra a violência, mas também por executarem atos de violência política de conotação sexual, violência de gênero direta e sistematicamente através de seus órgãos repressivos. (GOECKE, 2022, p. 149)

Concluindo, este tópico buscou sistematizar momentos emblemáticos da trajetória do movimento feminista chileno contemporâneo, aglutinando leituras que elencam elementos que podem explicar o protagonismo feminista na propositura de se repensar a ordem social, política e econômica vigente no país, o que inclui as demandas advindas dos movimentos de rua por uma nova constituinte.

De forma a complementar a trajetória narrada quanto ao movimento social feminista, o próximo tópico fará um recorrido das principais conquistas legislativas recentes para as questões de gênero no Chile.

2.3 A evolução legislativa da participação política feminina no Chile

As mulheres chilenas obtiveram, nos últimos anos, leis assecuratórias de seus direitos em matéria de trabalho, tutela em razão da violência contra a mulher, a não discriminação, dentre outros assuntos.¹⁵ Entende-se que a institucionalização de demandas de diferentes temas de grupos sociais minorizados, como o de mulheres, por meio da criação de leis e outros atos normativos, foi um avanço importante, pois solidifica e consolida a conquista de direitos, evitando retrocessos. Além disso, a positivação de direitos evidencia avanços obtidos nas lutas de movimentos sociais, dentre outros possíveis fatores cumulativos.

Com relação ao tema da participação política das mulheres - de nosso particular interesse neste artigo - é possível identificar avanços gradativos na seara legal. Inicialmente, foi reconhecida sua institucionalidade (mediante a criação de Ministério destinado às relações de gênero). Mais tarde, notaram-se progressos quanto à paridade de gênero para candidaturas políticas. As etapas serão descritas com maiores detalhes adiante. Da análise dessas etapas, denota-se que a legislação que reconhece direitos para a perspectiva de gênero no Chile tanto no campo político como em outros temas tem sido gradativa e, de modo geral, teve um movimento ascendente.

Dentro deste contexto, tem-se que a conquista que garantiu a paridade de participação entre homens e mulheres na Convenção Constitucional no âmbito do processo constituinte chileno (2021 - 2022) não pode ser considerada como evento isolado, mas sim resultado de uma série de reformas graduais e assecuratórias dos direitos de participação das mulheres.

¹⁵ Para mais informações, acessar a página: https://www.bcn.cl/boletines/ver_mas.html?id=4709&id_boletin=12&nro_boletin=21. Acesso em 12.11.2021.

Partindo desta premissa, de forma a compreender a trajetória percorrida até se garantir a paridade de participação de homens e mulheres na Convenção Constitucional, entende-se adequada a análise das alterações legislativas no tema da participação política das mulheres chilenas.

Inicialmente, no ano de 2015, durante o segundo governo de Michelle Bachelet, foi criado o Ministério da Mulher e da Equidade de Gênero, por meio da publicação da Lei 20.820 de 2015¹⁶ no Diário Oficial de 20 de março de 2015. Esta pode ser considerada uma medida inicial responsável por conceder maior visibilidade às demandas de gênero no campo político institucional do país. Dentre outras coisas, a lei estabelece que caberá ao Ministério planejar e desenvolver políticas e medidas destinadas a favorecer a plena participação política das mulheres (artigo 2º), disposição fortalecida no art. 3º, b, ao agregar que a igualdade de participação entre homens e mulheres deve ser considerada no âmbito de cargos eletivos e funções públicas.

Ainda no mesmo ano de 2015, mediante a mesma Lei 20.840 de 2015, foram criados mecanismos de fomento até o ano de 2029 para os partidos políticos que consigam eleger mulheres nos cargos de deputadas e senadoras. O artigo agrega que os recursos podem ser empregados pelos partidos em programas de incentivo à participação de mulheres na política.

Anos mais tarde, no âmbito das discussões sobre o novo processo constituinte, sobreveio a Lei 21.216 de 2020, publicada no Diário Oficial em 24 de março de 2020, quando nas ruas chilenas as manifestações - ininterruptas desde o *estallido social*, em outubro de 2019 - começavam a diminuir em razão do avanço da pandemia da Covid-19. A nova lei reformou a Constituição chilena de 1980 de forma a garantir, dentre outras coisas, a paridade nas candidaturas e eleições de mulheres e homens que conformam a Convenção Constituinte, órgão responsável pela redação da nova Constituição.

¹⁶ A Lei 20.820 está disponível em: <<https://www.bcn.cl/levchile/navegar?idNorma=1075613>>. Acesso em 20 jul. 2021

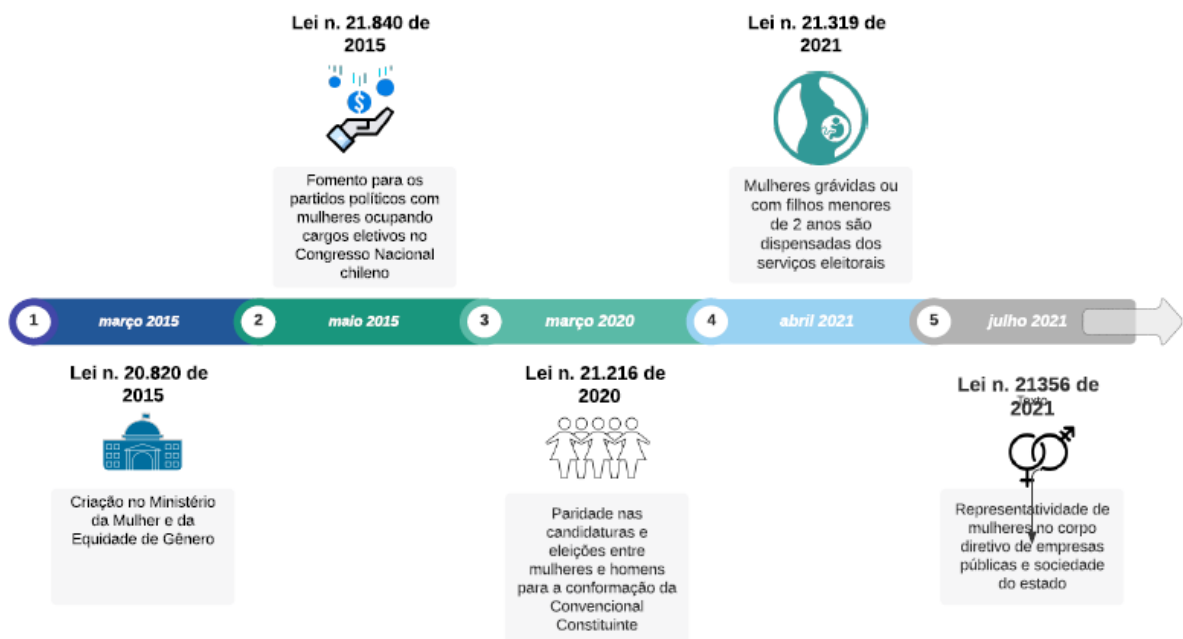
Posteriormente, em 2021, a Lei 21.319, determinou que mulheres grávidas ou com filhos menores de 2 anos, sob seus cuidados, estão dispensadas dos trabalhos eleitorais (mesárias e outros). Trata-se de medida relevante para se sopesar, pois reconhece que a participação feminina, incluindo como tal o trabalho nas eleições, deve considerar as condições particulares que possuam ou nas quais se encontrem as mulheres.

Por fim, a Lei 21.35 de 2021 trouxe dispositivo a favor da representatividade de mulheres no corpo diretivo de empresas públicas e sociedade do estado, ao determinar que pessoas de um mesmo gênero não possam extrapolar 60% do diretório dessas entidades.

Abaixo **(Figura 1)**, a linha do tempo sumariza as mudanças legislativas no campo da participação tratadas acima:

Figura 1 - Linha do tempo das mudanças legislativas sobre participação política das mulheres no Chile

Evolução legislativa da participação política feminina no Chile



Fonte: Elaboração própria (2021).

Da análise da evolução legislativa, é possível inferir que houve um longo percurso de conquistas gradativas no tema da participação política feminina no Chile.

Ainda sobre os avanços no campo legal, cumpre salientar que a conquista de espaço político pelas mulheres deve ser considerada dentro de um cenário mais amplo. Sobre isso, ressalta-se que o advento da Lei 21.216/2020, que garante paridade de gênero no processo constituinte, nasce no mesmo contexto em que outros grupos historicamente excluídos dos processos de decisão sobre o país também conseguiram avanços legislativos que visam uma participação mais equitativa. Destacam-se os povos originários que conquistaram a garantia de 17 (dezessete) cadeiras a serem ocupadas por seus representantes na Convenção Constitucional (Lei 21.298 de 2020). Ainda, a mesma Lei, em seu artigo 47, trata da reserva de 5% das candidaturas partidárias ou de coligações partidárias para candidatos portadores de deficiência.

3 Considerações finais sobre a experiência chilena: legados e aprendizados para os países da América Latina.

O movimento feminista chileno teve novo impulso a partir de 2010, quando politizar a violência contra meninas e mulheres mostrou-se dispositivo narrativo e operativo eficaz para qualificar e potencializar o alcance de demandas populares específicas a partir do recorte de gênero. Como exemplo, temos o caso do clamor do movimento estudantil por educação pública, gratuita e de qualidade, ao que as estudantes secundaristas e universitárias que integravam o movimento ativamente, acrescentaram que a educação deveria ser igualmente não sexista.

O multitudinário e transnacional movimento “*Ni una a Menos*” foi de particular relevância ao promover um profícuo diálogo entre o movimento feminista chileno e a população pertencente a setores desassistidos da sociedade. Em assembleias e encontros presenciais, produziram

coletivamente um mapeamento social da “heterogeneidade do trabalho em perspectiva feminista” (GAGO, 2019, p.85) e, assim, vincularam a violência patriarcal às dinâmicas “do extrativismo literal, praticado sobre as matérias-primas, e o extrativismo das finanças, praticado sobre a população considerada ‘excluída’ ” (ibidem).

As violências sofridas pelas mulheres se tornaram um dispositivo coletivo de análise política da realidade social e, ao lado do pensamento feminista decolonial, deu novo significado às manifestações contra desigualdades nas relações de gênero, o que impactou na formulação e implementação de políticas para as mulheres, especialmente leis e regulamentos para garantir participação política igualitária.

Uma nova geração de lideranças feministas recorreu a práticas criativas de protesto, ao mesmo tempo que renovou os expedientes usados por gerações anteriores (greves, marchas, etc.), em gestos valorativos da memória das mulheres vítimas da ditadura militar do país. Assim, o movimento feminista no Chile soube evidenciar um ciclo histórico no qual as violências contra meninas, mulheres e dissidências estão entrelaçadas com todas as formas de exploração do trabalho precário, doméstico, informal que é realizado por mulheres, imigrantes, pessoas empobrecidas e dissidências sexuais.

A performance “Un violador en tu camino”, do coletivo *artista* ‘Las Tesis’, destacou com força a violência sexista e misógina cometida pelas estruturas patriarcais das instituições públicas e permitida pelo sistema capitalista neoliberal, que limita as funções sociais do Estado e, dessa forma, mantém as hierarquias do sexismo, inclusive porque se beneficia economicamente de tal estrutura. Dentre seus inúmeros méritos estéticos, a performance também foi uma rápida e importante resposta à tentativa de apagamento do protagonismo das mulheres e de suas estratégias de atuação política, de organização e de mobilização no *estallido social*, situando-as como sujeitos políticos demandantes de justiça e não como vítimas a serem reparadas.

O *Mayo Feminista* se tornou importante plataforma de apresentação de um modelo de processo feminista de redesenho da sociedade, e ao usar as denúncias de violência contra as mulheres como estratégia de enfrentamento ao patriarcado, cumpriu seu papel de apresentar um horizonte organizativo e que permite acolher múltiplas realidades. Apesar do fato de o texto constitucional elaborado por princípios de paridade ter sido rejeitado por 62% da população em referendo popular realizado em setembro de 2022, a potência que se insurgiu das mobilizações chilenas a partir de 2018 é continuidade e parte do mesmo processo no qual a Convenção Constituinte se envolveu. Processo que, de resto, ainda não se encerrou.

4 Referências

ALVAREZ, Sônia. **Protestos: provocaciones teóricas desde el feminismo**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, n. 44, 1-11 dez. 2020, Conferência virtual. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ge-lpcMp7TI&list=PLp6VT-kihN-bvIT00WJkfK6_VbdVaiaMu&index=18. Acesso em: 30 jan. 2022.

CASALS, Marcelo; ESTEFANE, Andrés. El “experimento chileno”. Las reformas económicas y la emergencia conceptual del neoliberalismo en la dictadura de Pinochet. 1975-1983. **Revista História Unisinos**, v. 25, n. 2, maio/ago. 2021. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/22375>. Acesso em: 7 set. 2021.

CERDA CASTRO, Karelía. Estallido Social e Historia de las Mujeres: construcción de genealogía política feminista en Chile. **Aletheia**, v. 10, n. 20, p. 1-11, jun.-nov. 2020. <https://doi.org/10.24215/18533701e04>

CHILE. Ley 20.348/2009. **Resguarda el derecho a la igualdad en las remuneraciones.** Santiago, 02 jun. 2009. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1003601>. Acesso em: 17 dez. 2022.

CHILE. Ley 20.820/2015. **Crea el ministerio de la mujer y la equidad de género, y modifica normas legales que indica.** Santiago, 20 mar. 2015. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1075613>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CHILE. Ley 21319/2021. **Modifica el decreto con fuerza de ley n° 2, de 2017, del ministerio secretaría general de la presidencia, que fija el texto refundido, coordinado y sistematizado de la ley n° 18.700, orgánica constitucional sobre votaciones populares y escrutinios, para excusar a las personas que indica de las labores de vocal de mesa.** Santiago, 6 abril 2021. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1157803>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CHILE. Ley 21356/2021. **Establece la representación de género en los directorios de las empresas públicas y sociedades del estado que indica.** Santiago, 03 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1162243CHILE>. Acesso em: 23 jan. 2021

CHILE. Ley n. 20.840/2015. **Sustituye el sistema electoral binominal por uno de carácter proporcional inclusivo y fortalece la representatividad del congreso nacional.** Santiago, 21 abril 2015. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1077039&idParte=9593344>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CHILE. Ley 21.030/2017. **Regula la despenalización de la interrupción voluntaria del embarazo en tres causales.** Santiago, 14 set. 2017.

Disponível em <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1108237>.
Acesso em: 17 dez. 2022.

CHILE. Ley 21.216/2020. **Modifica la carta fundamental para permitir la conformación de pactos electorales de independientes y garantizar la paridad de género en las candidaturas y en la integración del órgano constituyente que se conforme para la creación de una nueva constitución política de la república.** Santiago, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1143661>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CRUZ C., María Angélica et al. Gramáticas del 8M post Estallido Social en Valparaíso: consignas, imágenes y memorias. *In*: GAMBOA M., Dahiana; ARREDONDO G., Emanuel.; CAZORLA B, Ketty (org.). **Chile entre estallidos, revueltas, demandas y pandemias: Reflexiones desde la Cultura Política, Memoria y Derechos Humanos.** 1. ed. Valparaíso: Ediciones Universidad de Valparaíso, 2022. v. 1p. 12–37.

CRUZ, Maria Angélica. Memorias en movimiento: poner el cuerpo en las manifestaciones y marchas de Valparaíso (2016-2020). *In*: SALOMONE, Alicia (org.). **Memorias culturales y urgencias del presente.** Prácticas estético-políticas en Chile, Argentina, Uruguay y Colombia. 1. ed. Buenos Aires: O Corregidor, 2022. p. 221–246.

DIETZ, Ana López; HINER, Hillary. ¡Nos quitaron tanto que nos quitaron hasta el miedo! Acción colectiva, emociones, repertorios y marcos estratégicos del Tsunami Feminista de 2018 em Chile. **Revista Páginas**, 2022. DOI: 10.35305/rp.v14i35.644.

ENCINA, Carlos Ruiz; CAVIEDES, Sebastián. **El Poder Constituyente de la Revuelta Chilena.** 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022.

ESTEVEZ, A. O Estallido Social chileno e ação política feminista: entrevista com Alondra Carrillo, porta-voz da Coordenadoria Feminista 8M de

Santiago/Chile. **Cadernos de Género e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 134-158, 2020. DOI: 10.9771/cgd.v6i3.36841.

FOLLEGATI MONTENEGRO, Luna. El feminismo se ha vuelto una necesidad: movimiento estudiantil y organización feminista (2000-2017). **Anales de la Universidad de Chile**, [S. l.], n. 14, p. 261-261, 2018. DOI: 10.5354/0717-8883.2018.51156.

GAGO, Verônica. **La Potência Feminista: o el deseo de cambiarlo todo**. Madrid: Traficantes de sueños, 2019.

GOECKE, Ximena. ¡Arriba las que luchan! Feministas y discursos en la revuelta. In: GANTER, Rodrigo; ZARZURI, Raúl; HENRÍQUEZ, Karla; GOECKE, Ximena (org.). **El Despertar Chileno**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2022. v. 1p. 456. Disponible em: <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2022/03/El-despertar-chileno.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

JOIGNANT, Alfredo, et al., **Informe Anual Observatorio de Conflictos 2020**. [s.l]: Centro de Estudios de Conflicto y Cohesión Social. out. 2020. Disponible em: <https://coes.cl/wp-content/uploads/Informe-Anual-Observatorio-de-Conflictos-2020-COES.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

LAMADRID ALVAREZ, Silvia ; BENITT NAVARRETE, Alexandra. **Cronología del movimiento feminista en Chile 2006-2016**. Revista Estudios Feministas, [S. l.], v. 27, n. 3, 2019. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n354709.

MAIRA, Gloria; HURTADO, Josefina; SANTANA, Paula. **Rede Chilena Contra la Violência Hacia las Mujeres**, Posicionamientos Feministas Sobre el Aborto en Chile, 2010. Disponible em <http://www.nomasviolenciacontramujeres.cl/aborto/>. Acesso em: 30 ago 2022.

OYARZÚN, Kemy. Mayo 2018: feminismos en clave descolonial. *In: **Mayo Feminista. La Rebelión Contra el Patriarcado.*** Santiago: LOM Ediciones, 2019. p. 99-113.

RICHARD, Nelly. La insurgencia feminista de mayo 2018. *In: ZERÁN, Faride (org.). **Mayo Feminista. La Rebelión Contra el Patriarcado.*** Santiago: LOM Ediciones, 2019. p. 112-122.

SAAVEDRA, Valentina; TORO, Javiera. La revuelta feminista: de la lucha de las mujeres a la lucha por una nueva sociedad. *In: ZERÁN, Faride (org.). **Mayo Feminista. La Rebelión Contra el Patriarcado.*** Santiago: LOM Ediciones, 2019. p. 132-142 .

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia.** Bs. Aires: Ed. Bernal/Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

TRONCOSO PÉREZ, Lelya; FOLLEGATI, Luna; STUTZIN, Valentina. Más allá de una educación no sexista: aportes de pedagogías feministas interseccionales. **Pensamiento Educativo, Revista de Investigación Latinoamericana (PEL)**, [S. l.], v. 56, n. 1, p. 1-15, 2019. DOI: 10.7764/PEL.56.1.2019.1.

UBILLA, Sofía Schuster; PÉREZ, Antonia Santos; LEIBE, Lucía Miranda; LÓPEZ, Beatriz Roque; ARCE-RIFFO, Javiera; VERA, Evelyne Medel. **Revista Iberoamericana**, [S. l.], p. 223-245, 2019. DOI 10.18441/ibam.19.2019.72.223-245.

UNIDAD SOCIAL et al. **Demandas prioritarias y propuestas para un Chile diferente: sistematización de 1.233 cabildos ciudadanos.** Santiago (Chile) Unidad Social. 2021. DOI: <https://doi.org/10.34720/wk9d-dp94>



LA TRAYECTORIA DEL MOVIMIENTO SOCIAL FEMINISTA Y DE LAS CONQUISTAS JURÍDICAS HASTA LA PARIDAD DE GÉNERO EN LA CONVENÇÃO CONSTITUCIONAL CHILENA

*A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA E DAS CONQUISTAS
JURÍDICAS ATÉ A PARIDADE DE GÊNERO
NA CONVENCIÓN CONSTITUCIONAL CHILENA*

*THE TRAJECTORY OF THE FEMINIST SOCIAL MOVEMENT AND LEGAL
ACHIEVEMENTS TOWARDS GENDER PARITY IN THE
CONSTITUENT PROCESS OF CHILE*

Paloma Gerzeli Pitre¹ 

Ana Paula Galvão² 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumen: En este artículo analizamos el proceso de interpelación de las mujeres a la Asamblea Constituyente de Chile como resultado de la movilización y la formación política durante años de lucha por los derechos. El punto de partida de este estudio es la primera movilización de estudiantes de secundaria, en 2006, finalizando con los hechos del *Mayo Feminista*, en 2018, cuando se aprobó un proceso constituyente. Se destaca en este trabajo la centralidad del pensamiento, la acción y la lucha de las mujeres y del feminismo chileno, pues aquí demostramos cuánto tuvo un impacto concreto la lucha permanente de las mujeres contra las estructuras patriarcales de la sociedad y, principalmente, contra las instituciones del Estado. El resultado fue la participación de las mujeres en la Convención Constituyente en términos paritarios con los hombres. Las

¹ Mestre em Ciências sociais pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM-USP) (2022), tendo estudado o processo constituinte chileno (2020 - 2021) e suas interseções com o novo constitucionalismo latino-americano. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016). Pesquisadora do NUPEDELAS/USP com experiência em direitos humanos e sustentabilidade. Atualmente é consultora na União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN). *E-mail:* palomagpitre@gmail.com

² Mestranda em Ciências sociais pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM-USP). Estuda a interação das artes visuais e os avanços dos Direitos Sexuais e Reprodutivos na Argentina e no Chile. Especialista em Gestão Cultural pelo CELACC-Centro de Estudos Latino-Americano da USP e graduada em Comunicação Social-Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade. *E-mail:* anapaulagalvao@usp.br

premisas de este trabajo se sustentan en una revisión de las principales leyes para la equidad en las relaciones de género, editadas a partir de 2015. Además del análisis de la legislación y normas, finalmente realizamos una consulta bibliográfica sobre el movimiento de mujeres y feministas en perspectiva histórica. Se concluye que el modelo paritario de la Asamblea constituyente es parte de un proyecto de construcción colectiva feminista de la sociedad, luego de la politización de la violencia vivida contra las mujeres.

Palabras clave: Participación política; Derechos de las mujeres; Convención Constitucional chilena; *estallido social*; movimiento feminista en Chile.

Resumo: Neste artigo analisamos o processo de interpelação das mulheres à Assembleia Constituinte chilena como resultado da mobilização e da formação política ao longo de anos de luta por direitos. O marco inicial deste estudo é a primeira mobilização dos estudantes secundaristas, em 2006, findando nos acontecimentos do *Mayo Feminista*, em 2018, quando da aprovação de um processo constituinte. Destaca-se neste trabalho a centralidade do pensamento, ação e luta das mulheres e do feminismo chileno, pois aqui demonstramos o quanto a luta permanente das mulheres contra as estruturas patriarcais da sociedade e, principalmente, contra as instituições estatais. O resultado foi a participação das mulheres na Convenção Constituinte em termos paritários com os homens. As premissas deste trabalho se sustentam numa revisão das principais leis para a equidade nas relações de gênero, editadas a partir de 2015. Além da análise da legislação e de normas, realizamos, finalmente, uma consulta bibliográfica sobre o movimento de mulheres e feministas numa perspectiva histórica. Conclui-se que o modelo paritário da Assembleia constituinte é parte de um projeto de construção coletiva feminista da sociedade, após a politização da violência vivenciada contra as mulheres.

Palavras chave: Participação política; Direitos das mulheres, Convenção Constitucional chilena; *estallido social*; movimento feminista no Chile.

Abstract: This article looks back on recent events in Chile's political and social history that would have created a suitable environment for the formation of an unprecedented model of Constituent Assembly, marked by the centrality of the feminist thought and movement that became more radically present since the "*MayoFeminista*", which took place in May 2018, when university and high school students rose denouncing the patriarchal violence that lived within the walls of educational institutions. A review of the laws for gender equality in political participation that were edited in the country from 2015 onwards and consultation of the bibliography that critically analyzes the social movements of contemporary women and feminists were the tools used for the analysis presented here. In the end, it

is concluded by the importance of the presence of feminists for the construction of a broadly egalitarian Chilean society.

Key-words: Political participation; Women rights; Chilean Constituent process; estallido social; Feminist movement in Chile

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196649](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196649)

Recebido em: 13/04/2022
Aprovado em: 27/12/2022
Publicado em: 31/12/2022

1 Introducción

Desde octubre de 2019 hasta mediados de marzo de 2020, las calles de Santiago (Chile) fueron escenario de grandes manifestaciones organizadas por mujeres, con pautas feministas, pueblos indígenas, con demandas por el reconocimiento de más autonomía, jubilados, en busca de pensiones dignas y, finalmente, estudiantes, luchando por una educación gratuita, pública y de calidad.

Estas manifestaciones, que luego se repartieron por otras ciudades del país, fueron conocidas como *estallido social*.

De hecho, el *estallido social* no fue un acontecimiento puntual en la historia de Chile, sino el resultado de la insatisfacción social generalizada que se acumulaba en el país a lo largo de las últimas décadas. Luego, el *estallido* es fruto de luchas de años anteriores contra las reformas neoliberales implementadas en el país desde la dictadura militar de Pinochet (CASALS; ESTEFANE, 2021). Es posible mencionar que algunos de los movimientos sociales más importantes que influyeron para el *estallido* fueron la Revolución Pingüina de 2006, el movimiento "No + AFP" entre 2016 y 2017, y las movilizaciones feministas de 2018.

Entre las demandas del *estallido social*, una reivindicación fue ganando destaque político progresivamente: el imperativo de reemplazar la Constitución de 1980 - elaborada durante la dictadura militar pinochetista - por medio de la instalación de una Convención Constitucional que fuera capaz de incorporar de mejor manera las ansias

populares y promover transformaciones estructurales en la sociedad, garantizando, de forma más efectiva, derechos sociales y políticos a la sociedad chilena.

Respecto a la diversidad de pautas en las calles durante el *estallido*, el informe "Demandas prioritarias y propuestas para un Chile diferente" (UNIDAD SOCIAL et al, 2021) trae un sondeo de las grandes peticiones sociales del país. A partir de consultas realizadas por doce universidades de Chile, entre octubre de 2019 y marzo de 2020, la encuesta identificó un total de 1.233 propuestas de ciudadanas y ciudadanos, el pueblo reunido en cabildos (consejos participativos) instalados en distintas regiones del país.

En el documento, las demandas más frecuentes abordaban los siguientes aspectos: educación (73%), nueva constitución (70%), pensiones (69%), salud (68%), empleo y trabajo (37%), medio ambiente (45%), y cambios del modelo socioeconómico y político (38%) (UNIDAD SOCIAL et al., 2021). Un tema especialmente importante para los fines de este artículo también aparece en el informe: la igualdad desde el punto de vista de las relaciones de género (11%).

En el tópico de los Resultados, el documento concluye que "de forma transversal, las demandas se vinculan a la vida digna, a las garantías de la universalidad, protección social y equidad en derechos fundamentales como educación, salud y trabajo, entre otros/as" (UNIDAD SOCIAL et al., 2021, p. 13). Además, reitera que tales cuestiones deberían estar incorporadas en una nueva Constitución construida a través de una Asamblea Constituyente inclusiva con participación de sectores históricamente excluidos de los procesos de decisión, tales como los pueblos indígenas y las mujeres.

Se observa, como resultado, que las diferentes demandas coinciden para repensar un nuevo orden social, económico, político, cultural y ambiental que incluye el fortalecimiento del papel del Estado, la regulación de la participación del sector privado y de la defensa de una ciudadanía amplia y activa.

Pese a la resistencia del gobierno de Sebastián Piñera, en ese entonces en su segundo mandato³, y al perfil de su gestión ultraliberal, contraria al aumento de las funciones sociales del Estado, la permanente presión popular e incluso el riesgo de haber sido emplazado a renunciar⁴, forzaron al presidente, en diciembre de 2019, a convocar un plebiscito constitucional. En ese proceso, la población sería consultada para aprobar, o no, la elaboración de un nuevo texto constitucional y el pueblo tendría la posibilidad de indicar directamente la composición del órgano, esto es, quienes serían los encargados de redactar el texto constitucional.

En el plebiscito, realizado el día 25 de octubre de 2020, el 78,2% de la población votante fue favorable a la redacción de una nueva Constitución. La población también decidió que el texto debería ser escrito por una Convención Constitucional, formada por miembros específicamente electos por el pueblo para esta función. La elección sobre la composición del órgano fue igualmente una conquista de las fuerzas populares, teniendo en vista que se optó por la propuesta con mayor participación popular - representantes elegidos directamente para la tarea de redactar la Nueva Constitución -, y se derrotaba la propuesta contraria, de tener una Convención Mixta Constitucional, en la cual sólo la mitad sería elegida específicamente para esta función, mientras que la otra mitad sería compuesta por miembros del Poder Legislativo.

Algunos meses más tarde, en mayo de 2020, se eligieron los miembros que compondrían la Convención Constituyente. En aquella oportunidad, hubo una victoria expresiva de candidaturas independientes, sin afiliación a partidos políticos, y de oposición al gobierno de Piñera⁵. Además, los candidatos y candidatas de coligaciones de derecha no

³ Sebastián Piñera fue presidente de Chile en dos mandatos no seguidos. El primero entre 2010 y 2014, y el segundo entre 2018 y 2021

⁴ Al principio, el presidente Piñera fue contra la nueva Constitución. Con el aumento de los movimientos de la calle a partir del estallido social, y la fuerza que ganaron las demandas por un nuevo texto constitucional, las presiones para la renuncia de Piñera al cargo de Presidente de la República también se fueron radicalizando. En este contexto, la resistencia del gobierno en atender al grito de las calles fue derrotada.

⁵ De los 155 convencionales elegidos, la coalición oficialista y los partidos de base del gobierno lograron apenas 54 escaños. El resto fue para los pactos de representaciones independientes – apartidarias o en agrupaciones ciudadanas- o partidos de oposición al gobierno.

lograron el número de elegidos necesarios para tener el poder de veto en el órgano constituyente.

Otra característica del proceso constituyente fue la inclusión de grupos históricamente excluidos de los procesos decisivos. Así, como veremos en detalle más adelante, durante el año 2020 fue editada una ley garantizando la participación de pueblos indígenas en el órgano constituyente, y reservando un porcentaje obligatorio de candidaturas para personas con discapacidad. Especialmente importante fue la aprobación y garantía jurídica de paridad de género en la composición del órgano constituyente. En julio de 2021, fue elegida una mujer indígena mapuche, Elisa Loncón, para presidir los trabajos de la Convención Constituyente⁶ lo que tuvo un carácter simbólico fundamental para coronar el movimiento iniciado en el *estallido*.

A continuación, analizaremos el *estallido social* en clave feminista, con el propósito de destacar la actuación política de las mujeres en los acontecimientos principales que antecedieron este episodio, partiendo del presupuesto de que se trata de un acúmulo considerable en el ámbito político e intelectual que dio soporte a las acciones de la constituyente y garantizó a las mujeres el protagonismo necesario como sujetas históricas.

También a esta altura del texto, traeremos consideraciones sobre el Mayo Feminista de 2018 - designación para la serie de manifestaciones y movilizaciones de mujeres contra el sistema patriarcal chileno, pues este mismo contribuyó para que el pensamiento feminista ocupe centralidad inédita en la conducción conceptual y práctica de profundos procesos políticos. Tal movimiento, como se verá, no se terminó con la finalización y posterior derrota (mencionada más adelante) del nuevo texto constituyente.

En un segundo momento será presentada la evolución de las normativas en Chile sobre la inserción de las mujeres en la esfera política.

⁶ Elisa Loncón era también académica y activista del movimiento indígena. Ocupó la presidencia de la Convención por el plazo de seis meses. Como la presidencia del órgano era rotativa, después de este periodo Loncón dejó la presidencia para la nueva elegida, la científica y especialista en salud pública, María Elisa Quinteros.

Se elaboró una línea de tiempo que permitirá verificar el desarrollo del tema desde 2015. Además, el tópico abordará cómo el proceso se relaciona con otras normativas de inserción política de grupos vulnerables del país como pueblos indígenas y personas con discapacidad.

Los datos presentados en este trabajo fueron obtenidos por medio de consulta bibliográfica especializada sobre movimientos sociales recientes en la historia de Chile, principalmente en el análisis y sistematización de interpretaciones sobre el trayecto del movimiento feminista en Chile. También realizamos una revisión de las normativas chilenas en materia de paridad de género en la política, desde el 2015.

2 La trayectoria reciente del movimiento feminista en Chile y sus influencias para el *estallido social*

Evaluaciones recientes de mujeres científicas sociales, historiadoras, educadoras y teóricas latinoamericanas atribuyen a la estrategia de actuación política de los movimientos feministas chilenos el éxito de la conquista de la Convención Constituyente de 2020 y de su carácter mundialmente innovador en relación a la paridad de género y a la participación de pueblos indígenas, una vez que las discusiones sobre las diferencias e inequidades de género pasaron a nortear las directrices en el interior de diversas organizaciones que hicieron parte del *estallido social*. Más específicamente, la incidencia de prácticas y éticas feministas que fueron desarrolladas a partir del enfrentamiento colectivo a la violencia sexual, habrían ampliado la comprensión de la sociedad en relación a la injusticia social y a la desigualdad de relaciones de género⁷ (CRUZ C. et al., 2022; CRUZ, 2022; DIETZ, HINER, 2022; ALVAREZ, 2020; CERDA CASTRO,

⁷ Podemos destacar entre las prácticas y actuaciones éticas: el compromiso colectivo en visibilizar la trayectoria de mujeres víctimas en la dictadura chilena y valorizar su memoria, las ocupaciones creativas de espacios públicos como universidades, colegios, plazas, además de las marchas, los paros y las asambleas de mujeres. En muchos encuentros circulaban ideas y reflexiones de teóricas feministas decoloniales, y las manifestaciones se transformaban en plataformas de distribución simbólica de agendas, con performances artísticas bajo la intención de celebrar la vida de mujeres sobrevivientes de toda especie de violencia machista.

2020; ESTEVEZ, 2020; GAGO, 2019; TRONCOSO PÉREZ; FOLLEGATI; STUTZIN, 2019; RICHARD, 2019; SAAVEDRA, TORO, 2019).

El *estallido social* es el punto culminante de la incidencia feminista en los movimientos sociales en general y cabe destacar que su creciente protagonismo en el rediseño de las estructuras sociales de poder se fue acentuando a partir de las discusiones sobre las relaciones de género que pasaron a integrar de manera más frecuente la política institucional del país, a partir de la elección de Michelle Bachelet en noviembre de 2005 - referencia por lo demás importante, pues fue la primera mujer electa presidenta de Chile.

En su campaña, Bachelet prometió mejorar la calidad de vida de las personas de estratos populares, aumentando las inversiones públicas en servicios de áreas de la salud y la educación. En junio de 2009, la presidenta promulgó la Ley 20.348 para combatir la discriminación de género que afectaba a las mujeres trabajadoras (LAMADRID ALVAREZ; BENNIT NAVARRETA, 2019, p.4). De ese modo, la Ley modificó el Código del Trabajo al prohibir y penalizar la diferencia salarial para cargos de la misma naturaleza y al ofrecer subsidios fiscales a empleadores que promovieran la equidad numérica de género en las empresas⁸.

Meses después de tomar posesión, en mayo de 2006, el escenario político fue sorprendido por la irrupción de las manifestaciones estudiantiles llamadas de *Revolución Pingüina*, hasa entonces mayor evento masivo después de la redemocratización del país, en el cual los y las estudiantes secundaristas recobraron su agenda política, manifestándose bajo insignias que clamaban por educación pública, gratuita y de calidad, lo que "abrió un nuevo periodo político...dentro del cual la acción colectiva feminista ha ido escalando en su masividad y radicalidad". (LAMADRID ALVAREZ; BENNIT NAVARRETA, 2019, p.3)

Al término de su primer mandato en 2010, Michelle Bachelet dejó la presidencia con un 84% de aprobación popular, aún no habiendo atendido

⁸ La Ley 20.348 está disponible en <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1003601> . Acceso 16 dic. 2022.

a las muchas demandas explicitadas por la sociedad chilena, como a las relativas a la no financierización de la educación y a los avances esperados en los derechos sexuales y reproductivos de las mujeres, con destaque al clamor por la descriminalización del aborto (LAMADRID ALVAREZ; BENNIT NAVARRETA, 2019).

La primera gestión neoliberal de Sebastián Piñera (2010-2013) - primer representante de la derecha en asumir el cargo por elecciones democráticas - también fue impactada por las revueltas estudiantiles.

En 2011 los movimientos estudiantiles nuevamente intensificaron sus acciones y demandas y, aunque de forma tardía, los centros y federaciones estudiantiles que articulaban marchas y otras acciones políticas, se volvieron más receptivos a las demandas sobre las relaciones de género (UBILLA, 2019), algo que era posible observar en sus lecturas y proposiciones políticas: "junto a las proclamas que demandaban una educación 'gratuita y de calidad', empezamos a ver carteles que también reclamaban una 'educación no sexista' ". (CRUZ C. et al., 2022, p. 6).

La participación de las mujeres en las manifestaciones estudiantiles tanto en 2006 como de 2011 trajo un fructífero desarrollo para el campo feminista como un todo, comenzando por la feminización de las lideranzas que

se transformaron en nuevas voces en el congreso, en la entonces llamada 'bancada estudiantil', donde surgieron dirigentes importantes del movimiento estudiantil, como Camila Vallejo y Karol Cariola (de militancia comunista); otro hecho de la presencia del feminismo en el movimiento estudiantil fue la presencia de Melissa Sepúlveda en la Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile (FECh 2013-2014), seguida de otras feministas como Camila Rojas, Valentina Saavedra y, por último Emilia Schneider, primera mujer trans y feminista electa presidenta de la FECh (2019-2021) (DIETZ; HINER, 2022, p.96).

Otros desdoblamientos fueron el aprendizaje político colectivo propiciado por el espíritu de asambleas de las manifestaciones estudiantiles y también, la adquisición de habilidad del uso de nuevas herramientas de comunicación como las redes sociales.

El Informe Anual del Observatorio de Conflictos en Chile, COES-2020 realizado por el Centro de Estudios de Conflictos y Cohesión Social, instituto apoyado por la Universidad de Chile y por la Pontificia Universidad Católica de Chile, nos apunta el importante y progresivo crecimiento de las protestas con enfoque en cuestiones de género a lo largo de la primera década del siglo XXI (**Gráfico 1**). En el estudio, base de tal informe, los movimientos sociales con agendas de enfrentamiento a las desigualdades en las relaciones de género fueron tipificados en cuatro categorías: los relativos a la violencia contra la mujer, los relativos a los valores conservadores (demandas que enfrentan la moralidad cristiana: derechos sexuales y reproductivos, divorcio, casamiento entre personas del mismo sexo, etc), los relativos a las minorías (derechos de la comunidad LGBTI) y demandas de interés de las feministas (equidad salarial, cuotas de género, etc) (JOIGNANT et al., 2020, p. 69).

En 2009 eran en total menos de 10 grandes manifestaciones anuales en el grupo de manifestaciones contra las relaciones de género, sumadas todas a las cuatro categorías observadas. El primer gran aumento de las manifestaciones feministas y contra las desigualdades en las relaciones de género ocurrió en 2012, según el informe en la categoría minorías (JOIGNANT et al., 2020). Tal fase corresponde al periodo de conquista de derechos de unión civil de parejas homoafectivas. El próximo salto ocurrió a partir de 2014 con gran concentración en la categoría de valores, llegando al ápice en 2015. Este proceso refleja una mayor movilización del movimiento feminista chileno contra pautas como la prohibición de la venta y distribución de píldoras anticonceptivas de emergencia. En respuesta a estas restricciones, las mujeres ocuparon las calles con el Pildorazo (FOLLEGATI MONTENEGRO, 2018; MAIRA; HURTADO; SANTANA, 2010).

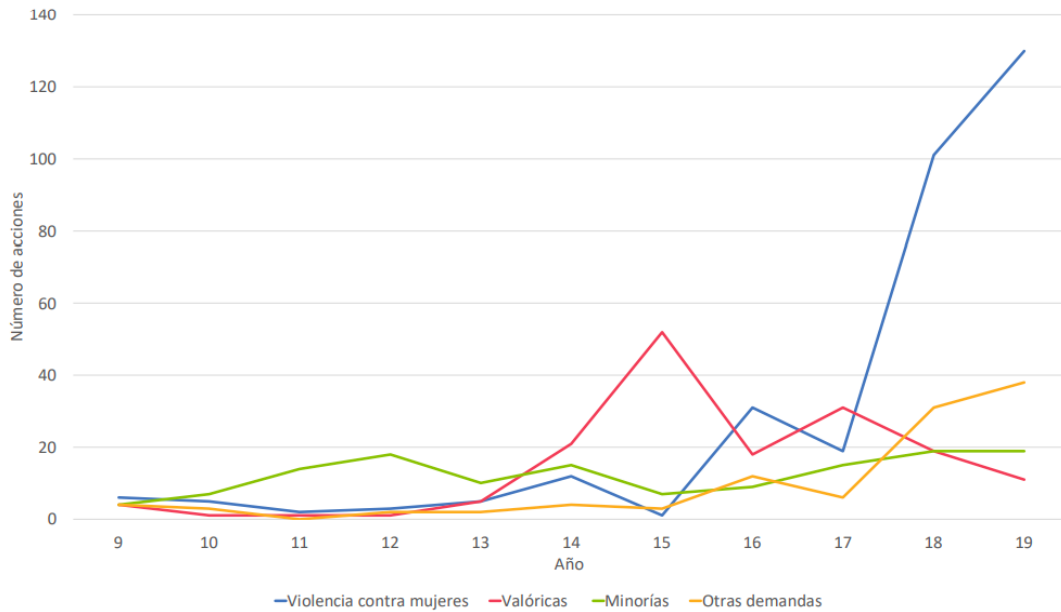
El perfeccionamiento del potencial de organización de las feministas fue direccionado a las luchas por la descriminalización del aborto y por el apoyo al segundo mandato de Michelle Bachelet (2014-2018) para que finalmente hubieran avances en el sentido de garantizar los derechos

sexuales y reproductivos de las mujeres (MAIRA; HURTADO; SANTANA, 2010). Esta presión resultó en la promulgación de la Ley 21.030 el 14 de septiembre de 2017, reglamentando el aborto en tres situaciones: riesgo de vida de la gestante, inviabilidad fetal extrauterina y embarazo por violación.

La aprobación del proyecto de ley en la Cámara de Diputados, en 2016, y después en el Congreso Nacional, en agosto de 2017, fue la primera victoria del movimiento feminista, y explica su expansión en relación a los demás sectores en el año 2017. Es importante destacar que tal crecimiento fue eco también de la Marea Verde argentina, fenómeno social en pro del aborto en el país vecino, que ya se había expandido de forma transnacional, y que fue acogido por los movimientos feministas, no sólo chilenos, sino que de toda la región latinoamericana.

En el año 2016, todavía de acuerdo con el Informe de Observatorio de Conflictos, hubo un aumento acentuado de manifestaciones contrarias a la violencia contra las mujeres, acompañando una vez más las olas feministas transnacionales y multitudinarias de las luchas feministas contemporáneas, como es el caso de Ni una Menos, que surgió en Argentina en 2015 y que encontró en Chile un ambiente político propicio para recibir demandas de combate al feminicidio y a la violencia sexual. Y fue en esta categoría **(Gráfico 1)**, la de violencia contra las mujeres que las calles acogieron 7,5 veces más movilizaciones de mujeres en 2018 que en relación al año anterior (JOIGNANT et al., 2020), reflejando el impacto del Mayo Feminista, también llamado de Tsunami Feminista y de Primavera Feminista.

Gráfico 1 - Cantidad de conflictos en la calle por género, por categoría, por año



Fuente: Informe Anual do Observatório de Conflitos COES, (JOIGNANT et al., 2020, p. 70)

Observar las manifestaciones de contra las relaciones de género del punto de vista cuantitativo nos sirve para dimensionar su impacto y localizar el año 2018 como un importante marco en la historia del feminismo chileno y latinoamericano,

cuando debido a la indignación que provocaron escandalosas denuncias de acoso sexual en las universidades, las estudiantes feministas mantuvieron en “toma” a más de 30 facultades, 15 universidades y algunos emblemáticos liceos en las principales ciudades del país. A la par, rebasaron las calles con innumerables movilizaciones bajo un nuevo repertorio de protesta, reconfigurando otro tipo de liderazgos, feministas y disidentes (CRUZ C. et al., 2022, p. 6).

No obstante, tal cuantificación no explica el impacto subjetivo que la transversalidad del pensamiento y de la práctica feministas comprometidos con una radicalidad democrática haya adquirido junto a otros frentes del *estallido social*, sobretodo junto a la generación sub40 de feministas (GOECKE , 2022, p. 134).

En 2011 los movimientos feministas pasaron a resignificar memorias de militancias feministas históricas vinculadas al combate de la dictadura militar, y sus repertorios de prácticas de protestas y de manifestaciones

(marchas, huelgas, ocupaciones, etc) fueron transformándose en fuente de producción de significados comunes, operando un "ritual creativo que combinó tanto las escenificaciones, murgas⁹, batucadas y distintos tipos de bailes, como cánticos y consignas que apelaban a la memoria de luchas pasadas" (CRUZ, 2022, p. 223).

Este enredo creativo desembocó en un sin número de actividades y movilizaciones políticas como asambleas, huelgas, marchas masivas que fueron tomando cuerpo desde 2017 y fueron responsables por llevar a millones de mujeres a las calles durante el año 2018, por diversas veces en una demostración de resistencia colectiva adquirida de forma conjunta que fue capaz de promover "un cambio cualitativo en los calendarios patriarcales postdictatoriales desde el comienzo de siglo a partir de las denuncias del acoso callejero y del abuso sexual en los claustros universitarios" (OYARZÚN, 2018, p. 96). Mayo Feminista es el conjunto de esas movilizaciones en su aspecto narrativo, en su carácter participativo y en sus propuestas estéticas.

Nelly Richard evalúa que el Mayo Feminista reanimó al movimiento estudiantil, que

parecía corto de inspiración, repetitivo en sus consignas, sin la vitalidad e imaginación suficientes para renovar sus arremetidas contra el sistema de la educación superior que, pese a haberse visto interpelado por la agitación de las marchas, insistía en razones y procedimientos que no aceptaban dejarse conmover por ningún tumulto ciudadano (...). Las estudiantes y el feminismo, las estudiantes feministas, reanimaron el movimiento estudiantil, dándole un nuevo soplo de energía y creatividad que alcanzó una propagación social inaudita (RICHARD, 2019, p. 112).

El slogan "educación pública, gratuita y de calidad" fue potencializado con el aporte de la consigna "no sexista", que, si de hecho, ya había aparecido en las manifestaciones estudiantiles de 2011, a lo largo de los años se conformó como una respuesta al patriarcado, pues era:

[una]crítica teórica, ideológica, política y cultural de la sociedad que cuestiona tanto sus arquitecturas de poderes como los contratos de lenguaje y representación con que lo masculino-dominante reparte desigualmente valor y sentido según las pertenencias de

⁹ Tipo de danza de origen español que llega a América Latina a principios del siglo 20. Con el tiempo, la murga fue agregando elementos de otras culturas, como las de matriz afro.

rediseño simbólico que pretende modificar los imaginarios de la sociedad, afectando la totalidad de sus engranajes de poder y género (RICHARD, 2019, p. 114).

Goecke (2022, p.149) también observa que la memoria de este protagonismo feminista que venía siendo desarrollado principalmente desde 2006 ha estado constantemente amenazado de ser invisibilizado. Las voces, cuerpos, producciones políticas e intelectuales de las feministas que impulsaron las ideas profundas y radicales de transformaciones en las estructuras sociales, en un escenario patriarcal y de capitalismo en fase neoliberal, en determinado momento pasaron a recibir menos atención que los "Héroes de la Revuelta", personajes masculinos¹⁰ que representan ambos espectros políticos en disputa en las calles y que tuvieron visibilidad como símbolo del *estallido social*. Este proceso de olvido duró hasta que el colectivo *artista*¹¹ Las Tesis trajo a público la intervención artística "Un violador en tu camino"¹², obra basada en el concepto de mandato de la violación¹³ expuesto en la obra "Estructuras elementales de la violencia" de la antropóloga feminista Rita Segato (2003) y de otros principios feministas decoloniales. Inicialmente compuesta para ser parte de un espectáculo escénico, la performance desempeñó un papel central y organizador del imaginario social de la presencia feminina e feminista en la revuelta. En las palabras de Sibla Sotomayor, una de las cuatro integrantes del colectivo, artista y científica social, en entrevista para el libro "El poder Constituyente":

Quizás lo que hicimos contribuyó a, como dices, refrescar o poner algunos temas sobre la mesa. Pero no puedo afirmarlo. Lo que sí creemos, y lo hemos conversado con mis compañeras, es que, respecto a las demandas feministas, fue una manera de ponerlas en un lugar de protagonismo que no estaban teniendo. (ENSINA, C; CAVIEDES, S; 2022, p. 112)

¹⁰ Los Carabineros montados en sus caballos, el perro que se volvió mascota de los revoltosos y los jóvenes fotografiados con sus rostros cubiertos y dorsos desnudos, atacando a los carros lanza aguas con piedras retiradas del asfalto, reforzaron el imaginario de que el *estallido social* era una manifestación masculina.

¹¹ *Artivismo* es el nombre dado a producciones creativas de individuos o colectivos que recurren a estrategias simbólicas, estéticas y artísticas para denunciar problemas sociales y políticos junto a la sociedad.

¹² La performance del colectivo Las Tesis "Un violador en tu camino" está publicado por el Colectivo Registro Callejero. Disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>. Acceso 16 dic. 2022.

¹³ Al relacionar historias locales y proyectos globales de poder, Rita Segato afirma que la violación sexual es un mandato necesario para la reproducción de las jerarquías de género.

La potencia artística de esta obra está en referirse directa y contundentemente a las instituciones del Estado como principales perpetradores -directamente o por omisión- de las violencias sexistas que victimizan a jóvenes, mujeres, cuerpos feminilizados y/o disidentes. La obra apunta al victimario y culpabiliza a las estructuras políticas patriarcales - como el Congreso Nacional, la Presidencia de la República, los operadores del sistema judicial y de la seguridad pública, como jueces y policías, como autores de las principales violaciones contra la mujer:

[n]o sólo por no proteger [a las mujeres], por no entregar justicia ni reparación, por no educar contra la violencia, sino también por ejecutar actos de violencia política de connotación sexual, violencia de género directa y sistemáticamente a través de sus órganos represivos (GOECKE, 2022, p.149).

Concluyendo, este tópico buscó sistematizar momentos emblemáticos de la trayectoria del movimiento feminista chileno contemporáneo, agrupando lecturas que relacionan elementos que pueden explicar el protagonismo feminista en la propuesta de repensar el orden social, político y económico vigente en el país, lo que incluye las demandas que vienen de los movimientos de la calle por una nueva Constitución.

A manera de complementar la trayectoria narrada sobre el movimiento social feminista, el próximo tópico hará un recorrido por los principales logros legislativos recientes para las cuestiones de género en Chile.

2.3. La evolución legislativa de la participación política femenina en Chile

Las mujeres chilenas obtuvieron en los últimos años leyes que aseguraron sus derechos en materia de trabajo, tutela en razón de violencia

contra la mujer, la no discriminación, entre otros asuntos¹⁴. Se entiende que la institucionalización de las demandas de diferentes temas de grupos sociales minorizados como mujeres, por medio de la creación de leyes y otros actos normativos, fue un avance importante, pues solidifica y consolida la conquista de derechos, evitando retrocesos. Además de eso, la positivación de derechos coloca en evidencia conquistas obtenidas en las luchas de los movimientos sociales, entre otros posibles factores acumulativos.

Con relación al tema de la participación política de las mujeres - de nuestro particular interés en este artículo - es posible identificar avances graduales en el ámbito legal. Inicialmente, fue reconocida su institucionalidad (por medio de la creación de un Ministerio destinado a las relaciones de género). Más tarde, se notaron avances en cuanto a la paridad de género para candidaturas políticas. Las etapas serán descritas en detalle más adelante. Del análisis de estas etapas se denota que la legislación que reconoce derechos para la perspectiva de género en Chile tanto en el campo político como en otros temas ha sido gradual y, de modo general, tuvo un movimiento de ascensión.

Dentro de este contexto, se considera que la conquista que garantizó la paridad de participación entre hombres y mujeres en la Convención Constitucional en el ámbito del proceso constituyente chileno (2021-2022) no puede ser considerada como un evento aislado y si resultado de una serie de reformas graduales y aseguradoras de los derechos de la participación de las mujeres.

Partiendo de esta premisa, a modo de comprender la trayectoria recorrida hasta la garantía de paridad de participación de hombres y mujeres en la Convención Constitucional, se entiende como adecuado el análisis de las alteraciones legislativas en el tema de la participación política de las mujeres chilenas.

¹⁴ Para más informaciones, acceder a la página: https://www.bcn.cl/boletines/ver_mas.html?id=4709&id_boletin=12&nro_boletin=21. Acceso 12 nov. 2022.

Inicialmente en el año 2015, durante el segundo gobierno de Michelle Bachelet fue creado el Ministerio de la Mujer y la Equidad de Género, a través de la publicación de la Ley 20.820 de 2015¹⁵ en el Diario Oficial de marzo de 2015. Esta puede ser considerada una medida inicial responsable por conceder más visibilidad a las demandas de género en el campo político institucional del país. Entre otras cosas, la ley establece que le cabe al Ministerio planear y desarrollar políticas y medidas destinadas a favorecer la plena participación política de las mujeres (artículo 2), disposición fortalecida en el artículo 3, inciso b, al agregar que la igualdad de participación entre hombres y mujeres debe ser considerada en el ámbito de cargos electivos y funciones públicas.

Aún todavía en el mismo año de 2015, por medio de la misma Ley 20.840 de 2015, fueron creados mecanismos de fomento hasta el año 2019 para que los partidos políticos logren elegir mujeres en cargos de diputadas y senadoras. El artículo agrega que los recursos pueden ser empleados por los partidos en programas de incentivo a la participación de mujeres en la política.

Años más tarde, en el ámbito de las discusiones sobre el nuevo proceso constituyente, surgió la Ley 21.216 de 2020, publicada en el Diario Oficial el 24 de marzo de 2020, cuando en las calles chilenas las manifestaciones - interrumpidas desde el *estallido social*, en octubre de 2019- comenzaron a disminuir en razón del avance de la pandemia del Covid-19. La nueva Ley reformó las candidaturas y elecciones de mujeres y hombres que forman la Convención Constituyente, órganos responsable por la redacción de la nueva Constitución.

Posteriormente en 2021, la Ley 21.319 determinó que mujeres embarazadas o con hijos menores de 2 años bajo sus cuidados, estarían eximidas de los trabajos electorales (vocales de mesa y otros). Se trata de una medida relevante para sopesar, pues reconoce que la participación femenina, incluyendo como tal el trabajo en las elecciones, debe considerar

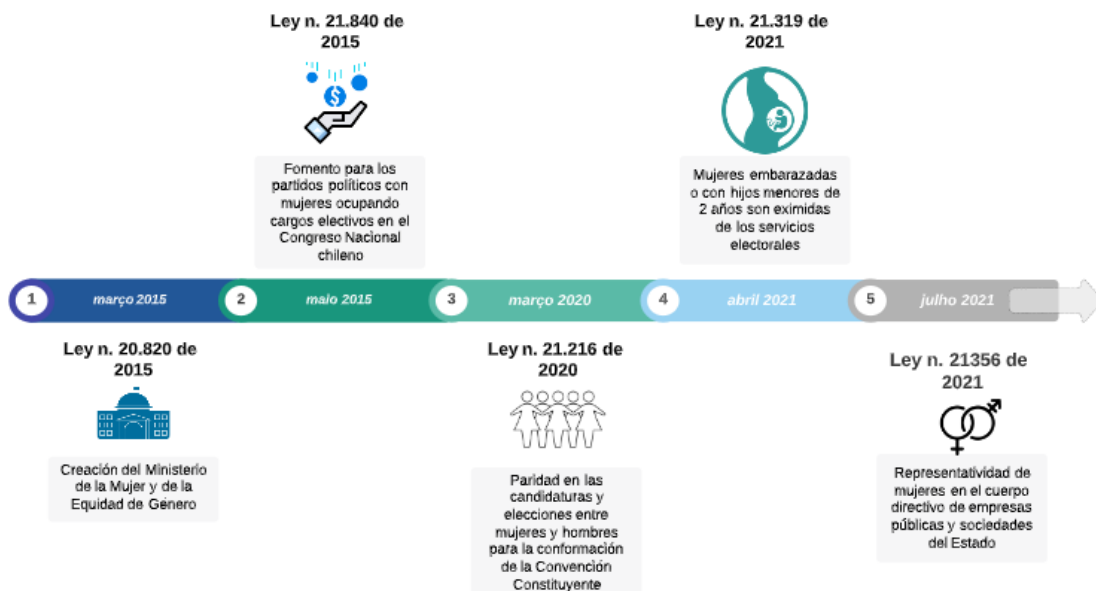
¹⁵ La Ley está disponible en: <<https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1075613>>. Consultado en 20 jul. 2021.

las condiciones particulares que poseen o en las cuales las mujeres se encuentran.

Por fin, la Ley 21.356 de 2021 trajo un dispositivo a favor de la representatividad de mujeres en el cuerpo directivo de empresas públicas y sociedad del Estado al determinar que personas de un mismo género no pueden extrapolar el 60% del directorio de esas entidades.

Abajo (**Figura 1**), la línea del tiempo sistematiza las transformaciones legislativas en el campo de la participación, tratadas anteriormente:

Figura 1 - Línea del tiempo de las transformaciones legislativas sobre la participación política de las mujeres en Chile.



Fuente: Elaboración propia.

Del análisis de la evolución legislativa, es posible inferir que hubo un largo recorrido de logros graduales en el tema de la participación política femenina en Chile.

En relación a los avances en el campo legal, cabe resaltar que la conquista del espacio político por las mujeres debe ser considerada dentro de un amplio escenario. En respecto de esto, se resalta que la

promulgación de la Ley 21.216/2020, que garantiza la paridad de género en el proceso constituyente nace en el mismo contexto que otros grupos históricamente excluidos de los procesos de decisión sobre el país y que también lograron avances legislativos que buscan una participación más equitativa. Se destacan los pueblos indígenas que lograron la garantía de 17 cupos para ser ocupados por sus representantes en la Convención Constitucional (Ley 21.298 de 2020). Además de ello, la misma ley en su artículo 47 se trata de la reserva del 5% de las candidaturas partidarias o de coligaciones partidarias para candidatos con discapacidad.

3 Consideraciones finales sobre la experiencia chilena: legados y aprendizajes para los países de América Latina

El movimiento feminista tuvo un nuevo impulso a partir de 2010, cuando politizar la violencia contra niñas y mujeres se mostró como un dispositivo narrativo operativo y eficaz para calificar y potenciar el alcance de las demandas populares específicas a partir del recorte de género. Como por ejemplo, está el caso de la demanda del movimiento estudiantil por una educación pública y gratuita, a lo que las estudiantes secundaristas y universitarias que integraban el movimiento, agregaron que la educación debería ser igualmente no sexista.

El multitudinario y transnacional movimiento "Ni una a menos" fue de particular relevancia al promover un diálogo fructífero entre el movimiento feminista chileno y la población perteneciente a sectores vulnerables de la sociedad. En asambleas y encuentros presenciales, produjeron colectivamente un mapeo social de la "heterogeneidad del trabajo en perspectiva feminista" (GAGO, 2019, p.85), y así vincularan la violencia patriarcal a las dinámicas "del extractivismo literal, practicado sobre las materias primas, y el extractivismo de las finanzas, practicado sobre la población considerada 'excluida'" (ibidem).

Las violencias sufridas por las mujeres se volvieron un dispositivo colectivo de análisis político de la realidad social, y, al lado del pensamiento feminista decolonial, le dio nuevo significado a las manifestaciones contra las desigualdades nas relações de género, lo que impactó en la formulación e implementación de las políticas para las mujeres, especialmente leyes y reglamentos para garantizar la participación política igualitaria.

Una nueva generación de líderes feministas recurrió a prácticas creativas en protestas, al mismo tiempo que renovó los expedientes usados por generaciones anteriores (huelgas, marchas, etc), como un gesto de valorar la memoria de las mujeres víctimas de la dictadura militar del país. Así, el movimiento feminista en Chile supo evidenciar un ciclo histórico en el cual las violencias contra niñas, mujeres y disidencias están entrelazadas con todas las formas de explotación del trabajo precario, doméstico, informal que es realizado por mujeres, migrantes, personas empobrecidas y disidencias sexuales.

La performance "Un violador en tu camino", del colectivo de *artistas* Las Tesis, destacó de forma contundente las violencias sexistas y misóginas cometidas por las estructuras patriarcales de las instituciones públicas y permitidas por el sistema capitalista neoliberal, que limita las funciones sociales del Estado y, de ese modo, mantiene las jerarquías del sexismo, inclusive porque se beneficia económicamente de tal estructura. Dentro de sus numerosos méritos estéticos, la performance también fue una rápida e importante respuesta a la tentativa de invisibilizar el protagonismo de las mujeres y de sus estrategias de actuación política, de organización y de movilización en el *estallido social*, situándolas como sujetos políticos demandantes de justicia y no como víctimas a ser reparadas.

El Mayo Feminista se volvió importante plataforma de presentación de un modelo de proceso feminista de rediseño de la sociedad, y al usar las denuncias de violencia contra las mujeres como estrategia de enfrentamiento al patriarcado, cumplió su papel de presentar un horizonte organizativo que permite acoger múltiples realidades. A pesar de que el texto constitucional elaborado por principios de paridad fue rechazado por

el 62% de la población en referéndum popular realizado en septiembre de 2022, el poder surgido de las movilizaciones chilenas de 2018 es continuidad y parte del mismo proceso en el que se encuentra la Convención Constituyente. Un proceso que, por lo demás, aún no ha terminado.

4 Referencias

ALVAREZ, Sônia. **Protestos: provocações teóricas desde os feminismos**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, n. 44, 1-11 dic. 2020, Conferencia virtual. 2020. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=ge-lpcMp7TI&list=PLp6VT-kihN-bvIT00WJkfK6_VbdVaiaMu&index=18. Consulta en: 30 ene. 2022.

CASALS, Marcelo; ESTEFANE, Andrés. El “experimento chileno”. Las reformas económicas y la emergencia conceptual del neoliberalismo en la dictadura de Pinochet. 1975-1983. **Revista História Unisinos**. v. 25, n. 2, mayo/ago. 2021. Disponible en: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/22375>. Consulta en: 7 set. 2021.

CERDA CASTRO, Karelía. Estallido Social e Historia de las Mujeres: construcción de genealogía política feminista en Chile. **Aletheia**, v. 10, n. 20, p. 1-11. jun-nov, 2022. <https://doi.org/10.24215/18533701e04>.

CHILE. Ley 20.348/2009. **Resguarda el derecho a la igualdad en las remuneraciones**. Santiago, 02 jun. 2009. Disponible en: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1003601>. Consulta en: 17 dic. de 2022.

CHILE. Ley 20.820/2015. **Crea el ministerio de la mujer y la equidad de género, y modifica normas legales que indica**. Santiago, 20 mar. 2015.

Disponible en: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1075613>.

Consulta en: 23 ene. 2021.

CHILE. Ley 21319/2021. **Modifica el decreto con fuerza de ley n° 2, de 2017, del ministerio secretaría general de la presidencia, que fija el texto refundido, coordinado y sistematizado de la ley n° 18.700, orgánica constitucional sobre votaciones populares y escrutinios, para excusar a las personas que indica de las labores de vocal de mesa.** Santiago, 6 abril

2021. Disponible en: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1157803>.

Consulta en: 23 ene. 2021.

CHILE. Ley 21356/2021. **Establece la representación de género en los directorios de las empresas públicas y sociedades del estado que indica.** Santiago, 03 jul. 2021. Disponible en:

<https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1162243>. Consulta en: 23 ene.

2021.

CHILE. Ley n. 20.840/2015. **Sustituye el sistema electoral binominal por uno de carácter proporcional inclusivo y fortalece la representatividad del congreso nacional.** Santiago, 21 abril 2015. Disponible en:

<https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1077039&idParte=9593344>.

Consulta en: 23 ene. 2021.

CHILE. Ley n. 21.030/2017. **Regula la despenalización de la interrupción voluntaria del embarazo en tres causales.** Santiago, 14 sept. 2017.

Disponible en: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1108237>.

Consulta en: 17 dic. 2022.

CHILE. Ley n. 21.216/2020. **Modifica la carta fundamental para permitir la conformación de pactos electorales de independientes y garantizar la paridad de género en las candidaturas y en la integración del órgano constituyente que se conforme para la creación de una nueva constitución política de la república.** Santiago, 24 mar. 2020. Disponible

en: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1143661>. Consulta en: 23 ene. 2021.

CRUZ C., María Angélica et al. Gramáticas del 8M post Estallido Social en Valparaíso: consignas, imágenes y memorias. *In*: GAMBOA M., Dahiana; ARREDONDO G., Emanuel; CAZORLA B, Ketty (org.). **Chile entre estallidos, revueltas, demandas y pandemias**: Reflexiones desde la Cultura Política, Memoria y Derechos Humanos. 1. ed. Valparaíso: Ediciones Universidad de Valparaíso, 2022. v. 1, p. 12–37.

CRUZ, Maria Angélica. Memorias en movimiento: poner el cuerpo en las manifestaciones y marchas de Valparaíso (2016-2020). *In*: SALOMONE, Alicia (org.). **Memorias culturales y urgencias del presente** - Prácticas estético-políticas en Chile, Argentina, Uruguay y Colombia. 1. ed. Buenos Aires: O Corregidor, 2022. p. 221–246.

DIETZ, Ana López; HINER, Hillary. ¡Nos quitaron tanto que nos quitaron hasta el miedo! Acción colectiva, emociones, repertorios y marcos estratégicos del Tsunami Feminista de 2018 em Chile. **Revista Páginas**, 2022. DOI: 10.35305/rp.v14i35.644.

ENCINA, Carlos Ruiz; CAVIEDES, Sebastián. **El Poder Constituyente de la Revuelta Chilena**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022.

ESTEVEZ, A. O Estallido Social chileno e ação política feminista: entrevista com Alondra Carrillo, porta-voz da Coordenadoria Feminista 8M de Santiago/Chile. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 134–158, 20201. DOI: 10.9771/cgd.v6i3.36841.

FOLLEGATI MONTENEGRO, Luna. El feminismo se ha vuelto una necesidad: movimiento estudiantil y organización feminista (2000-2017). **Anales de la Universidad de Chile**, [S. l.], n. 14, p. 261–261, 2018. DOI: 10.5354/0717-8883.2018.51156.

GAGO, Verônica. **La Potência Feminista: o el deseo de cambiarlo todo**. Madrid: Traficantes de sueños, 2019.

GOECKE, Ximena. ¡Arriba las que luchan! Feministas y discursos en la revuelta. In: GANTER, Rodrigo; ZARZURI, Raúl; HENRÍQUEZ, Karla; GOECKE, Ximena (org.). **El Despertar Chileno** . 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2022. v. 1p. 456. Disponible en: <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2022/03/El-despertar-chileno.pdf>. Consultado en: 10 mar. 2022.

JOIGNANT, Alfredo, et al., **Informe Anual Observatorio de Conflictos 2020**. [s.l]: Centro de Estudios de Conflicto y Cohesión Social. oct. 2020. Disponible en: <https://coes.cl/wp-content/uploads/Informe-Anual-Observatorio-de-Conflictos-2020-COES.pdf>. Consulta en: 17 mar. 2022.

LAMADRID ALVAREZ, Silvia ; BENITT NAVARRETE, Alexandra. **Cronología del movimiento feminista en Chile 2006-2016**. Revista Estudios Feministas, [S. l.], v. 27, n. 3, 2019. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n354709.

MAIRA, Gloria; HURTADO, Josefina; SANTANA, Paula. **Rede Chilena Contra la Violência Hacia las Mujeres**, Posicionamientos Feministas Sobre el Aborto en Chile, 2010. Disponible en: <http://www.nomasviolenciacontramujeres.cl/aborto/>. Consulta en: 30 ago. 2022.

OYARZÚN, Kemy. Mayo 2018: feminismos en clave descolonial. In: **Mayo Feminista. La Rebelión Contra el Patriarcado**. Santiago: LOM Ediciones, 2019. p. 99-113.

RICHARD, Nelly. La insurgencia feminista de mayo 2018. In: ZERÁN, Faride (org.). **Mayo Feminista. La Rebelión Contra el Patriarcado**. Santiago: LOM Ediciones, 2019. p. 112–122.

SAAVEDRA, Valentina; TORO, Javiera. La revuelta feminista: de la lucha de las mujeres a la lucha por una nueva sociedad. In: ZERÁN, Faride (org.). **Mayo Feminista. La Rebelión Contra el Patriarcado**. Santiago: LOM Ediciones, 2019. p. 132-142 .

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia**. Bs. Aires: Ed. Bernal/Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

TRONCOSO PÉREZ, Lelya; FOLLEGATI, Luna; STUTZIN, Valentina. Más allá de una educación no sexista: aportes de pedagogías feministas interseccionales. **Pensamiento Educativo, Revista de Investigación Latinoamericana (PEL)**, [S. l.], v. 56, n. 1, p. 1-15, 2019. DOI: 10.7764/PEL.56.1.2019.1.

UBILLA, Sofía Schuster; PÉREZ, Antonia Santos; LEIBE, Lucía Miranda; LÓPEZ, Beatriz Roque; ARCE-RIFFO, Javiera; VERA, Evelyne Medel. Una mirada ao movimiento feminista en Chile del año 2018: hitos, agenda y desafíos. **Revista Iberoamericana**, [S. l.], p. 223-245, 2019. DOI 10.18441/ibam.19.2019.72.223-245.

UNIDAD SOCIAL et al. **Demandas prioritarias y propuestas para un Chile diferente: sistematización de 1.233 cabildos ciudadanos**. Santiago (Chile) Unidad Social. 2021. DOI: <https://doi.org/10.34720/wk9d-dp94>



RESEÑA DEL LIBRO: PROBLEMAS TEÓRICOS DEL ESTADO INTEGRAL EN AMÉRICA LATINA. FUERZAS EN TENSIÓN Y CRISIS

*RESENHA DO LIVRO: PROBLEMAS TEÓRICOS DO ESTADO INTEGRAL NA
AMÉRICA LATINA. FORÇAS EM TENSÃO E CRISE.*

*BOOK REVIEW: THEORETICAL PROBLEMS OF THE INTEGRAL STATE IN
LATIN AMERICA. FORCES IN TENSION AND CRISIS.*

Nicolás Laguna¹ 

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Resumen: *Problemas teóricos del Estado integral en América Latina*, volumen coordinado por el Dr. Lucio Oliver Costilla², presenta diversos análisis respecto a las relaciones entre Estado y sociedad civil en América Latina y las disputas entre proyectos y fuerzas sociales, fundamentalmente en las primeras dos décadas del siglo XXI. Ello en el contexto de la crisis hegemónica de los estados nacionales de competencia y el neoliberalismo. *Hegemonía, Estado integral y sociedad civil*, son los ejes conceptuales centrales que guían las elaboraciones que componen el libro, pero también están presentes problemáticas concretas e históricas que definen el carácter de cada contexto social. De igual manera, se exponen potenciales vetas de reflexión para las ciencias sociales, a partir del diálogo entre el análisis de las coyunturas particulares y la teoría crítica latinoamericana clásica. En conjunto, estos análisis expresan también el rol activo de intelectuales como sujetos de la disputa por los sentidos comunes de la sociedad.

Palabras clave: Estado; Sociedad civil; Latinoamérica; Hegemonía.

¹ Sociólogo por la Universidad Mayor de San Andrés (Bolivia), maestrando del Posgrado en Ciencias Políticas y Sociales de la Universidad Nacional Autónoma de México. E-mail: nicolaslaguna@gmail.com

² Lucio Oliver es Doctor en Sociología, profesor titular "c" de Tiempo Completo en la UNAM, miembro del Sistema Nacional de Investigadores de México, con la distinción de nivel III, docente en el Posgrado en Estudios Latinoamericanos y en la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales. Autor de varios libros sobre acumulación de capital y Estado integral en América Latina y en algunos países de la región, elaborados a partir del pensamiento social histórico crítico.

Resumo: Problemas teóricos do Estado integral na América Latina, volume coordenado pelo Dr. Lucio Oliver Costilla, apresenta diversas análises sobre as relações entre Estado e sociedade civil na América Latina e as disputas entre projetos e forças sociais, fundamentalmente nas duas primeiras décadas do século XXI. Isso no contexto da crise hegemônica dos estados de competição nacional e do neoliberalismo. A hegemonia, o Estado integral e a sociedade civil são os eixos conceituais centrais que orientam as elaborações que compõem o livro, mas também há problemas concretos e históricos que definem o caráter de cada contexto social. Da mesma forma, expõem-se potenciais veios de reflexão para as ciências sociais, a partir do diálogo entre a análise de situações particulares e a teoria crítica clássica latino-americana. Juntas, essas análises também expressam o papel ativo dos intelectuais como sujeitos da disputa pelo senso comum da sociedade.

Palavras-chave: Estado; Sociedade civil; América Latina; Hegemonia.

Abstract: Theoretical problems of the integral State in Latin America, a volume coordinated by Dr. Lucio Oliver Costilla, presents various analyzes regarding the relations between the State and civil society in Latin America and the disputes between projects and social forces, fundamentally in the first two decades of the XXI century. This in the context of the hegemonic crisis of national competition states and neoliberalism. Hegemony, the integral State and civil society are the central conceptual axes that guide the elaborations that make up the book, but there are also concrete and historical problems that define the character of each social context. In the same way, potential veins of reflection for the social sciences are exposed, based on the dialogue between the analysis of particular situations and classical Latin American critical theory. Together, these analyzes also express the active role of intellectuals as subjects of the dispute for the common senses of society.

Keywords: State; Civil society; Latin America; Hegemony.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.204421](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.204421)

Recebido em: 12/11/2022

Aprovado em: 27/12/2022

Publicado em: 31/12/2022

Las reflexiones sobre el Estado han sido siempre objeto de controversia. El autómata hobbesiano que cuestiona el arte de Dios (HOBBS, 2017), la comunidad ilusoria de Marx (2014), como las anotaciones de Gramsci dispersas en *Los cuadernos de la cárcel* (GRAMSCI, 1984), han dado lugar a amplios debates. Incluso las versiones teóricas contemporáneas son poco conclusivas (BOURDIEU, 2014). La matriz teórica

que articula el conjunto de las contribuciones está inscrita en la teoría del Estado de Gramsci, que en su momento representó una revolución para el pensamiento marxista y sigue inspirando a quienes se inscriben en esta corriente teórica. Su concepción establece una nueva relación entre *sociedad política* y *sociedad civil*, al mismo tiempo que desplaza el ámbito de lo político y de lo estatal de lo estrictamente institucional y coercitivo y le confiere un espacio en la dimensión cultural e intelectual y de las organizaciones (NUN, 2014). En este sentido el Estado deja de ser un aparato meramente de dominación y se articula con el entramado social de las organizaciones en forma de consentimiento, consenso y sentido común. Para Gramsci la lucha por la *hegemonía* está en las creencias, las prácticas y lealtades, en la vida cotidiana de la gente. Es en este sentido que plantea al Estado como hegemonía acorazada de coerción, *sociedad civil* + *sociedad política* (GRAMSCI: 1984, p. 76). Esta es la razón fundamental por la que la clase dominante no es solo eso, sino al mismo tiempo dirigente. El Estado, entonces, se comprende como una posición de avanzada detrás de la cual existen un conjunto de mediaciones que sostienen los principios hegemónicos vigentes, como una relación entre sociedad civil y política no como la superposición de una sobre otra. El grado de organicidad entre los factores de esta fórmula establecen lo que más tarde René Zavaleta teorizará como *óptimo o ecuación social* (ZAVALETA, 2013, pp. 196 y ss.; ZAVALETA, 2013a, 621 y ss). Acá la supremacía del Estado sobre la sociedad o de aquél sobre ésta y la forma en que sucede es el indicador de la especificidad de cada sociedad, su particularidad histórica. Pero también señala el grado en que se correlacionan o corresponden y, a la inversa, la medida en que su dislocación puede entenderse como *crisis orgánica* o *crisis de hegemonía*.

Este fenómeno, el de la crisis, puede ser entendido al menos en dos dimensiones. Si consideramos el concepto de zavaletiano de *crisis social general*, o crisis revolucionaria, estamos frente a un “catástrofe superestructural”, un tiempo de vaciamiento de las creencias sociales y un estado de disponibilidad al reemplazo de lealtades, creencias y costumbres

(ZAVALETA, 2013, pp. 593 y ss.; pp. 459 y ss.). De otro lado, si consideramos la crisis no como momento catastrófico o revolucionario, es decir su epítome, sino como proceso metódico de largo plazo que no necesariamente remata en alteraciones significativas, o que puede también discurrir por procesos de reforma o *revolución pasiva*, nos aproximamos a otra dimensión de análisis. Se trata de rupturas o desfases más o menos importantes en la conformidad entre sociedad civil y política. La caracterización que hace Oliver de la *crisis del Estado* en las últimas décadas en América Latina (OLIVER, 2005), apunta a esta segunda dimensión. Un primer factor que aporta a este proceso es la transformación del rol del Estado, que se asume como “...vehículo de la mundialización y transnacionalización del capital” (ibid.). En segundo lugar, se manifiesta el debilitamiento de las organizaciones laborales, que cada vez más pierden la capacidad de influir en las políticas estatales. Tercero, la reducción de la democracia a rituales electorales legitimadores y la pérdida de su sentido autodeterminativo. Cuarto, el fortalecimiento de las entidades transnacionales de poder en desmedro de las unidades estatales nacionales. Y, finalmente, la falta de reconocimiento por parte del Estado del carácter descentralizado de las fuerzas sociales de resistencia y transformación.

Podríamos decir que asistimos a la precarización del grado de integralidad de la relación estatal y la acentuación del carácter aparente o semicolonial de los estados latinoamericanos (ZAVALETA, 2013). Esta idea tiene una doble implicación. De una parte, se refiere a contextos donde el carácter *abigarrado*, es decir de superposición más o menos desarticulada de modos productivos que coexisten en el mismo escenario nacional, es el definitorio de la relación estado - sociedad, en la medida en que éste no expresa más que una porción calificada de aquella. Es a lo que bajo determinadas condiciones alude el concepto de *colonialismo interno* de Pablo González Casanova (2006), el sometimiento de las étnias y minorías nacionales por aquellas dominantes o aquellas regionales, como las que describía la cuestión meridional gramsciana. Pero, por otra parte, la idea de

estado aparente remite a las condiciones de subordinación en que existen los estados de los países “periféricos” al desarrollo capitalista. Y en esa medida, González Casanova consideró que el concepto de *colonialismo interno*, en las condiciones de expansión mundial del capitalismo actual, puede formar parte de una teorización sobre la integración colonial inter, intra y transnacional. En esta escala, es siempre necesaria la consideración de la relación entre lo que Zavaleta denominó *determinación dependiente* (ZAVALETA, 2013d), es decir las emanaciones o imperativos de los polos centrales al desarrollo del capitalismo y el *eje o ecuación social local*. Son estas consideraciones las que permiten articular las problemáticas de la relación estado/sociedad civil con aquellas de escala global. El sentido y aporte de todas estas y otras definiciones nos permiten comprender la actualidad y vitalidad del pensamiento gramsciano y su particular aporte a la comprensión de las sociedades latinoamericanas y los nuevos problemas y retos que enfrentan en el siglo XXI.

Este es el marco conceptual y problemático en que se desenvuelven los textos que componen ***Problemas teóricos del estado integral en América Latina***. Volumen elaborado en 2021 y publicado el año 2022 por la Universidad Nacional Autónoma de México. Coordinado por el Dr. Lucio Oliver Costilla, Doctor en Sociología y profesor de tiempo completo por el Sistema Nacional de Investigadores de México en el Posgrado en Estudios Latinoamericanos y en la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, autor de varios libros y artículos centrados en esta temática fundamental: el Estado en América Latina (OLIVER, 2016; OLIVER, 2016a). Las dos influencias centrales de su pensamiento son la teoría gramsciana, en su amplitud, creatividad y potencia crítica, y así también la teoría sociológica latinoamericana, donde resaltan autores como Mauro Marini, Pablo González Casanova, Bolívar Echeverría y René Zavaleta. Un rasgo distintivo de las reflexiones de Oliver es la centralidad del concepto de *crisis orgánica* como momento característico de muchos de los Estados latinoamericanos, pero también las problemáticas teóricas y metodológicas para abordar su estudio. En este sentido, nos presenta, en tanto coordinador, un volumen

con una pluralidad de temáticas, interpretaciones y visiones, sin embargo, todas ellas bajo estos dos ejes articuladores.

Cada artículo corresponde a análisis particulares de las sociedades latinoamericanas, pero al mismo tiempo se asientan en las tradiciones teóricas críticas del subcontinente. Están presentes las temáticas clásicas de este pensamiento, desde aquellas referidas a las herencias coloniales o la formación de los Estados nacionales, hasta las que tienen que ver con la dependencia y el lugar que ocupan estas sociedades en la geopolítica del capitalismo. Pero también encontramos, interrelacionadas y articuladas, las nuevas problemáticas sociales expuestas por las corrientes feministas, los pueblos indígenas, grupos afrodescendientes, los estudiantes o los jóvenes, entre otros. En el trasfondo de los fenómenos contemporáneos que plantean los retos teóricos y de interpretación, los diversos autores definen como clave conceptual la relación entre *Estado y sociedad civil*, la fórmula gramsciana del *Estado integral* (GRAMSCI: 1984). En este sentido, el volumen en su conjunto enriquece, con la variedad de experiencias históricas, la herencia de la tradición sociológica latinoamericana de raíz gramsciana y marxista, actualizando estas concepciones a las condiciones actuales de las luchas sociales, sus avances y retrocesos.

El texto se compone de quince artículos, redactados por reconocidos académicos expertos en las problemáticas latinoamericanas. Está dividido en tres secciones temáticas: 1) *Estado y crisis*, 2) *hegemonía política y bloques de poder*, y 3) *hegemonía civil y sentido común*. El primer apartado aborda desde la teoría, pero también desde las experiencias históricas, la relación entre Estado, en su sentido ampliado e integral, es decir en la relación entre éste y la *sociedad civil*, y la *crisis orgánica* o *crisis de hegemonía* contemporánea y sus repercusiones para las articulaciones nacionales. La segunda parte agrupa los escritos que abordan los problemas referentes a la democracia y la hegemonía, que plasman las experiencias históricas de los países latinoamericanos en el entramado que constituyen los *bloques de poder* y sus transformaciones y reiteraciones, las formas en que se recrean y reproducen. Finalmente, el tercer apartado

contiene aquellas aproximaciones a las alteraciones y disputas por los sentidos comunes, las creencias, costumbres y prácticas arraigadas en nuestras sociedades y la dinámica de los impulsos que las promueven. En clave nacional, el volumen contiene artículos que hacen referencia de forma específica a Argentina, Brasil, Colombia, Chile, Guatemala, México, Uruguay y Venezuela.

Las contribuciones de la primera parte están a cargo de Alba Maria Pinho de Carvalho, Doctora en Sociología, docente del Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Ceará; Eliana Costa, Doctora en sociología, docente del Departamento de Salud Colectiva de la Universidad Federal de Rio Grande del Norte; Carlos Américo Leite Moreira Doctor en Economía, docente del Departamento de Teoría Económica de la Universidad Federal del Ceará y de las Maestrías de Evaluación de Políticas Públicas; Francesca Savoia, Doctora en Ciencias Políticas y Maestra en Estudios Latinoamericanos por la UNAM y Licenciada en Filosofía por el King's College London; Joana A. Coutinho, Profesora de Ciencia Política en la Universidad Federal de Maranhão y Coordinadora del Grupo de Estudios Hegemonía y Luchas en América Latina; Márgara Millán, Doctora en Antropología y docente en el Posgrado en Estudios Latinoamericanos y en la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales; y Daniel Inclán, Doctor en Estudios Latinoamericanos y docente en el Posgrado en Estudios Latinoamericanos.

La sección dedicada a *Hegemonía política y bloques de poder* cuenta con aportes de Guillermo Alfredo Johnson, profesor asistente en la Universidade Federal do Maranhão y docente de Ciencias Sociales y del Programa de Posgrado en Políticas Públicas; Patrick Illmer, Doctor en Ciencias Sociales y docente adscrito al Centro de Estudios Sociológicos de la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales de la UNAM; Lia Pinheiro Barbosa, docente de la Universidad Federal de Ceará, es también investigadora de CLACSO; Elda Maria Freire Maciel, Socióloga y Pedagoga, maestra en Educación y doctora en Sociología por la Universidad Federal del Ceará, donde fue también docente; Leila Maria Passos de Souza Bezerra,

Asistente Social, maestra y doctora en Sociología, docente de la Universidad Federal de Ceará (UECE) y líder del Grupo de Investigación Márgenes, Culturas y Epistemologías Disidentes; Márcio de Souza Porto, maestro en Historia Social y doctor en Sociología, Historiador de la Secretaría de Cultura del Estado de Ceará y profesor de la Maestría Profesional en Evaluación de Políticas Públicas; Maria Cristina de Queiroz Nobre, maestra y doctora en Sociología y profesora de la Universidad Estatal de Ceará; Lorena Fréitez Mendoza, Psicóloga Social egresada de la Universidad Central de Venezuela y Magister en Análisis político y doctoranda en Ciencias Políticas de la Universidad Complutense de Madrid; y Damellys López Heredia, Profesora en Ciencias Sociales, Maestra en Estudios Latinoamericanos de la Universidad Nacional Autónoma de México.

Finalmente, la tercera sección, hegemonía civil y sentido común, cuenta con artículos a cargo de Robert Quintero, Docente e investigador de la Corporación Universitaria Minuto de Dios, en Colombia; Laura Palma, licenciada en Historia por la Universidad Nacional de La Plata y Doctora en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México; Susana Dominzain, Doctora en Ciencias Sociales por la Universidad Gral. Sarmiento de Buenos Aires y Directora del Centro de Estudios Interdisciplinarios Latinoamericanos de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de Uruguay., es también integrante del Sistema Nacional de Investigadores; Itzel Ibargoyen, Maestranda en Ciencias Sociales en la Facultad de Ciencias Sociales de Uruguay; Pilar Godínez Mejía, Maestra en sociología política por el Instituto de Investigaciones José María Luis Mora; Cristian Jamett, Doctor en Estudios Latinoamericanos por la UNAM, Magíster en Estudios Internacionales de la Universidad de Santiago de Chile, miembro del Grupo de Estudios e Investigación “Sociedad, Estado y Región”; Alexander Pérez, Magíster en Políticas Públicas de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales y Miembro del Grupo de Estudios e Investigación “Sociedad, Estado y Región”; Victoria Cornejo, Estudiante de Sociología de la Universidad Arturo Prat y Ayudante en el Grupo de Estudios e Investigación, “Sociedad, Estado y Región”; y Jean

Samit, Estudiante de Sociología de la Universidad Arturo Prat y Ayudante en el Grupo de Estudios e Investigación, “Sociedad, Estado y Región”.

En la sección dedicada al *Estado y la crisis* resalta '***Crítica de las contribuciones teóricas de Hegel sobre el Estado ético político moderno y su crisis orgánica***' donde Lucio Oliver plantea la ascendencia hegeliana de las concepciones de Estado en Marx y Gramsci. Sostiene que si bien Marx critica el sentido abstracto y formalista de la visión hegeliana, rescata su dimensión ético política. Al mismo tiempo, el carácter orgánico de la concepción del filósofo alemán será la base del razonamiento gramsciano sobre la *sociedad civil*, en tanto contenido ético del Estado, al igual que la relación orgánica entre ambas. Y en esta misma reflexión se encuentra la condición de posibilidad de la crisis en tanto se considere el grado de correspondencia entre los fines de la *sociedad política* y la *sociedad civil*, en cuya ausencia se puede hablar de *crisis orgánica*. Con base en estos argumentos el autor se cuestiona respecto a la pertinencia de esta concepción para comprender la crisis originada por el desarrollo de los *Estados nacionales de competencia*³ y su desprendimiento respecto a las sociedades nacionales o la emergencia de los gobiernos progresistas en América Latina en las últimas dos décadas. Es más, esta problematización articula en cierta forma el conjunto de los aportes del libro, en la medida en que cada uno de los artículos subsiguientes aborda desde diferentes perspectivas la crisis y las dificultades de esta relación, así como los antagonismos que emergieron en las últimas décadas.

'Hegemonía y crisis de hegemonía en la relación Estado/Sociedad Civil: vías analíticas para pensar el poder' (Pinho de Carvalho; Costa Guerra; Leite Moreira) aborda una preocupación común al pensamiento crítico latinoamericano: la toma del gobierno por parte de la ultraderecha conservadora en Brasil con Jair Bolsonaro como actor central. La problemática es caracterizada como la ruptura del pacto entre el gobierno del Partido de los Trabajadores y sectores de la élite. Pero también como

³ Sobre los estados nacionales de competencia puede consultarse el libro *El Estado nacional de competencia* (HIRSCH; 2002)

una nueva forma de golpe de estado fundado en la “judicialización de la política” (*lawfare*), el militarismo y una articulación hegemónica fundada en la fragmentación de la clase obrera, el poder de los medios de comunicación y la actividad de las iglesias fundamentalistas. En **‘El fascismo en los cuadernos de la cárcel: aproximaciones para un estudio histórico-político’** (Savoia, Francesca) se rastrea la concepción del fascismo que desarrolló Gramsci en los cuadernos de la cárcel y su interrelación con el el concepto de *revolución pasiva* y *guerra de posiciones*. La reflexión central plantea que el fascismo no debe comprenderse como “Mussolinismo”, sino como un programa estatal y el totalitarismo como integración y absorción de la sociedad civil en lo político, como ocupación estatal de la *sociedad civil*. En este mismo sentido, **‘¿Fascismo o Autoritarismo?: el proceso de fascistización en el Brasil’** (Coutinho, Joana) plantea la posibilidad de interpretar el avance de la ultraderecha brasileña de los últimos años como un fenómeno de “fascistización”. También se cuestiona sobre si el fascismo puede considerarse una ideología reiterable o un recurso político ideológico. Sostiene que en 2015 se desencadenó en Brasil un movimiento reaccionario de masas sustentado en la clase media, la pequeña burguesía y algunos sectores populares, al que califica de “bolsonarismo” o “fascismo brasileño del siglo XXI”. Un poder cooptado por el capital financiero internacional y opuesto al reformismo burgués de base popular.

‘Des-haciendo el Estado: prefiguraciones de lo político en tiempos de colapso’ (Millán, Mária; Inclan, Daniel) aborda la distinción entre la política y lo político, entendiendo la primera en el sentido de una dimensión institucional reglamentada y ordenada, y lo segundo como característica humana, subsumida a partir de la modernidad. La política busca anular la politicidad social y allanar el desarrollo capitalista. En este sentido, el Estado tiende a operar como desintegrador de las formas de vida comunitarias efectivas. Las resistencias se encuentran justamente en los espacios donde subsiste la politicidad, la desobediencia, relaciones insubordinables, que definen la caducidad de las formas, la posibilidad de

la transformación. Reflexiones que nos llevan a considerar como **'Apuntes sobre la democracia y hegemonía en América Latina en los albores de la tercera década del siglo XXI'** (Johnson, Guillermo) la incorporación al debate de los actores sociales que caracterizan en gran medida las luchas sociales del siglo XXI, los movimientos que protagonizaron recientemente (2020) las protestas sociales en Chile, Ecuador, Haití, Bolivia y Colombia, pero también los movimientos feministas que emergen con fuerza en todo el subcontinente. Estas expresiones sociales representan la resistencia al embate del imperialismo que habría fijado nuevamente su atención en América Latina, pero también a las relaciones coloniales de la modernidad, al destino primario exportador y consumidor de las naciones latinoamericanas, así como la pobreza y la desigualdad. Sin embargo, afirma, estos movimientos no constituyen aún una convergencia política, ideológica y teórica.

Como parte del desarrollo y actualización del legado latinoamericano de las ciencias sociales, **'Descifrando el núcleo de las formas aparentes y abigarradas: la constitución oligárquica del poder'** (Illmer, Patrick) y **'El carácter abigarrado de la disputa hegemónica y la crisis orgánica en Brasil: notas para debatir los problemas históricos y las perspectivas de superación'** (Pinheiro, Lia) recuperan el concepto de *abigarramiento* del boliviano René Zavaleta⁴. En el primer caso esta categoría constituye la definición central para expresar el carácter multicultural y de desarrollo de diversas pautas económicas, culturales y políticas en Guatemala. Y, a partir de ella, establecer las relaciones que permiten la persistencia del "ethos oligárquico" de orden señorial y colonial de la élite, así como sus consecuencias en el plano estatal. A su turno, el segundo artículo emplea la idea de abigarramiento para interpretar el carácter de la sociedad brasilera contemporánea en relación con la herencia del esclavismo y la colonización. Califica como no lugar social y político el de los pueblos originarios, ex esclavos y campesinos, como formas también de

⁴ Sobre este concepto puede consultarse los artículos de René Zavaleta: 'Las masas en noviembre' y 'Lo nacional popular en Bolivia'. (ZVALETA, 2013)

colonialismo interno. El mismo que se expresaría, entre otras formas, como supresión en las ciencias sociales o racismo epistemológico, es decir la no incorporación temática de estas problemáticas en el ámbito académico. Para el análisis de este contexto y el desarrollo de un horizonte político de lucha anticapitalista, antirracista y antipatriarcal, propone como concepto la idea de hegemonía abigarrada.

'Dominio y hegemonía en Brasil: problematizando disputas y estrategias de la burguesía y las clases subalternas' (Freire, Elda; Passos de Souza, Leila; de Souza Marcio; Queiroz, Maria) describe la evolución de la sociedad brasilera Brasil a través del concepto gramsciano de *revolución pasiva*, una transformación paulatina y vertical de la sociedad desde principios del siglo XX hasta el presente. Resaltan dos elementos centrales. Por una parte, la reproducción de la burguesía a través de sucesivas revoluciones pasivas y tejidos de alianzas y pactos con distintos sectores de la sociedad. Por otro, la paulatina emergencia de movimientos sociales contestatarios, como resistencias políticas y culturales de clases subalternas, fundamentalmente nuevos sujetos como las poblaciones negra, indígena, quilombola, lgbtqi+, mujeres y jóvenes. En un sentido, también particular, **'Venezuela: crisis orgánica y disputas por la sociedad rentística'** (Fréitez, Mendoza; López Damellys) abre las puertas a una interpretación sobre la conflictividad de aquel país desde el análisis de la renta petrolera y su papel en la historia y el desarrollo económico del país. Pero también el lugar que ocupó desde el ascenso de Hugo Chávez a la presidencia en 1998 y tras su muerte, en un segundo ciclo, durante los gobiernos de Nicolás Maduro. Esta problemática es analizada desde el punto de vista de la *ecuación social*⁵ y el rol que en ella desempeña la renta petrolera, pasando del eje progreso – atraso de puntofijismo al de igualdad – desigualdad. Destaca la propuesta de comprender el chavismo como una articulación social vertical, dirigida desde el Estado, pero como medio para revolucionar la sociedad civil.

⁵ Sobre el concepto de ecuación social, véase Lo nacional popular en Bolivia (ZVALETA, 2013).

'El espectro de la sociedad civil' (Quintero, Robert) constituye un marco referencial importante para comprender los conceptos de *sentido común* y *hegemonía civil*. En cierto modo, esta propuesta devuelve la política al ámbito de la *sociedad civil* que, como planteó Gramsci, es un espacio de antagonismos, de disputa por la cultura, el orden social y el *sentido común*. Bajo esas premisas se plantea el doble sentido del ejercicio del poder, como hegemonía acorazada de coerción y coerción blindada por la hegemonía, que es donde se desenvuelve la *ecuación Estado – sociedad civil*. Esto permite considerar la hegemonía en ambos sentidos y pensar en la aproximación, quizá inexistente en términos absolutos, a una hegemonía negativa, aquella representación del mundo derivada de un orden del terror. Precisamente desde el campo de la disputa por los sentidos comunes de la sociedad, **'Movimiento feminista y poder en la Argentina'** (Palma, Laura) nos plantea no solo la capacidad interpelativa de este movimiento respecto a sus demandas intrínsecas sino su potencia discursiva al incorporar a su matriz las problemáticas ambiental, de pobreza, de desigualdad, de educación, vivienda y otros en el marco de las disputas por los sentidos comunes de la sociedad. Resalta también la habilidad para posicionar su agenda en la opinión pública y entablar una relación con el Estado, pero también el giro necesario, aún en gestación, respecto a abordar desde esta óptica el tema del poder y su ejercicio. A su vez, **'El sentido común en el tablero de la izquierda uruguaya'** (Dominizain, Susana; Ibargoyen, Itzel) aborda la misma dimensión, la de los sentidos comunes de la sociedad, pero esta vez desde la perspectiva de las dificultades del Frente Amplio al entablar una relación distinta entre *Estado y sociedad civil* que marque una nueva agenda histórica que reconfigure las relaciones sociales.

'El momento militar: pensar la relación estado – crimen organizado – sociedad civil en México' (Godínez, Pilar) plantea el reto de analizar una relación tripartita, con la *sociedad civil* como centro fundamental de disputas. Para esto, retoma la idea gramsciana de *momento militar*, que se desprende de los momentos económico y

político. En ese sentido, se plantean reflexionar sobre las relaciones e involucramiento entre el Estado y el crimen organizado, la recomposición orgánica del crimen organizado en la *sociedad civil* y las respuestas organizativas y reactivas de la sociedad frente a ambos. Y en esa medida, el grado en que la sociedad estaría atravesada por el momento militar. Finalmente, '**Sociedad civil y crisis orgánica del Estado en Chile durante el ciclo 2006-2020**' (Jamett, Cristian; Pérez, Alexander; Cornejo Victoria; Samit, Jean) pone sobre la mesa el análisis del movimiento popular chileno, liderado inicialmente por los estudiantes, que desembocó en las masivas movilizaciones que lograron la implementación de una asamblea constituyente. Alerta también sobre la posibilidad siempre latente de la rearticulación desde arriba (revolución pasiva) de las élites liberales.

La cuestión fundamental planteada por Gramsci, el rol de los *intelectuales* en la formación de la *hegemonía*, nos conduce a considerar el aporte de este volumen al contexto actual latinoamericano y la disputa de horizontes de las ciencias sociales. Fortalecer la tradición latinoamericana, a través del diálogo permanentemente con los clásicos del subcontinente como Bolívar Echeverría, René Zavaleta, Pablo González Casanova o José Carlos Mariategui, define una posición epistemológica pero también política; atrincherar el pensamiento crítico en la disputa por los sentidos comunes. Es también un texto que recupera las problemáticas tradicionales de las ciencias sociales latinoamericanas, las actualiza y enriquece con el análisis de nuevas experiencias históricas. Otro tanto ocurre con la referencia a los clásicos del marxismo, y en especial a una mente tan creativa y poco dogmática como Gramsci. Es verdad también que la forma en que se puede interpretar la realidad de América Latina y las disputas sociales y políticas de las últimas dos décadas es diversa y a veces contradictoria al interior de las vertientes críticas del pensamiento. No obstante, esto enriquece el debate, en tanto las ideas planteadas tienen como trasfondo permanente los movimientos populares y los gobiernos progresistas de las últimas dos décadas. El objeto de la reflexión y análisis

está puesto en los avances y retrocesos, éxitos y fracasos de las clases subalternas y las perspectivas de cambio social que se construyen.

Queda por emprender el análisis global del significado de las luchas sociales populares y de los gobiernos progresistas como totalidad geopolítica para el subcontinente, frente a fuerzas también regionales y mundiales. Las experiencias del pasado reciente son fundamentales para la nueva ola de gobiernos de izquierda que se instalan en la región: Brasil, México, Perú, Colombia, Honduras y Chile. Los que se imbrican con la continuidad de los gobiernos de Bolivia, Venezuela, Cuba y Argentina. Que no se repitan las experiencias de los derrocamientos de Lugo, Zelaya, Russeff o Morales depende tanto del aprendizaje histórico como también de la correlación de fuerzas internacional y la respuesta a las determinaciones y emanaciones del imperialismo. La radicalidad y profundidad de las transformaciones nacionales, no dependen de los líderes políticos, o no solo de ellos, dependen fundamentalmente de las luchas por la *hegemonía civil*, por los sentidos comunes, por las creencias, costumbres y prácticas cotidianas de la sociedad.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre el Estado. Cursos en el Collège de France (1989-1992)**. Buenos Aires: Anagrama, 2014.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Antología Bolívar Echeverría**. Crítica de la modernidad capitalista. La Paz: Vicepresidencia del Estado. 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Los cuadernos de la cárcel. Tomo III**. México: Ediciones Era, 1984.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno [una redefinición]. In: BORÓN, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina. **La teoría marxista hoy**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. pp. 409-434.

HIRSCH, Joachim. **El Estado nacional de competencia**. México: UAM – Xochimilco, 2002.

HOBBS, Thomas. **El Leviatán**. México: Fondo de Cultura Económica. 2017.

MARIÁTEGUI, Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Barcelona: Red Ediciones, 2009.

MARX, Karl; Engels Friedrich. **La ideología Alemana**. Madrid: Akal. 2014.

NUN, José. El sentido común y la construcción discursiva de lo social. *In*: Grimson, Alejandro (comp.) **Culturas políticas y políticas culturales**. Buenos Aires: Ediciones Böll Cono Sur, 2014. pp. 15-26.

OLIVER, Lucio. El contexto teórico político de la gobernabilidad y la democracia en América Latina: la crisis actual del Estado y la política. **Revista Aportes Andinos**, n. 13 (Gobernabilidad, democracia y derechos humanos). mar. 2005.

OLIVER, Lucio. **La ecuación Estado-sociedad civil en América Latina**. Gustavo A. Madero, México: Ediciones La Biblioteca. 2016.

OLIVER, Lucio (coord). **Problemas teóricos del Estado integral en América Latina. Fuerzas en tensión y crisis**. México: UNAM, 2021.

OLIVER, Lucio. **Transformaciones recientes del Estado integral en América Latina: críticas y aproximaciones desde la sociología política de Antonio Gramsci**. México: Ediciones La Biblioteca. 2016a.

ZAVALETA, René. Lo nacional popular en Bolivia. *In*: ZAVALETA, René. **Obra Completa. Tomo II**. La Paz: Plural, 2013.

ZAVALETA, René. 'El Estado en América Latina'. *In*: ZAVALETA, René. **Obra Completa. Tomo II**. La Paz: Plural, 2013a.

ZAVALETA, René. 'Notas sobre fascismo, dictadura y coyuntura de disolución'. *In*: ZAVALETA, René. **Obra Completa. Tomo II**. La Paz: Plural, 2013b.

ZAVALETA, Rene. 'Problemas ideológicos actuales del movimiento obrero'. *In*: ZAVALETA, René. **Obra Completa. Tomo II**. La Paz: Plural, 2013c.

ZAVALETA, René. 'Problemas de la determinación dependiente y la forma primordial'. *In*: ZAVALETA, René. **Obra Completa. Tomo II**. La Paz: Plural, 2013d.



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES